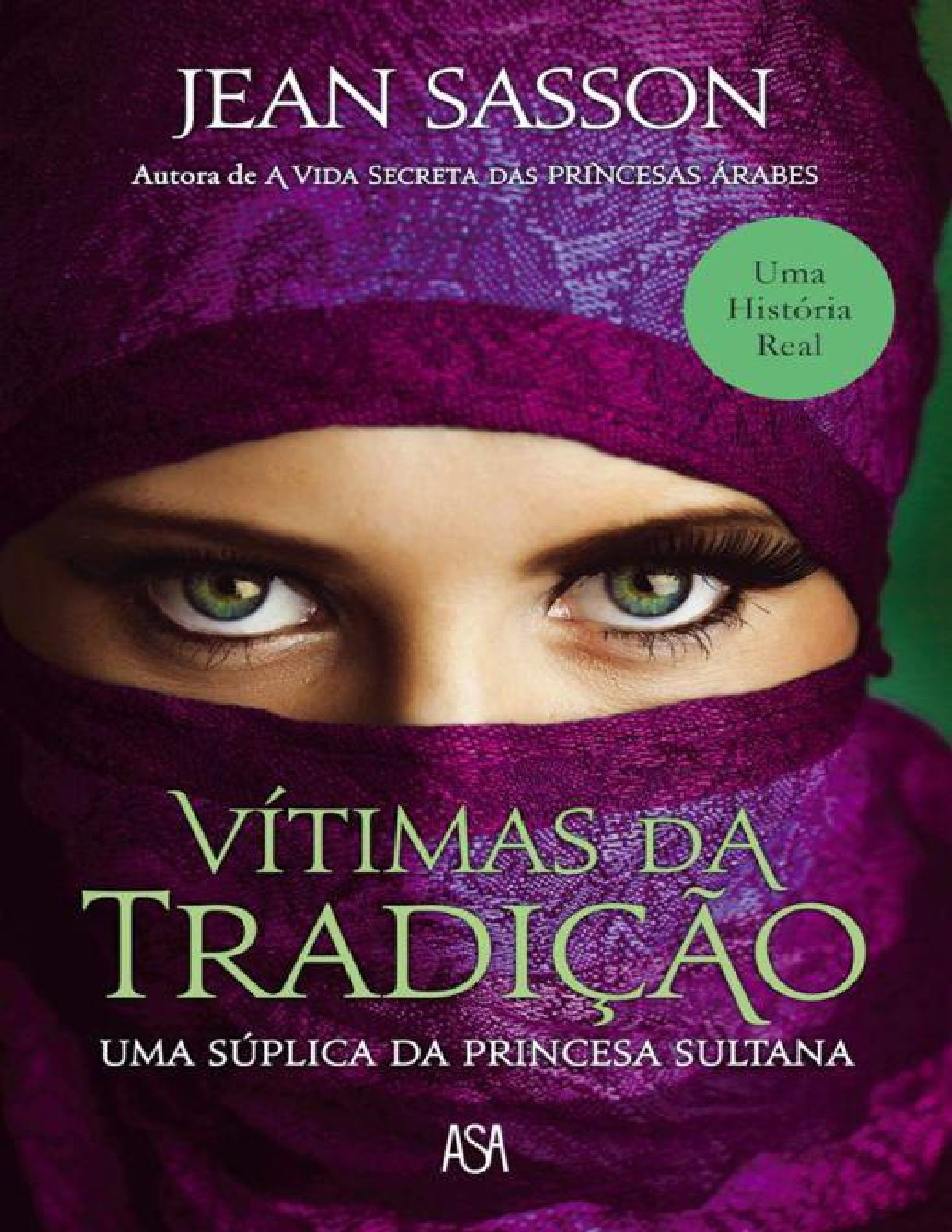




JEAN SASSON

Autora de A VIDA SECRETA DAS PRÍNCESAS ÁRABES

Uma
História
Real

VÍTIMAS DA TRADIÇÃO

UMA SÚPLICA DA PRINCESA SULTANA

ASA



*Este livro é dedicado a uma menina chamada Amal,
uma menina pequenina que conheceu apenas o medo e o terror
às mãos do seu pai brutal, saudita,
que violou a filha de cinco anos até ela morrer.
E o mais chocante é o pai de Amal
se proclamar líder religioso.*

*Queira Deus que mais nenhuma menina sofra uma morte
tão odiosa.*

Tudo o que aqui é descrito é verídico.
Algumas das histórias são alegres e outras são tristes,
mas todas são verdadeiras.
Os nomes foram mudados para proteger as pessoas
sobre as quais se escreve neste livro,
de modo a prevenir represálias de membros da família
ou daqueles que se sentirão ofendidos por as suas histórias verídicas
se tornarem do conhecimento público.

– Jean Sasson e princesa Sultana Al Saud

ARÁBIA SAUDITA



JEAN SASSON RECORDA

Este livro, escrito a meias com a princesa Sultana Al Saud, põe os leitores a par dos últimos acontecimentos da vida da princesa e da sua família. Apresenta em pormenor aquilo que é a vida das mulheres sauditas da atualidade, neste preciso momento. Incluímos também mulheres que não são da realeza: pessoas extraordinárias que todos os dias se batem pela liberdade das mulheres no seu país, ao mesmo tempo que outros tantos homens se batem contra elas a cada passo do caminho.

A minha viagem pessoal ao interior do mundo íntimo e fechado das mulheres sauditas teve início em 1978, quando me encontrava a trabalhar no Hospital Especializado e Centro de Pesquisa Rei Faisal, em Riade, a capital da Arábia Saudita. O hospital foi um sonho tornado realidade pelo terceiro rei do país, o rei Faisal. Tragicamente, o monarca foi assassinado por um sobrinho antes da abertura oficial da instituição, em 1975. O hospital estava aberto há apenas três anos quando eu cheguei. Tive a sorte de trabalhar como coordenadora dos assuntos médicos para o diretor do hospital, o Dr. Nizar Feteih. A minha função concedia-me acesso privilegiado a informação confidencial respeitante aos membros mais influentes da família real saudita, incluindo o rei Khalid e o príncipe herdeiro Fahd, assim como as suas esposas e filhos.

Embora tenha assinado um contrato de dois anos e pudesse ter deixado o reino em 1980, escolhi ficar a trabalhar durante quatro anos, no total. Depois de sair do hospital, continuei a viver na Arábia Saudita durante mais oito anos, até 1990.

A primeira coisa em que reparei quando cheguei ao reino, em 1978, foi que as mulheres viviam como cidadãos de segunda classe. Eu, como imigrante de nacionalidade norte-americana, tinha mais liberdade do que a maior parte das mulheres e, devido ao meu trabalho, contactava com

mulheres de todas as proveniências sociais. Na verdade, conheci mulheres da etnia beduína, da classe profissional e da família real. E, para onde quer que olhasse, deparava com uma discriminação impossível de ignorar. As mulheres usavam véu. As mulheres caminhavam silenciosamente atrás dos homens. As mulheres estavam proibidas de conduzir e até de andar de bicicleta. Todos os casamentos eram de conveniência. Na altura, pouca esperança de progresso parecia existir no que respeitava à vida das mulheres. Com efeito, era proibido discutir sequer a difícil condição das mulheres sauditas.

Contudo, naqueles anos iniciais sentia-se entusiasmo no ar, pois o governo da Arábia Saudita investia copiosos milhares de milhões de dólares provenientes do petróleo nas infraestruturas e no progresso do reino. Embora fosse categoricamente retrógrada quando cheguei, a Arábia Saudita avançou rapidamente; no espaço de dez anos, grandes cidades do deserto converteram-se em cidades modernas, como por magia. Naquele tempo, muitos milhares de imigrantes viviam e trabalhavam na Arábia Saudita e, na sua maioria, os sauditas pareciam satisfeitos por receber todos esses trabalhadores de outros países. Não obstante, a receptividade dos sauditas à «modernização» não significava «ocidentalização». Apesar dos enormes e rápidos progressos, muitas mulheres sauditas continuavam a viver em *purdah*, escondidas por detrás do véu e submetidas ao domínio inquestionável dos homens da família.

Em 1983, cinco anos depois de chegar ao reino, conheci a princesa Sultana Al Saud. Jovem, bonita e audaz, estava determinada a trazer a mudança às mulheres do seu país. Conhecemo-nos numa festa da embaixada italiana. Eu encontrava-me lá com o meu marido, Peter Sasson, britânico, e ela com o seu, Kareem Al Saud, príncipe da família real, embora Sultana fosse, ela própria, princesa por nascimento.

Gostámos imediatamente uma da outra e a nossa amizade foi-se fortalecendo. Com o tempo, passámos a confiar completamente uma na outra. Não demorou muito até eu começar a frequentar reuniões femininas em sua casa e inclusive a acompanhá-la em viagens ao Sul de França e outros destinos empolgantes.

Tomara conhecimento da tragédia que era a vida de muitas mulheres sauditas desde que chegara ao país, mas agora, tendo a princesa Sultana ao meu lado como guia, via mais profundamente do que nunca a verdadeira

extensão do problema. E, de facto, escapara ao meu entendimento que as vidas das mulheres da realeza também podiam ser extremamente desoladas e desprovidas de liberdade pessoal.

Fiquei surpreendida quando a princesa Sultana me pediu para escrever a história da sua vida. Não me passara pela cabeça que uma pessoa tão privilegiada pudesse arriscar tudo e contar a verdade sobre as provações que as mulheres sofriam no seu país. Afinal, tratava-se de uma princesa de elevada posição, da filha de um dos filhos do primeiro rei, Abdul Aziz bin Abdul Rahman Al Saud, e, através do casamento, combinado, da mulher de um dos príncipes reais da família Al Saud.

Embora fosse detentora de credenciais reais impecáveis e de uma riqueza inimaginável, Sultana nunca conhecera a verdadeira liberdade. Encontrava-se agora em rebelião contra a sua cultura ancestral, que impunha uma autêntica escravidão às mulheres – a todas as mulheres, até as da família real.

Eu estava satisfeita com a vida privilegiada que tinha no reino, por isso resisti a partilhar as revelações da princesa até ao dia em que me senti preparada para sair do país. Sabia que não podia escrever um livro revelador sobre uma princesa saudita e permanecer no reino. Teria sido encarcerada, ou pior.

Embora Sultana tivesse ficado desiludida por inicialmente eu me recusar a escrever a sua história, a nossa amizade floresceu e continuei a ter o privilégio da sua companhia. Tive a sorte de receber um visto de um membro da família real que me autorizava a fazer saídas e entradas múltiplas no país, por isso regresssei em 1991 e 1992. Quando estava na Arábia Saudita, convivía apenas com elementos femininos da família, mas, quando nos encontrávamos na Europa, era frequente estarem também presentes elementos masculinos.

Depois de eu escrever *The Rape of Kuwait*, em 1990, que descrevia atrocidades cometidas no seguimento da invasão desse país, a princesa ficou ainda mais determinada a que eu escrevesse a sua história. E foi o que fiz.

Sultana: A Vida de Uma Princesa Árabe foi uma exposição chocante recebida com interesse pelos leitores não só da anglofonia mas também da Europa, Ásia, África e muitas outras partes do mundo. Na verdade, o meu livro acerca da princesa Sultana foi o primeiro do género, ao revelar segredos da sociedade da Arábia Saudita e da cultura saudita. Por insistência

do público, o primeiro livro teve duas sequelas, que se tornaram igualmente êxitos.

Durante anos, os leitores pediram-me que lhes proporcionasse o relato da situação atual da princesa Sultana e da sua família. Os fãs ansiavam um quarto livro e muitas vezes me surpreendiam com lágrimas, se lhes dizia que não estava a preparar nenhuma sequência. (Desde a publicação do *Sultana*, há vinte anos, escrevi mais dez livros, dos quais apenas um não se debruça sobre a vida das mulheres. As histórias passam-se no Iraque, Curdistão, Afeganistão e Kuwait.)

Outra razão pela qual resisti a escrever mais um volume foi o receio de regressar ao reino. Depois da publicação do primeiro livro sobre Sultana, fui avisada de que seria detida se regressasse sob o meu próprio nome. As autoridades sauditas punem qualquer crítico do país que consigam apanhar.

Além disso, eu sempre disse que *não* escreveria um quarto livro sobre a princesa Sultana e as mulheres da Arábia Saudita até se darem mudanças favoráveis na sua condição. A princesa Sultana foi-me contando, ao longo dos anos, que o reino mudava drasticamente, em termos tanto de infraestruturas como das pessoas e que, embora algumas mulheres ainda fossem alvo de discriminação, e o ritmo das mudanças se mantivesse insuportavelmente lento, a vida da maior parte das mulheres do país registava gradualmente uma mudança para melhor. Portanto, sentimos que é chegado o momento de revelar como é a vida atual das mulheres sauditas.

E, assim, a princesa e eu damos continuidade à nossa viagem singular. A princesa Sultana tem sido a guia perfeita, proporcionando-me acesso às complexidades da vida das mulheres da Arábia Saudita. É alguém invulgar na sua própria sociedade – uma mulher com educação e determinada a expor as brutalidades que são tão comuns no seu país. Poucas mulheres ocidentais rivalizam com a princesa Sultana na sua frontalidade e nenhuma mulher que eu tenha conhecido na Arábia Saudita poderia – ou pode – rivalizar com a sua coragem excepcional.

A princesa Sultana é um dos vários milhares de membros da realeza saudita – uma classe que, em 2013, se estimava ser constituída por quinze mil pessoas. Contudo, apenas alguns milhares de membros da família real detêm verdadeiro poder no reino; a princesa Sultana e a família constituem um ramo importante do clã dominante que governa o país, os Al Saud. O pai é um poderoso príncipe da primeira geração de filhos do primeiro monarca,

o rei Abdul Aziz. O irmão e o marido são ambos destacados príncipes da segunda geração. O filho, príncipe da terceira geração, também ocupa um lugar influente na família. Consequentemente, através da princesa Sultana, sou mantida a par do funcionamento interno da família reinante.

A princesa Sultana é extremamente rica e influente por seu próprio direito. Ela e o marido têm muitas empresas pelo mundo fora. Possuem palácios fabulosos na Arábia Saudita, no Egito, em França e em Espanha. Porém, a princesa Sultana não é daquelas princesas que só se importam com dinheiro, roupas e joias. Pelo contrário. Dedicou a vida ao progresso da condição das mulheres. As suas instituições de beneficência ajudam raparigas e mulheres de vários países. Na verdade, apoia mais de setecentas famílias muçulmanas, assegurando que todas as crianças têm acesso a educação, se assim o desejarem.

A princesa Sultana tem um filho e duas filhas e é avó de dois rapazes e uma rapariga. Educou os filhos com grande cuidado, tentando incutir-lhes a obrigação de usar a sua enorme riqueza para ajudar os outros.

A princesa Sultana é um singular membro da realeza e talvez por esta razão os três livros publicados acerca dela tenham sido um sucesso tão grande no mundo inteiro. Foram publicados em mais de quarenta países e em muitos foram êxitos de vendas. Na maioria, continuam a ser reeditados.

O primeiro livro girou à volta da princesa Sultana, da sua infância e dos primeiros anos do casamento e da maternidade. Incluiu diversas histórias tocantes acerca da princesa e de mulheres suas conhecidas. O segundo livro contou a história dos seus três filhos, analisando as expectativas sociais a respeito da maternidade na Arábia Saudita. O âmbito do terceiro livro foi mais alargado, proporcionando aos leitores uma perspetiva mais íntima sobre a vida da princesa e a vida das suas irmãs, dos seus filhos e de outras mulheres do reino, incluindo trabalhadoras mal pagas que enfrentavam lutas terríveis.

Todas as histórias eram verídicas. Algumas tratavam de raparigas forçadas a casarem-se com homens com o triplo da sua idade, enquanto outras falavam de mulheres que sofreram tantos maus-tratos que as suas vidas trágicas acabaram numa morte prematura. Todas se revelaram assombrosas e aproximaram os leitores das vidas das mulheres da Arábia Saudita de uma forma tão íntima que meninas e mulheres do mundo inteiro ainda hoje me escrevem a dizer que os meus livros lhes mudaram a vida de uma forma

muito positiva. Várias mulheres trabalham hoje em dia em prol dos direitos humanos por se terem sentido inspiradas pela princesa Sultana.

Embora os livros tenham sido escritos pelo meu punho, toda a informação que contém foi dada pela princesa. Escrevi o livro como se fosse narrado por ela, porque tem uma voz irresistível e uma personalidade cativante que atrai os leitores para o seu mundo.

Como referi, a princesa e eu pensamos que chegou a altura certa de dar a conhecer novas histórias sobre as mulheres da Arábia Saudita, devido ao enorme desejo de mudança que cresce no seu povo. Pela primeira vez na história do país existe um debate aberto sobre a condição feminina – ele faz-se mesmo nos jornais nacionais, numa manifestação de abertura que teria sido inaudita na altura em que lá vivi.

A atmosfera política da Arábia Saudita encontra-se também num período de mudança, muito devido ao atual rei, Abdullah. Abdullah era tido como muito conservador, mas, quando subiu ao trono, surpreendeu toda a gente ao instigar a mudança em prol das mulheres. A princesa e eu acreditamos que este desenvolvimento se deve parcialmente a duas mulheres audazes e assertivas que fazem parte da vida de Abdullah: as suas filhas. Elas incitaram-no a usar a sua poderosa influência para auxiliar as mulheres sauditas. Houve, por exemplo, uma jovem saudita que fez uma gravação de si própria a conduzir um carro e a publicou no YouTube, pelo que foi imediatamente detida. Além de lhe tirarem o filho, foi presa e condenada a ser chicoteada. No passado, um rei não se teria oposto a este tipo de sentença, mas o rei Abdullah, incitado pelas mulheres da sua vida, interveio e libertou a jovem, repreendendo os clérigos por terem aplicado aquela pena. Embora a mulher tenha tido de assinar um acordo no qual se comprometia a não voltar a conduzir, a maior parte da Arábia Saudita respirou de alívio com a remoção das punições mais severas.

Portanto, está definitivamente a acontecer uma mudança positiva na vida das mulheres, fortemente impulsionada pelo facto de, hoje em dia, a Arábia Saudita proporcionar educação gratuita a todos os sauditas, incluindo as raparigas. Embora existam mulheres cujos pais não as autorizam a estudar, a maior parte das raparigas e mulheres procura obter uma educação superior. A confiança reforçada e as capacidades das mulheres da Arábia Saudita estão a convencer os homens da nação que uma mulher livre com inteligência e educação é um benefício para a família e para a sociedade em geral.

Não há dúvida de que um fascínio pela Arábia Saudita e pela melhoria das condições das suas mulheres atraiu a consciência mundial. Mas, antes de nos deixarmos entusiasmar demasiado pelas mudanças positivas que têm vindo a acontecer, é importante lembrar que a Arábia Saudita é um dos últimos sítios do planeta em que as mulheres não são verdadeiramente livres. Por esta razão, não devemos esquecer que, embora havendo progresso, permanecem por contar muitas histórias dilacerantes. Mesmo hoje, as mulheres sauditas são completamente subjugadas pelos homens, que continuam impunes ainda que assassinem as esposas e as filhas. É chocante o número reduzido de leis que protegem as mulheres de violência. Neste livro, são reveladas algumas histórias trágicas. É por estas mulheres que a princesa Sultana me disse: «Ainda choro.»

A princesa e eu falamos várias vezes por ano e tentamos ver-nos pessoalmente pelo menos a cada doze ou dezoito meses. Claro que as nossas conversas se centram na difícil condição das mulheres mundo fora, mas principalmente na das mulheres da Arábia Saudita. Eu aguardava que se operasse no reino algum tipo de mudança e agora ela parece estar a acontecer.

Quando a princesa Sultana e eu discutimos a possibilidade de criar um novo livro, ela pensou apenas durante um momento e respondeu com entusiasmo. Concorde comigo: devemos continuar a contar esta história na sua voz. Concorde que devemos concentrar-nos nas mulheres sauditas comuns que ainda enfrentam dificuldades mas que agora alcançam vitórias genuínas na sua vida pessoal.

O livro revelará também os pormenores da vida atual da princesa Sultana – o que se passa com os seus filhos, netos, irmão e demais familiares. Os leitores que prezam a princesa Sultana e a sua família vão adorar estas novas informações.

Existem muitas mulheres que ainda não tiveram a alegria de conhecer esta saudita singular, que mostra uma determinação corajosa frente às circunstâncias mais assustadoras: Sultana bate-se contra os homens que se batem por manter as mulheres na servidão.

Este livro não se destina apenas aos milhares de apoiantes da princesa Sultana; foi escrito também para uma nova geração de leitores que desejam conhecer mais profundamente uma nova geração de mulheres sauditas.

Como foi mencionado, todas as histórias que está prestes a ler são

verídicas. As mulheres sobre as quais escrevemos são donas de uma coragem imensa e alcançaram enormes feitos.

Gostaria de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que leem os meus livros e apoiam as mulheres cujas histórias relato.

Atenciosamente,
Jean Sasson

INTRODUÇÃO DA PRINCESA SULTANA AL SAUD

Sou uma princesa que nunca poderá ser rainha. Isto porque, no meu país, só os homens e o vento são completamente livres. Nas circunstâncias presentes, mulher nenhuma alcançará a mais alta posição da nossa monarquia saudita.

Passaram mais de vinte anos desde a primeira vez que revelei os segredos sombrios da minha terra no livro *Sultana: A Vida de Uma Princesa Árabe*. Regressei para vos contar muito mais. Àqueles que já leram acerca da minha vida, este livro dar-vos-á a conhecer a minha situação atual. Àqueles que não leram os primeiros três volumes, deixem-me familiarizar-vos com a minha história e informar-vos sobre a situação das mulheres nascidas na Arábia Saudita.

Contar-vos-ei como é a vida de muitas mulheres da Arábia Saudita, neste ano de 2014 do calendário gregoriano e de 1435 do calendário islâmico.

Os homens são autorizados a ter quatro mulheres e um número ilimitado de concubinas. A minha mãe foi a primeira esposa do meu pai, mas só deu à luz um filho, o critério máximo do respeito e posição social outorgados a uma mulher no meu país. O meu pai não demorou a casar-se com outras mulheres, o que constituía uma angústia permanente para a minha mãe.

Fui a mais nova dos onze filhos – um rapaz e dez raparigas – da minha mãe. Embora eu seja uma princesa real e me dissessem repetidamente que era uma criança privilegiada, não foi essa a minha realidade. Assim que fui capaz de compreender completamente as nossas vidas, percebi que o meu estatuto era, na verdade, muito baixo. Vivía num palácio luxuoso, onde me encontrava rodeada de beleza e riqueza. Contudo, essas ilusões de realeza pouco significavam, pois eu era uma criança que queria apenas o amor dos progenitores. Embora a minha adorada mãe me amasse de todo o coração, o meu pai não atribuía qualquer valor às mulheres – particularmente a uma

criança do sexo feminino tão obstinada e audaciosa como eu revelei ser desde o momento em que consegui dar voz aos meus pensamentos. Sabia que o meu pai era capaz de amar, pois mostrava grande afeto quando se tratava do meu irmão, Ali. Mas, apesar do meu desejo avassalador de conquistar o amor do meu pai, nunca concretizei o meu objetivo.

Embora os nossos quatro palácios se encontrassem cheios de criados para atender a cada desejo seu, Ali nunca estava satisfeito. Exigia que todas as pessoas que viviam no palácio, incluindo a mãe e as irmãs, o adulassem. Mas eu nunca me comportava como o meu irmão ordenava. Era a mais nova das filhas e pequena para a idade. Enquanto bebê, fui sobejamente mimada pelas minhas nove irmãs e pela minha mãe, que me tratavam como uma bonequinha que enfeitavam com vestidos amorosos. Portanto, Ali não era a única criança mimada da casa. Sentindo-me ao mesmo nível do meu irmão, tinha à-vontade para o importunar diariamente com uma enérgica desobediência.

Mas chegou o dia em que percebi pela primeira vez que, fora do círculo de mulheres da nossa família, eu não era considerada o pequeno tesouro que me tinham levado a acreditar ser. Passados tantos anos, ainda me entristece uma recordação vívida. É uma memória do dia em que compreendi pela primeira vez que o meu pai não me amava como amava o filho. Nesse dia miserável, foi-me demonstrado que o meu irmão deteria poder sobre mim, pelo menos até eu ter idade suficiente para o suplantar.

O incidente ocorreu apenas porque me neguei a dar uma maçã a Ali. Ao invés de me curvar à sua vontade, comi a minha maçã o mais rápido que consegui, deixando o meu irmão a arder de fúria. Assim que a raiva o deixou falar, Ali chamou Omar, o nosso motorista egípcio, que respondia apenas ao nosso pai. Subitamente, as mãos enormes de Omar ergueram-me no ar e fui colocada diante do rosto severo do meu pai, que me lançou um olhar coruscante de irritação. Eu, uma mera rapariga, atrevera-me a recusar satisfazer um desejo do meu irmão, uma criança do sexo masculino que nascera para mandar. Naquele dia, paguei caro o preço de ter comido a minha maçã. Depois de me dar uma bofetada, o meu pai declarou a Omar que Ali era meu amo: todos os meus brinquedos lhe deveriam ser dados, como também lhe seria dado o poder de determinar aquilo que eu podia ou não podia fazer, refeições diárias incluídas. Como se comprouve, o meu irmão! Torturou-me durante semanas, até se interessar por outras atividades.

Daquele dia em diante, Ali e eu tornámo-nos inimigos declarados. Embora me levasse a melhor quando éramos novos, à medida que fui crescendo descobri que Ali não era tão esperto como a irmã mais nova e que se deixava enganar por qualquer artifício. Não demorei a ultrapassá-lo em sagacidade, o que nunca veio a alterar-se – mesmo hoje, há muitas vezes em que não consigo controlar a vontade de ludibriar o meu irmão em assuntos triviais, tontices que se revelam muito embaraçosas para ele, pois não possui sentido de humor; é um homem tão arrogante e autoritário como a criança que foi.

O momento mais triste da minha vida foi a morte da minha mãe, jovem de mais, deixando a filha mais nova destroçada e desprotegida. As minhas irmãs mais velhas responsabilizaram-se por cuidar de mim, tendo todas elas prometido à minha mãe, no seu leito de morte, velar pela sua pequena Sultana. A minha mãe temia pela minha segurança futura, dizia, pois a Arábia Saudita não era país que reagisse favoravelmente a mulheres desafiadoras.

Tinha razão em se preocupar. Tudo era imensamente difícil para as mulheres naquele tempo. Embora o surto da riqueza proveniente do petróleo introduzisse a modernização no nosso reino do deserto, ainda vivíamos no século IX no que tocava à liberdade das mulheres. Eram numerosas as restrições sociais e legais aplicadas às mulheres. Muitas ainda viviam em *pardah*, isoladas em casa. Todas as mulheres tinham um guardião, um homem da família cujo dever era controlar o seu comportamento em cada circunstância da vida. Poucas raparigas iam à escola, e aquelas que o faziam pertenciam invariavelmente a famílias ricas e estudavam apenas alguns campos do saber. Todas começavam a usar véu quando atingiam a puberdade. Muitas meninas casavam-se logo que se tornavam púberes ou pouco depois. Casavam-se com quem as famílias decidissem. A maior parte das raparigas casava com um primo em primeiro ou segundo grau, uma tradição cultural que originou muitos problemas de saúde de origem genética aos filhos dessas uniões. As mulheres não estavam autorizadas a conduzir. Quando as raparigas terminavam a escola, as famílias não lhes permitiam que trabalhassem, nem mesmo se houvesse trabalho adequado disponível. Na verdade, tudo o que constitui uma vida normal estava fora do alcance das mulheres. Os homens dominavam pelo medo, mas também eles tinham receio do que pudesse acontecer caso alguma mulher manifestasse individualidade. Os castigos severos constituíam a norma para o mais inocente dos comportamentos. Bastava uma rapariga falar com um rapaz que não

pertencesse à família, para a sua vida ficar ameaçada. Testemunhei pessoalmente esse horror quando uma amiga querida, audaciosa ao ponto de se encontrar com homens estrangeiros, foi executada por ordem do próprio pai. Foi afogada na piscina da família, um método favorecido naquele tempo, em que os pais podiam assassinar as filhas tresmalhadas. Na verdade, esse ato odioso granjeou-lhe os parabéns de toda a gente. Outra amiga foi casada com um velho de uma aldeia pequena por conta do mesmo ato de rebelião juvenil.

No entanto, durante a minha passagem de criança a adolescente, houve indícios das mudanças que estavam para vir. Fui a primeira da família a quem foi concedido conhecer o marido antes do casamento. Apesar de cuidadosamente supervisionados pelas mulheres de ambas as famílias, a ocasião do nosso encontro foi um triunfo retumbante. Talvez fosse um sinal de mudanças positivas, pois durante esse mesmo período foi concedido a mais raparigas o acesso à escola, uma decisão astuta introduzida pelos homens da minha família real. Como seria de esperar, a cruzada contra o alargamento da educação das mulheres foi duramente travada por muitos homens do reino, liderados pelos clérigos e radicais religiosos. Estes homens exigiam que o papel das mulheres permanecesse na idade das trevas. Subitamente, o calor do deserto saudita já não provinha do Sol, mas do embate feroz de ideias opostas sobre a vida das mulheres.

Compraz-me ter sido uma fagulha desse fogo.

A educação tornou-se a força motriz na qual as mulheres ancoram as suas ambições. Com a educação, novas ideias estimulam o cérebro das mulheres. Tenho observado que, à medida que as mulheres sauditas recebem educação, os homens também se tornam mais esclarecidos quanto à contribuição que as mulheres educadas podem dar à vida dos sauditas, tanto a nível público como privado. A educação beneficia-nos a todos, pois, a partir do momento em que têm voz e esta é ouvida pelos homens, as mulheres lutam corajosamente pelas filhas. Embora seja penosamente gradual, a mudança tem evoluído de forma constante numa direção positiva.

Durante estes anos de luta, dei à luz três filhos – um rapaz e duas raparigas. Depois de ser mãe de duas meninas, bati-me ainda com mais garra pelos problemas humanitários que afetavam os filhos de todos os cidadãos sauditas. Acredito que, se as nossas filhas forem infelizes, os nossos filhos também sentirão os ventos da tristeza nas suas vidas. As novas conquistas

sociais e culturais das mulheres são igualmente benéficas para os homens da Arábia Saudita.

Há vinte e dois anos, dei um passo perigoso, ao iniciar a colaboração com a minha amiga e escritora americana Jean Sasson, para que a minha história, assim como a de outras mulheres do meu país, pudesse ser revelada ao mundo. Seguiram-se mais dois livros. Foi a primeira vez que uma mulher da família real ousou pronunciar-se, para alertar o mundo para o facto de estar a ser negada a liberdade pessoal a uma princesa. A publicação dos livros foi uma jogada ousada que mudou a minha vida e as vidas de muitas outras mulheres. A minha história foi campeã de vendas em muitos países e, segundo me disseram, a minha luta aguerrida contra a discriminação teve enorme significado para mulheres de praticamente todas as nacionalidades e religiões. Soube que muitos milhares de mulheres jovens abraçaram esta luta, inspiradas pela história da minha vida. Isso deixa-me feliz, pese embora a minha audácia me tenha causado grande sofrimento, por desconcertar as minhas irmãs, provocar o meu marido e enraivecer o meu pai e o meu irmão. Mas não o lamento, pois sou uma mulher que não se deixa coagir a ficar em silêncio. Orgulha-me que os três livros escritos sobre a minha vida revelem as qualidades e os defeitos do meu povo e da minha terra, ambos os quais me são imensamente queridos.

Acredito no diálogo aberto e sei que, sem educação, consciência e o direito de cada cidadão a viver com dignidade, país nenhum pode avançar. No entanto, ao proferir estas palavras devo reconhecer uma dura verdade: embora tenha havido mudanças no meu povo e no meu país, ainda há muitos desafios a superar.

Então, que reformas de género ocorreram na Arábia Saudita desde a altura em que eu era uma rapariga determinada que combatia corajosamente o favoritismo cego dedicado aos homens e a injustiça infligida às mulheres? A resposta é complicada.

Fizeram-se verdadeiros progressos na situação das mulheres sauditas, principalmente na educação. A embaixada real da minha família em Washington, D.C., reconhece que o sistema educativo da Arábia Saudita passou por uma transformação espantosa, ao disponibilizar educação a todos os sauditas que escolham ir à escola.

Este facto mostra claramente que os homens da minha família fizeram da educação para todos os cidadãos sauditas um objetivo primordial. Nada

contribuiu mais para mudar a face do meu país, e os homens e mulheres que o habitam, do que o acesso à educação. Tal como outros membros da realeza, fiz da educação uma das principais minhas atividades de beneficência e tenho gasto grande quantidade de dinheiro a ajudar na educação das nossas jovens, assim como na educação de raparigas de outros países muçulmanos. Os únicos cidadãos da Arábia Saudita que não têm acesso a educação são as filhas das famílias mal informadas. O meu governo não se envolve caso um pai recuse às filhas a possibilidade de estudar, algo que espero que venha a mudar nos anos vindouros.

Outros fatores, como as viagens e a Internet (aliados à educação) estão a fazer da Arábia Saudita um lugar assaz diferente do reino do deserto da minha juventude. Muitos cidadãos sauditas são financeiramente independentes. O acesso ao dinheiro permite a um grande número deles viajar pelo mundo inteiro. Essas viagens têm-lhes aberto a mente a outros mundos, nos quais as mulheres têm o direito de viver em liberdade. O acesso à Internet tem incrementado o ritmo da mudança. A maior parte dos jovens sauditas é detentora de computador, *iPad* e outros equipamentos eletrónicos que promovem a tomada de consciência, através do acesso a notícias de muitos outros países. Com educação e acesso a viagens e à Internet, as jovens da Arábia Saudita compreendem que o seu país e a sua liberdade pessoal são ameaçados por homens que desejam que as mulheres permaneçam escravas.

Apesar destes pontos positivos, devo confessar com tristeza que, malgrado os anos de trabalho para mudar a vida das mulheres da Arábia Saudita, o resultado é irregular e imprevisível. Não há regras claras no que diz respeito às mulheres. Todas as decisões relativas ao comportamento feminino permanecem nas mãos dos homens que encabeçam cada família. Se os homens da família à qual a mulher pertence são educados e possuem sentido de justiça, as mulheres têm oportunidade de ser felizes. Se os homens da família à qual a mulher pertence são pouco esclarecidos e cruéis, as mulheres sofrem por conta da ignorância masculina.

Quando eu era criança, a vida era brutal, por norma, para todas as mulheres da Arábia Saudita. Agora que sou adulta, *algumas* mulheres têm beneficiado das mudanças – mas, na Arábia Saudita, a qualidade de vida das mulheres ainda depende dos homens, que detêm o poder de lhes recusar a liberdade.

Meus caros, segue-se a vida das mulheres da Arábia Saudita no século XXI.

- Vivo num país no qual conheço uma mulher que foi a melhor aluna da sua turma na universidade e é uma médica respeitada.
- Vivo num país no qual a custódia de uma filha foi negada à mãe depois do divórcio, embora a criança fosse bebê. Essa menina foi brutalmente violada até à morte pelo pai, um clérigo muçulmano saudita.
- Vivo num país no qual conheço uma mulher que gere com sucesso o seu próprio negócio e que está a dar muito que fazer aos seus concorrentes masculinos.
- Vivo num país no qual um clérigo decretou que uma menina de dez anos vítima de abusos sexuais diários do marido de trinta e cinco anos tem de continuar casada. Os clérigos decretaram que é injusto retirar a oportunidade de casamento a qualquer rapariga.
- Vivo num país no qual a maior parte das raparigas vai à escola e leva a educação muito a sério.
- Vivo num país no qual apenas quinze por cento da força de trabalho é do sexo feminino, porque a maioria dos pais e maridos ainda insiste que o único lugar da mulher é em casa, mesmo quando a mulher é altamente qualificada e deseja trabalhar.
- Vivo num país no qual as mulheres ainda não são autorizadas a conduzir.
- Vivo num país no qual os clérigos decretaram que uma mulher devia ser chicoteada por se atrever a levar o filho de carro à escola.
- Vivo num país no qual as mulheres ainda têm de obter a permissão de um guardião masculino para trabalhar e viajar, e onde a rebelião de uma mulher ainda lhe pode custar a vida.
- Vivo num país no qual algumas mulheres desafiam os homens que detêm poder sobre elas e em que estes *não* exigem a sua morte.
- Vivo num país no qual a maior parte das mulheres obedece à mãe e ao pai quando se trata de eleger o homem que se tornará seu marido. Embora se diga que a mulher tem direito de dizer não, poucas o fazem, por sentirem que tal desobediência seria uma desonra para os pais.
- Vivo num país no qual as mulheres podem atingir posições elevadas nas carreiras e no qual muitas vivem casamentos felizes.
- Vivo num país no qual muitas mulheres vivem miseravelmente e

confinadas às suas casas, sem poderem tomar as decisões pessoais mais simples, como o direito de deixar os maridos e levar os filhos, seja devido a infelicidade pessoal ou a violência brutal.

- Vivo num país no qual qualquer homem é livre de abusar emocionalmente das mulheres da sua família, as agredir ou até assassinar, sem que isso lhe granjeie o repúdio da comunidade ou qualquer penalização legal.
- Vivo num país no qual a maior parte dos homens e das mulheres reprova comportamentos desse tipo.
- Vivo num país governado por um soberano, o rei Abdullah, que alcançou a maturidade numa altura em que os sentimentos e os direitos das mulheres não despertavam qualquer consideração e que, no entanto, fez da causa das mulheres uma prioridade.

São urgentemente necessárias maiores reformas, pois nada é previsível no que respeita à vida das mulheres da Arábia Saudita. Por isso, agora, lutamos pelo tipo de mudança que oferece garantias: precisamos de fazer com que seja ilegal um homem exercer violência sobre qualquer mulher. Temos de pressionar para que as coisas mudem e uma mulher adulta tenha o direito de fazer as suas escolhas pessoais.

Para minha felicidade, já não me encontro só na minha luta para implementar mudanças no meu país. Há muitas mulheres sauditas que instigam uma transformação positiva. Familiares meus conhecem algumas delas. Acredito que o mundo gostaria de conhecer as suas histórias extraordinárias. Por essa razão, atrevi-me mais uma vez a arriscar a minha segurança para revelar ao mundo a verdade sobre a Arábia Saudita. Quero contar-vos tudo o que está a acontecer na minha terra.

Neste livro revelarei mudanças que aconteceram na minha vida pessoal. Há muito que contar acerca dos membros da família, das vidas dos meus filhos e netos, irmãs, sobrinhas e sobrinhos. Graças à sua personalidade irritante, há mais histórias surpreendentes para partilhar acerca do meu irmão Ali. O meu pai ainda pertence ao mundo dos vivos, mas envelheceu mal. Infelizmente, é ainda um homem que acredita que o sexo masculino deve dominar e o feminino, submeter-se obedientemente.

Porém, nada é mais importante do que ficar a conhecer a vida de mulheres corajosas. Acredito que os leitores quererão saber o que se passa com as sauditas comuns, aquelas que não têm as oportunidades que a riqueza oferece. Estas enfrentam muitos desafios desconhecidos das mulheres da realeza e, por esta razão, tenho-as na mais alta consideração.

Selecionei dez mulheres das muitas cuja história devia ser contada. As sauditas que conhecerá nas páginas que se seguem são reais – mulheres corajosas que desbravam um caminho que trará um novo mundo a todos quantos vivem na Arábia Saudita.

Embora os anos da minha vida tenham passado rápido de mais, as mudanças positivas nas vidas das mulheres do meu país têm sido

demasiadamente lentas. Mas agradeço a Deus ter vivido o suficiente para ver um grande número de mulheres sauditas poder concretizar os seus sonhos. Também agradeço a Deus o facto de estar numa posição única para vos contar acerca dessas mulheres extraordinárias.

No entretanto, as mulheres da Arábia Saudita, pertençam ou não à realeza, lutam contra dois mil anos de História. A nossa única esperança é que lutemos juntos. E pedimos ajuda aos leitores. Possa Deus fazer com que as nossas mãos se encontrem. Se todas as mulheres se unirem, com a bênção de Deus, talvez um dia haja mesmo uma *rainha* da Arábia Saudita.

Com votos sinceros de felicidade para todos os que têm a gentileza de se preocupar comigo e com outras mulheres da Arábia Saudita.

Princesa Sultana Al Saud

LISTA DE PERSONAGENS

A família real Al Saud

Rei Abdul Aziz:	<i>Primeiro rei da Arábia Saudita e avô da princesa Sultana</i>
Rei Fahd (falecido)	<i>Quinto rei da Arábia Saudita e tio da princesa Sultana</i>
Rei Khalid	<i>Quarto rei da Arábia Saudita e tio da princesa Sultana</i>
Príncipe Abdul Aziz bin Fahd	<i>Filho mais novo do rei Fahd e da princesa Jawhara; primo da princesa Sultana</i>
Príncipe Abdullah	<i>Filho mais velho e único rapaz do príncipe Kareem e da princesa Sultana</i>
Princesa Aisha	<i>Prima da princesa Maha e da princesa Amani</i>
Príncipe Ali	<i>Irmão da princesa Sultana</i>
Príncipe Assad	<i>Marido da princesa Sara e irmão do príncipe Kareem</i>
Príncipe Hadi	<i>Marido da princesa Munira, falecido</i>
Príncipe Kareem	<i>Marido da princesa Sultana</i>
Príncipe Muhammad	<i>Sobrinho da princesa Sultana, filho da princesa Reema, sua falecida irmã</i>
Príncipe Salman	<i>Sobrinho da princesa Sultana, filho do seu irmão, o príncipe Ali</i>
Princesa Amani	<i>Filha mais nova do príncipe Kareem e da princesa Sultana</i>
Princesa Dunia	<i>Irmã da princesa Sultana</i>
Princesa Haifa	<i>Irmã da princesa Sultana</i>
Princesa Jawhara	<i>Esposa preferida do rei Fahd</i>
Princesa Maha	<i>Filha mais velha do príncipe Kareem e da princesa Sultana</i>
Princesa Medina	<i>Sobrinha da princesa Sultana, filha do príncipe Ali</i>
Princesa Munira	<i>Sobrinha da princesa Sultana, filha do príncipe Ali</i>
Princesa Nashwa	<i>Filha do príncipe Assad e da princesa Sara</i>
Princesa Nora bint Abdul Rahman (falecida)	<i>Irmã do avô da princesa Sultana, o rei Abdul Aziz</i>
Princesa Nura (falecida)	<i>Irmã mais velha da princesa Sultana</i>
Princesa Rana	<i>Sobrinha da princesa Sultana, filha da princesa Nura</i>
Princesa Sara	<i>Irmã da princesa Sultana</i>

Princesa Sita	<i>Cunhada da princesa Sultana</i>
Princesa Tahani	<i>Irmã da princesa Sultana</i>
Princesa Zain	<i>Nora da princesa Sultana, esposa do príncipe Abdullah</i>
Pequena Sultana	<i>A primeira dos netos da princesa Sultana, filha do seu filho Abdullah</i>
Pequeno príncipe Faisal	<i>O segundo dos netos da princesa Sultana, filho do seu filho Abdullah</i>
Pequeno príncipe Khalid	<i>O terceiro dos netos da princesa Sultana (segundo neto rapaz), filho da sua filha Amani</i>

Outras personagens importantes

Xeque Abdul Aziz bin Baz (falecido)	<i>Clérigo saudita, grande mufti da Arábia Saudita, e o clérigo preferido da princesa Amani</i>
Batara	<i>Motorista indonésio da princesa Sultana</i>
Laila	<i>Jovem saudita que evitou um casamento precoce quando o irmão a ajudou a adquirir e dirigir o seu próprio salão de beleza, algo que na Arábia Saudita é muito difícil para uma mulher</i>
Fatima	<i>Saudita vítima de abusos do marido e mãe de duas gémeas</i>
Dr.ª Meena	<i>Médica saudita muito conceituada, de origens humildes</i>
Nadia	<i>Jovem assistente social saudita</i>
Noor	<i>Mulher de etnia beduína envolvida num caso de violência doméstica</i>
Sabeen	<i>Empregada doméstica indonésia da princesa Sultana</i>
Faria	<i>Jovem saudita vítima de mutilação genital feminina</i>
Shada	<i>Jovem acusada de ser bruxa</i>
Dalal	<i>Rapariga de treze anos que sofreu abusos e morreu às mãos do pai</i>
Amal	<i>Menina de cinco anos violada e morta pelo pai</i>

POR AMOR ÀS MINHAS FILHAS

—A mani, só vais até onde te levam os teus pés! – berrou Maha, a minha filha mais velha. Para enfatizar ainda mais o seu desprezo, rosnou, rodopiando para longe da irmã. – E nem mais um passo!

Estremeci de desalento. Onde, e com quem, teria a minha maravilhosa filha aprendido a uivar como se estivesse possuída? Maha fizera da Europa o seu lar nos últimos sete anos e eu passara muitas noites ansiosas preocupada com a nova vida da minha filha mais corajosa no estrangeiro. Seriam aqueles uivos uma indicação de que viveria uma vida psicótica a milhares de quilómetros de distância da mãe?

Tive pouco tempo para ponderar o bizarro uivo de Maha. Amani, a mais nova dos meus filhos, e a segunda das raparigas, pôs-se em ação, mostrando o rosto tingido de um profundo vermelho de raiva ao saltar qual gazela do deserto para cima da irmã mais velha. Se eu não estivesse presente, as minhas duas filhas adultas teriam certamente batido uma na outra e possivelmente atirado-se para o chão num confronto físico semelhante ao que se envolviam quando eram crianças.

Agarrei Maha pelo braço e puxei-a com toda a força. Ela veio contra mim e Amani tropeçou e colidiu com Kareem, o meu marido, que entrara na sala de estar levado pela explosão de gritos femininos.

O meu querido marido é um dos pais que há mais tempo sofrem no mundo árabe: antes da visita de Maha, anunciara que não continuaria a tolerar que ela e Amani se comportassem como crianças. Afinal, Amani era agora uma mulher casada, e mãe. A nossa filha mais nova, normalmente, vivia com serenidade, proclamando-se feliz no casamento e no papel de mãe de um rapazinho.

A vida de Maha era o contraste absoluto; vivendo solteira numa das maiores cidades da Europa, trabalhava como executiva numa das empresas do pai e tinha uma vida social normal acompanhada dos amigos. Por repetidas vezes, Maha demonstrou capacidade de gerir facilmente a maior parte dos problemas do mundo adulto.

Kareem lançou-me um olhar de incredulidade antes de levantar a voz e gritar, para se fazer ouvir acima dos protestos desdenhosos de Amani e dos guinchos raivosos de Maha. – Isto tem de acabar! Já! – ordenou Kareem.

Embora as minhas filhas muitas vezes ignorem as exigências da mãe, é raro furtarem-se a reagir adequadamente às ordens do pai. Senti-me a presenciar um milagre quando os gritos e insultos cessaram imediatamente.

Naquele momento, a minha irmã Sara entrou silenciosamente na sala. Chegara cedo para a festa organizada pela família para celebrar a visita de Maha. A expressão de Sara era, como sempre, de uma calma cativante, mas os seus grandes olhos negros aumentaram bastante de tamanho quando observou que a irmã e o cunhado transpiravam abundantemente, agarrados às filhas adultas.

Sara olhou com interesse para a cena inusitada durante alguns momentos e depois os seus lábios curvaram-se num sorriso. – Minhas queridas sobrinhas, ainda tão enfeitadas pelas brigas, mesmo depois de dois ossos partidos e um dente lascado?

Sara recordava a mais violenta das batalhas entre as minhas filhas, ocorrida depois de Amani ter cometido a imprudência de esticar um fio no corredor das traseiras que desembocava num quarto especial onde se alojavam gatinhos recém-nascidos. Amani via os seus gatinhos como tesouros tais, que andava completamente obcecada pela ideia de alguém tentar roubá-los e vendê-los no *souk* dos animais.

Quis o destino que Maha se tornasse sua vítima involuntária, quando se apressava a descer o corredor. Tropeçando no fio, Maha sofreu uma queda violenta que resultou em dois pulsos partidos, pois amparara o peso do corpo com as mãos. Quando ouviu o barulho, a pequena Amani correu a descobrir a identidade do ladrão de gatinhos e descobriu a irmã a contorcer-se de dores. Ignorando que Maha sofria realmente, Amani, irritada, acusou a irmã de se preparar para roubar os gatinhos todos apenas para desocupar a casa de mais oito animais de estimação.

Quando Amani era adolescente, a nossa família viajou até Meca para a

peregrinação. Durante a cerimónia religiosa, a fé de Amani transformou-se; se em criança a sua fé estivera adormecida, em jovem ela apresentou-se determinada a abraçar todos os aspetos da nossa fé islâmica com uma intensidade angustiante. Desde aquela experiência religiosa crucial que Amani possuía o hábito infeliz de lançar uma sombra de dúvida sobre o comportamento de toda a gente, chegando várias vezes a acusar aqueles que a rodeavam de atos criminosos ou contrários à moral.

Quando Amani tentou espreitar por baixo do corpo da irmã para se certificar de que não estava lá nenhum gatinho escondido, Maha, enfurecida, bateu com o cotovelo no rosto da irmã, partindo-lhe um dente.

Embora na altura aquilo não tivesse sido nada divertido – pois Kareem e eu tivemos de explicar ao médico da família a constrangedora natureza dos ferimentos das nossas filhas –, o comentário de Sara e a sua natureza apaziguadora constituíram o antídoto perfeito para a raiva. Kareem e eu trocámos olhares e rimo-nos a bom rir da memória daquele tempo longínquo em que o comportamento das nossas filhas não raro se assemelhava ao de duas feras selvagens que andassem à solta na nossa casa.

Amani, sem pitada de humor, não aprovou as nossas gargalhadas. Afastou-se do pai, sacudindo o vestido com a mão como se o sucedido fosse insignificante. Em seguida, cumprimentou a tia Sara com uma troca rotineira de beijos, mudando de assunto e inquirindo-a sobre a sua neta doente, cuja curta vida fora recentemente ameaçada por um ataque grave de tosse convulsa. Maha, triunfante como um guerreiro conquistador, sacudiu-se da mãe e tocou afetuosamente no ombro da tia predileta, antes de se servir de uma bebida fresca feita de limões acabados de espremer. Em seguida, ela e Amani escolheram deliberadamente ocupar lados opostos da sala, representando o papel de perfeitas desconhecidas.

Amo as minhas duas filhas tanto quanto qualquer mãe ama a sua prole mas, mesmo adultas, elas continuam a testar a minha paciência. Anos atrás, agarrara-me à esperança de que a idade adulta lhes trouxesse maturidade, mas infelizmente enganei-me. Olhando para elas, vi que ambas ostentavam uma expressão de sobranceira satisfação. Contive um desejo intenso de lhes dar dois estalos.

Enquanto fazia conversa com Sara e Kareem, não deixava de pensar na nossa vida, perguntando-me como é que duas filhas dos mesmos pais não conseguiam encontrar um ponto de concórdia. Desde a juventude que as

nossas filhas chocavam em todos os aspetos da nossa vida de sauditas.

Maha é uma rapariga forte e independente que desde tenra idade teve uma consciência aguda dos constrangimentos culturais e sociais impostos às mulheres da Arábia Saudita. Ao longo dos anos, a sua raiva inflamou-se perante as injustiças dos nossos costumes sociais com respeito ao género; passou a detestar cada restrição e era frequente declarar a sua determinação em testar todas elas. Amani abraçou as convicções mais tradicionais da nossa terra, contanto que se dirigem-se às mulheres. Havia alturas em que me parecia que Amani acreditava que os grilhões que confinavam as mulheres não eram suficientemente fortes.

Com o tempo, cheguei à triste conclusão de que as mulheres da Arábia Saudita estavam mais bem governadas por clérigos que detestavam mulheres do que por uma mulher conservadora como a minha filha. Muitas foram as vezes em que pus em causa as minhas capacidades como mãe, perguntando-me o que desviara a minha Amani, outrora tão doce e dócil.

Após anos de episódios e ocorrências traumáticos, a tranquilidade bafejou o nosso lar, mas só depois de Maha persuadir os pais de que nunca conheceria a verdadeira felicidade enquanto fosse obrigada a viver na Arábia Saudita. Kareem e eu sentíamo-nos verdadeiramente preocupados com a possibilidade de ela de facto testar cada rigorosa lei social e tribal que versasse as mulheres, caso fosse obrigada a residir no reino. A nossa Maha é uma rapariga audaz – intrépida e inabalável face à autoridade. Talvez cometesse algum ato considerado culturalmente tão grave que se levantasse um coro de reprobção da comunidade seguido de clamores para que o nosso tio, o rei, fizesse da nossa filha um caso exemplar.

Depois de muitas conversas prolongadas, Kareem e eu diligenciámos para que Maha frequentasse uma universidade na Europa. Para nossa felicidade, a personalidade agressiva da nossa filha aligeirou-se consideravelmente depois de ela ir para fora. Estava tão satisfeita na Europa que acabámos por aceitar que construiria o seu lar longe do nosso reino do deserto. Daquela altura em diante, Maha fazia apenas raras visitas à Arábia Saudita, embora nós a visitássemos muitas vezes.

Ao contrário da irmã, Amani aprecia a vida que as mulheres levam na Arábia Saudita, afirmando com frequência que não existe um país que seja tão bom para as mulheres como a nossa terra. Acredita estar carinhosamente protegida dos vícios do mundo, em vez de sentir que não pode fazer escolhas

pessoais sem a intervenção do pai, que era, e ainda é, seu guardião. Antes de combinar o casamento de Amani, Kareem insistiu em que ficasse legalmente estipulado que ele, o pai, permaneceria seu guardião. O meu marido não conseguia suportar a ideia de que outro homem pudesse deter tanto poder sobre a filha. Segundo os documentos, depois da morte do pai, o filho mais velho de Amani passaria a ser seu tutor, independentemente da idade que tenha aquando da partida do avô. Pode dar-se, então, que uma criança seja designada tutora de Amani. Para mim, é um conceito ridículo que as mulheres deviam combater com todas as forças, mas a minha filha afirma que não albergará qualquer rancor caso chegue o dia em que ela, uma mulher adulta, responda perante um guardião que não é nada mais do que seu filho!

Poucas pessoas de fora do reino compreendem que todas as mulheres sauditas ingressam, ao nascimento, num sistema de uma rigidez indescritível, dominado por homens, em que terão um homem como tutor. Isto acontece mesmo no ano de 2014 (1435 no calendário islâmico). O nomeado tem controlo completo sobre a mulher, desde o primeiro momento da vida dela até ao último segundo da sua morte. Embora as obrigações de um guardião não se encontrem escritas na lei saudita, o seu direito de dominar é incontestado. Os tribunais sauditas reconhecem como lei a obediência ao guardião, mesmo que a mulher seja adulta. Uma mulher necessita de autorização do guardião antes de lhe ser permitido ir à escola, casar-se, divorciar-se, abrir uma conta bancária, procurar emprego e até receber muitos tratamentos médicos, incluindo cirurgias. Conheci pessoalmente quatro casos em que uma mulher saudita morreu por o guardião se encontrar em viagem e não estar presente para autorizar uma cirurgia de emergência.

Na Arábia Saudita, mulher nenhuma pode escapar ao jugo do guardião, que a cinge e a mantém prisioneira de cada desejo seu. Este é o seu rei pessoal, decisor de cada aspeto da sua vida. Se assim quiser, o guardião pode decretar que a mulher manchou a honra da família e deve ser condenada à morte. Na nossa terra, não há ninguém que intervenha, nem sequer a polícia ou as forças de segurança do governo. O que digo é verdade. Admito que nos dias que correm é incomum um guardião decretar que a mulher ou a filha deve ser condenada à morte, mas basta ele decidir fazê-lo para que a morte recaia sobre essa mulher. Assim é a vida de uma mulher saudita submetida ao domínio de um guardião. Na verdade, foram vários os casos que figuraram recentemente nos noticiários internacionais, embora outros

permaneçam desconhecidos. Horrendos assassinatos serão revelados num próximo capítulo.

Mesmo eu, uma mulher capaz de cuidar de si própria, nunca vivi um dia sem guardião. O meu pai foi meu guardião até eu me casar com Kareem. Foi um guardião muito duro, embora eu esteja viva porque ele nunca considerou matar-me quando lhe trouxe vergonha ou desilusão. Aquando do nosso casamento, Kareem aceitou o ónus da guarda da filha mais nova do meu pai. Caso o meu marido deixe esta terra antes de mim, o nosso filho Abdullah será meu guardião.

Devo admitir que a minha situação é mais segura do que a da maioria das sauditas, porque o meu marido e eu nos amamos verdadeiramente. Muitas foram as vezes em que ele afirmou que não queria viver se eu estivesse morta, por isso concluí sempre que ele nunca me mataria. Os sentimentos amorosos de Kareem dão-me um poder formidável e uma sensação de segurança. Por isso, desde que saí de casa da minha família, a questão da tutela constitui uma preocupação residual para mim.

Na verdade, o meu marido abordou a questão de forma muito terna no início do nosso casamento. Lembro-me desse dia como se tivesse decorrido há um par de semanas. O meu belo marido jurou sobre o nosso livro mais sagrado, o Alcorão, dizendo: «Sultana, é a confiança no outro que nos guarda. Eu sou teu guardião. Tu és minha guardiã. Buscaremos ajuda um no outro para todos os problemas da vida.»

Kareem desrespeitou o prometido apenas uma vez, quando tentou estupidamente forçar-me a aceitar uma segunda esposa. O plano não lhe correu bem. Aqueles que me conhecem pessoalmente, ou que leram a minha história, sabem que fui a vencedora dessa luta matrimonial. Isso aconteceu, acredito, porque estou disposta a morrer se a situação for suficientemente importante para mim, enquanto o meu marido protege cuidadosamente a sua vida, assim como a minha.

Mas agora tinha mais problemas com os quais me debater, para além do dos guardiões, pois continuava a ouvir Maha insultar entre dentes a educação saudita de Amani.

Alegrava-me que Amani tivesse educação universitária. Na verdade, durante a escola secundária, Amani exprimira pouca vontade de ir para a universidade, afirmando que uma boa muçulmana não precisava de mais nada além de um marido e de filhos. Destroçava-me a determinação da minha filha

em não ter uma educação completa. Kareem lidou sabiamente com a situação, lembrando que existiam passos importantes que ela não dera, nomeadamente a formação universitária. A questão do marido só poderia ser levantada depois de ela concluir o curso universitário, disse-lhe.

Depois de falar com as autoridades religiosas, Amani percebeu que a educação não era contrária à nossa fé islâmica. Já apaziguada, inscreveu-se no departamento de língua e literatura árabes da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Riade para Mulheres, que mais tarde foi rebatizada Universidade Princesa Nora bint Abdul Rahman, o nome da amada irmã do nosso avô, o primeiro rei, Abdul Aziz Al Saud. Para nossa surpresa e alegria, Amani aceitou facilmente a continuar os estudos, admitindo que apreciava as aulas no departamento de língua e literatura árabes. Obteve notas altas em todas as disciplinas e concluiu o curso após quatro anos de estudo.

Sonhei que Amani pudesse ser professora e ensinar Literatura a outras raparigas, pois aprendia com muito entusiasmo, mas não demorei a suspirar de tristeza, quando ela anunciou que nunca trabalharia. Havia demasiadas possibilidades de conviver com homens que não pertenciam à sua família para se arriscar a ingressar no mundo da mulher trabalhadora. Nunca falaria, nem trabalharia, com outro homem que não fosse o marido, o pai, o irmão, o filho ou outro familiar próximo, de sangue ou por casamento. Amani afirmava que a sua aprendizagem servira o propósito de ela melhor representar a sua religião, a sua fé, os valores islâmicos e, acima de tudo, de ser melhor mãe para os seus filhos.

Kareem disse-me que não protestasse: «Sultana, não te esqueças que cinquenta e oito por cento dos estudantes universitários da Arábia Saudita são mulheres e que só catorze por cento dessas raparigas conseguem encontrar trabalho. Ao menos a Amani não ocupará uma posição da qual outra rapariga necessite verdadeiramente.»

Fiz um sorriso amarelo ao ouvir as palavras dele; no entanto, não podia negar que Kareem expunha uma verdade deplorável. Se Amani nunca terá necessidade do salário proporcionado por um emprego para atender às necessidades da vida, o nosso país encontra-se cheio de raparigas com estudos que anseiam por um trabalho de que necessitam. O certo é que me encanta que tantas jovens sauditas possam frequentar a escola, o que nem sempre foi realidade no meu país.

Contudo, para as mulheres da Arábia Saudita, assim que um obstáculo é transportado, outro se levanta. Embora a educação feminina seja cada vez mais aceite pela maior parte dos homens, muitos pais mostram relutância perante a ideia de as filhas trabalharem; querem assegurar-se de que homens que não pertencem à família não tenham acesso físico às filhas. Além disso, muitos maridos recusam autorizar as esposas a trabalhar, embora durante o período de noivado prometam o contrário. Além do mais, muitas empresas não gostam de ter mulheres a trabalhar nos seus estabelecimentos, por receio de que a mistura de homens e mulheres possa criar problemas com as instituições religiosas. Clérigos enraivecidos não raro afirmam que as mulheres e o diabo andam de mãos dadas quando estas se misturam com homens que lhes são estranhos. Coitada da mulher saudita que quer usar o intelecto e a educação para trabalhar na profissão da sua escolha, pois muitas são as barreiras erguidas no seu caminho.

Poucos meses depois de ter concluído o curso, Amani insistiu que lhe arranjássemos um casamento com um primo real adequado. Não mencionou ninguém específico, pedindo apenas que fosse um homem de uma boa família real conhecida, de bom caráter e crente. Rejeitou com firmeza a oportunidade de ver uma fotografia do futuro noivo, que a irmã tão caridosamente lhe ofereceu. Quando o irmão a provocou com a sugestão de que o primo suplicava para ver o rosto da futura esposa, e que ele, Abdullah, poderia aliviar a ansiedade do primo mostrando-lhe uma fotografia da irmã, ela ficou tão perturbada que implorou ao pai que intervisse, o que este fez, proibindo o nosso filho de voltar a incomodar a irmã com aquele assunto.

Abdullah é uma alma alegre, que provoca incansavelmente as irmãs, mas só Maha recebe as suas brincadeiras com uma ocasional manifestação de humor. Se ao menos as minhas duas filhas comungassem da personalidade agradável e convival do meu filho, eu seria uma mãe cheia de alegria. Kareem também reconhece que o nosso filho é amigável e por várias vezes me disse: «Sultana, Deus escolheu testar a nossa resistência com a Amani e a Maha.»

Quando se sentia frustrado comigo por uma coisa ou outra, adorava acrescentar um insulto: «As minhas filhas herdaram a propensão da mãe para criar o caos.» É certo que ambas chegaram a esta terra pré-programadas com as disposições mais extenuantes.

No entanto, Amani, cuja personalidade é o extremo oposto da mãe e da

irmã, preza tudo quanto diz respeito à sua condição de mulher dominada pelos homens. É igualmente um caso exemplar de obediência estrita a tudo quanto é religioso. Desde a adolescência que usa o véu negro integral com enorme satisfação, considerando que é imoral para qualquer mulher expor o rosto em público. Cobre, além do mais, as mãos delicadas com luvas negras e os pés e pernas com umas meias pretas grossas, apesar do calor sufocante que faz no reino – mesmo quando visitamos Gidá, cidade portuária conhecida pela sua humidade abundante.

Eu sempre disse que este costume é extremamente perigoso, com o calor da Arábia Saudita, e as minhas preocupações justificaram-se quando, uma vez, Amani, cuja gravidez ia avançada, nos visitou na nossa casa de Gidá. Como não estava familiarizada com alguns dos nossos novos empregados masculinos, tinha tendência a usar o véu pesado desde que acordava até à hora de dormir. A minha pobre filha receava que algum deles conseguisse vislumbrar o seu rosto descoberto, embora os homens fossem de confiança e estivessem acostumados à presença de mulheres nas nossas casas.

Certa manhã, Amani desceu as escadas completamente velada, irritando-me e surpreendendo mesmo a tia Sara, que, regra geral, acata o comportamento contrastante das minhas duas filhas com um sorriso. Comecei a dar voz aos meus pensamentos, dizendo que considerava ridículo Amani tapar-se completamente quando estava em casa. Além disso, gosto de conversar com alguém que possa ver e, mais particularmente, ter o prazer de olhar para os rostos das minhas filhas. Naquele momento, Sara dirigiu-me um olhar de advertência e eu mordi o lábio, optando por perguntar: «Queres um sumo fresco, minha querida?»

Amani passou por nós dizendo: «Não, mamã. Apetece-me dar um passeio no jardim.» Uma das nossas empregadas indonésias abriu a pesada porta de madeira e vidro para dar entrada a Amani no jardim especial das mulheres que Kareem concebera com tanto esmero para as mulheres da nossa família. O jardim é invulgarmente grande e encontra-se repleto de numerosas plantas enormes e de montanhas de fetos; o efeito pretende ser alusivo a uma floresta tropical. Numa atitude excessivamente protetora da minha filha grávida, exclamei: «Não te percas no meio desse verde todo, doce Amani!» A minha filha não respondeu.

Depressa nos distraímos, Sara e eu, com uma partida de *komkom*, um jogo engraçado que jogamos muitas vezes quando estamos em Gidá, porque são

necessárias conchas, que as crianças por vezes conseguem encontrar na costa do mar Vermelho. Dois dos oito netos de Sara jogavam connosco. A alegria de ver as crianças atirar as conchas para o chão era muita e esqueci-me momentaneamente das horas. Quando Abdullah entrou na sala e perguntou por Amani, reparei que ela estava no jardim há quase uma hora.

Levantei-me de um salto e saí a correr para o jardim, chamando pela minha filha. Dei um grito aterrorizado quando a vi estendida no chão, com o tecido preto da *abaya* dobrado sobre um pequeno feto, flutuando na brisa marinha.

«Amani!», gritei.

Abdullah apareceu logo em seguida, assim como vários dos nossos motoristas, que ouviram o meu grito e entraram a correr no jardim, que normalmente lhes está interdito.

Por um momento, julguei que a minha amada filha estava morta, sufocada por fim por todo aquele pesado tecido preto, e pelas meias e luvas pretas. A indumentária de Amani provavelmente pesava mais do que ela, pois sempre fora delicada de tamanho. Embora estivesse grávida, pesava apenas quarenta quilos.

Abdullah e um dos motoristas pegaram em Amani e levaram-na para a casa, onde havia ar condicionado. Embora se esforçassem por a segurar com cuidado, pois a gravidez ia manifestamente avançada, o véu saiu-lhe acidentalmente da cara e a comprida saia preta subiu-lhe acima da cintura.

Na altura, não me importei, embora as meias pretas de Amani só lhe dessem até aos joelhos, deixando-lhe as coxas brancas expostas à vista de todos.

A minha filha foi colocada no maior dos cinco sofás da sala e eu comecei a retirar-lhe a pesada capa negra. Fiquei sem ar quando lhe afastei o véu e lhe vi o rosto, vermelho-escuro, quase roxo, com os olhos, revirados, mostrando a parte branca, numa visão alarmante.

No entanto, um dos criados já localizara Kareem no escritório e o meu marido encontrava-se ao meu lado, gritando que lhe trouxessem panos húmidos e frios para serem colocados no rosto dela. Por instrução de Kareem, Abdullah foi rapidamente de carro até à casa do médico da nossa família, um doutor palestiano muito experiente que vivia a pouca distância de nós. Abdullah recebeu ordens de o trazer para atender à nossa filha.

Por esta altura, eu já me sentia enlouquecer. Amani parecia um cadáver. Kareem observou que a nossa filha tinha uma respiração constante, não

havendo portanto necessidade de eu puxar pelos cabelos, algo que nem sequer reparara que estava a fazer. (Embora, quando afastei as mãos do cabelo, tenha visto dúzias de compridos fios negros penderem dos meus punhos cerrados.)

Olhei à volta e deparei com todas as empregadas, motoristas e jardineiros apertados na sala, mas, antes de ter tempo de lhes ordenar que saíssem, o nosso médico chegou. Nunca senti tanta felicidade por ver o seu grande rosto corado naquele corpo baixo e gorducho, embora no passado ele por vezes me irritasse com o seu hábito de dobrar as mãos atrás das costas e andar em círculos, murmurando incoerências, absorto em pensamentos.

Eu sempre quis conhecer imediatamente todos os aspetos de um problema médico que afetasse os meus filhos. Quando se apressou a aproximar-se da nossa filha, pedindo que todos se afastassem para que ela respirasse, o médico parecia muito preocupado. Eu estava agarrada ao braço de Kareem, de olhos pregados em Amani, no exato momento em que ela abriu os olhos. Foi apanhada de surpresa pelo grande rosto do médico que examinava o seu, arquejou ruidosamente e desmaiou.

A seu tempo, Amani recuperou a saúde. O médico anunciou que o problema era o calor e dirigiu-se a Amani numa voz baixa mas firme, dizendo-lhe que não devia envergar roupas tão pesadas e escuras com o calor e a humidade de Gidá. Percebi pela sua expressão que ela nunca obedeceria às ordens do médico e que eu devia lembrar-me de deixar de viajar para Gidá durante os meses mais quentes de verão. A nossa família ficaria em Riade, onde o ar é seco, e a vida mais tolerável para as mulheres veladas.

O suplício psicológico de Amani estava longe de ter terminado. Ficou por demais escandalizada quando descobriu posteriormente que muitos empregados da nossa casa de Gidá tinham visto o seu rosto descoberto e que três dos motoristas haviam até vislumbrado a pele das suas pernas. A minha filha ficou tão agitada que o pai e eu tivemos de prometer que transferiríamos todos os empregados de Gidá para Riade quando visitássemos Gidá. Quando voltássemos a Riade, os mesmos empregados seriam devolvidos a Gidá. Ia ser um vaivém de empregados, só porque Amani se sentia demasiado constrangida na companhia daqueles que lhe tinham visto o rosto e as pernas.

Tudo o que era necessário para assegurar a paz de espírito de Amani me

parecia ridículo, mas não havia nada que não eu fizesse para aliviar o sofrimento de um filho, especialmente da minha filha grávida. E entretanto o tempo passara e Amani era mãe de um menino.

As minhas filhas não se viam há mais de um ano, no entanto, rapidamente houve atrito entre as duas. Maha regressara ao reino há apenas três dias, mas elas já discutiam incessantemente sobre praticamente todos os aspetos da vida quotidiana das sauditas.

Kareem foi refrescar-se para o serão, advertindo Maha: – Filha, por favor retira-te para o teu quarto e prepara-te para o jantar. Os nossos convidados não demorarão a chegar.

Eu sorri, feliz por Kareem ter lembrado a Maha o prazeroso serão que nos aguardava. Afinal, esperávamos um grande número de convidados para ver Maha. Desde o dia em que recebêramos a notícia de que ela vinha numa das suas raras visitas, que se planeara uma festa de boas-vindas. Praticamente toda a família organizara a sua ocupada agenda de modo a participar na celebração.

Sara e eu passámos muitas horas a planear o serão. Decidíramos servir os pratos árabes que Maha preferia, incluindo *al-kabsa*, *tahini* e galinha de tomate. Kareem tomara providências para que fossem servidos outros pratos nos jardins dos homens, para que Amani, que é vegana, não deparasse com o camelo inteiro recheado com cordeiro, galinha, ovos e arroz. Receávamos que a nossa filha, protetora dos animais, destruísse esse prato caso o descobrisse. Certa vez, Amani descobriu uma cria de camelo cozinhada, fez-lhe um funeral e mandou-a enterrar no jardim antes sequer de os convidados chegarem. Portanto, houve um grande secretismo à volta do prato de camelo, uma especialidade que os nossos convidados podiam saborear e apreciar.

Haveria também especialidades francesas variadas. O *chef* francês de Sara estivera ocupado nos últimos dias a fazer a sua deliciosa *bisque*, a *terrine* de salmão e o *pot-au-feu*. Um avião privado fora enviado a França e regressara com todo o tipo de queijos e *baguettes* franceses.

Tentei perceber se Maha obedeceria ao pai. Ela assentiu com a cabeça, mas não moveu um músculo do seu lugar no sofá.

Assim que Kareem saiu da sala, Amani retomou a discussão com a irmã. Tentando envolver também Sara, perguntou: – Tia Sara, o que pensa sobre as mulheres conduzirem?

Então, antes de Sara poder pensar numa resposta, as palavras de Amani

continuaram a brotar-lhe dos lábios: – Concorda que, se as sauditas conduzirem, os véus causarão problemas de visibilidade e acidentes? Ocorrido um acidente, a mulher seria forçada a ter uma conversa ilícita com o outro condutor. E se o condutor for um homem, alguém que lhe é estranho?

Sara fora apanhada de surpresa, por isso entrei na conversa, dizendo: – Minha querida, faz um favor à tua mamã e deixa esses tópicos controversos para uma altura mais apropriada.

Antes de Amani poder reagir, Maha deixou escapar um grunhido de irritação e saiu apressada da sala. Esperei que seguisse o conselho do pai e usasse o tempo para compor o cabelo e a maquilhagem.

Antes de a tensão ter oportunidade de se dissipar, porém, Maha regressou. Vi que fora buscar a sua carta de condução internacional e a abanava agressivamente em frente de Amani, dizendo: – A minha irmãzinha é uma daquelas tontas que têm estudos universitários mas não têm educação!

Nada podia deter Amani, que é tão teimosa e determinada como Maha: – A condução de automóveis por mulheres é fonte de inegáveis vícios. Mulheres a conduzir dá nisso, é óbvio.

Era frequente Amani citar *fatwas* emitidas por vários clérigos sauditas e eu reconheci as suas palavras, provenientes do xeque Abdul Aziz bin Baz, um clérigo saudita que foi grande mufti do país de 1993 até à sua morte, em 1999, com oitenta e oito anos.

Baz fez várias deliberações controversas, uma das quais que a Terra era plana. Disse: «A Terra é fixa e estável e foi concebida por Deus para a humanidade, para seu leito e berço, segura por montanhas para que não abane.» Depois desta afirmação, foi ridicularizado por muitos jornalistas. O meu pai disse ao Kareem certa vez que o (meio-)irmão mais velho, o rei Faisal, ficara tão irritado por Baz ter humilhado todos os sauditas com a sua ignorância que ordenou que fossem destruídos todos os papéis que mencionassem as suas palavras. Posteriormente, Baz declarou que o Sol gira à volta da Terra, embora tenha retirado a afirmação depois de o meu primo príncipe Sultan bin Salman ter ido ao espaço a bordo da nave *Discovery*. Quando este regressou à Arábia Saudita, diz-se que jurou ao clérigo que vira a Terra do espaço, e que a Terra girava e não ficava parada.

Outras deliberações de Baz tiveram a ver com manter todas as mulheres em *purdah*, ou isolamento, e por esta razão nunca gostei do homem. Outros discordavam de mim, porque ele era querido por muitas pessoas. Era um dos

clérigos preferidos de Amani, apesar de ter morrido quando ela era pequena.

Amani sabia de cor a *fatwa* de Baz sobre as mulheres serem proibidas de conduzir e citava orgulhosamente: «A depravação leva a que as mulheres puras e inocentes sejam acusadas de indecências. Alá decretou um dos mais duros castigos por um tal ato para proteger a sociedade do alastramento das causas da depravação. A condução de carros por mulheres, contudo, é uma das causas.» Maha dançava agora pela sala, cantando em voz alta: – Sou livre, Amani, enquanto tu usas correntes por vontade própria! – Saltava no ar como uma bailarina, erguendo a carta de condução como um troféu.

A minha filha é realmente muito dramática.

Maha prosseguiu com o seu discurso inflamado: – Sou livre! A minha irmã usa correntes!

Amani protestou vigorosamente.

Sara e eu ouvimos consternadas a discussão incessante. Estávamos ambas preparadas para intervir caso ocorresse violência física.

Maha dançou na direção da irmã. – Ouve, Amani. Tu estás na idade das trevas. Podias ser inteligente, mas procuras a ignorância e parecees gostar de aparentar fraqueza e ignorância, de ter homens a tomar decisões por ti, quando és totalmente capaz.

– Tudo o que fazes é *haram*, Maha – anunciou Amani com presunção, com a maior das certezas.

– Eu sou livre, Amani, de viver. Sou livre de pensar por mim própria. Sou livre de conduzir. Sou livre de ter pensamentos sobre qualquer coisa que queira. Sou uma mulher que é livre de toda a loucura que tu abraças com tanta adoração!

A minha cabeça girou como a Terra ao ouvir a afirmação seguinte de Maha, e até Sara se engasgou.

– Hoje enganei os velhotes todos. Vesti-me como um homem e peguei no *Mercedes* novo do Abdullah para dar uma volta pela cidade.

– Maha! – gritei. – Por favor diz-me que não é verdade! Humilhas os teus pais se fores apanhada vestida de homem a conduzir um automóvel.

– Oh, mãe – disse Maha com um risinho. – Nunca estive em perigo. Não usei maquilhagem. O Abdullah pintou-me um bigode de lápis muito realista na cara. Foi o Abdullah que falou sempre nas lojas, por isso ninguém ouviu nenhuma voz feminina.

A minha voz ficou mais aguda. – O meu filho soube disto?

Os lábios de Maha inclinaram-se de frustração. – O teu filho concorda comigo, mãe. É da opinião que todas estas regras antiquadas contra as mulheres deviam desaparecer, assim... – e estalou os dedos. – Espero que nos aguarde um bom futuro quando um dos jovens príncipes, como o Abdullah, for selecionado para rei. Se for o meu irmão, ele acabará com este disparate. Aí, só aí, regressarei ao meu país para aqui viver.

Eu preparava-me para dizer muito mais, para dizer a Maha que sabia que Abdullah não desejava ser rei da Arábia Saudita, pois o meu filho não era o tipo de homem que possuísse o desejo de mandar nos outros, mas nesse preciso momento ouvi as vozes de vários familiares que desciam o corredor até à sala. Os nossos convivas começavam a aparecer. A hora da tão esperada reunião familiar havia chegado.

– Continuamos a conversa mais tarde, Maha – prometi, com voz grave, apressando-me a sair para cumprimentar os nossos convidados. À saída, voltei-me para Sara: – Querida irmã, por favor orienta as minhas filhas e trá-las para a festa.

Sara assentiu com a cabeça. – Não te preocupes, Sultana – disse. – Em breve juntamo-nos a vós.

Mantive um olhar confiante até sair da sala para subir o longo corredor. Foi aí que senti os ombros descair de desespero e exaustão; testemunhara mais uma cena muito desagradável entre as minhas duas lindas filhas.

Nos últimos anos muitas vezes dera por mim a sonhar acordada com cenários maravilhosos de união e harmonia familiares. Esperara que os meus sonhos se concretizassem naquela noite.

Ao longo dos anos, procurara ter uma relação agradável com o homem que me dera a vida, apesar dos anos que ele passara a infligir-me dor, a mim, sua filha mais nova. Antes da horrível cena entre Amani e Maha, estava encantada por o meu pai ter finalmente aceitado um convite para vir a minha casa. Mas agora, com Amani e Maha num estado de tanta intransigência, eu sabia que, se acontecesse alguma briga na presença dele, eu não voltaria a ver o meu pai. Com a velhice, ele evitava resolutamente todo o conflito e eu sabia que ele não toleraria nenhuma cena desagradável entre aquelas duas jovens. Na verdade, se uma tal cena tivesse lugar, isso refletir-se-ia de forma nada lisonjeira tanto em mim como no meu marido.

Ocorreu-me o pensamento de que deveria esquecer a festa e barricar-me

atrás da porta impenetrável de aço que Kareem instalara recentemente.

Essa precaução fora tomada depois de Kareem se encontrar com um dos primos, um importante oficial dos serviços secretos do Ministério da Administração Interna saudita. O primo de Kareem revelou informações alarmantes a propósito do interrogatório de um jovem saudita que passara de cidadão cumpridor da lei a fervoroso defensor do radicalismo. O jovem estivera recentemente na Síria, onde lutara na guerra civil. Durante o interrogatório, divulgou informações preocupantes, relatando que operacionais da al-Qaeda se infiltravam pela nossa fronteira com o Iémen e se instalavam em aldeias pequenas do nosso reino. Tinham planos para, a partir dessas aldeias, lançar ataques contra membros do governo saudita. Um dos seus esquemas preferidos era conspirar para matar membros da família real saudita, pessoas como Kareem e eu e os nossos filhos.

Prossegui pelo longo corredor ao encontro do meu destino, fosse ele qual fosse. Tentei voltar a concentrar-me nas horas seguintes, rezando a Alá para que o serão que tinha pela frente me trouxesse alegria e diversão.

A FESTA

Como um canto de sereias, os diamantes cativam a maior parte das mulheres. Eu já não ouço esse chamamento. Perdi o desejo de ter joias caras no momento em que descobri a imensa alegria que se pode retirar da ajuda aos outros. Agora, quando me mostram joias requintadas, não imagino as pedras cintilantes à volta do pescoço, a penderem-me das orelhas ou agarradas aos meus pulsos. Em vez disso, penso naquilo que o seu valor pode proporcionar. Talvez permitam que uma criança curiosa tenha aulas numa boa escola, ou que uma mãe doente se sinta bafejada pela calma ao saber que sobreviverá e voltará para junto dos filhos, depois de receber cuidados médicos dispendiosos.

Encaminhava-me para uma situação onde teria uma dessas oportunidades, pois as vozes animadas que enchiam o corredor levavam-me a acreditar que alguns familiares desfrutavam já de uma empolgante reunião. Mas enganaram-me. Era uma joia cara que motivava muita da agitação.

Quando entrei na maior das nossas salas, ouvi distintamente as vozes de três das minhas irmãs mais velhas. O desalento invadiu-me quando vi as minhas irmãs Tahani, Dunia e Haifa muito juntas num círculo, desfazendo-se em exclamações ofegantes por conta do novo colar de diamantes de Dunia, que lhe dava quase pela cintura.

Sara descrevera-me a peça alguns dias antes, mas fiquei estupefacta ao ver que o comprido colar dava três voltas ao pescoço de Dunia. Tinham sido usadas muitas centenas de diamantes para compor uma peça tão substancial. Era muito maior do que eu alguma vez imaginara. Fiquei a olhar para o colar e a avaliá-lo. Cada diamante valia uma pequena fortuna. Cada diamante era suficiente para educar uma criança. Cada diamante era suficiente para

sustentar uma família pobre durante um ano. O brilho ofuscante dos diamantes de Dunia não me era minimamente apelativo.

Sara mencionara que a nossa irmã pagara muitos milhões de dólares pelo colar. Como mulher que se importa apenas com as coisas frívolas da vida, Dunia dedicara muitas horas à procura das joias mais extraordinárias e à aquisição de todas.

Não compreendemos a gravidade da obsessão de Dunia até Sara lhe oferecer um livro de colecionador, o *My Love Affair with Jewelry*. Mostrava a coleção de joias da lendária atriz americana Elizabeth Taylor. Desde a juventude que Sara tentara encorajar a nossa família a ler livros, mesmo que fossem livros com imagens e poucas palavras. Acreditava que a «visita guiada» de Elizabeth Taylor concederia a Dunia muitas horas de prazer. Na verdade, o livro trouxe uma doença bizarra que provocou uma crise.

Dunia ficou histérica, sem conseguir pensar, começando a gritar que tinha de ter o diamante Krupp, uma pedra de 33,19 quilates que fora um presente do marido de Taylor, o ator Richard Burton. Dunia chorou durante horas por conta de um segundo diamante, uma pedra de 69,42 quilates que Burton também comprara para a mulher.

O médico de Dunia foi chamado. Depois de receitar calmantes, ordenou-lhe que ficasse um mês em repouso total, de cama, com as cortinas corridas, para que não pensasse no mundo que se encontrava fora do palácio e nas joias que era possível possuir. Chamou as filhas de Dunia, dizendo-lhes que não deviam falar de joias.

Para nosso incomensurável espanto, o médico diagnosticou a Dunia o primeiro caso conhecido de «vírus das joias de Elizabeth Taylor»! Enquanto Dunia recuperava, uma das filhas teve a sensatez de fazer desaparecer o livro; na verdade, queimou-o, para a mãe não ser tentada a sofrer mais uma vez de inveja ao ponto de ficar doente.

Aparentemente, Dunia recuperara da sua «angústia elizabeth-tayloriana» e parecia muito contente com o seu quilométrico cordão de diamantes. Escutei-a dizer numa voz que pretendia ser ouvida: «Não digas nada, mas este colar é mais caro do que as peças mais fabulosas que o tio Fahd comprou para a Jawhara.»

Por tio Fahd, Dunia referia-se ao rei Fahd, que era meio-irmão do nosso pai e um tio querido, de que todos gostávamos muito. A sua morte, no primeiro dia de agosto de 2005, constituiu um golpe horrível para a minha

família mais próxima, pois foi nesse dia que o centro do poder saudita foi transferido para outra unidade da nossa grande família.

O nosso avô, o rei Abdul Aziz, tinha muitas esposas de variadas tribos sauditas e elas deram-lhe muitos, muitos filhos – e ainda mais filhas. Embora todos os filhos fossem pretendentes ao trono, por linhagem, apenas doze dos netos do meu avô eram sérios candidatos ao lugar.

Jawhara era a esposa preferida do tio Fahd e mãe do seu filho mais amado, o mais novo, Abdul Aziz bin Fahd. No nosso mundo, o filho mais velho é o mais importante aos olhos do pai e da comunidade; mas o filho mais novo é geralmente o mais amado. Ambas as posições, a primeira e a última, originam um certo favoritismo.

A princesa Jawhara é uma mulher única. Mesmo depois de o nosso amado tio deixar esta vida, Jawhara conservou o respeito da nossa família. Pertencia ao grupo que acompanhava o rei Abdullah, meio-irmão e sucessor do marido, em viagens para fora do país. É raro acontecer tal coisa na Arábia Saudita. Depois de o marido falecer, as esposas geralmente retiram-se para segundo plano e nunca mais se veem nem se ouve falar delas, a não ser no círculo estrito da família imediata.

Sempre suspeitei que várias das minhas irmãs tinham ciúmes da beleza de Jawhara e do seu estatuto preferencial. Mas sempre gostei dela, por uma série de razões, mas principalmente porque veio a público falar a favor da educação das raparigas muito antes de outras mulheres terem coragem suficiente para se fazerem ouvir. Nesse tempo, até a mulher do rei costumava permanecer invisível para o público. Mas Jawhara usou a inteligência para melhorar a nossa terra, granjeando um bom nome para si e para o nosso país. E, apesar da preeminência da sua posição, sempre me pareceu uma pessoa amável que não se tinha em maior conta do que as outras. O reino da Arábia Saudita precisa de muitas mulheres assim para nos transportarem para o futuro.

O mais provável era Dunia ser uma das irmãs mais ciumentas pois, sendo a mulher preferida do rei Fahd, Jawhara acumulara uma enorme riqueza. Provavelmente possuía mais joias do que a maior parte das mulheres da realza juntas.

Contemplei a minha irmã, uma mulher bonita que possuía riqueza, saúde e o amor da família. Contudo, nenhum desses atributos mitigava a sua sede de adquirir mais e mais, particularmente joias. Dunia é dez anos mais velha do

que eu e, no entanto, não aprendeu, com todos os seus anos de vida, que os enfeites caros não trazem felicidade. Não compreende esta importante verdade. Senti-me triste pela minha irmã, por receio de que nunca conheça a verdadeira felicidade.

Naquele momento, Dunia confidenciou orgulhosamente: – Minhas irmãs, também participei no *design* do colar. O *designer* diz que a minha contribuição tornou o colar uma peça única.

Nesta mesma altura, a minha atenção desviou-se de Dunia, porque vi o meu irmão assomar à porta. Entrou devagar, olhando com lascívia para uma das nossas criadas, uma rapariga indonésia muito bonita chamada Sabeen, nome que significa «aquela que segue». Sabeen, nova na nossa casa, era uma rapariga inocente que estava feliz por ganhar um bom salário para enviar para casa, para os pais, a fim de pagar a educação dos dois irmãos mais novos. Ocorreu-me que devia avisar Sabeen para permanecer longe do alcance de Ali. A rapariguinha constituía um acréscimo encantador ao nosso pessoal e eu estava determinada a protegê-la da lascívia dos homens. Este voto incluía os homens da minha própria família, pois o meu irmão e os seus dois filhos eram conhecidos pelo desejo de se deitarem com todas as mulheres atraentes que cruzavam a sua órbita. Olhei para Sabeen com um sorriso encorajador. Ela equilibrava cuidadosamente um tabuleiro carregado de copos de sumo de ananás, maçã e arando fresco.

Suspirei profundamente e olhei de sobrolho franzido para o meu irmão, tão preocupado em observar a bonita Sabeen que nem reparou no meu desagrado. Continuei a olhá-lo por outras razões. Não via Ali há mais de um ano e fiquei surpreendida ao deparar com as grandes bolsas que tinha debaixo dos olhos e as bochechas descaídas que abanavam enquanto ele andava. Até a sua barriga flácida se agitava a cada passo que dava. Era uma visão oscilante!

O meu irmão é um homem autocomplacente e, como tal, envelheceu pior do que a maioria. Desde adolescente que Ali não faz qualquer esforço para refrear o seu apetite por muitos vícios, incluindo comer em excesso e fumar. Amani, que é próxima de uma das suas filhas, contou-me recentemente que Ali começou até a beber álcool em excesso.

Como pessoa que outrora dizia falsidades e se esgueirava para beber do proibido álcool, sei demasiado bem que esses líquidos nocivos são maus para o corpo humano, assim como para o nosso bem-estar psicológico. Tenho

gosto em dizer que não bebo uma gota do líquido proibido há mais de sete anos, embora admita que foi muito difícil interromper o padrão viciante de recorrer ao álcool de cada vez que me sentia ansiosa ou deprimida com os disparates dos meus filhos ou irritada com o meu marido.

De repente, ouvi o meu nome e vi a «pequena Sultana» correr na minha direção. Ah, alegria! A primeira dos meus netos – a minha única neta e homónima – é uma beldade. O cabelo preto-azeviche chega-lhe à cintura, a sua pele de azeitona é perfeita, e os seus olhos, negros como a noite, o corolário da sua beleza. Alá abençoou-a com uma aparência rara e maravilhosa.

Embora seja um enorme presente recebido sem esforço, a beleza física pouco importa em comparação com o carácter de uma pessoa. Sinto-me muito grata, porque a nossa pequena Sultana chegou a esta terra com a predeterminação divina de possuir elevada inteligência, uma disposição radiosa, uma alma boa e um espírito generoso, que reconhece imediatamente aqueles que são menos privilegiados. Embora contasse apenas sete anos na altura, tinha consciência da necessidade de ser amável e generosa com os outros. Desde a tenra idade de seis anos que era frequente esvaziar o quarto dos seus brinquedos, jogos, roupas e livros preferidos para o pai distribuir os seus tesouros pelas enfermarias das crianças nos hospitais locais, ou pelos pobres das aldeias pequenas.

Nunca esquecerei a altura em que lhe descobri este traço de generosidade. Visitava a casa do meu filho Abdullah, quando testemunhei a generosidade invulgar da pequena Sultana. Eu estivera na Europa a visitar Maha e, no regresso à Arábia Saudita, passara por Londres para fazer compras num dos meus sítios preferidos, os enormes armazéns Harrods. Lá, seleccionara algumas roupas de estilistas famosos para vários membros da família, em particular para os meus netos. Comprara igualmente umas bugigangas adoráveis para o longo cabelo da pequena Sultana. O Harrods tem uma série de coleções com invulgares bandoletes, fitas e ganchos de metal para as raparigas e as mulheres darem elegância às suas tranças. Claro que também escolhi alguns jogos e brinquedos especiais.

Encontrava-me entusiasmada por levar as minhas prendinhas aos dois filhos do meu filho, a pequena Sultana e Faisal, o seu irmão mais novo, então bebé e ainda incapaz de andar. Faisal dormia quando cheguei, por isso instalei-me para desfrutar da visão da pequena Sultana a abrir os seus

presentes.

Primeiro, a minha neta ficou entusiasmadíssima e deteve-se a examinar os vestidos, as carteiras em miniatura, os acessórios para o cabelo, os sapatos, jogos e brinquedos. Mas, depois, ficou inusitadamente silenciosa. A sua testa pequena enrugou-se e os seus lábios cheios comprimiram-se, como se pensasse em algum assunto sério de mais para uma criança tão pequena. Fiquei com o coração partido quando ela se sentou aos meus pés, me agarrou os joelhos e me disse na sua voz de criança: – *Jadda* (significa «avó»), tenho coisas bonitas de mais para uma criança só.

– O quê?! – exclamei, lançando um olhar inquiridor a Zain, minha nora, mãe da pequena Sultana.

– *Jadda*, uma professora da escola falou-nos das pessoas pobres. Soube que há pessoas que vivem no nosso país que não têm roupas bonitas, nem livros nem brinquedos. Quero partilhar os teus presentes com uma menina que não tem nada.

Foi uma das raras vezes na minha vida em que dei por mim sem palavras. Na minha mente, a pequena Sultana era jovem de mais para ter ideias daquelas. Toda a gente sabe que as crianças costumam viver muito para si próprias, porque são crianças. Queria que os meus três netos desfrutassem de ser crianças, sem qualquer cuidado ou preocupação. Não sabendo o que dizer, agitei os braços no ar e lancei um olhar inquiridor à mulher de Abdullah: – Zain? O que é isto?

Zain, que sabe sempre o que dizer, estava perdida. – É novo, pode crer; e bastante estranho.

Voltei a concentrar-me na minha neta, dizendo: – Querida, és um amor por queres partilhar. A partilha é uma coisa boa, que deve fazer-se, pois a caridade é uma das coisas mais importantes que se esperam de um muçulmano. Por isso, concordo que devas partilhar. Mas porque não vamos ao teu quarto escolher alguns dos teus vestidos e brinquedos mais antigos? – Parei durante um bom momento. – E, assim, podes ficar com as coisas lindas que a tua *jadda* te comprou em Londres.

A pequena Sultana fitou-me pensativamente com uma ponta de desilusão. – *Jadda*, estás a dizer-me para ficar com as coisas mais bonitas para mim e dar as coisas velhas aos outros?

– Sim, é isso que estou a dizer, bonequinha – respondi com entusiasmo algo excessivo, pois desejava ver a minha Sultaninha com a roupa que lhe

comprara.

A minha preciosa neta olhou para mim durante um bom bocado e respondeu sabiamente, proferindo muito lentamente as palavras. – *Jadda*, se eu der uma coisa que não quero, isso não é o mesmo que não dar, afinal?

Muda de surpresa e embaraço, acenei afirmativamente com a cabeça. Levantei-me para começar a reunir todos os tesouros que comprara para a pequena Sultana, enfiando-os no embrulho maior e colocando-os num canto da sala. – Sim, querida, tens razão – disse. – Vamos falar com o teu pai, para ele se certificar de que encontra umas meninas que não tenham nada. Em breve terão muitas coisas maravilhosas.

Fiquei a saber que, dali em diante, teria de comprar sempre dois presentes de cada, na esperança de que a pequena Sultana acedesse a dar um exemplar e a ficar com o outro para si.

Mais tarde, quando discuti a reação da pequena Sultana com o meu filho Abdullah, ele não ficou muito surpreendido: – Mãe, esta pequenita está a ensinar-nos a todos – disse, e sorriu com orgulho.

O meu filho ama loucamente filha, pelo menos em comparação com muitos pais sauditas que ainda se encontram firmemente agarrados ao desejo de um filho em detrimento de uma filha. Ama a filha com um amor puro desde o momento em que ela se juntou a nós.

O meu filho é tudo aquilo que eu sonhei que ele fosse. É inteligente, amável e generoso. E, acima de tudo, acredita com grande certeza que as mulheres têm tanto valor como os homens. Isto é uma raridade na minha cultura.

Tristemente, outros não sentem o mesmo, como demonstram as reações dos familiares da pequena Sultana por parte da mãe – os pais, avós, irmãos e primos de Zain. Nem mesmo o meu filho, que é um poderoso príncipe, pode fazer grande coisa por aqueles que louvam o nascimento e a existência do seu filho Faisal e ignoram a sua filhita. Felizmente, Zain comunga do sentir do marido e também ela fica desiludida com o comportamento da sua família. Mas, na Arábia Saudita, é preciso avançar com muito cuidado e, além disso, Zain é uma pessoa doce e amorosa que evita confrontos.

E é assim que a minha neta, apesar de ter nascido princesa e rica, está longe de ter uma vida perfeita. Embora, para o pai, a mãe e os avós paternos, ela seja a Lua e as estrelas, tem de lidar com o problema de ter nascido rapariga nesta terra e ser considerada uma criança sem real valor.

Contudo, a pequena Sultana enfrenta estes preconceitos com a sensatez de alguém muito mais velho do que ela. Embora seja forte como a avó Sultana, encara os seus adversários com calma sabedoria e não com o método da avó, de reagir ao sexismo com hostilidade e agressividade.

Como mulher que lutou a vida inteira para consciencializar quem despreza e diminui as mulheres, aquelas reações à minha preciosa neta não só me entristecem, mas também originam em mim muita desilusão e raiva. No entanto, com o passar dos anos, aprendi que ninguém pode forçar outra pessoa a adotar as suas crenças e valores. Talvez a minha neta tenha êxito onde eu falhei, já que é dona de uma personalidade mais doce do que a da avó. No passado, receio ter sido demasiado agressiva, o que não raro afastou as pessoas.

A nossa reunião familiar foi um momento feliz para a pequena Sultana, que gritou de alegria como se não nos víssemos há meses, quando, na verdade eu passara horas com ela no dia anterior.

– *Jadda! Jadda!* – gritou a pequena Sultana, esticando os braços para que me inclinasse e ela me pudesse beijar o rosto e oferecendo as suas bochechinhas aos meus beijos.

Quando encostei o rosto aos seus caracóis perfumados, Ali colocou-se a meu lado, dando-me um toque com o cotovelo e dizendo: – Alá seja louvado, que esta pequena beldade dará uma mulher de primeira categoria para qualquer homem.

Eu virei-me como um tigre enraivecido para o meu irmão, que já via a minha neta como escrava de um qualquer homem, talvez de um dos seus tumultuosos netos, destinados a transformarem-se em adultos como ele. Sibilei-lhe ao ouvido de forma que a pequena Sultana não pudesse ouvir: – A tua língua é um poço de fealdade, com as palavras revoltantes que profere, meu irmão. Esta criança não servirá homem algum.

Ali, como era hábito, fez uma careta de espanto perante a minha réplica afiada, pois o meu irmão viveu a vida inteira sem ajustar as suas filosofias a ideias mais desenvolvidas. Não faz a mínima ideia do quanto é ignorante em humanidade. No dia em que Alá o levar desta terra, receio que parta convencido de que todas as mulheres nascem apenas para servir os homens no quarto e na cozinha.

Naquele momento, a pequena Sultana correu a cumprimentar Maha, que entrava na sala com a confiança e o poder formidável de uma mulher que

sabe que controla o seu destino. Todos se voltaram para olhar para a minha dramática filha, que a cada ano que passa ganha uma aparência mais singular.

Rezei silenciosamente a Alá, para que permitisse que Maha pusesse de lado a hostilidade que sentia à nossa terra e às suas tradições até ao fim da noite.

O meu irmão também reparara na entrada de Maha. Ali nunca tivera uma boa relação com nenhuma das minhas filhas, possivelmente porque Maha e Amani tiveram uma educação mais calorosa e branda do que a das suas filhas. As minhas filhas sabem que são amadas e que os seus sentimentos e opiniões são valorizados por nós, seus pais; as filhas de Ali vivem com medo do pai.

Ali divertiu-se com os tormentos que passei às mãos das minhas filhas. – Ah, Sultana – retorquiu com um risinho satisfeito, olhando para Maha. – A minha memória falhou-me até agora. Maha regressou, por isso presumo que a infelicidade esteja de visita ao teu palácio. Perdoo o teu mau feitio, irmãzinha.

O meu mau feitio estava seguramente a emergir, pois sentia o corpo inteiro a arder. A minha língua encontrava-se prestes a emitir uma reprimenda venenosa, quando a nossa irmã Sara se colocou ao nosso lado, desanuviando a situação. – Ali, irmão, preparámos os teus pratos árabes preferidos especialmente como tu gostas. – Sara olhou em redor. – Diz-nos, onde está a Sita?

Sita era a última esposa do meu irmão, a oitava mulher que desposara desde que se casara pela primeira vez, quando jovem. Ali, como o meu pai, só pode ter quatro esposas de uma vez, de acordo com a lei islâmica. Mas ambos os homens têm o hábito de se divorciarem de esposas que não lhes agradem para se casarem com mulheres mais novas.

Sita é uma mulher de uma beleza deslumbrante, de uma família sunita pobre, da Síria. Salman, um dos filhos mais novos de Ali, conheceu o irmão de Sita num café de Damasco durante umas férias naquela região. O irmão de Sita mencionara que a sua irmã mais velha era tão bonita que os pais estavam a guardá-la para alguém que tivesse tanto ouro quanto o seu peso. Quando surgisse um homem assim, acordariam o dote dourado. Salman, que chegara à idade em que os jovens anseiam casar, ficou interessado na mulher cuja beleza devia ser mais magnífica do que a de uma estrela de cinema. Pediu

para ver uma fotografia. Depois de a ver, Salman ficou imediatamente apaixonado. Partiu da Síria com a fotografia no bolso, de regresso à Arábia Saudita, onde contou a história ao pai.

Ali ficou interessado, mas pela razão errada. Logo que o meu irmão calculista viu a elegância e a beleza da prometida, perguntou a sua idade. Ao saber que ela tinha mais três anos do que o filho, encontrou a desculpa pretendida. Insistiu que a rapariga era demasiado madura para um rapaz de apenas vinte e um anos. Ali foi inflexível na recusa do pedido de Salman, de um dote em ouro, embora a quantia não fosse maior do que aquilo que o meu irmão gasta por mês em frivolidades.

Apesar das súplicas do filho, uma semana depois o implacável Ali mandou um representante encontrar-se com a família para combinar o seu casamento com Sita. Sem negociar, Ali pagou o dote pedido, que consistia no peso de Sita em ouro. O preço foi elevado, porque Sita é uma rapariga alta e, embora não seja gorda, também não é muito magra.

Sara disse-me então: – Oh, Sultana, o filho de Ali saiu do palácio do pai num estado peculiar de fúria e recusa-se a regressar ao reino. Talvez nunca volte a falar com o pai, e quem pode censurá-lo?

Como seria de esperar, Ali desconsiderou o assunto, segundo Sara. – O meu irmão não tem alma – respondi, enraivecida. De certeza que a maior parte dos homens quer agradar aos filhos e fazê-los felizes, mas Ali colocase sempre a si próprio antes de qualquer pessoa, até mesmo dos filhos.

No início, estava preparada para sentir pena de Sita, pois o meu coração sofre por qualquer mulher que case com o meu irmão. Mas, pelas minhas observações, alegrou-a tanto ter casado com um homem rico que pareceu não reparar que o marido é um homem corpulento e com mais trinta anos do que ela, parecendo até mais velho do que é. Na verdade, numa festa de uma das minhas sobrinhas, Sita disse-nos a todos sem rodeios: – A minha família ainda celebra, pois a sua fortuna está feita. Ali insistiu que eles ficassem com o ouro do meu dote e eles construíram uma casa boa e estão a mandar os meus irmãos mais novos para uma das melhores escolas. O meu bondoso marido contratou três dos meus irmãos e, agora, também eles têm como pagar um dote. Todos planeiam casar dentro de um ano.

Não conseguia imaginar Ali a mostrar sentimentos ternos para com Sita, embora Sara dissesse que reparara que Ali estava muito atento à sua nova noiva. Imagino que os sentimentos de Ali por Sita se manifestassem por

conta da atividade que tinham no quarto, mas Sita também não parecia desagrada, por isso guardei a minha compaixão para outras mulheres – aquelas que sofriam verdadeiramente.

Entretanto, reparei que o barulho aumentara e olhei para a entrada. Vi o meu pai envelhecido dirigir-se para a sala. Tinha-se em pé, mas por pouco. Dois criados seguravam-lhe nos braços, um de cada lado, enquanto um terceiro se mantinha atrás dele caso se desequilibrasse para trás. O meu pai aproxima-se do final da vida e, apesar da nossa história volátil, os meus sentimentos suavizaram-se ao longo dos anos, pois todas as filhas desejam ter o afeto dos pais.

Mal entrou na sala, foi rodeado por quase todos os que se encontravam na festa. Olhando para o seu corpo frágil e recordando o homem forte e poderoso que ele fora, vieram-me lágrimas aos olhos. Ultimamente, tentava pensar nas coisas que o meu pai tinha de bom. Tentava ser caridosa com ele e, agora, acreditava que devia estar grata por muitas coisas. O meu pai era a razão pela qual muitas pessoas boas se encontravam vivas naquele momento.

Tal como Ali, o meu pai foi perito em se divorciar da esposa menos favorecida para abrir espaço para uma nova, por isso aconteceu o meu pai casar-se doze vezes durante a sua longa vida. Nove dessas mulheres deram-lhe filhos – vinte e sete filhas e vinte filhos, dos quais quarenta e cinco ainda se encontram entre os vivos. As filhas e filhos geraram muitos netos, e agora esses netos geravam bisnetos. Ainda bem que a nossa família acumulou uma grande riqueza, pois há muitas bocas para alimentar, muitos cérebros para educar e muitos corpos a precisar de roupa e abrigo.

Embora ele nunca tenha sido um pai carinhoso para as filhas, foi sempre um homem que cuidou bem da família e isso conta para alguma coisa, imagino. Os filhos e netos amam-no com grande intensidade, pois nunca mostrou outra coisa senão afeto aos elementos masculinos.

Muitos anos atrás, os meus filhos, como brincadeira, haviam dado ao pai um ofuscante trono coberto de imitações de joias. Foi comovente ouvi-los dizer ao pai que sabiam que ele nunca seria rei da Arábia Saudita mas que, aos olhos deles, era rei. O trono tem um assento dourado e joias cintilantes ao redor das costas e das pernas. É bastante esplendoroso e já deu origem a muitas conversas excitadíssimas com os nossos convidados, pois muitos acreditavam que as joias e o ouro são verdadeiros, quando de facto isso não

é verdade.

O meu pai nunca vira o trono, mas na festa os seus olhos iluminaram-se de deleite ao ver o fascinante cadeirão. Indicou a Abdullah que queria sentar-se nele.

As crianças todas riram e aplaudiram quando o meu pai tomou o lugar de honra. Ali ficou, fitando o mar de rostos e agraciando com sorrisos todos eles, qual monarca benevolente. Chegou mesmo a dirigir um largo sorriso às filhas, netas e bisnetas.

Senti-me feliz, satisfeita por o meu pai desfrutar de um raro momento de alegria na velhice. Ouvi de Sara que ele sentia muita amargura por estar a envelhecer e a adoecer, e que habitualmente era intratável.

Depois, reparei que Abdullah e Amani saíram da sala e regressaram rapidamente com os dois filhos, para os apresentar ao bisavô, que nunca vira nem um nem outro. Abdullah trazia nos braços o seu filho Faisal, enquanto o pequeno Khalid se aninhava feliz nos braços de Amani. Permaneci silenciosa vendo o meu pai sorrir com satisfação e acenar com a cabeça em aprovação dos meus dois netos. Tudo estava bem, quando Sultana, pequenina e entusiasmada, correu para junto do pai. Senti o coração apertado de receio de que o meu pai insultasse a bisneta, tal como me desprezara quando eu era criança.

Mas a pequena Sultana não sabia o que era ter receio do meu pai. Olhou pensativamente para ele e para o trono que ele ocupava e, para deleite de todos, fez uma vénia perfeita e profunda.

O meu pai saboreou o momento, sorrindo de prazer com a filha de Abdullah. Imagino que, naquele instante, o meu pai acreditou que era um verdadeiro rei. Passou a mão pela cabeça e pelo rosto da pequena Sultana e disse algo elogioso. Uma expressão de pura alegria assomou ao rosto pequenino de Sultana, e essa alegria encontrou espelho no rosto de Abdullah. Os meus familiares começaram a aplaudir, pois tinham visto algo que nenhum de nós sonhara ser possível. O meu pai dera a sua total atenção e manifesta admiração a uma criança do sexo feminino.

Nesse mesmo momento, Kareem veio colocar-se a meu lado e enlaçou-me pela cintura, cingindo-me delicadamente com a mão. O meu marido e eu olhámos profundamente para os olhos um do outro, sabendo que estávamos ambos tão felizes quanto era possível. Há alturas na vida em que tudo parece perfeito, e este foi um desses momentos.

O MEU PAI

Foram muitas as vezes, ao longo dos anos, que experimentei duas emoções em simultâneo – alegria e dor. Naquela noite fabulosa, as relações estreitaram-se maravilhosamente, proporcionando-me a alegria rara da proximidade com a família. Conhecendo as minhas duas filhas como conhecia, preocupava-me que antes de a noite acabar elas fizessem alguma cena que estragasse a festa. Caso isso acontecesse, a dor ensombraria o prazer, embora na altura eu esperasse que tal não viesse a acontecer.

Seguiram-se explosões de alegria, quando os mais atrasados chegaram. Assad, o devoto e eternamente apaixonado marido de Sara, assomou com um sorriso aberto, segurando a mão da sua linda filha Nashwa.

Nashwa é a segunda dos filhos da minha irmã e nasceu no mesmo dia em que dei à luz o terceiro e último dos meus filhos. Ambas as nossas filhas nasceram com personalidades complicadas e problemáticas. Na verdade, por mais difícil que Amani tenha sido, prefiro os esforços a que me obriga aos desafios que Sara enfrenta com Nashwa. Nashwa testou a reconhecida paciência de Sara em mais ocasiões do que eu conseguiria registar.

É complicado retratar Nashwa na sua juventude. Como é que se descreve o poder e a força de um *tsunami*? Em termos simples, Nashwa pode ser descrita como uma criança ruidosa, quando era novinha, uma miúda selvagem, nos anos da adolescência, e depois, como um milagre direto de Alá. Na data exata do seu décimo nono aniversário, Nashwa tornou-se uma filha exemplar. A rapariga que outrora fora tão ruidosa e problemática tornou-se uma jovem sossegada e satisfeita, e a sua inteligência revelou-se. A energia que anteriormente despendera nas questões proibidas da vida das mulheres da Arábia Saudita foi canalizada para os estudos. Tão subitamente

como um raio de Sol inesperado e ofuscante que irrompe na Terra, Nashwa passou de rapariga malcomportada a rapariga exemplar. De um momento para o outro, Nashwa transformou-se numa mulher tão notável como a mãe.

As notas de Nashwa eram tão más que nenhuma escola da Arábia Saudita a teria aceitado como aluna não fora ela uma princesa. Mas, depois desse dia espantoso, rapidamente passou a ser das melhores alunas do primeiro ano da universidade. Rapidamente ultrapassou todas as colegas. Nashwa exprimiu então interesse por arquitetura, mas, visto que não existia na Arábia Saudita uma universidade à altura das suas ambições, pediu transferência para uma prestigiada universidade dos Estados Unidos, na qual concluiu uma licenciatura na sua área de eleição, tendo recebido as mais distintas notas e honras. Depois da licenciatura, não procurou ficar no estrangeiro, como a minha Maha. Nashwa estava desejosa de regressar à Arábia Saudita para, com a sua educação e o seu talento, ajudar a conceber vários edifícios de Gidá, aclamados pelos seus *designs* únicos. Maravilhada, Sara informou que a filha, outrora ardilosa e calculista, se mostrava séria e dedicada à sua arte, sempre a falar dos seus projetos e interessada apenas em trabalho.

Não obstante, uma preocupação rondava o coração de Sara. A minha irmã estava cada vez mais apreensiva por Nashwa nunca exprimir interesse por se casar e ter filhos, mesmo que Assad, o pai, lhe assegurasse que poderia ter uma carreira e ser igualmente esposa e mãe. Nashwa, tal como Maha, era imensamente afortunada por pertencer à família real e ser filha de um homem que desejava ver as filhas superarem-se.

Sara e eu somos ambas abençoadas por termos conhecido os homens com os quais casámos, dois irmãos com atitudes comparáveis quanto ao amor, casamento e filhos. Assad e Kareem não têm nenhum preconceito sexista no que toca às filhas.

Visto que Amani celebra o mesmo dia de aniversário que Nashwa, Sara sempre sentiu que as nossas filhas comungariam certamente de uma compreensão rara e uma intimidade natural. Sara, que testemunhara a facilidade com que Amani abraçara o casamento e a maternidade, começou a pensar que essa felicidade e esse contentamento pudessem influenciar Nashwa. – Sultana – sugeria repetidamente –, por favor convida a Nashwa para ir ter com a tua família nos dias em que a Amani te visita com o pequeno Khalid.

Essa sugestão de Sara fazia-me sempre rir. A minha querida irmã

compreendera mal a realidade da história de Amani e Nashwa. As nossas duas filhas nunca gostaram realmente uma da outra. Quando eram pequenas, brincavam juntas, mas apenas porque se encontravam inúmeras vezes. Depois de Amani experimentar em Meca o encontro religioso com Deus que alterou a sua vida, quaisquer intenções de amizade chegaram ao fim. Foi culpa de Amani – a minha filha começou praticamente a perseguir a prima, a descontrolada e errática Nashwa, fazendo tudo o que podia para a converter à sua forma purista de pensar e viver. Nashwa resistiu a todas as tentativas; na verdade, parecia detestar Amani. A bem dizer, muitos familiares também sentiam que Amani era insuportável, por conta da forma como falava e se comportava. Nem mesmo os irmãos tinham paciência para as suas críticas ruidosas e agressivas.

Nunca conseguirei esquecer o horrível dia em que Rana, minha sobrinha por parte da minha irmã mais velha, Nura, quase morreu ao tentar escapar a Amani.

Eu levava Maha e Amani comigo numa visita a Nura. Geralmente, as nossas raparigas entretinham-se umas com as outras, enquanto Nura e eu passávamos um bocado agradável, à conversa sobre os últimos acontecimentos da família Al Saud alargada. Com milhares de tias, tios e primos, havia sempre histórias fascinantes para partilhar e analisar. Noutras alturas, a minha irmã e eu virávamo-nos para as recordações. Podíamos passar horas a recordar os tempos ingênuos que passámos com a nossa amada mãe, lembrando histórias da extraordinária mulher que nos deu vida, nos amou, tentou ensinar-nos a distinguir o bem do mal e, principalmente, lutou para proteger as dez filhas do pai severo.

Aquela visita específica a Nura ocorreu cerca de um ano depois de Amani se ter tornado religiosa ao extremo. Nura, que é uma das mulheres mais calmas e gentis à face da Terra, cumprimentou-nos com amizade, chamando as duas filhas mais novas para nos acompanharem no chá. Quando o chá chegou, todas exclamámos ao ver as minúsculas sanduíches. Pareciam as sanduíches servidas nos mais luxuosos hotéis britânicos, no chá da tarde.

Nura ensinara às filhas maneiras exemplares, por isso as minhas, habitualmente tumultuosas, sentiram-se aplacadas pela bondade e sentaram-se calmamente, a comer a deliciosa comida com gosto, pois ambas tinham dormido até depois do almoço. A visita social, portanto, começara bastante bem.

No fim daquele miminho, todas pronunciámos o costumeiro «*Alhamdulillah*», que significa «graças a Deus». A querida Amani prosseguiu, com as palavras «*An'am Allah alaikum kather Allah kherkum*», pedindo a Alá que fosse generoso com a nossa anfitriã. Nura ficou contente com Amani, pelos votos que ela exprimira, e abriu um sorriso.

Eu acariciei o joelho da minha filha, para que ela soubesse que o seu comportamento me agradara.

Nessa precisa altura, entrou na sala uma das criadas mais tímidas de Nura, do Sri Lanka, para levantar os pratos e os guardanapos. Surgiu outra criada com água quente para lavarmos as mãos. A água escorria-nos dos dedos para uma pequena taça de porcelana disposta para esse mesmo propósito. Usámos a água para refrescar também os lábios e a boca. Para secar os lábios e as mãos, usámos as pequenas toalhas que nos foram entregues.

Tal como é costume, entrou uma terceira criada na sala balançando uma pequena vasilha com incenso, cujo fumo puxámos para nós com a mão direita. Por fim, uma quarta criada verteu-nos um perfume de cheiro doce nas mãos.

Estávamos refrescadas, com tudo a correr na perfeição, e desejosas de passar várias horas em visita a trocar notícias.

A filha mais nova de Nura, Rana, pediu educadamente licença e saiu da sala durante um momento para compor o batom. Quando regressou, trazia consigo um pequeno estojo cravejado de joias, dizendo a Maha: – Olha para este estojo. As pedras parecem diamantes, mas não são. – Riu, dizendo: – Já não compro pedras verdadeiras porque a mãe diz que é melhor não desperdiçar o dinheiro, que o petróleo que se tira da terra não volta para lá.

– Isso é bem verdade, Nura – corroborou Maha, com um aceno de cabeça.

Desde pequena que Maha era sensível ao nosso planeta e ao desperdício de tantos recursos. Maha nunca fora criança de pedir mais do que aquilo de que necessitava, e olhava agora para Rana com um novo sentimento de apreço – todos gostamos de alguém que partilha as nossas ideias.

Rana sorriu radiante, sentindo-se parte importante da tarde. O seu sorriso enorme chamou a atenção para o batom, que era de um tom muito arrojado e brilhante de lilás, algo que não se via habitualmente na Arábia Saudita conservadora daquela altura.

Subitamente, a agradável visita converteu-se num duro pesadelo. Por nenhuma razão que eu consiga imaginar, Amani começou a criticar

cruelmente a prima. A sua voz era baixa mas as palavras eram severas: – Rana, estás coberta de pecado com essa sombra azul e feia nas pálpebras e esse batom sinistro nos teus lábios grandes. Querida prima, por favor lembra-te de que és muçulmana e que o que estás a fazer é proibido pelo próprio Deus.

– Amani! – disse eu de um fôlego, envergonhada. – Pede desculpa à tua prima. – Lancei um olhar a Nura, que se encontrava num estado de perplexidade. – Nura, querida irmã, peço desculpa pelas palavras desagradáveis da minha filha.

– Não peças desculpa por mim, mãe – protestou Amani, irritada. – Estou só a tentar ajudar a minha prima a viver como nos é ordenado. Devias aliarte a mim para ajudar a Rana a viver uma vida de crente. – Amani pôs-se em pé e começou a caminhar na direção de Rana para proferir críticas adicionais. Foi então que a pobre Rana saiu a correr da sala, chorando, pois ficou profundamente ofendida com as palavras implacáveis da minha filha.

Nura olhou para Amani incrédula, pois Nura tem o bom coração de uma mulher que nunca magoaria outra pessoa. Educara as filhas para serem igualmente atenciosas. Apoiou-se nas mãos para se erguer e começou a andar o mais rápido que o corpo pesado lhe permitia, chamando por Rana: – Querida, não fujas!

Maha levantou-se e empurrou a irmã. Maha é uma rapariga alta e grande, forte e enérgica, enquanto Amani é fisicamente delicada.

– Amani! – gritou Maha. – És louca ou simplesmente má? – Maha olhou para mim, exclamando: – A Amani é má, mãe!

Triste, concordei com a cabeça. Não podia negar que as palavras de Amani eram muitas vezes cruéis. No entanto, por mais que ela prezasse as suas opiniões, não poderia haver desculpa para uma tal hostilidade.

Ainda sem saber que fazer para voltar a ter uma tarde prazenteira e feliz, pus-me em pé, impotente. Depois, ouvi um sonoro grito de Rana. Foi então que senti o coração cair-me aos pés de desespero. De repente, lembrei-me que Nura me dissera que Rana passara por vários momentos de infelicidade durante o ano anterior. Primeiro, a pele do seu rosto começou a mostrar erupções grandes e vermelhas, por alguma razão que o dermatologista nunca conseguiu diagnosticar. Rana começou a usar o véu em todas as alturas do dia e da noite. A mãe disse-me que ela até dormia de véu, para evitar que as criadas, que por vezes entravam nos aposentos privados, vissem as erupções.

E depois, antes que as inestéticas erupções se curassem, caiu nas escadas de mármore da casa de Ali, porque não conseguia ver bem através do véu que usava para ocultar as erupções do rosto. Os degraus eram íngremes e fraturou o nariz. Desde o acidente que o nariz de Rana ficou com um alto pouco atraente; a pobre rapariga tinha tanto desgosto por conta desta nova característica do seu rosto, que passara muitas horas infelizes a chorar convulsivamente, gritando que era feia; achava que nenhum homem se casaria com ela, embora fosse uma princesa com grande riqueza.

Fiquei desolada por Amani ter escolhido impor as suas opiniões pessoais sobre o que uma mulher deve ou não fazer a respeito da sua aparência pessoal – e particularmente quando envolvia um familiar que já tinha preocupações sérias por conta do seu aspeto físico.

Não demorei a mandar Amani, amuada, para casa com o nosso motorista, sem sequer me dar ao trabalho de avisar a minha filha de que a sua maldade teria consequências. Kareem não suportava que se exercesse crueldade sobre alguém e seria ele a tratar da nossa filha.

Maha e eu pediríamos emprestado um dos motoristas de Nura assim que nos tivéssemos desculpado devidamente e sossegado Rana quanto à sua beleza e ao seu batom, cuja cor eu poderia até vir a usar. Aliás, decidi naquele preciso momento que compraria um daquela mesma cor e o usaria da vez seguinte que visse Rana.

Mas, por enquanto, encontrava-me no meio de uma enorme crise. Rana não estava em lado nenhum. Nura e eu permanecemos ambas praticamente histéricas enquanto se fez a busca à casa. Os empregados ajudaram-nos a procurar debaixo de todas as camas, em todos os armários e louceiros, em todas as banheiras e chuveiros, e atrás de todos os arbustos do jardim das mulheres, mas sem sucesso. Temia terrivelmente que a filha da minha irmã pudesse ter atentado contra si própria, por conta das palavras insensíveis da minha filha. Nunca conseguiria recuperar disso.

Após três horas de buscas frenéticas, a voz estrondosa de Maha soou em todos os cantos do palácio de Nura: – A Rana está aqui! A Rana está aqui!

Nura e eu olhámos uma para a outra.

– Louvado seja Alá! Encontraram a Rana! – gritou a minha irmã.

Mas aguardavam-nos ainda notícias graves. O meu coração parou mesmo, pelo menos durante alguns batimentos, enquanto eu e Nura seguíamos o som da voz de Maha até chegarmos a uma sala grande situada numa parte do

palácio que eu nunca vira. Era a área de armazenamento da comida, que continha sete frigoríficos e dez arcas grandes dispostas ao longo da parede.

A pobre rapariga embrulhara o corpo num cobertor e enfiara-se numa arca grande que fora entregue recentemente mas que ainda não estava cheia de comida. Os criados da cozinha aguardavam que a temperatura atingisse o nível adequado. Felizmente, o cobertor era fofo e grande o suficiente para cobrir a cama enorme que o marido de Nura mandara fazer especialmente para si próprio. Por acaso, ele era, dos homens da família Al Saud, um dos mais altos e mais gordos, por isso as suas necessidades eram as de um homem de grande estatura. Uma grande parte do cobertor ficara presa na tampa da arca, deixando entrar um mínimo de ar, que permitira que Rana não sufocasse!

Funguei enraivecida quando Nura desembalhou o corpo da filha. Com o frio, a pele do rosto e dos braços de Rana adquirira um estranho tom azulado. As lágrimas de Rana haviam-se convertido em pingentes, e pareciam iguaizinhas às estalactites que eu vira numa gruta anos atrás, quando Kareem e eu estivéramos na Europa.

Nunca me senti tão desmoralizada como quando fitei o rosto quase congelado da rapariga e vi a expressão assustada do rosto de Nura. Ainda bem que tinha mandado Amani para casa, pois, se ela estivesse por perto, receio que lhe tivesse batido.

Maha e duas das criadas levaram Rana para a cama da mãe. Ali, cobriram-na com cinco cobertores e deram-lhe sopa quente e chá. Quando Nura se enfiou na cama com a filha, segurando-a e cobrindo-lhe o rosto de beijos, Maha e eu despedimo-nos, amparando-nos uma à outra na nossa tristeza e desgosto.

Fiquei tão toldada pelo desespero, que até hoje não consigo lembrar-me do castigo que Kareem deu a Amani. Mas sei que, desde aquele incidente, ela tem sido mais cautelosa nos seus ataques verbais. Começou a limitar os insultos aos membros da sua própria família, que são todos capazes de se defender dela e não hesitam em fazê-lo. Rana, claro está, passou a evitar Amani desse dia em diante, e ninguém pode censurá-la. Nenhuma das filhas de Nura foi ao casamento de Amani, e eu compreendi porquê, embora Amani nunca pareça ter compreendido que as suas duras palavras lhe granjearam a condenação da família.

Nunca recuperei do choque daquele dia. Embora a minha irmã tenha

continuado amorosa e gentil até ao momento da sua morte, eu sentia-me coberta de vergonha. No leito de morte de Nura, eu ainda chorava e me desculpava por aquele terrível episódio provocado pela minha filha. Nunca esquecerei a forma como a minha doce irmã pousou o dedo sobre os meus lábios, dizendo-me, à sua maneira, para esquecer esse dia há muito ido. Nura morreu há anos e tenho profundas saudades dela. Após a morte da minha adorada mãe, Nura passou a ser a minha mãe substituta.

Depois de um suspiro profundo e triste, pensando na minha irmã que morrera, a minha atenção voltou para a festa e a noite que tínhamos à nossa frente. Olhei em redor, procurando a minha irmã Sara. Sabia que o mais certo seria ela utilizar o serão para incentivar uma maior proximidade entre Amani e Nashwa. Conhecendo Amani como conheço, opunha-me a tal esquema, que nunca iria ao encontro dos desejos de Sara. Nashwa e Amani nunca se desviaram dos caminhos que escolheram. Uma era uma mulher independente que investia na sua carreira; a outra não queria nada senão servir o marido e criar os filhos. Ambas as nossas filhas eram felizes nas suas escolhas. Ao longo dos anos eu aprendera a fazer algo que Kareem sempre afirmara ser impossível, nomeadamente, ter tento na língua e não ousar mudar o imutável.

Abanei a cabeça, incrédula, ao ver Sara irrompendo por um grupo de foliões da família para pegar na filha e incentivar Nashwa, relutante, a aproximar-se do círculo de Amani. Sorridente, a minha irmã pegou no pequeno Khalid e aproximou-o do rosto de Nashwa, procurando tentá-la com a beleza do rapazinho. Deixei sair um suspiro de puro amor pela minha irmã. Era certo que nunca deixaria de tentar trazer o que acreditava ser inegável felicidade a todos quantos amava.

Agradeço todos os dias a Alá por ter escolhido agraciar-me com uma irmã como Sara.

Um coro de vozes femininas fez-me desviar a atenção de Sara. Ah! Havia uma visitante-surpresa. Munira, minha sobrinha, de há tanto sofredora, fazia uma visita insuspeitada à festa.

– Munira – disse eu, apressando-me a colocar-me ao lado dela –, és a minha convidada de honra esta noite.

Acenei com a cabeça ao seu filho mais velho, que era agora o guardião da minha sobrinha.

Munira sorriu de alegria pela primeira vez em muitos anos, abraçando-me e beijando-me com abandono. – Oh, tiazinha, obrigada por me convidares. É

a primeira vez que saio desde que... tu sabes...

Os meus olhos encontraram os dela e piscaram um sim. Que compreendia. Não disse a Munira que as minhas irmãs e eu na verdade celebráramos quando Hadi, o marido, sofrera um violento AVC e sucumbira. Alegrámo-nos porque sabíamos que finalmente as vítimas de Hadi em breve seriam livres. Quatro meses antes, Alá determinara que chegara a hora de Hadi, o mais desprezível amigo do meu irmão Ali. Com a morte de Hadi, a minha querida sobrinha ficara liberta daquele tirano.

Hadi chamara-me a atenção pela primeira vez muitos anos atrás, quando a minha família estava de férias no Cairo, no Egito. Ele e Ali compraram uma jovem virgem à mãe, com propósitos sexuais. Hadi nunca se redimira dos seus hábitos desumanos; na verdade, ficara mais maldoso a cada ano que passara. Este homem vil continuou a viver a sua vida de prazeres retorcidos, com uma atração fatal por controlar pela violência todas as mulheres da sua esfera de influência.

Acredito que fora isso que o atraía tanto na filha mais velha de Ali, Munira. Ela era um íman que ele não podia ignorar. Munira era uma rapariga tímida cujas ações paternas a levavam a ter um medo genuíno de todos os homens. Desde tenra juventude que exprimira terror quanto ao casamento, suplicando que fosse poupada àquilo que a maioria dos sauditas acredita ser o único verdadeiro caminho para uma mulher: o de esposa e mãe.

E assim aconteceu que Ali a prometeu em casamento ao homem mais feroz que conhecia: Hadi. Sara e eu suplicáramos ao nosso irmão que tivesse em consideração o temperamento único da filha – era a rapariga mais tímida que algum dia conhecêramos. Mas Ali rira-se dos receios de Munira, dizendo que Hadi a curaria de quaisquer medos que ela tivesse do quarto. Hadi era um homem que exigia satisfazer os seus direitos sexuais a todas as horas do dia e da noite. Com o tempo, os abusos sexuais não deixariam de conduzir a filha à forma correta de pensar, acreditava Ali. A decisão estava tomada. O corpo de Munira era propriedade do seu marido.

Munira estava condenada.

Durante anos viveu em sofrimento, cheia de terror do marido. Ele parecia excitado pelo medo que a mulher lhe tinha e o terror dela ao ato sexual. Embora se tivesse casado com seis mulheres ao longo dos anos, até ao dia em que deixou esta terra, Hadi sentira atração preferencial pela nossa preciosa Munira, uma mulher que passava a maior parte da vida a fugir do

marido e depois, quando era encontrada, a chorar e a implorar a Hadi que a deixasse. Claro que as suas ações conduziam a maiores abusos, incluindo violência física.

A certa altura, acreditávamos que Munira faria algo proibido a todos os muçulmanos: cometer suicídio. No seu pior momento, chegou a escrever um poema comovedor, que deu a Sara.

Eu memorizara o poema de Munira. Desde a noite em que o lera pela primeira vez no deserto, era frequente dar por mim a repetir aquelas palavras – palavras motivadas por pura maldade. O poema levou-me às lágrimas por várias vezes, fazendo-me pensar na pobre Munira, imaginando se a minha sobrinha estaria a sofrer abusos sexuais naquele preciso momento.

Enterrada viva Princesa Munira Al Saud

*Vivi a vida e soube o que era sorrir
Vivi a vida de uma menina, de promessas esperançosas
Vivi a vida de uma menina que sentiu a promessa de ser mulher
Vivi o sentimento de ansiar pelo amor de um homem bom
Vivi a vida de uma mulher cuja promessa lhe foi negada
Vivi a vida de alguém a quem os sonhos foram arrebatados
Vivi conhecendo um medo terrível de todos os homens
Vivi e atravessei os medos levantados pelo espectro de uma união
maléfica
Vivi e vi o diabo na pele de um homem, comandando cada ação minha
Vivi suplicante, implorando a esse homem que me deixasse em paz
Vivi e testemunhei o meu marido ter o prazer de ser homem
Vivi para ser violentada pelo homem a quem fui dada
Vivi para ser submetida a violações noturnas
Vivi para ser enterrada ainda viva
Vivi para me interrogar como é que todos os que diziam amar-me
ajudaram a enterrar-me
Vivi todas estas coisas e não tenho sequer vinte e cinco anos.*

Agora, estas palavras já não são expressão do pesadelo da realidade de Munira. Munira encontra-se finalmente emancipada. Hadi está morto e enterrado na sua sepultura de areia, por isso já não é livre de violar raparigas e mulheres. E o poema de Munira está espalhado pelo mundo, nas páginas dos livros acerca da minha vida. Este poema relembra-me sempre que o meu propósito de vida é ajudar mulheres que não têm a quem recorrer. E espero que as suas palavras possam impelir outras mulheres fortes a nunca virar as costas a uma mulher necessitada.

Vi as minhas irmãs e sobrinhas correrem para Munira, para celebrarem o seu regresso ao mundo dos vivos e felizes. Todas nos rimos com o mais puro dos prazeres quando Munira confidenciou: – Os meus filhos vão levar-me de férias, para a Europa. Vou a Londres e Paris!

Tratava-se de notícias excitantes para todas nós. Hadi nunca autorizara Munira a viajar com ele e a família quando saíam do reino para fazer férias no estrangeiro. Julgo que Hadi tinha receio de que a mulher lhe fugisse para procurar ajuda junto de uma organização de defesa dos direitos das mulheres do Ocidente, bastando para isso a oportunidade. Mas, agora, ela viajaria para os lugares maravilhosos que vira apenas em fotografias que lhe eram mostradas às escondidas pelos filhos dedicados. Munira, que durante vários anos mal falara, dominava agora a conversa, partilhando os seus pensamentos com todos os que se encontravam à sua volta.

– E, depois de visitar todas as galerias de Paris, irei a Londres, para percorrer mais museus.

«Como foi desperdiçada, esta mulher maravilhosa», sussurrei entre dentes, mas, agora que as correntes de Munira se soltaram, ela tinha a liberdade de desfrutar da beleza da vida. Era difícil tirar os olhos do rosto radiante de Munira e do seu sorriso de felicidade, mas foi o que fiz quando vi que Muhammad, o jovial filho de trinta anos de Reema, a segunda das minhas irmãs a deixar-nos, vinha ao meu encontro. Quase desmaiei quando vi que Muhammad segurava por cima da cabeça uma fotografia muito ampliada da minha mãe, há muito falecida.

Embora fosse jovem na fotografia, que era certamente dos primeiros dias do casamento, eu tê-la-ia reconhecido em quaisquer circunstâncias.

Dei um grito tão estridente que o burburinho de vozes se aquietou.

– Mãe! – soluzei ruidosamente. – Mãe! – O burburinho de excitação aumentou, pois poucos sabiam a causa dos meus gritos. Mas eu tinha uma boa

razão para exclamar. A minha amada mãe morreu quando eu era pequena. Nunca tinha visto uma fotografia dela dessa altura. Acreditava que tal fotografia não existia. No tempo da minha mãe, as imagens de seres humanos eram vistas como algo proibido. O certo é que poucas pessoas tiraram fotografias a mulheres muçulmanas na Arábia Saudita. Duvido que a minha mãe pusesse sequer a hipótese de lhe tirarem uma fotografia. O mais seguro seria ela esconder-se de qualquer pessoa que se aproximasse com uma máquina fotográfica e a intenção de lhe tirar uma fotografia.

Kareem veio a correr para o meu lado. – Sultana, mas que raio...? – Então viu o que eu vira.

Voltou-se para o filho de Reema, perguntando: – Muhammad? O que... O que é isto?

Muhammad estava muito satisfeito consigo próprio. Estava contente com a grande fotografia que transportava e entusiasmado com a agitação que causara. Começou a rir e fez um gesto na direção do meu pai, que ainda se encontrava empoleirado e feliz no trono de imitação de Kareem. – Tem de perguntar ao meu avô. Ele é que está por trás desta surpresa.

O meu pai? Fitei em silêncio o meu pai envelhecido, sentado entre os seus admiradores, parecendo não perceber que as filhas se colocavam ao redor da fotografia da mãe. Tive vontade de saber onde ele encontrara a fotografia. Então, senti uma ponta de raiva por ele nunca ma ter mostrado.

O meu ressentimento desapareceu quase imediatamente, e senti-me invadida de gratidão por ele a ter por fim apresentado. Encontrava-me num turbilhão de sentimentos fortes.

Por esta altura, Sara e as minhas irmãs já se tinham apressado a vir para o meu lado. A mão de Sara passou levemente pelo rosto fotografado da nossa mãe.

– Mãe – sussurrou, com os lábios a tremer de emoção. Apesar da pouca idade da nossa mãe na fotografia, todas as filhas a reconheceram imediatamente.

– É mesmo a mãe – afirmou Duni, com grande certeza. Pareceu esquecer o seu colar caro pela primeira vez desde que a festa começara.

Haifa, chorosa, deixou-se cair nos braços do filho mais novo, adolescente. Não conseguia falar.

Tahani levantou-se silenciosa, abanando a cabeça e gesticulando à filha mais velha que viesse. – Tens de ver a tua avó!

Maha, Amani e Abdullah vieram juntar-se, o mais perto que conseguiram de mim e da fotografia da avó.

– É mesmo a avó? – perguntou o meu filho com uma voz cheia de admiração.

Finalmente consegui falar. – Sim, filho, é a tua avó, a melhor e a mais doce mãe que alguma vez viveu.

Maha e Amani limpavam as lágrimas do rosto.

– A avó era magnífica – sussurrou Amani com espanto contido.

– Sim, era linda como uma estrela de cinema – murmurou Maha.

Eu olhava silenciosa, estudando a imagem deslumbrante da minha querida mãe. Quando era criança, nunca pensara na minha mãe como bela. Tratava-se simplesmente da minha mãe. Mas, pensando na beleza excecional de oito das suas dez filhas, ocorreu-me a ideia de que estas eram herdeiras da sua grande beleza. Examinei a fotografia com ainda maior atenção. O passar dos anos afetara a minha memória. Esquecera que ela tinha um pequeno sinal no lado direito do rosto, cerca de um centímetro acima do canto dos lábios. Já não me lembrava de como eles eram cheios, o tipo de lábios que as raparigas desejam ao ponto de se submeter ao doloroso procedimento de introduzir uma agulha na carne. Depois, constatei, surpresa, que a pequena Sultana herdara os lábios cheios da minha mãe. Abri um sorriso largo, sabendo que, dali em diante, os lábios da pequena Sultana trariam de novo a minha mãe à minha vida.

Também já não tinha memória dos seus olhos grandes e expressivos – olhos que via quase todos os dias quando olhava para os da minha irmã Sara. Estranhamente, o cabelo da minha mãe encontrava-se destapado na fotografia e constatei que herdei o seu cabelo espesso e escuro, que lhe descia em ondas pelos ombros.

A mãe estava viva em todas nós!

Olhei, e olhei, sabendo que a única coisa que nunca tinha esquecido era a doçura do sorriso da minha mãe.

Subitamente, senti-me invadida pela emoção. Teria caído de joelhos, não fora Kareem e Abdullah segurarem-me e levarem-me para uma cadeira. – Mãe, mãe, mãe – murmurei. Nunca como naquele momento senti tanta urgência do toque da minha mãe.

Muhammad começou a caminhar na direção do meu pai com a fotografia da minha mãe. Obriguei-me a levantar-me, determinada a nunca perder aquela

fotografia de vista. Kareem e Abdullah guiaram-me os passos, e as minhas irmãs e eu seguimos Muhammad ao encontro do meu pai.

– Avô – ouvi-o dizer –, trouxe a fotografia, como me disse para eu fazer. Disse-me que seria uma celebração, mas receio ter dado azo a uma inundação de lágrimas.

A cabeça do meu pai pôs-se muito direita e ele olhou para as filhas, que choravam todas lágrimas de alegria misturadas com desgosto, pois a sua mãe há muito que estava morta e longe do seu alcance.

O meu pai perscrutou a multidão de mulheres até os seus olhos pousarem no meu rosto.

– Sultana – disse –, anda cá, minha filha.

Pela primeira vez na vida, o meu pai chamava-me com um tom de voz gentil.

Desconfortável por ter sido nomeada, caminhei hesitante na direção dele, tremendo ligeiramente.

– Sim, pai, estou aqui – disse, ajoelhando-me a seus pés, mais por conta da fraqueza do que da subserviência.

– Sultana – repetiu ele com voz calma –, estou a chegar ao fim da vida. Filha, nos últimos anos tenho pensado em tudo o que fiz, ou não fiz, na minha vida.

Acenei com a cabeça, pois não sabia o que mais fazer.

O meu pai olhou por momentos a imagem da minha mãe, ainda bem segura nas mãos do meu sobrinho Muhammad.

– Sultana, quando a vossa mãe soube que estava a morrer, chamou-me ao seu leito de morte. Respondi ao chamamento, claro. Quando vi que ela estava de facto a morrer, senti uma profunda tristeza; ela fora uma boa mulher e a melhor das esposas e das mães durante aqueles anos todos. A vossa mãe pediu-me muito pouco, atendendo a todos os anos que estivemos casados. – Fez uma pausa. – Mas acabou por me fazer dois pedidos no seu leito de morte.

O meu pai parou por um mero momento. – A tua mãe amava todos os seus onze filhos, Sultana. Não acredito que ela te amasse mais do que a qualquer outra das suas filhas ou do que ao filho. – Dizendo aquilo, o meu pai ergueu os olhos e sorriu às minhas irmãs. – Mas, Sultana, acredito que as tuas irmãs, que são todas mães, compreenderão que a sua maior preocupação era a filha bebé. E essa filha eras tu.

«A tua mãe pediu que eu cuidasse especialmente de ti, minha filha. Sonhou que tu, Sultana, carregarias uma dor pesada o resto da vida, por teres perdido a tua mãe assim tão nova. Sei que ela também sentia que eras uma criança emotiva que tinha necessidade da presença amorosa da mãe.

«O seu segundo pedido foi que te presenteasse com a única fotografia dela, minha primeira mulher, que eu permiti que um fotógrafo estrangeiro, um homem de Inglaterra, tirasse um mês depois de nos casarmos. Esta fotografia foi mantida ao abrigo dos olhos de todos exceto dos meus. – Os olhos do meu pai fecharam-se e eu tive a sensação de que ele recuava no tempo, recordando os primeiros dias em que a minha mãe era a sua jovem noiva e todas as coisas pareciam possíveis. Os seus sonhos foram interrompidos por um ataque de tosse, que lhe levou alguns momentos a acalmar. Vários criados apressaram-se a estender lenços e um outro bateu-lhe suavemente nas costas.

Por fim, terminou a história. – Acedi aos pedidos da tua mãe, Sultana. Dei-lhe a minha palavra de que não seria demasiado duro contigo. Também lhe disse que no dia do teu casamento te ofereceria a fotografia. Ela queria que tu a colocasses num sítio especial, para que todos os seus filhos tivessem a alegria de ver a mãe quando ela era jovem.

«Embora tenha sentido alguma amargura da tua parte, filha, não compreendo porquê. Acredito sinceramente que mantive a minha primeira promessa, de não ser duro contigo quando merecias reprimendas por comportamento desobediente. Até permiti que conhecesses o teu marido antes de te casares. Não te puni severamente por algumas das tuas condutas apenas por causa da promessa que tinha feito à tua mãe.

«Mas, Sultana, não te cheguei a dar a fotografia da tua mãe. Não foi intencional. Esqueci-me. Depois de ela morrer, a fotografia foi tirada do seu sítio secreto e foi embalada e arrumada num lugar seguro. Só recentemente é que um dos criados encontrou a caixa cuidadosamente fechada e me trouxe, perguntando-me se deveria ser aberta. Admito que não fazia a menor ideia do que pudesse estar naquela caixa e, quando ela foi aberta para eu ver, invadiu-me um turbilhão de memórias.

«Soube então que esquecera uma promessa que fizera à tua mãe há tantos anos.

«E foi assim que mandei emoldurar novamente a fotografia e que agora, minha filha, ela está à tua disposição para a mostrares na tua casa e para teres esta imagem da tua mãe e poderes cumprimentá-la todos os dias.

Fez-se silêncio na sala, pois todos na família sabiam que o meu pai e eu não tínhamos uma relação próxima. Todos aguardavam para ver se eu amaldiçoaria o meu pai por todos os anos em que favorecera o filho em detrimento das filhas.

Mas não o fiz. Senti uma grande calma, e a raiva e a hostilidade que eu albergara durante tantos anos evaporaram-se miraculosamente do meu coração. Já não sentia aversão ao meu pai. Na verdade, sentia uma grande pena por ele estar a aproximar-se da morte e nós nunca termos tido uma ligação forte, como a relação que existia entre Kareem e as nossas filhas.

– Pai – disse eu por fim –, lamento não ter sido melhor filha.

Por esta altura, já tinha havido sentimentalismo suficiente para o meu pai. Tocou-me no ombro e disse: – Não te preocupes, filha. Lembra-te apenas de que o teu pai foi um homem bom, que nunca te fechou num quarto nem te bateu com um pau.

Eu pisquei os olhos, sabendo que, para o meu pai, a ausência de abusos físicos tinha feito dele um bom pai.

Por alguma razão, sorri e, pela primeira vez na vida, senti uma grande alegria e amor pelo homem que era meu pai. Ergui-me, dei-lhe um abraço sentido e disse-lhe: – Amo-te, pai.

Ouvi o aplauso dos meus familiares e voltei-me a sorrir, esperando encontrar aprovação em todos os olhos. Mas retraí-me ao ver o meu irmão Ali fitar-me com grande ódio. Foi então que soube que ao longo de toda a minha vida ele alimentara as chamas da desilusão do meu pai em relação a mim, a sua filha mais nova.

Chegara a uma situação promissora com o meu pai, mas sabia que a batalha com o meu único irmão ia continuar.

Ignorei o meu irmão, pedindo a Abdullah que recebesse a fotografia da minha mãe das mãos de Muhammad. Em seguida, disse às minhas irmãs: – Esta fotografia da mãe pertence a todas nós. Decidiremos juntas o melhor lugar para pendurar a sua imagem, para que todas a vejam assim que entrarem em minha casa.

As minhas irmãs ficaram contentes e assim mo disseram, e nenhuma delas exprimiu inveja por a nossa mãe se ter preocupado mais com a filha mais nova e mais emotiva.

Os nossos convidados não demoraram a partir e apenas Ali se furtou a despedir-se de mim ou a agradecer-me pelo serão. Apesar de sentir que

naquela noite ainda havia assuntos pendentes com Ali, afastei a ideia com um encolher de ombros. Não queria estragar aquelas lindas memórias a preocupar-me com algo que poderia nunca acontecer.

Foi um dos serões mais maravilhosos que já vivi. Antes de dormirmos, eu e o Kareem demos um passeio no nosso jardim, à conversa sobre a nossa família e os momentos felizes que passáramos na sua companhia.

Por uma de poucas vezes na vida, não tinha nada de que me queixar. Uma paz tranquila instalou-se em mim e apreciei cada momento da gentileza que me rodeava. Sussurrei uma oração – «Obrigada, Alá» – e deixei-me envolver pela beleza da noite, com a alma inquieta temporariamente em paz.

SIM, AS MULHERES PODEM MANDAR

Desde menina que vivi muitos momentos extraordinários, em que o bom e o mau se sucederam num piscar de olhos. Muitos dos meus problemas de infância ocorreram por eu ser mulher e lutar por mandar na minha própria vida. Isto não é necessariamente bom numa sociedade dominada por homens: todos os homens da minha vida, particularmente o meu pai e o meu irmão, se sentiam no direito de mandar em mim – com violência, se necessário. Independentemente dos castigos que me infligissem, contudo, nunca deixei de lutar. Porquê? A razão é simples: queria ser dona do meu próprio destino e tomar as minhas próprias decisões.

Depois de me casar e me tornar mãe de um filho e duas filhas, os meus problemas continuaram. Na verdade, o ritmo eletrizante destes altos e baixos aumentou estrondosamente: não sou mulher de aceitar facilmente as regras do marido. Exijo participar em tudo o que afeta a minha vida, assim como as vidas do meu filho e das minhas duas filhas. Felizmente, Kareem é um homem inteligente e sabe que a felicidade será sempre uma miragem se só uma pessoa no casamento tiver poder. Portanto, criei as minhas filhas para sentirem o poder da escolha pessoal e saberem que também elas devem ser senhoras da sua vida.

As minhas duas filhas nunca se abstiveram de manifestar os seus pontos de vista. Devido ao seu carácter franco, e ao facto de nenhuma ceder facilmente, as nossas vidas foram muitas vezes tumultuosas. Mesmo depois de Abdullah e Amani saírem do nosso lar para casar e Maha ir viver para longe da Arábia Saudita, persistiram na nossa vida familiar o rebuliço e o caos emocional generalizado.

Estas convulsões, contudo, valeram bem a pena, pois todos os membros da

nossa família reconhecem que os sentimentos das mulheres têm importância. A liberdade pessoal gera agitação. As mulheres são silenciosas, passivas e infelizes quando os homens à sua volta se comportam como tiranos. O Kareem e eu amamos Abdullah, mas o afeto que sentimos pelas nossas filhas é igual ao amor que dedicamos ao nosso filho. Na nossa família, as mulheres são assertivas, os homens descontraindo. Tanto Kareem como Abdullah fazem grandes esforços para evitar o conflito, enquanto as minhas filhas se lançam alegremente contra a oposição. Devido a estas diferenças de personalidade, muitas foram as vezes em que as vontades das nossas filhas se sobrepuseram aos desejos do nosso filho. Não é isto que acontece tipicamente num lar saudita, nem mesmo no lar médio da família real, no qual o homem é dotado de um estatuto tão elevado que até a princesa mais apapricada se curva para atender às vontades de um príncipe.

É frequente o meu querido Abdullah acusar-nos de permitirmos às mulheres que mandem completamente na nossa casa. Quando se sente ultrapassado pelas irmãs ou em desvantagem numérica, suspira e murmura: – Este palácio é governado pelas mulheres.

Embora o meu coração sinta a sua dor, fico feliz por eu e Kareem termos criado um lar democrático, no qual as mulheres têm tantas possibilidades como os homens de saírem vitoriosas de uma discussão familiar.

Mas, independentemente dos pormenores que subjazem à nossa realidade, as perturbações familiares provocam uma tensão inquestionável no meu marido, o qual, a cada ano que passa, está mais seguro de que não conseguirá suportar eternamente a infundável turbulência provocada pelas nossas inflexíveis filhas. Houve momentos lamentáveis em que Kareem pensou na possibilidade de fugir às filhas.

Foi um episódio com Amani que pela primeira vez conduziu Kareem a esta ideia surpreendente. O incidente ocorreu quando tanto Amani como Abdullah e os respetivos esposos e filhos nos visitavam na casa de Taif. O governo saudita e a maior parte dos primos da família fogem do calor de Riade no verão e estabelece-se na fresca Taif. A cidade tem uma elevação de mais de 1800 metros, e o clima é tão moderado que a zona é conhecida pelo seu mel, figos, uvas e outras frutas deliciosas. Desde criança que passo os meses mais quentes do verão saudita em Taif, para escapar ao calor da desértica Riade e à humidade da costeira Gidá. As férias são sempre agradáveis e relaxadas para nós, uma vez que Taif é uma cidade pequena, comparada com Riade. Há

mais de cinco milhões de habitantes na nossa capital nos dias de hoje, enquanto Taif tem aproximadamente meio milhão de cidadãos.

Quando Amani está connosco, todos sabem que a nossa família será diligentemente observada pela devoção extremosa da minha filha. Amani nunca falta a nenhuma das cinco chamadas diárias à oração; na verdade, acrescenta três orações extras por dia, para agradar a Deus. Como é seu apanágio, certo ano, em Taif, sob o mesmo teto que a sua família, ela reparou que o irmão, que sempre tivera dificuldade em se levantar cedo, não fizera, em duas manhãs, a oração ao alvorecer, ou oração de Fajr, para os muçulmanos.

Ao segundo dia, Amani não conseguiu reprimir a sua repulsa, que se acumulava durante mais de vinte e quatro horas. Finalmente, explodiu; erguendo-se do tapete de orações a meio do ritual, correu para o aposento privado de Abdullah. A minha filha chocou todos quantos rezavam quando começou a bater na porta com os punhos, gritando alto: – Abdullah! Irmão! Cobres-te de vergonha! Não sabes que a oração é melhor do que o sono?

Seguiu-se o caos, quando a mulher de Abdullah, Zain, saiu disparada do quarto, confusa com o clamor e julgando que se tratava de alguma crise. A minha neta, a pequena Sultana, acordou e começou a soluçar, com medo de que se passasse alguma coisa com a mãe. Abdullah, meio vestido e alarmado, saiu então, cambaleante, do quarto, olhando freneticamente em todas as direções. Quando viu a expressão zangada de Amani e compreendeu o que perturbava a sua família, o meu filho deixou bem claro que não aturaria mais a intrometida irmã. O afável Abdullah transformou-se num instante e olhou furioso para a irmã por uma vez na vida, com o rosto transformado numa feia careta, gritando: – Amani, que Deus te paralise a língua! – O meu filho virou-lhe as costas numa fúria, não sem antes proferir um segundo insulto. – Atenta às tuas próprias orações, Amani – rosnou. – E espero que te pouse uma mosca bem gorda nessa bocarra!

É um insulto sério, pois todos os muçulmanos sabem que é importante manter a boca higiénica e as mãos e os pés limpos, particularmente no decurso da oração. Foi uma afronta significativa do meu filho, de há muito sofredor!

Quando Abdullah pegou na mulher e na filha e bateu com a porta na cara de Amani, ouvi-o gritar: – Não, Amani! Não podes mandar sempre!

Ouvindo a irada réplica, fiquei aliviada por o meu amável filho não se

deixar subjugar eternamente pela sua dominadora irmã.

Embora a minha filha mais nova seja manifestamente insensível aos outros, é profundamente sensível a si própria, e seguiu-se outra ruidosa cena quando Amani, chorosa, foi a correr para o pai, reclamando que Abdullah a desrespeitara sem razão alguma. Ela tentara apenas que o irmão que muito amava tivesse um caminho tranquilo até ao Paraíso, afirmou.

Ouvi atentamente, entristecida por Amani tentar manipular o pai daquela maneira. Era algo que eu me determinara a não fazer, pois acredito que a autoridade e a convicção quando se enfrenta qualquer resistência são as melhores formas de garantir resultados e ganhar respeito. A não ser que a situação seja extrema, ou alguma vida esteja em perigo, não uso a minha feminilidade nem procuro obter vantagem com ela. Não choro nem soluço. Sei que também há alturas em que as mulheres agem mal; Amani demonstrara-o seguramente em mais de uma ocasião.

Kareem ouviu atentamente, mas não se deixou levar pela filha mais nova, ao contrário do que acontecera tantas vezes no passado. – Por favor diz-me que ações fizeste ou que palavras proferiste para lebares o teu irmão a explodir dessa forma.

As lágrimas de Amani passaram a ser genuínas quando compreendeu que o pai não ia ficar do seu lado e repreender o irmão sem questionar. Embora fossem necessários vários minutos para acalmar a situação, Kareem não interrogou uma única vez Abdullah acerca das acusações falsas de Amani. O meu marido e eu conhecemos bem os nossos filhos.

Assim que Amani regressou às suas orações e Abdullah prometeu acompanhar-nos ao pequeno-almoço, o meu marido, cansado, chamou-me para irmos aos nossos aposentos. Depois de fechar e trancar a porta, sussurrou: – Sultana, vou preparar a nossa fuga. – Com um rosto solene, disse-me: – Procuro um porto escondido numa terra distante. Vamos afastar-nos dos nossos problemáticos filhos.

Confusa, perguntei: – O que estás a dizer, marido?

Ele tranquilizou-me: – Não te preocupes. Veremos os nossos filhos de tempos em tempos. Talvez planeemos uma visita anual à costa de França, para umas férias com a família. O resto do ano, podemos viver a vida sem os nossos filhos e as suas disputas constantes. – Parecia preocupado, e parecia levar o seu plano muito a sério. – Faz uma lista dos lugares onde gostarias de viver, querida, e eu compro lá uma boa casa. Só não podes dizer nada às

crianças.

Não desrespeito o meu amado marido, mas admito que me ri do seu esquema absurdo. Independentemente da má conduta dos meus filhos, não suporto estar separada deles mais do que algumas semanas. Amo os meus filhos e netos de todo o coração. Naquele instante, decidi-me a fazer sobrepor a minha vontade à de Kareem.

Não deixei de abraçar o meu pobre marido desesperado, mesmo enquanto destruía as suas fantasias de tranquilidade. – Estás a sonhar, esposo – disse. – Até ao dia em que uma mortalha branca vier cobrir o meu corpo imóvel e eu for enterrada nas areias da nossa terra, tu e eu seremos sempre cativos dos dramas das vidas dos nossos filhos.

Kareem ficou vários dias amuado e eu avisei os meus filhos a respeito do seu comportamento. Disse-lhes que as suas lutas constantes eram um fardo demasiado grande para o pai, que ele tinha pensamentos irracionais sobre abandoná-los a todos. A revelação deixou-os de sobreaviso e, durante muitos meses, Amani portou-se exemplarmente bem.

Mas os conflitos recomeçaram no espaço de um ano, particularmente entre as nossas duas filhas. Como pais, as batalhas criadas pelos nossos filhos ainda nos atormentam, com discussão atrás de discussão, qual *tsunami* gigante em que uma onda após a outra se desfaz contra a costa.

No entanto, os nossos filhos não são os únicos responsáveis pelos problemas que surgem na nossa família. Por vezes, os membros da família alargada têm a sua quota-parte de responsabilidade nos conflitos e nas convulsões. Por isso, não foi surpresa que um dos serões que devia ter sido dos mais agradáveis e gratificantes da minha vida terminasse em lágrimas.

Este incidente em particular envolveu a minha filha Maha e a filha do meu irmão, Medina; elas originaram uma das cenas mais escandalosas que me foram dadas presenciar – e o caso fez recair a ira do meu irmão Ali sobre a cabeça de todas nós.

A perturbante situação ocorreu três dias depois dos festejos em minha casa – e várias semanas antes da data de regresso de Maha à Europa. Maha e Amani tinham concordado em se comportar de forma pacífica durante tempo suficiente para as três conferenciarmos com as minhas irmãs sobre o lugar e posição ideais para colocar a linda fotografia da nossa mãe, a imagem preciosa que fora redescoberta após tantos anos.

As minhas irmãs e eu, juntamente com nove das nossas filhas, acordáramos

a melhor altura para nos encontrarmos e planeáramos desfrutar de um chá durante a tarde. Seria uma reunião de celebração em honra da memória da nossa mãe. Infelizmente, nenhuma das netas nascera a tempo de se lembrar da avó maravilhosa.

Chegou finalmente a tão aguardada tarde. Sara e eu estávamos sentadas à espera das nossas irmãs e das suas filhas, a quem pedíramos que chegassem cedo. Olhei de relance o aparatoso relógio dourado pousado na mesinha de apoio antes de exprimir a minha preocupação: – Espero que toda a gente chegue a horas. (Os sauditas são conhecidos pelas suas chegadas tardias a quase todas as reuniões, sejam elas de trabalho ou de lazer. Ouvi dizer que os empresários de outros países se queixam deste traço.)

Sara pegou no telemóvel: – Vou ligar às minhas filhas.

A minha irmã dissera que as filhas viriam juntas, pois seriam todas trazidas pelo motorista indonésio de maior confiança da família.

Embora não tivesse o telemóvel de Sara ao ouvido, assim que a chamada se estabeleceu ouvi o riso barulhento das raparigas e o burburinho entusiasmado da conversa. Ao contrário das minhas filhas, as de Sara adoram-se uma à outra e o tempo que passam juntas é geralmente de grande alegria.

Observei o rosto da minha irmã e comecei a preocupar-me quando vi a sua testa franzida. Depois de soltar um suspiro sonoro, desligou a chamada, dizendo-me: – Ainda estão no trânsito.

Estalei a língua de aborrecimento. Desde que me lembro que a cidade de Riade é amaldiçoada com obras rodoviárias e engarrafamentos perpétuos. Porquê, não sei, pois existem muitas comissões urbanas especialmente formadas, cujos membros estudam e planeiam de forma contínua os melhores métodos de controlo do trânsito, mas nada consegue mitigar os sinistros engarrafamentos do meu país. Até os Al Saud, que pertencem à realeza, têm de suportar os pavorosos engarrafamentos. A não ser que se seja rei da Arábia Saudita, ou príncipe herdeiro, ou um dos príncipes mais preeminentes, não se tomam medidas específicas para afastar o trânsito e permitir que se passe facilmente.

– O Assad disse-me que são os jovens que causam os problemas – anunciou Sara com calma certeza. – Disse que se encontrou recentemente com o nosso primo Turki bin Abdullah, que o informou da notícia assustadora de que o nosso país tem a maior taxa de acidentes rodoviários de

toda a região.

– Bom, a nossa cidade, que era uma aldeia pequena, passou a ter cinco milhões de habitantes em apenas algumas gerações – lembrei-lhe. – Talvez essas estatísticas altas sejam naturais, porque passámos de poucos a muitos.

A mente de Sara ficara presa nas estatísticas estonteantes que o marido mencionara, por isso não me prestou a menor atenção.

– Mais inquietante ainda, Sultana, temos taxas maiores de mortalidade causadas por acidentes rodoviários do que praticamente todos os países do mundo, acredite ou não! São os jovens os condutores temerários que fazem aqueles piões estúpidos e acrobacias em duas rodas, que andam a provocar muitos dos problemas de trânsito.

– Bem, seguramente que o Turki sabe aquilo de que está a falar – respondi. O nosso primo Turki, que é um dos filhos do rei Abdullah, havia de saber destes assuntos, sendo vice-ministro da região de Riade. E eu, assim como Sara, ouvira falar dos *joyriders* e das acrobacias com piões, tudo atividades perigosas para o bem-estar dos jovens sauditas.

– O tédio está a matar os nossos jovens – disse eu com autoridade. Encolhi os ombros e levantei os braços. – O que é que há para eles fazerem?

– Sim, ouvi muitas histórias tristes – replicou a minha irmã.

– Oh, falemos de coisas agradáveis, Sara – disse eu, sem vontade de pensar em todas as mães sauditas que um dia chorariam a morte dos filhos: sem dúvida bons rapazes que, por se sentirem entediados, se entretinham a fazer corridas em duas rodas, praticamente garantindo uma viagem curta para a sepultura.

Pedi a uma das empregadas que refrescasse o nosso chá, antes de regressar à conversa com Sara.

– Falemos sobre a mãe – incentivei.

O rosto de Sara recuperou a expressão de felicidade. – Que sorte tivemos por o criado do pai encontrar a fotografia da mãe.

– Sim, sim – concordei.

Pela aparência física e o comportamento do nosso pai, todas sabíamos que o seu tempo na Terra era limitado. Se ele tivesse falecido antes de o criado descobrir a misteriosa caixa de madeira, o mais provável seria a fotografia da nossa mãe se ter perdido para sempre.

– Não tinha reparado na grande beleza da mãe – disse eu, pensando que, das dez filhas que ela tivera, só Sara detinha a sua beleza única. Contudo, os

esplêndidos genes da nossa mãe tinham-nos tocado a todas de alguma forma, embora as minhas duas irmãs falecidas, Nura e Reema, se parecessem mais com o meu pai.

Sara sorriu. – Oh! Bem, eras pequena quando ela morreu, Sultana. Todos te pareciam velhos. Eu sempre soube que a mãe era uma das mulheres mais bonitas de toda a família Al Saud. Ouvi de várias primas que o reconhecimento da sua beleza era generalizado.

Bebericando o meu chá, pensei na beleza da minha mãe, perguntando-me como não tinha reparado em todo aquele encanto. Mal abri a boca para perguntar a Sara como é que uma mulher conseguia continuar tão bonita depois de dar à luz onze filhos, ouvi as vozes das minhas irmãs na entrada. Sara e eu fomos de braço dado cumprimentá-las. Aquele dia seria um dos mais importantes das nossas vidas.

Pedi à minha empregada Aisha que fosse buscar Maha e Amani aos respetivos quartos. Apesar do casamento de Amani, e de Maha se ter mudado para a Europa, ambas tinham espaçosos aposentos na nossa casa, para utilizarem quando desejassem. Só Abdullah abdicara do espaço que tinha na nossa casa, embora o seu novo lar ficasse muito próximo do nosso e ele nos visitasse diariamente, se estivesse no reino.

Sara e eu cumprimentámos alegremente as nossas irmãs e sobrinhas. As entusiasmadas filhas de Sara irromperam pela porta, excitadíssimas por terem finalmente escapado ao trânsito de Riade. Os cumprimentos ruidosos foram agradáveis para todas.

Quando vi Amani e Maha entrarem no espaçoso corredor, fiquei satisfeita por nenhuma das duas parecer mal-humorada. Vendo os seus rostos amáveis, a minha disposição atingiu um pico de felicidade. – Hoje vai ser um dia maravilhoso – anunciei às minhas filhas, irmãs e sobrinhas.

Depois de nos refrescarmos, instalámo-nos para aguardar a chegada do filho de Reema, Muhammad, e do meu, Abdullah. Ambos deviam aparecer muito em breve, pois pedira-lhes que chegassem trinta minutos depois das raparigas; não queria apressar o momento, por isso dei tempo suficiente às mulheres da família para trocarem devidamente os seus cumprimentos e novidades, e, no global, saberem umas das outras. O meu filho e o primo supervisionariam a disposição da imagem da mãe, que aguardava num canto da sala, coberta por um pano de seda verde. Eu cobrira a fotografia, para que a cerimónia de apresentação tivesse ainda mais significado.

A minha irmã Dunia declarou em voz alta, de modo a ser ouvida por todas:
– Louvado seja Alá! Já não tenho de confiar na minha memória para ver uma imagem da mãe.

– Sim – concordei. – Quero passar muitas horas sentada a observar a sua beleza elegante, recordando tudo o que era, e ainda é, para as suas filhas.

A filha de Ali, Medina, nascida da sua terceira mulher, de repente fez um barulho estranho e eu virei-me para ela, pensando que pudesse estar a sufocar ou a passar por um arroubo de emoção perante a apresentação iminente da imagem da avó. Foram raras as vezes que estive na companhia de Medina, pois ela deixou bem claro desde os primeiros anos da adolescência que não gosta de mim nem das minhas filhas. Presumi sempre que ela acredita na propaganda que o pai faz contra mim. E porque não? A maior parte dos humanos defende aquilo que lhes é ensinado durante a infância. É a única razão pela qual raramente sinto raiva de Medina; em vez disso, concentro-me na parte culpada – o meu irmão Ali.

Na verdade, senti-me surpreendida com a presença de Medina na reunião em minha casa, mas fiquei satisfeita, esperando que ela tivesse amadurecido e se aproximasse, para gozar de relações amigáveis comigo e a família alargada.

Subitamente, Medina saltou da cadeira e deixou-nos a todas estupefactas, quando se dirigiu para a fotografia da avó, que ainda se encontrava tapada pelo tecido de seda. Agarrou no pano e tirou-o de cima da imagem, e todas assistimos, cheias de surpresa, ao olhar ameaçador que me dirigiu – com os olhos cheios de fúria – e aos gritos que proferiu: – Esta fotografia não demorará a estar no nosso palácio! O meu pai diz que tem de ser dele. Esta fotografia pertence à casa do único filho da avó.

Senti o corpo todo ser percorrido por pequenos choques. Fiquei verdadeiramente estupefacta. Antes deste incidente, não reparara na semelhança física de Medina com o pai; mas, quando me rosnou, com os olhos arregalados e o rosto marcado por uma expressão de ameaça, estava igualzinha a ele quando se irritava.

Sara levantou-se e falou alto e energicamente, deixando todos espantados, porque a minha irmã raramente fala de outra forma que não num tom suave e baixo: – Medina, trava a língua e fecha os lábios!

Foi então que reparei nos grandes dentes de Medina, aparentemente pontiagudos naquele momento. Inspirei fundo.

– Não, tia – replicou Medina, num tom mais subtil, pois poucos na nossa família se voltam contra Sara. – Vim em representação do meu pai. Esta fotografia pertence-lhe. É ele quem manda nas irmãs, e é o único homem da família. Ficarà com a fotografia e convidará as irmãs para uma reunião anual para elas poderem observá-la.

Para nosso mais absoluto espanto e cuidado, Medina, que é fisicamente grande e sempre foi mais forte do que a maioria – uma rapariga conhecida por bater nos irmãos, na verdade –, pegou na imagem da nossa mãe e correu para a porta, segurando a grande fotografia emoldurada por cima da cabeça.

– Rápido, façam alguma coisa, ela está a fugir com a fotografia! – gritou uma das minhas sobrinhas.

Todas gritámos e eu liguei o nosso sistema de alarme, muito barulhento, que com certeza se ouviria bem longe. Como nos apanhou desprevenidas, Medina conseguira escapar e atravessara a entrada e a minha porta da frente num ápice.

Fui em perseguição dela, mas Maha, que corre depressa, rapidamente me ultrapassou. Formávamos um comboio de mulheres excitadíssimas: eu ia atrás de Maha e as minhas irmãs e sobrinhas iam atrás de mim. Tudo aconteceu tão depressa que logo testemunhei uma visão horrível: a minha filha lutando fisicamente com a prima.

– Maha! Cuidado com a fotografia da avó! – gritei, com terror de que esta pudesse ser destruída durante o confronto.

Maha ouviu o meu aviso e aliviou a pressão que exercia no pescoço de Medina, pois a fotografia ameaçava cair nas pedras duras da nossa entrada. Foi então que Medina aproveitou a oportunidade para enfiar a fotografia da mãe no banco de trás no *Rolls-Royce* novo do pai.

Obviamente, instruíra o motorista para estar pronto para fugir, pois este não estacionara na zona habitual, junto dos outros carros. Ouvi o motor. O motorista encontrava-se pronto para sair disparado da nossa propriedade. Medina, com um movimento expedito, saltou para o banco de trás do carro em andamento, primeiro lento, depois acelerando. Fiquei com o coração gelado quando vi Maha tentar agarrar o puxador da porta. Senti satisfação ao constatar que não conseguiu, embora não tenha sido agradável ver a minha filha perder o equilíbrio e cair no canteiro viçoso. Fiquei aliviada por ela não se ter magoado, graças a Deus.

Mas o inimaginável acontecera. O veículo que transportava a preciosa

fotografia da minha mãe tinha desaparecido.

Como se este terrível incidente não bastasse, quando nos reuníamos na entrada vimos Maha correr para um *Mercedes* que pertencia a uma das minhas irmãs ou sobrinhas e saltar para o banco do condutor. Como a maior parte dos motoristas relaxava e tomava chá num dos encantadores pavilhões do nosso pátio, não havia ninguém para deter a minha filha. Devido à segurança que existia em nossa casa, protegida por um muro alto e portões, os motoristas tinham deixado as chaves nas ignições.

Uma das filhas de Sara gritou: – A Maha está a conduzir!

Levei as mãos à boca e não consegui articular uma única palavra.

Amani tocou-me no braço, dizendo: – Vou ligar ao pai. – Depois, correu para dentro de casa.

Antes de fechar os olhos em completo terror, a última coisa que vi foi a minha filha fazer algo proibido na Arábia Saudita – conduzir – e a uma velocidade considerável.

– Ela vai demasiado rápido! Vai morrer num acidente! – gritou Dunia.

– Não, a Maha é muito boa condutora – murmurou Sara. – Não tem medo de nada. Vai apanhar a Medina e voltar com a fotografia da nossa mãe.

Amani não demorou a surgir ao meu lado, com a notícia tranquilizadora de que o pai saíra do escritório e se encontrava a caminho do palácio de Ali, que não ficava muito longe do nosso. Suspirei, rezando para que Kareem resolvesse esta enorme crise familiar.

Sara encorajou as nossas irmãs histéricas e as suas filhas enervadas a voltar para suas casas, prometendo-lhes que, assim que a fotografia da nossa mãe fosse devolvida ao seu legítimo lugar, seriam avisadas e nos reuniríamos novamente para a cerimónia de apresentação.

Abstive-me de declarar que haveria guardas e proteção, para que não fosse autorizada a entrada ao meu irmão nem a nenhum dos seus filhos.

Foi nesta altura que Abdullah e Muhammad chegaram. Julgando que estávamos tão entusiasmadas por os ver que nos reuníamos na entrada da casa para os saudar, ficaram espantados ao constatar as nossas lágrimas e ouvir os nossos gritos. Quando lhes contámos a catástrofe, ambos exprimiram horror, não deixando, contudo, de mostrar uma determinação imediata em corrigir um mal terrível. O meu filho e o meu sobrinho correram para os seus veículos. Quando passaram por nós, a cabeça de Abdullah apareceu na janela aberta, gritando: – Não se preocupem! Vamos encontrar-

nos com o pai no palácio de Ali. Traremos a avó para casa!

Pensei que talvez não fosse boa ideia colocar Abdullah a caminho do perigo, mas ele desapareceu antes de eu o poder deter.

Sara, Amani e eu tentámos acalmar os nossos criados e motoristas assustados, que entretanto se reuniram a nós. Ouviram os nossos gritos de terror e ficaram, compreensivelmente, alarmados. Reinava o caos! Os criados e os motoristas gritavam, enquanto as criadas choravam; algumas temiam que o rei tivesse morrido, enquanto outros pensaram que o país estava a ser atacado.

Finalmente, todos compreenderam que não se tratava de nenhuma calamidade nacional, mas apenas de uma crise familiar que era necessário resolver rapidamente.

Regressámos ao nosso palácio para aguardar informações, embora tenha passado um tempo considerável até recebermos alguma notícia.

Por fim, os nossos amados familiares regressaram, mas bastou um olhar para percebermos que nem tudo estava bem. Amani uivou de abjeto terror quando Kareem, Abdullah e Maha se apresentaram aos nossos olhos. Estavam cobertos de sangue, ou pelo menos foi isso que pensámos, com base nas provas que tínhamos diante de nós. Algo que aparentava ser sangue pingava-lhes do rosto e das mãos. Pensando que tinham estado envolvidos num assustador acidente de carro, tentei mexer-me, mas rapidamente descobri que as minhas pernas estavam incapazes de suportar o meu corpo. Mais uma vez, encontrava-me em estado de choque.

Quando consegui pôr-me em pé, sem saber bem o que fazer ou quem precisaria primeiro de atenção, olhei para Kareem, que parecia bloqueado. Supliquei-lhe: – O que é? O que é?

Kareem estava com dificuldade em respirar mas ergueu as mãos, com as palmas viradas para mim; tinham uma cor rosada.

Sara estava igualmente preocupada e também queria uma explicação: – O que aconteceu?

Com uma voz assustada, Amani perguntou: – Pai, estás ferido?

– Não, não estamos feridos – disse Kareem, por fim.

Eu encontrava-me muito confusa e indiquei o corpo do meu filho: – Que sangue é este, então?

Por um momento angustiante, receei que tivessem ferido Medina ou que Ali se pudesse ter magoado. Embora lute contra as injustiças e seja

conhecida por beliscar os meus filhos e lhes puxar as orelhas quando se portam mal, não gosto de violência.

Maha, cujo corpo se encontrava coberto de um líquido vermelho, da cabeça aos pés, disse finalmente: – Não é sangue, mamã. É tinta vermelha. O teu irmão, aquela filha diabólica dele e vários dos filhos cobriram-nos de tinta vermelha.

Eu não conseguia compreender o que estava a ouvir. – Tinta?

Abdullah explicou tudo, então. – Sim, mãe. Quando chegámos, a Maha já tinha tirado a fotografia à Medina. Pusemo-la rapidamente na mala grande do carro do pai. O Muhammad, julgando que a crise tinha passado, foi embora. Depois, ficámos os três estupidamente na entrada a discutir como trazer o carro da tia Dunia sem a Maha conduzir e, enquanto falávamos, aquele gangue de ladrões enfiou-se atrás dos arbustos e veio para nós atirando baldes de tinta vermelha.

Nem consegui imaginar uma tal cena. Foi uma das poucas vezes na vida que fiquei sem palavras.

Sara, que conhece todos os tipos de tinta, até tintas para a casa, devido aos anos em que foi artista, franziu os lábios e perguntou suavemente: – É tinta de água?

A imprevista pergunta de Sara proporcionou um alívio imediato e todos começámos a rir histericamente.

– Tinta de água? – inquiriu Abdullah.

Kareem tentou recuperar o controlo. Ria-se tanto que precisou de algum tempo para fazer uma última pergunta ao filho. – Abdullah, filho, como é que não perguntaste ao Ali se a tinta era à base de água?

Abdullah, ainda a rir descontroladamente, caiu no chão por fim, estragando o meu lindo tapete branco, enquanto Maha cravou as mãos cobertas de tinta nas costas do meu sofá preferido, estragando o tecido dourado exclusivo que eu procurara tão apaixonadamente por toda a Ásia.

Mas não desesperei nem por um segundo: preocupava-me apenas a segurança daqueles que amava.

Felizmente, só o seu orgulho estava ferido, pois a tinta era mesmo de água e, por isso, os meus três amores conseguiram, após alguns dias de duches repetidos e muitas esfregadelas, retirar a tinta do cabelo e da pele. Não pudemos deixar de nos interrogar onde raio é que Ali e os filhos tinham ido buscar aquelas latas de tinta vermelha para o ataque.

Alguns meses depois, Medina telefonou a Amani para se gabar do seu papel no drama daquele dia, revelando que Ali estava a construir uma sala de dança para a sua nova esposa síria, Sita, que contratara uma dançarina da Argentina para a ensinar a dançar o tango. Sita, que gosta de decorações garridas, insistira que a grande sala fosse pintada com um tom vivo de vermelho, e essa tinta encontrava-se a jeito quando Ali e os filhos procuraram algo com que atacar a minha família.

Para nossa perpétua alegria, a fotografia não se tinha estragado. Se não tivesse sido enfiada na mala do carro de Kareem, Ali e a família teriam coberto a imagem com tinta vermelha sem hesitação e estragado completamente a fotografia insubstituível. A fotografia da nossa mãe, um tesouro tão grande para as suas filhas, teria ficado para sempre perdida para nós.

O facto de a fotografia da nossa mãe ter estado tão próxima da destruição pôs as minhas irmãs firmemente do meu lado e, desta vez, todas ficaram profundamente desiludidas com o único irmão, que obviamente preferira estragar a fotografia da mãe a deixar que esta ficasse na minha casa.

Ainda hoje as minhas irmãs e as filhas sentem uma grande fúria relativamente a Ali. Todas lhe disseram que a sua irritação chegara a tal ponto, que nem ele nem os membros da sua família eram bem-vindos nas suas casas. Todas dizem que está na altura de ensinar uma lição a Ali: embora não sejam homens, as suas irmãs têm direitos. E assim, pela primeira vez na nossa família, as mulheres mandaram.

Sara ficou tão desiludida com o irmão mais novo que abordou o nosso pai para lhe expor o imprudente comportamento de Ali e Medina. Sara informou-nos de que até o nosso pai exprimiu raiva pelo que Ali e Medina haviam feito. Disse que eles tinha ido contra os desejos da nossa mãe e a promessa que ele lhe fizera no leito de morte. Para ele, Ali e os seus filhos tinham envergonhado a família.

Abdullah trouxe-me um sorriso aos lábios ao falar da situação, dizendo: – Mãe, a maior parte das pessoas pensa que as sauditas precisam de um homem para as proteger. Mas, neste caso, é um homem saudita, o meu tio Ali, que precisa de proteção.

– Se ao menos fosse sempre assim, meu filho – repliquei.

Mas agora, pelo menos, todos sabiam que era Ali quem tinha mau fundo e não a sua irmã mais nova, que ele culpava sempre por tudo. E isto trouxe-me

algum reconforto.

A última notícia que tive foi que o meu pai ficou tão zangado que, quando teve oportunidade de ver Ali, rejeitou os esforços do filho para lhe beijar a mão ou para o acompanhar numa refeição em casa. Ali, acostumado desde rapazinho a ser tratado como um filho de ouro pelo nosso pai, ficou tão chocado por ser objeto da desilusão e desagrado dele que marcou uma viagem para o estrangeiro, planeando não dar nas vistas e ficar indefinidamente nos seus palácios de França e Espanha.

Ali não se arrependeu, porém, e tive um grande choque quando me disseram que o meu irmão pedira a toda a família para rezar a Alá para que eu perdesse a visão. O meu irmão tem-me tanta raiva que deseja que eu não possa apreciar a maravilhosa fotografia da minha mãe.

O seu antagonismo extremo é, como sempre, uma fonte de perturbação para Kareem e os meus filhos, pois ninguém sabe de que outras formas o seu ressentimento se poderá manifestar no futuro. Para dizer a verdade, ter ficado a saber das suas preces vingativas provocou-me alguma ansiedade e fiz várias consultas com especialistas para controlar quaisquer problemas de visão. Fiquei profundamente aliviada todas as vezes que os médicos me disseram que os meus olhos ainda eram os olhos de uma jovem, sem quaisquer doenças que os ameaçassem. Alá escolheu não conceder a Ali o seu desejo de me ver cegar. As ações do meu irmão, desde os tempos de criança, não me deixam quaisquer dúvidas de que é um homem muito mau.

Após anos de desavenças, de lutas, até, com o meu irmão, acredito que um dia Ali fará algo contra mim e a minha família. Talvez adie as suas intrigas até o nosso pai já não estar connosco. Não há nada a fazer senão aguardar o meu destino.

Kareem está tão determinado a guardar a fotografia em segurança na nossa casa que contratou peritos que ganham a vida a proteger os quadros mais dispendiosos dos museus europeus, para virem ao nosso palácio conceber um sistema de alarme que se ative caso alguém tente tirar a fotografia da nossa mãe da parede.

Ali pode enviar Medina ou qualquer outra pessoa da família para tentar roubar a fotografia, que todos ficarão espantados ao depararem com uma resistência bem organizada. Não que venham a ter a oportunidade, pois todos os nossos criados sabem que nenhum familiar imediato de Ali tem autorização para entrar no nosso palácio.

Apesar das minhas preocupações e medo relativos a Ali, continuo a ter uma alegria imensa. Todas as manhãs que passo na minha casa de Riade tenho o prazer de saudar a imagem da minha mãe. Sinto o amor poderoso que sempre senti por ela e o seu amor por mim. Quando olho para o seu belo rosto, é como se ela me abraçasse, como quando os seus braços amorosos me enlaçavam, quando era o seu bebé. Embora esteja sepultada há muitos e longos anos, a fotografia dá-me a sensação de que se encontra novamente ao meu lado. O seu espírito benevolente renovou-me as forças para continuar a árdua batalha que tenho travado desde pequena: dar a mão a todas as mulheres que encontre que dela precisem.

Uma bela manhã, olhei para a minha mãe e sorri-lhe, dizendo: – Mãezinha, no curto espaço de uma vida, as sauditas iniciaram um caminho maravilhoso em direção à liberdade. Muitas começaram a mandar na própria vida.

Não sabia que, enquanto proferia estas palavras, o meu dedicado filho Abdullah entrara na sala e encontrava-se alguns passos atrás de mim. Sorriu e olhou para a imagem da avó, e depois cingiu-me num abraço apertado.

– Sim, avó! – gritou. – Acredita na tua filha Sultana. As mulheres mandam!

E assim, com o coração cheio de alegria e confiança em vidas melhores para todas as mulheres, prossegui o meu caminho.

DR.^a MEENA: A RIQUEZA DA EDUCAÇÃO

A maior de todas as riquezas é a educação. Enquanto uma grande riqueza pode ser perdida, a educação não pode ser retirada, anulada nem devolvida. A educação multiplica-se como nenhum outro investimento, porque incentiva uma fome que nunca é saciada. É por esta razão que tenho passado uma grande parte da minha vida adulta a disseminar a ideia de que a educação é riqueza.

A maravilhosa verdade é que, embora as mulheres ainda estejam sujeitas a desafios assustadores no meu país, se deram muitas melhorias em todos os aspetos da sua vida quotidiana.

A nossa vitória mais importante aconteceu no âmbito da educação. A primeira escola para raparigas da Arábia Saudita foi fundada em 1956, e em apenas duas gerações a educação ficou disponível para quase todas as sauditas.

Quando eu era pequena, a educação era principalmente limitada à elite. As minhas irmãs e eu fomos ensinadas por uma tutora privada estrangeira, uma mulher que foi especialmente contratada para ensinar as filhas da família real – mas, claro, só os verdadeiramente ricos podiam contratar uma professora assim.

Poucos sauditas comuns consideravam que a escola fosse essencial para as filhas; a ambição fundamental da maior parte das famílias era educar os filhos. O meu tio rei Faisal e a esposa, Iffat, cujo casamento era invulgarmente moderno, pois a mulher participava nas tomadas de decisão, puseram em marcha uma espécie de revolução para fazer da educação das raparigas uma prioridade.

Contudo, apesar dos grandes esforços do meu tio, poucas raparigas

sauditas tiveram acesso a uma educação que fosse além da leitura e escrita básicas. Depois de o rei Faisal ter sido assassinado por um dos sobrinhos, em 1975, outros assuntos de Estado assumiram predominância e o progresso que a educação das mulheres tinha feito estagnou. Durante a minha infância, as metas de aprendizagem das mulheres eram tão desanimadoras, que poucas oportunidades havia de as raparigas acederem a um nível de educação que lhes permitisse tirar um doutoramento ou um curso médico.

Lembro-me nitidamente do momento em que compreendi que uma mulher podia trabalhar na profissão médica. Foi o dia em que o motorista da família levou a minha mãe, Sara e a mim a uma consulta na clínica de uma dentista. Há algum tempo que as três sofriamos de dores de dentes insuportáveis. Os dentes de trás da minha mãe estavam a apodrecer. As gengivas de Sara estavam inchadas e vermelhas por razões que desconhecíamos. Eu mordera uma guloseima dura com tanto entusiasmo que lascara um dente praticamente até à gengiva.

O atraso em obtermos tratamento dentário resultou da existência de muito poucas dentistas em Riade. O meu pai nunca teria autorizado um dentista homem a ver o rosto descoberto e a olhar para dentro da boca da mulher, embora, curiosamente, um médico tenha podido examinar o corpo nu da minha mãe quando ela teve dores, anos passados.

A minha mãe confidenciou depois à filha mais velha, Nura, que ouvira as instruções que o meu pai dera ao seu assistente, cuja função era supervisionar todos os aspetos dos cuidados médicos que as mulheres da nossa família recebiam, e estas haviam sido muito precisas e diretas. Ele ditara que, embora a mulher estivesse proibida de tirar o véu do rosto, podia tirar a roupa. Desde que o médico não lhe visse o rosto, não era vergonhoso que lhe visse o corpo. Acho estas coisas inexplicáveis na minha cultura.

Surpreendentemente, há restrições mais rígidas que ainda permanecem na vida de algumas sauditas; raramente decorre um mês sem que haja notícias de uma pobre mulher que morreu porque o marido se recusou a permitir que um médico homem a examinasse.

Assim que uma dentista abriu consultório em Riade, o assistente do meu pai marcou uma consulta, para que fôssemos imediatamente vistas. Se a minha memória não me falha, a dentista era do Líbano, um país em que a educação não era uma raridade para as mulheres. Lembro-me da sua expressão calma e da grande atenção que prestou à nossa mãe e a nós. Agora

que amadureci, compreendo que provavelmente sentiu muita pena da minha mãe e de nós. As mulheres árabes dos outros países parecem sempre perceber que, apesar da riqueza do petróleo, as mulheres da Arábia Saudita são tragicamente pobres quando se trata de liberdade pessoal. Embora haja mulheres de países árabes menos ricos que possam invejar a nossa riqueza, nunca invejaram as muitas e difíceis restrições colocadas às nossas vidas.

Seja o que for que a amável dentista possa ter sentido por nós, Sara e eu ficámos maravilhadas com a juventude e o conhecimento dela. Até àquele dia, nenhuma das mulheres que conhecêramos fazia carreira ou trabalhava fora de casa.

Eu era muito nova na altura, mas Sara era mais velha e mais confiante. Fez tantas perguntas à dentista – sobre este instrumento ou aquela máquina, ou onde fizera o curso – que me lembro de a nossa mãe corar, embaraçada com o à-vontade da filha. No mundo da nossa mãe, esperava-se das sauditas que se contentassem em ser esposas e mães, e qualquer desejo ou ambição de trabalhar fora de casa era encarado com repúdio ou descrença, até.

Embora as mulheres houvessem dado pequenos passos em direção à liberdade nos anos 1960 e 1970, tudo mudou para pior em 1979. Foi o ano perturbante em que ocorreu a revolução islâmica no Irão e o governante daquele país, denominado xá da dinastia Pahlavi, foi derrubado. Substituíram-no pelo grande aiatola Khomeini, líder da revolução. Desde o início, Khomeini deixou claro que considerava as mulheres repugnantes; é assustador o quanto esse sentimento era comum entre os religiosos.

Os homens da minha família tinham receio de que algo semelhante pudesse passar-se na Arábia Saudita. Isto porque o nosso país está cheio de homens que acreditam que Alá lhes fala apenas a eles. Quando quase todos os homens acreditam que são os únicos privilegiados com a verdade de Alá, ocorrem infindáveis discussões.

O meu tio, o rei Khalid, e os irmãos chegaram mesmo a acreditar que a Arábia Saudita seguia as pegadas do Irão. Isto porque, no final de 1979, rebeldes que protestavam contra o domínio da minha família fizeram centenas de peregrinos reféns na Grande Mesquita de Meca. Os confrontos que se seguiram duraram duas semanas e custaram a vida a muitos militantes, como a reféns e a soldados sauditas que defendiam a monarquia Al Saud.

Lembro-me de ouvir avidamente o meu pai repetir palavras que o nosso rei Khalid dissera, palavras que exprimiam os receios e preocupações que tinha

pelo nosso país e pelo papel da sua família nesta terra.

Pobre rei Khalid. Era um homem devoto que levava os seus deveres reais mais a sério do que a maioria, por isso compreende-se que ficasse perturbado com o caminho que tantos muçulmanos tomavam.

Depois da crise da Grande Mesquita e de os sobreviventes rebeldes terem sido decapitados, os homens da família Al Saud alargada reuniram-se para pensar num modo de apaziguamento dos então radicais. Foi que os homens que tenho como familiares abdicaram de todos os direitos das sauditas, dizendo que a liberdade das mulheres conduziria ao aumento da raiva dos homens mais religiosos e ameaçaria a coroa.

E foi então que, como mulheres, os pequenos passos que déramos em direção à liberdade foram travados. Os longos anos de «seca» da nossa liberdade pessoal tiveram como resultado a estagnação; já não se dava atenção ao avanço da condição das mulheres.

Com o passar dos anos, ouvi falar de médicas que trabalhavam no meu país, mas estas vinham de outros países, principalmente da Inglaterra, da América e da Ásia. Para mim, elas não contavam, pois não representavam mais oportunidades para as sauditas. Havia muito poucas médicas provenientes de países vizinhos.

Mas, no ano de 2014, as sauditas estão novamente a ganhar terreno. Hoje em dia, quase todas as raparigas sauditas recebem educação, pelo menos até aos dezasseis ou dezassete anos. E, com o acordo dos pais, as raparigas mais velhas podem continuar os estudos, para poderem trabalhar em profissões reputadas, como a medicina. Cada vez mais mulheres sauditas escolhem tornar-se médicas dentistas pediatras ou pediatras, e também estão a especializar-se em doenças de mulheres.

A luta tem sido tão profunda que nunca deixo de reagir com entusiasmo sempre que ouço que uma saudita concluiu os muitos anos de estudos necessários para a obtenção de um diploma médico. Nada me dá mais prazer do que marcar uma consulta com uma médica saudita; na verdade, dou-me ao trabalho de localizar as mais recentes médicas de Riade, Gidá e Taif, pois estas são as cidades onde passo a maior parte do tempo. Adoro conhecer mulheres que alcançaram os seus objetivos, e gosto de observar os seus hábitos de trabalho, de analisar a forma como lidam com a vida profissional no reino. Sei que as dificuldades ainda são muitas. Tenho necessidade de perceber como é que as mulheres lidam com elas e avaliar exatamente o que

exigiu delas alcançar metas profissionais tão elevadas.

Esta pesquisa ajuda-me a fazer melhores escolhas quando determino a forma de ajudar as mulheres a alcançar as suas ambições, ou a decidir que organizações apoiar nos meus esforços de melhorar as oportunidades das mulheres em geral.

Só duas vezes pus médicas ao corrente da minha missão ardente de gastar muito do meu tempo e consideráveis recursos para assegurar que todas as raparigas têm a melhor educação. Admito que me é muito difícil manter segredos quando estou na presença de alguma mulher que admiro muito, uma mulher que não só sobreviveu mas também conseguiu concluir uma das mais duras corridas de obstáculos do mundo para obter uma boa educação e seguir a profissão médica no reino da Arábia Saudita.

Há três áreas, em geral, nas quais tenho conseguido ajudar mulheres sauditas no campo da medicina. Ajudei raparigas que não iam à escola, e que podem ter prosseguido estudos nessa profissão. Outras eram mulheres que necessitavam de uma ajuda mais prática: mulheres que pediram assistência médica às direções de vários hospitais reais, que, por sua vez, contactaram membros da família real – fui chamada diversas vezes desta forma, pois sou uma princesa de estatuto elevado e conhecida pela minha generosidade quando se trata de problemas que afetam as mulheres –, ou mães jovens que temiam pela vida das filhas, cujo bem-estar se encontrava ameaçado pelos pais, irmãos ou tios.

Claro que nenhuma dessas pessoas poderia imaginar que eu era a princesa Sultana, conhecida pelos livros escritos acerca da minha vida. Sabiam apenas que era uma princesa real que dedicava muito tempo e dinheiro a promover a educação das raparigas e a encontrar recursos governamentais para pagar tratamentos médicos necessários àquelas que não podem pagá-los.

Mas a mudança está longe de concluída no reino. Embora algumas sauditas levem uma vida menos complexa e perigosa do que a da minha geração, há muitas que ainda têm de lutar sozinhas para sobreviver a um sistema construído por homens para manter poder total sobre as mulheres. As lutas que estas mulheres travam servem para demonstrar que, em comparação, os problemas que enfrentei a nível pessoal são risíveis e triviais.

Tendo dado uma ideia de como é difícil para as mulheres sauditas obter um diploma médico, desejo partilhar uma história específica sobre uma mulher

especial. Os meus pensamentos vagueiam muitas vezes para esta mulher indómita, que nasceu numa situação trágica e que, contudo, pela força de vontade e pela educação, conseguiu escapar do jugo da servidão. Vou tratá-la por Dr.^a Meena, uma saudita que tem o desejo e a capacidade de servir os outros e que, acredito, está a desencadear uma enorme e necessária mudança para todas as mulheres da Arábia Saudita.

* * *

Conheci a Dr.^a Meena em 2012, quando fui convidada, juntamente com cerca de quinze das minhas primas, a assistir a uma conferência dedicada à educação das raparigas sauditas, num dos hospitais reais de Riade. Quando cheguei, dei instruções ao meu motorista, um simpático muçulmano de meia-idade nascido na Indonésia, chamado Batara, que parasse na frente do hospital, para eu aceder diretamente à sala de reuniões. Batara trabalha há muitos anos para o meu marido, que confia inteiramente nele. Sendo assim, Batara é meu motorista pessoal quando estamos na Arábia Saudita. Ele leva o seu trabalho a sério e fica tão contente com a confiança que depositamos nele que até viaja connosco de cidade para cidade.

Naquele dia em particular, quando constatou que eu ia entrar no hospital sem ele ao meu lado, Batara opôs-se respeitosamente, pois considera um dever vital do seu trabalho fazer-me chegar segura a qualquer destino. Chega ao ponto de tentar inspecionar as salas onde eu entro, embora nem sempre possa tomar esta medida de segurança quando estão presentes outras mulheres sem véu. Por várias vezes quando me demorei mais do que o planeado, Batara enfiou a cabeça numa janela aberta para observar a cena, certificando-se de que eu ainda estava entre os vivos. Houve uma altura divertida, em que Batara criou grande confusão, quando o seu rosto inquiridor assomou a uma janela. Como não conseguiu identificar-me no grande grupo reunido, deu um grito preocupado, fazendo com que seis ou sete das mulheres mais conservadoras desmaiassem e outras corressem a esconder-se. Embora os nossos criados estejam acostumados a ver o meu rosto desvelado, além dos rostos da minha irmã e de Maha, outras mulheres não vivem com tanta liberdade, e a família força-as a usar um véu mesmo na presença dos empregados da casa. Depois daquele dia, tive de ordenar a Batara que não voltasse a provocar uma confusão semelhante. Ficou proibido

de se mostrar perto de mulheres que não fossem da nossa família!

Mas, como visitei aquele hospital mais de uma vez, e também já comparecera a outras reuniões naquele local, sabia exatamente onde me dirigir.

– Não – repliquei com firmeza. – Por favor estaciona o carro naquele lugar, Batara. – Indiquei uma área em que os visitantes reais são autorizados a estacionar em qualquer altura do dia ou da noite. Depois de desligar a ignição, Batara veio abrir-me a porta para eu sair mais facilmente. É frequente o tecido da minha *abaya* esvoaçante ficar preso nalgum ponto mais saliente, por isso não é com desagrado que permito que Batara segure alguma ponta mais solta e me abra a porta.

Olhei para a expressão ansiosa do seu rosto e ri-me para mim própria – sem lho mostrar, claro, pois iria magoá-lo. Lamento que ele se sinta frustrado e ansioso, mas há alturas em que tenho de viver a minha vida sozinha, sem a proteção de nenhum homem.

Ninguém reparou em mim quando cruzei as portas largas do hospital, pois encontrava-me completamente velada, e percorri só e confiante o longo corredor que conduzia à sala onde era aguardada. Como já fora a várias reuniões naquele hospital, sabia exatamente onde precisava de ir. Senti-me tão livre quanto uma mulher saudita se pode sentir; foi quase como se fizesse umas pequenas férias, longe do caos habitual que era a nossa casa, com todos os seus empregados e familiares.

Não vi nenhuma das minhas primas quando me detive a observar a sala. Talvez estivessem todas atrasadas, pensei para mim, pois muitos membros da minha família alargada têm a opinião de que é importante chegar em último, para que todos aqueles que não pertencem à realeza tenham de esperar por eles. Eu não aprovo essa atitude, pois desde que sou adulta que reparei que a arrogância é a doença dos membros da realeza. Na verdade, choca-me que pouco tenha mudado ao longo dos séculos e que membros da realeza do mundo inteiro acreditem estar acima das outras pessoas, incluindo os membros das famílias reais da Europa.

Subitamente, vi um movimento rápido quando uma jovem saudita, que provavelmente fora incumbida da tarefa de acolher os convidados, pareceu lembrar-se de que desertara da sua posição. Estudei-lhe o rosto quando veio na minha direção, e imaginei que se sentiria embaraçada, pensando possivelmente que fora uma falta de sorte ter-se afastado do seu posto

mesmo na altura em que chegava um membro da família real. Percebi que a bonita rapariga ficou alarmada – talvez assustada, até – pela possibilidade de a sua distração me ter causado desagrado. Mas não me senti minimamente incomodada e, aliás, ela sorria tanto que gostei logo dela.

Devolvi-lhe o sorriso, mas claro que ela não conseguiu ver o meu rosto amigável, pois eu ainda me encontrava tapada pelo véu, a detestada indumentária que uso quando me aventuro a sair em público em Riade. Espero que seja em breve o dia em que a rejeição das mulheres que não usam véu deixe de minar a cidade de Riade. Mesmo nos dias de hoje, há rapazes adolescentes que vivem em Riade que, ensinados pelos pais e pelos clérigos, consideram as mulheres cidadãos de segunda categoria e lhes atiram pedras quando deparam com aquilo que consideram uma visão ofensiva – um rosto feminino desvelado. É meu desejo sincero que chegue o dia em que as ideias ultraconservadoras dos cidadãos de Riade avancem e vão ao encontro das dos residentes de Gidá, de mentes mais liberais, para que, pelo menos, um rosto desvelado não seja alvo de violência na rua.

A jovem pareceu entusiasmada por receber um membro da família real, mas teve demasiada vergonha para iniciar conversa quando se aproximou para me ajudar a retirar a *abaya*. Com um movimento rápido, tirei o véu preto para depois lhe perguntar: – Usa o rosto velado quando anda na rua? – Perguntei-me se ela teria a audácia de se revoltar, como eu tinha feito quando jovem.

A mulher sorriu, envergonhada. Mas, antes de responder à minha pergunta, apresentou desculpas: – Desculpe, princesa. Chamaram-me por um momento.

– Oh, não se preocupe. Não sou nenhuma indefesa. – Olhei novamente para ela. – Diga-me, que pensa do véu? Do véu do rosto?

Ela ficou espantada com a minha frontalidade, mas nunca deixo de discutir a questão do véu quando conheço mulheres jovens. Nada é mais revelador da sua personalidade do que a vontade de lutar contra as injustiças que recaem sobre as mulheres, entre as quais as relacionadas com o véu do rosto, ao qual a fé islâmica não obriga, como quem conhece verdadeiramente o nosso livro sagrado saberá, e que é certamente um assunto pessoal.

– Em público, uso o véu – disse ela. Depois, olhou em redor para se certificar de que estávamos sozinhas, confessando então: – Mas não gosto. – Quando reparou no meu sorriso de aprovação, sorriu endiabrada. – O meu

pai não se importa se eu não tapar o rosto, mas a minha mãe e os meus irmãos dizem que o véu serve um duplo propósito: o de não me deixar entrar insetos nos olhos e na boca e pensamentos proibidos na cabeça.

Antes de me afastar para me juntar às outras senhoras para a reunião, ri-me com ela, dizendo: – Um dia, espero ver todos os homens usarem o véu que tanto amam!

Ela ficou boquiaberta, um pouco escandalizada com a observação, mas vi que gostou de conhecer uma princesa saudita disposta a exprimir-se com tanta abertura.

Dirigi-me às outras mulheres com fervilhante expectativa, pois sabia que aquela comissão fora formada com o objetivo específico de incentivar adolescentes do sexo feminino a obter um curso médico. Nada me dá mais prazer do que saber que estudantes do sexo feminino serão ajudadas a alcançar os seus objetivos educativos. Embora o meu governo tenha feito da educação uma prioridade, ainda há muitas famílias que, por pura ignorância, acreditam que não devem educar as filhas. São estas raparigas que devemos ajudar de todas as formas possíveis.

Entretanto, vi a mulher que veio a ser minha amiga. Observei uma pequena figura envergando uma bata de médica vir na minha direção. Sou uma mulher pequena mas, em comparação com esta médica, tenho uma grande estatura. O seu rosto, desprovido de quaisquer dos produtos de beleza que as mulheres usam para valorizar os traços, era, contudo, atraente. Enquanto as sauditas geralmente preferem cabelos compridos, o seu estilo fez-me lembrar o das mulheres dos filmes antigos de Hollywood de que o meu filho Abdullah diz gostar, estrelas que usavam um corte curto com franja. Ao contrário da maior parte das presentes, a única peça de joalharia que trazia era um relógio simples.

Fomos apresentadas e trocámos cumprimentos afáveis. Tentei conversar com ela, mas esta mulher não era de fazer conversa de circunstância. Precisei apenas de alguns momentos para compreender que esta médica saudita não só tinha um rosto sério e uma atitude séria, mas também não se deixava impressionar pela realeza. Gosto deste género de atitude, porque sei que pessoa nenhuma que nasce nesta Terra tem voto no que respeita ao seu nascimento. Alá decide tudo; se fosse Seu desejo, eu poderia ter nascido em grande pobreza numa outra terra, longe da Arábia Saudita. Somos todos como Alá deseja que sejamos.

Não demorou até que chegassem todas as convidadas e, depois de trocarmos cumprimentos e de bebermos refrescos, incluindo um ponche feito de sumo de ananás e outros frutos maravilhosos, fomos encaminhadas para uma área onde existia um auditório. Íamos ouvir as histórias pessoais de mulheres nascidas sem privilégios na nossa terra – mulheres que tinham subido na vida e alcançado grandes feitos, contra tudo o que seria de esperar. Estas oradoras iam esclarecer as mulheres abastadas do nosso país sobre as dificuldades que haviam enfrentado. Esperávamos chegar a ideias criativas que ajudassem outras raparigas sauditas que estivessem à mercê de situações semelhantes.

Entretanto, soube que a Dr.^a Meena seria a primeira oradora. Estava ansiosa por ouvir a história dela. Observei com atenção a sua pequena figura quando subiu confiante para a plataforma elevada. Intuí que ia aprender algo muito importante com aquela mulher.

Depois de ser recebida por um aplauso educado, a Dr.^a Meena contou-nos a história da sua vida. Percebi rapidamente que ela era a única oradora que não fazia qualquer esforço para cativar o seu público com um sorriso. Não obstante, a sua história pessoal era tão absorvente, na exposição da vida tal como ela era, e é, para tantas raparigas e mulheres desafortunadas da Arábia Saudita, que permaneci na ponta da cadeira, cativada pela sua apresentação simples mas poderosa e pela história que ela tinha para contar.

– O meu início de vida não anunciava nada de bom. Nasci numa família pobre de uma aldeia pobre da zona hoje conhecida como Al-Kharj.

Sei bastante sobre a região em que a Dr.^a Meena nasceu. Foi, tal como quase toda a Arábia Saudita, uma zona muito pobre durante a maior parte da sua história. Mas as pessoas de Al-Kharj têm mais sorte do que os restantes habitantes da nossa terra, pois existem muitos *wadi*, ou poços, na área. Na verdade, a região define-se principalmente pelo seu grande vale, chamado Wadi al-Kharj. Com a água, pelo menos os aldeões conseguem cultivar cereais e outras plantas. Lembro-me de o meu pai contar ao meu irmão Ali histórias sobre as pessoas de Kharj; foram os últimos de todos os *nadj* a sucumbir ao domínio do seu pai. Mas, mais tarde, as pessoas da região passaram a ser as mais leais à nossa família, e uniram-se ao nosso avô, o rei Abdul Aziz Al Saud, nas suas batalhas para dominar e unir o país inteiro. Desde essa altura que as pessoas daquela região são favorecidas pela nossa família, sendo-lhes muitas vezes concedidas melhorias nas estradas e no

estabelecimento de negócios, e muitas outras preferências sobre outras áreas do país.

A Dr.^a Meena prosseguiu a sua história: – Se alguém na minha aldeia tivesse predito que, um dia, a quarta e última filha da minha mãe e do meu pai iria à escola e gostaria de aprender ao ponto de desejar ser estudante para sempre, essa pessoa teria sido ridicularizada e possivelmente até lhe teriam atirado pedras à cabeça.

A imagem que ela apresentou dos aldeões incrédulos e desejosos de atirar pedras foi considerada ligeiramente cómica, mas, sentadas diante da sóbria Dr.^a Meena, nenhuma de nós teve coragem de rir – nem mesmo as mais impetuosas das minhas primas princesas.

– Fui a última das quatro filhas da minha mãe. – No público, constituído por mulheres, ouviu-se um burburinho de condolência por aquela mãe de quatro filhas. Fiquei hirta a olhar para aquelas mulheres que exprimiam pena pelo nascimento delas. Deixou-me extremamente irritada que, nos dias que correm, as mulheres continuassem a reforçar a ideia de que se deve ter pena de uma mãe de filhas. A minha mãe deu vida a dez raparigas. Como mãe de duas meninas, considero este tipo de reação uma afronta pessoal. Mas segurei a língua, pois aquele não era lugar para uma discussão que poderia transformar-se num confronto.

– Na verdade, o meu nascimento trouxe à minha mãe um divórcio apressado pelo meu pai furioso, que gritou as temidas palavras: «Divorcio-me de ti! Divorcio-me de ti! Divorcio-me de ti!» A minha mãe tinha três filhas pequenas e acabara de dar à luz um quarto bebé, e agora era uma mulher divorciada. Disseram-me que o meu pai nem parou para respirar; aproximou-se imediatamente da minha mãe e criticou-a severamente, acusando-a de lhe arruinar a vida ao dar à luz uma filha atrás de outra. A sua desilusão deu lugar a uma horrível fúria. Aterrorizou a minha pobre mãe quando me agarrou bruscamente, a recém-nascida que estava ao lado dela, e saiu pela porta do nosso casebre de barro, comigo presa pelos braços, gritando que ia enterrar-me viva no deserto. Gritou depois às minhas três irmãs que se pusessem em fila e o aguardassem. Ia deitar as três no poço da aldeia. Todas as suas filhas iam morrer!

«Um homem, o meu próprio pai, ameaçava assassinar-me a mim e às minhas irmãs de forma cruel. Gritei certamente de sofrimento por ser assim levada. Depois, aconteceu um milagre, diretamente de Alá, o primeiro de

muitos da minha vida. As minhas irmãs e eu estávamos a ser ameaçadas por um homem, mas, antes que o assassinato ocorresse, dois homens protegeram as nossas tenras vidas. Fomos salvas pelas palavras do profeta Maomé. As suas palavras sábias percorreram os séculos para serem proferidas por um dos meus tios, que era de longe mais inteligente do que o irmão, o meu pai. O meu tio encontrava algum valor nas suas duas filhas, embora se pensasse que ele era mais gentil com as mulheres porque a sua esposa o presenteara com cinco filhos antes de dar à luz duas filhas. Fosse por que fosse, salvou as vidas de quatro mulheres, ao repetir as palavras do profeta Maomé, a paz esteja com ele, com as quais este prometeu uma grande recompensa de Deus a quem criasse crianças do sexo feminino com gentileza e cuidado: «Se alguém tem uma filha e não a enterra viva, nem a despreza, ou prefere os filhos a ela, Deus levá-lo-á ao Paraíso.»

«O meu tio continuou a repetir os dizeres do Profeta sem mostrar agressividade, mas procurando lentamente pegar em mim, a criança que estava nos braços do irmão.

«O meu pai não queria ser conhecido como alguém que ia contra as palavras do profeta Maomé. Mas, em vez de me colocar nas mãos generosas do meu tio, o meu pai atirou-me, um bebé indefeso, para o chão de terra e saiu da nossa casa. Gritou, ameaçador, que saía para preparar a nossa partida, dizendo que podia ser outro homem a alimentar cinco bocas inúteis. Nunca mais queria ver a mulher da qual se divorciava, nem as quatro filhas às quais dera a vida.

«Meras horas a seguir ao meu nascimento, a minha pobre mãe, que tivera um parto muito difícil sem assistência médica, foi obrigada a sair da cama por duas mulheres que tinham sido chamadas para ajudar a reunir os seus miseráveis pertences e as suas quatro filhas. Aquelas mulheres prepararam-nos para sairmos da única casa que a minha mãe conhecera desde o dia do casamento.

«O meu pai não demorou a regressar, insistindo que a minha mãe saísse do casebre e subisse para o banco de trás do velho automóvel com a sua ninhada de raparigas. Ia ser devolvida aos pais. O meu pai teve mesmo a audácia de insistir que os pobres pais da mulher iam ser forçados a devolver o dote de casamento, que consistira num conjunto barato de colar e pulseira, algumas ovelhas e dez galinhas. Naquela altura, os meus avós já não tinham nenhuma ovelha que pudessem devolver, pois nunca recuperaram dos dotes

que tiveram de proporcionar a três filhas. Só possuíam quatro galinhas descarnadas que às vezes lhes davam ovos para complementar a sua magra dieta.

«Disseram-me que a minha mãe deixou um rasto de sangue quando se dirigiu, cambaleante, para a porta, suplicando ao marido que lhe desse mais uma oportunidade, prometendo-lhe que o quinto filho seria um rapaz saudável. Recebeu uma bofetada pelos seus apelos sentidos.

«E foi assim que ocorreu um segundo milagre no espaço de poucas horas após o meu nascimento; um milagre que me salvou a vida. Como todas sabem, independentemente do que diz o Alcorão acerca da custódia dos filhos, no nosso país, se um homem reclama a custódia de uma criança desde o primeiro dia do seu nascimento, ninguém o desafiará. As suas exigências serão cumpridas em silêncio.

«Graças a Deus, o meu pai não insistiu em ter a custódia das filhas. Se ele tivesse exigido ser o guardião, ninguém se teria atravessado no seu caminho. Se isso tivesse acontecido, estou certa de que não teria demorado a assassinar-nos a todas, pois como poderia o nosso gentil tio montar guarda a todas as horas do dia? Louvado seja Alá por nos ter sido permitido, às minhas assustadas irmãs e ao bebé queixoso, que por acaso era eu, partir com a nossa mãe.

«A minha mãe disse que o meu pai, que tão bruscamente nos transportou para casa dos seus pais envelhecidos, passou a viagem toda a amaldiçoá-la. E foi assim que a minha mãe se viu divorciada e com quatro filhas que ninguém queria.

«Em vez de dar as boas-vindas à filha e às quatro netas, os pais da minha mãe discutiram com o antigo genro, dizendo-lhe que levasse a família de volta para casa. Alegaram não ter um pedaço de pão para dividir com a filha e as filhas dela. Mas o meu pai amaldiçoou-os, também, por terem uma filha que só paria filhas.

«O meu pai, como tantos outros naquela altura, era um ignorante que não sabia que é o esperma do homem que determina o sexo de uma criança. Na sua ignorância, pensava que, se os bebés provinham do corpo da mulher, era ela a responsável por tudo o que se relacionava com a criança.

«Os pais da minha mãe observaram, alarmados, o antigo genro subir para o frágil veículo e deixar a aldeia. Foi então que viraram a sua animosidade contra a minha mãe. Formaram uma frente unida na porta da sua casa simples

e disseram à minha mãe que se fosse embora, para Riade, e encontrasse alguém no governo que tomasse conta dela e das suas filhas. Os meus avós insensíveis chegaram mesmo a empurrá-la, fazendo uma tentativa vergonhosa de regressar para dentro de casa e fechar e trancar a porta para nenhuma de nós conseguir entrar.

«Mas a minha irmã mais velha era muito esperta. Tinha seis anos e sempre fora inteligente. Adorava as histórias contadas pelos beduínos que visitavam a nossa pequena aldeia, particularmente aquela em que eles defendem que, uma vez entrado o nariz do camelo na tenda, o corpo rapidamente se seguirá. Ela sabia que tinha de entrar na «tenda», ou, neste caso, no casebre. Compreendendo que a situação era desesperada, conseguiu passar pelo casal idoso e distraiu a nossa avó agarrando-se a uma das suas pernas. A nossa avó tentou bater-lhe para a fazer largá-la, mas a minha irmã disse mais tarde que aquelas pancadas fracas não eram comparáveis aos murros violentos do nosso pai, relembrando a frequência com que ele batia na mulher e nas filhas pequenas. Por isso, aceitou as pancadas e não lhe foi difícil segurar-se. A nossa mãe aproveitou o momento oportuno para reunir as suas últimas forças e passar pelo pai. Eu estava num farrapo que ela trazia atado ao pescoço e as minhas outras duas irmãs agarravam-se ao tecido do seu vestido comprido.

Pela primeira vez, o esboço de um sorriso ameaçou os lábios da Dr.^a Meena. Disse: – O velho ditado beduíno era muito sábio, e eu sabia que a parte do nariz do camelo era verdade. A minha irmã foi o nariz do camelo e nós, o corpo, por isso entrámos todas.

Todas as pessoas da sala suspiraram profundamente de alívio pois, pelo menos, a mãe e as quatro filhas pequenas pareciam ter um abrigo. Embora tenha chorado muitas lágrimas na minha vida, comparada com a Dr.^a Meena fui privilegiada de muitas maneiras. Na verdade, não consigo imaginar uma vida assim, embora tenha ouvido muitas histórias trágicas sobre a vida das mulheres sauditas. Sem liberdade, qualquer coisa pode acontecer a qualquer pessoa.

O auditório silenciou-se quando a Dr.^a Meena retomou a sua história.

– A minha mãe foi inteligente o suficiente para não se incomodar a debater a situação com os pais. Sabia apenas que tinha quatro filhas que amava mais do que a vida, e que não tinha abrigo, a não ser a sua casa de infância. Em vez de discutir, fingiu cair num canto e adormecer. As minhas irmãs seguiram-na, embora tivessem a presença de espírito de enrolar as pernas e

os braços pequenos à volta da mãe. Felizmente, os nossos avós eram idosos e não tinham força para nos levantar às cinco de uma vez, por isso ninguém saiu dali.

«A minha mãe disse que não dormiu um único segundo daquela noite, porque os pais dela ficaram acordados toda a noite a engendrar uma maneira de nos forçar a sair da sua casa.

«E, assim, um terceiro milagre salvou-me a vida. O primeiro ocorreu quando o meu tio disse as palavras do profeta Maomé proibindo os homens de enterrar as filhas vivas. O segundo foi o meu pai não ter exigido a custódia das filhas. E o terceiro milagre deu-se quando o raciocínio rápido da minha irmã fez com que fosse possível termos casa; ainda que fosse uma casa onde não éramos desejadas.

«Não foram estes os únicos milagres que me trouxeram a esta sala, para falar convosco na qualidade de mulher que obteve um diploma médico, num país onde poucas mulheres têm sequer a oportunidade de conseguir uma coisa semelhante.

«Acredito que houve ainda um quarto milagre, pois não foi possível aos meus avós engendram um plano para nos assassinar. A minha mãe estava muito fraca. As suas filhas eram muito pequenas. Podiam ter-nos posto fogo a todas se fossem um pouco mais cruéis. Felizmente, os meus avós não eram tão maldosos que fizessem planos para nos assassinar. Queriam que nos fôssemos embora, mas não conseguiam atentar mortalmente contra nós.

A Dr.^a Meena fez uma pausa breve. Perscrutou a sala como se esperasse ver alguém que não estava lá. Foi então que os seus olhos pousaram no meu rosto e eu senti um enorme fluxo de energia a vir na minha direção. Algo notável aconteceu e não tive a certeza do que era, mas não senti perigo nenhum na invulgar energia.

A médica retomou o discurso, sem que os seus olhos saíssem do meu rosto.

– Acredito em milagres. O facto de estar aqui é um milagre para todas presenciarem. Estou certa de que muitas de vós ouviram os vossos homens falar sobre os desejos de Alá, como se Ele estivesse nas suas cabeças. Também eu ouvi essas insinuações de muitos dos nossos homens desinformados, que defendem que Alá favorece os homens em detrimento das mulheres. Mas tal coisa não pode ser verdade.

«Na noite do meu nascimento, Alá esteve presente para conceder quatro milagres que salvaram cinco vidas de mulheres, a da minha mãe e as das

suas quatro filhas.

«A minha mãe disse que, na manhã seguinte, o pai dela saiu de casa para visitar várias aldeias vizinhas. Foi em busca de um homem, qualquer homem, que procurasse casar-se. Mas homem nenhum respondeu de forma positiva. O meu avô queixou-se, amargurado, de que não tinha conseguido encontrar nenhum homem, nem sequer um homem careca ou com dentes podres, que quisesse uma mulher com quatro filhas para atender às suas necessidades.

«E, assim, as nossas vidas melhoraram de algumas formas e tornaram-se mais difíceis de outras. Embora não corrêssemos o risco de sermos assassinadas, os pais da minha mãe batiam-nos quando se sentiam frustrados com a nossa presença. O orgulho da minha mãe ficou terrivelmente ferido por se ter tornado uma presença humana indesejada, a viver na casa dos pais idosos, um casebre pequeno de tijolos de argila com apenas três divisões. A casa despojada, que mal tinha espaço para duas pessoas, subitamente ficou a abarrotar com três adultos e quatro meninas pequenas.

«Porém, sentíamos-nos gratas, pois encontrávamo-nos abrigadas dos elementos e havia alguma comida, embora nunca fosse suficiente para quatro crianças em crescimento.

A Dr.^a Meena fez uma pausa e gesticulou, acenando uma mão acima da cabeça. – Como os vossos olhos vos mostram, sou pequena de tamanho. As minhas irmãs têm uma estatura semelhante. A minha má-nutrição em criança é a razão pela qual tenho de erguer os olhos para vos fitar a todas. Nenhuma de nós cresceu normalmente, porque tivemos fome em todos os momentos da nossa infância.

«Eu sei que a minha mãe amava as filhas com todo o seu coração. Muitas vezes a senti olhar-me do outro lado da sala, triste e cansada; contudo, amava as filhas desesperadamente. A minha pobre mãe vivia tão cansada, pela sua vida de escrava dos pais, que não lhe restavam mais recursos para atender às filhas. Por isso, foi atribuída à minha irmã mais velha, de seis anos, a responsabilidade pelo bem-estar das irmãs. Embora eu sentisse amor, a vida era tão desoladora que não havia nenhuma da alegria nem do riso que normalmente habitam um lar com quatro crianças. Não me lembro de jogar um jogo com as minhas irmãs. Não me lembro de a minha mãe me cantar uma canção de embalar nem de me contar uma história.

«Quanto aos meus avós, a nossa presença deixava-os tão amargurados que olhavam com ódio cada pedacinho de comida que levávamos das mãos à

boca. Maldiziam cada alimento que trincávamos. Aqueles dois idosos, com o cabelo muito branco e os rostos desconfiados, pareciam ter nascido já velhos. Dizem-me que, com a idade de dois anos, eu era uma criança que tinha medo de tudo, mas principalmente daqueles dois velhos que não paravam de me fitar com olhos ameaçadores. A minha mãe conta que se lhe partia o coração em pedacinhos ainda mais pequenos sentir as minhas mãos pequenas puxar-lhe a saia na altura das refeições. Eu escondia-me nas dobras das suas saias enquanto consumia rapidamente as minhas inadequadas porções de pão simples, ovos cozidos e fibrosa carne de camelo. A recordação mais antiga que guardo é a de estar sempre com fome.

«A minha querida mãe sofreu terrivelmente durante os primeiros anos, alimentando as suas esfomeadas filhas com o essencial. Houve alturas boas, em que nos chegou comida de vários familiares que, durante as festas religiosas, se lembravam das suas parentes mais pobres. Só nessa altura reuniam as suas sobras numa tigela de plástico e deixavam a caridosa oferta à porta de madeira gasta a que a minha irmã mais velha se sentava, na esperança de que alguma alma sensível fosse caridosa e nos trouxesse comida. Disseram-me que brigávamos por restos de carne da mesma forma que os cães esfomeados disputam ossos.

«A vida diária melhorou ligeiramente depois de a minha avó morrer com uma infeção galopante, provocada por ter pisado o prego ferrugento de uma tábua. Com a morte da mulher, o meu avô olhou pela primeira vez para a minha mãe como um bem, alguém que podia ocupar o lugar da sua antiga escrava, uma mulher que o servira durante toda a sua vida adulta.

«A vida continuou a ser uma luta diária, porém. Educação? Não a tive durante muito tempo. A educação das raparigas não era uma possibilidade quando a minha mãe era criança, pelo menos não na nossa zona rural, embora eu saiba que raparigas da cidade, de famílias abastadas, muitas vezes iam à escola naquela época negra. A minha mãe era, portanto, analfabeta e não sabia escrever o seu nome. Não conseguia telefonar para ninguém. Não conseguia sequer ler o nosso livro religioso, o Alcorão, algo que todo o crente muçulmano anseia fazer.

A Dr.^a Meena continuava a olhar-me implicitamente, e senti claramente que as suas palavras eram dirigidas apenas a mim.

– Caras princesas, sabem que a nossa religião não incentiva que as raparigas vivam neste deserto mental. Essa ideia foi adotada por homens

insensíveis. Se forem mantidas ignorantes, as mulheres não têm outra alternativa senão viver a vida de escravas dos homens. Embora não soubesse ler nem escrever, a minha mãe não era estúpida. Recolhia informação ouvindo as conversas dos homens que visitavam o seu pai. Nunca viu os rostos desses homens, claro, porque tinha de se esconder para guardar a honra. Antes de os homens entrarem no casebre, cozinhava e dispunha a comida no tapete que o meu avô lhe ordenava que abrisse sobre o chão de terra. Depois de pousar a comida no tapete, entrava noutra divisão e sentava-se a ouvir as palavras dos homens. Foi assim que escutou uma conversa interessante. Um dos homens da aldeia falou das suas netas, que frequentavam uma escola especificamente para raparigas. Era em Riade, que distava cerca de três horas de viagem da nossa pequena aldeia. Havia uma espécie de escola na aldeia onde os rapazes aprendiam a ler e memorizavam o Alcorão – mas não se admitiam raparigas. Durante uma segunda conversa, a minha mãe ficou a saber de um tipo especial de habitação, na cidade, que estava a ser construído pela família real. A minha mãe tinha a inteligência de saber que nada mudaria na vida das filhas se elas não tivessem educação. Para tal coisa acontecer, soube que tinha de levar as filhas para a cidade.

«Vários homens de idade da aldeia já tinham vindo fazer propostas pela mais velha das minhas irmãs. A ideia de uma das suas meninas se tornar escrava de um homem fazia sofrer a minha mãe. Por isso, ganhou coragem para pedir a um dos irmãos para ir à cidade de Riade e concorrer a um apartamento para o meu avô.

«Primeiro, o meu avô respondeu com um não provocador. Mas, cerca de um mês depois, durante o qual a minha mãe insistiu continuamente no tópico, o meu avô teve dores agudas no peito e começou a não se sentir bem. Decidiu que devia viver numa cidade grande, para ter acesso a melhores cuidados médicos; naquele tempo, as aldeias pequenas tinham poucas opções para quem precisava de cuidados médicos. O seu não tornou-se um sim; a ideia da minha mãe tinha mérito.

«E, assim, encontrou-se alojamento para o meu avô e para nós, a sua família. De repente, mudáramos de uma aldeia minúscula para uma cidade vibrante, um sítio onde podia haver oportunidades.

«Embora não tivesse educação, a minha mãe queria algo melhor para as filhas. Nunca parou de pensar e de planear, procurando formas de as ajudar. Depois de chegarmos à cidade, a minha mãe insistiu que o seu pai

perguntasse aos vizinhos e a outras pessoas que encontrasse sobre a possibilidade de uma escola para as netas. Muito para nossa surpresa, ele aceitou, rabugento, mas só depois de a minha mãe lhe prometer que, se as netas estudassem, procuraríamos trabalho adequado para raparigas muçulmanas tradicionais. O trabalho traria salários, deixou ela implícito, e os nossos salários pertencer-lhe-iam. O meu avô era ganancioso, por isso aceitou o acordo.

«E foi assim que a minha mãe conseguiu que as três filhas mais novas entrassem para a escola. A minha irmã mais velha dizia não ter interesse, mas acredito que se sentia constrangida por ter quase doze anos e não ser capaz de ler nem escrever. Sabia que frequentaria as classes iniciais com as três irmãs e outras rapariguinhas e sentiu-se demasiado humilhada para considerar essa possibilidade. Infelizmente, ficou em casa a ajudar a minha mãe e o meu avô.

«As minhas duas outras irmãs, mais velhas, não tinham paixão pela escola, embora tenham aprendido ambas a ler, escrever e a fazer contas. Eu era a filha mais obcecada quando se tratava da educação. Entreguei-me totalmente. Adorava aprender. Nunca parava de ler, procurando respostas para as minhas perguntas infundáveis. Embora fosse evidente para a escola inteira que eu era a criança mais pobre – usava roupas tão velhas que havia manchas e até buracos nos tecidos –, os meus professores não deram importância ao meu passado sombrio e interessaram-se pelo meu zelo em aprender.

«Podia partilhar muito mais histórias, pois trabalhei vários anos para me tornar uma médica qualificada. Mas, caso voltemos a encontrar-nos, conto-vos mais da minha história. Mas aqui estou hoje, e sou médica.

«Pela minha história, tenho a certeza de que compreendem agora porque disse que os aldeões teriam ridicularizado qualquer pessoa que afirmasse que uma rapariga tão pobre conseguiria vir a ser médica!

«Hoje, sou casada com um homem bom que ama a nossa filha tanto quanto ama os seus dois filhos. Vivo para os meus filhos mas também vivo para ajudar os outros, para tratar dos corpos das nossas crianças sauditas, para que possam aprender, para ajudar o nosso país a entrar numa época em que as raparigas não tenham de sofrer como a minha mãe sofreu, ou como eu sofri, ou como tantas outras raparigas sauditas ainda sofrem, rapariguinhas que vejo todos os dias.

«Estou contente por vos contar a minha história, a vós, mulheres boas

interessadas em ajudar as nossas filhas e as nossas irmãs sauditas. Tive o prazer de partilhar convosco a história da minha mãe determinada, uma mulher que nunca pensou em si própria, que considerou apenas aquilo que era melhor para as filhas.

«A minha mãe era uma grande mulher. Ela e eu unimo-nos numa só mente e alma para fazer com que esta mulher saudita que saiu da idade das trevas abrisse caminho até à idade das luzes em doze curtos anos.

«Levem este ensinamento convosco quando saírem hoje daqui. Sou filha de uma mulher que não sabia escrever o seu nome. E agora sou médica que tem formação e a capacidade de salvar vidas. Isto, acredito, é o maior milagre de Deus.

Por um curto momento, a plateia ficou silenciosa, atordoada com a história que ouvira. Mas eu levantei-me e comecei a bater palmas; em breve, todas as mulheres me acompanhavam. Sabíamos que éramos testemunhas de uma das mais fantásticas histórias que alguma vez ouviríamos: um milagre nascido do amor de uma mãe e da educação proporcionada a uma menina que quase fora enterrada viva no deserto.

Só desejava que o pai da Dr.^a Meena tivesse tido a possibilidade de rejubilar com o sucesso da filha. Fora sua vontade levar o bebé para o deserto, onde teria escavado a areia com as próprias mãos até abrir um buraco com capacidade para um bebé minúsculo, e depois teria colocado a areia por cima, e o bebé teria aspirado areia em vez de ar para os pulmões até morrer de uma morte agonizante. O que diria ele se pudesse ver a filha, que tanto estudara, receber o respeito de tantas pessoas?

A Dr.^a Meena saiu do palco para conviver um pouco com as convidadas. Foi imediatamente rodeada de mulheres que a admiravam. Circulou pela sala sem sorrir, embora eu tenha sentido o carinho que dedicava ao mundo. É uma mulher com grandes objetivos a cumprir e não tem tempo a perder com sorrisos!

Consegui falar com ela em privado antes de me ir embora.

Aquela pequena mulher era um gigante aos meus olhos. Tocou-me ao de leve no braço e disse: – Oh, princesa, senti a sua paixão pelo bem tocar o meu coração, mesmo estando a muitos metros de si naquele palco. Foi por isso que os meus olhos não saíram do seu rosto. Alá estava a dizer-me que, juntas, proporcionaremos a muitas raparigas sauditas a oportunidade de mudar o país que conhecemos. – Os seus olhos perscrutaram o meu rosto. –

Concorda?

Senti um arrepio premonitório: ao vir àquela reunião e ter a oportunidade de conhecer aquela mulher, chegara a um ponto de viragem na minha demanda de mudar as vidas das mulheres sauditas. – Sim, Dr.^a Meena, sim.

Soube, com toda a certeza, que a Dr.^a Meena era um grande poder, uma força formidável, e que juntas revolucionaríamos o país que amávamos e, ao mesmo tempo, transformaríamos muitas vidas, tornando realidade os sonhos de incontáveis raparigas. O nosso objetivo não exigiria a mudança pela força; seria simplesmente o tipo de mudança que parte de uma mudança de perspetiva. A educação é o caminho que nos conduz a um futuro livre para todas. Uma mulher pode passar o sonho a outras, até todas sermos livres. De mãe para filha, de irmã para irmã... de amiga para amiga.

NADIA: QUANTO VALE A LIBERDADE?

Desde o início que soube que a Dr.^a Meena era uma saudita extraordinária que ia expandir o meu conhecimento da terra que os homens da minha família governavam. Ia também contribuir para que eu soubesse mais sobre as sauditas comuns que lutavam para sobreviver às barreiras gigantes que se levantavam contra elas no reino que eu amava, uma vasta extensão de terra desértica unida pelo meu avô, o belicoso mas reconhecidamente carismático rei Abdul Aziz Al Saud.

O meu laço inicial com a Dr.^a Meena foi tão forte que, antes de sair do hospital naquele dia, trocámos os nossos contactos pessoais, algo que era raro para ambas. Como princesa, tenho de ter cuidado no desenvolvimento de relações próximas com pessoas que não são da minha família; a Dr.^a Meena desenvolvera uma desconfiança natural de estranhos durante a infância, devido às provações que enfrentara. Mas ambas sentíramos um vínculo fora do comum que selou a nossa amizade no instante em que os nossos olhos se encontraram, quando ela dava a sua palestra – um monólogo tão comovente e tão revelador da sua força de carácter e determinação.

Só senti uma ligação imediata com estranhos em quatro situações. Em todas elas conheci mulheres únicas, que alteraram o padrão da minha vida, embora nenhuma delas tenha tido um efeito tão profundo em mim como a Dr.^a Meena.

Combinámos falar na semana seguinte para marcar um segundo encontro no meu palácio de Riade. Quando nos despedimos, inclinei-me espontaneamente para lhe agarrar o ombro para um abraço sentido. A Dr.^a Meena recuou instintivamente. Não fiquei magoada com esta reação; apenas sorri, porque, intuitivamente, senti que devia, muito cuidadosa e pacientemente, alimentar

esta amizade. Eu sabia que seria uma amizade importante, que poderia levar tempo a amadurecer. Geralmente, sou cortejada por aqueles que desejam a amizade de uma princesa, mas não era assim com a Dr.^a Meena. Por qualquer razão, isto torna a sua amizade ainda mais valiosa. Eu sabia que ela não procurava favores de um membro da família real, mas que vinha ao meu encontro na esperança de que juntas pudéssemos ajudar as mulheres a concretizar o seu potencial.

Afastámo-nos quando várias outras mulheres, todas suas admiradoras, vieram ao encontro dela. Apesar da sua postura controlada, quase distante, a Dr.^a Meena era seguramente um íman para os outros.

Despedi-me das minhas primas reais e das outras mulheres que estavam na reunião e dirigi-me à entrada principal. A jovem que encontrara previamente foi ter comigo à porta; segurava pacientemente a minha capa preta e o véu. Sorri-lhe, mas não me animava a perspetiva de envergar o terrível véu. Não me importo de usar a *abaya*, larga sobre o corpo, nem o lenço, que me cobre a cabeça. A nossa religião ensina que a mulher muçulmana deve ser modesta na sua aparência, mas o véu não tem nada a ver com os ensinamentos islâmicos. Gostava de conhecer o homem que adotou pela primeira vez a prática turca otomana de manter a mulher em isolamento e de a obrigar a velar o corpo quando se apresenta em público. Quem quer que tenha sido esse homem controlador, influenciou os homens da minha terra e fez do controlo das mulheres sauditas uma tradição, restringindo-lhes os movimentos, escondendo o contorno dos seus corpos e tapando-lhes os rostos. Hoje, na Arábia Saudita, tal como em muitos outros Estados muçulmanos, o detestável véu é usado como arma por clérigos e homens tacanhos para subjugar as mulheres e as impedir de terem vidas livres. Com o véu, ficamos tão desajeitadas como quem ingere drogas ou bebe álcool. Muitas vezes caímos ao andar, pois não conseguimos ver bem os buracos e fendas das ruas das nossas cidades. E, acima de tudo, somos vítimas frequentes de acidentes rodoviários, pois, quando está mais escuro, não conseguimos ver os veículos mais rápidos a vir na nossa direção. E, claro, não há qualquer esperança de uma mulher conduzir em segurança se for forçada a usar um véu preto!

A jovem que estava à porta fez menção de me dizer adeus, mas, antes de o fazer, sussurrou-me: – Princesa, tenho estado a pensar acerca daquilo que disse hoje e nas histórias contadas pela Dr.^a Meena e as outras mulheres.

Juntas, a princesa e a doutora abriram-me horizontes. Agora sei que tenho de ganhar coragem e não vacilar diante dos meus irmãos e da minha mãe; tenho de pôr um fim à utilização do véu, e é isso que farei. Vou pedir ao meu pai para persuadir a minha mãe e os meus irmãos a concordar que, de uma vez por todas, o véu negro não deve tapar-me o rosto!

Eu sorri de aprovação, pois ali estava uma jovem que se encontrava prestes a descobrir a alegria e o poder de fazer escolhas pessoais. Pedi-lhe para se manter em contacto e, pela segunda vez nesse dia, dei o meu número de telefone a uma desconhecida.

Encorajada pela determinação daquela jovem, parti com andar ligeiro – embora tivesse presente que despertar um espírito forte implica o despertar da desarmonia. Não haveria paz naquela família enquanto o maldito véu não fosse deitado fora e a rapariga, tratada com o mesmo respeito que era votado aos irmãos.

Voltei pelo caminho que tomara, de regresso ao meu motorista, o sempre leal Batara. Por detrás do véu, observei uma cena da qual sabia muito pouco, mas que me era muito familiar: observei homens sauditas a serem seguidos por uma, duas, três, quatro mulheres veladas. Seriam todas suas esposas? Ou seriam irmãs, ou filhas? Nunca se conseguia saber. Havia uma única certeza: o homem era responsável por cada decisão que afetasse a vida das mulheres que controlava. A sua mulher continuaria a ser sua mulher se desse à luz demasiadas filhas? Se se divorciasse da mulher, permitir-lhe-ia ver as filhas? A mulher teria autorização para comer as refeições com ele ou ser-lhe-iam dadas as sobras depois de ele terminar? Poderia a mulher ir ao médico se estivesse doente? As filhas seriam autorizadas a ir à escola? Se sim, ser-lhes-ia permitido utilizar a sua educação para trabalhar e ganhar dinheiro? Se uma das filhas recebesse salário, ser-lhe-ia este tirado pelo pai ou impediria ele a filha de comprar alguns itens pessoais, para si própria? A mulher teria voz na escolha do marido das filhas? E a filha teria a certeza de não ser casada com um velho que temesse e não merecesse a sua confiança?

Na verdade, o rei Abdullah tinha menos autoridade sobre aquelas mulheres, e sobre todas as cidadãs da Arábia Saudita, do que os seus maridos e pais.

Estas ditaduras privadas comandam praticamente todos os lares do reino da Arábia Saudita. Todos os homens têm autoridade para se comportar como reis, sem necessidade de prestar quaisquer contas, debaixo do teto da sua

casa, seja esta um palácio no mar Vermelho, uma casa modesta de aldeia ou uma tenda erguida no deserto.

Observei, em contraste, os cidadãos estrangeiros que percorriam confiantes o corredor do hospital. Alguns funcionários estavam vestidos com uniformes brancos ou azuis, que os identificavam como médicos ou enfermeiros, enquanto outros se vestiam à civil, devendo ocupar posições administrativas nos escritórios. Nenhum dos trabalhadores estrangeiros me dirigiu um olhar, mas muitas trabalhadoras estrangeiras olharam para mim com algum grau de pena nos olhos.

Deixei estupefacta uma mulher, que parecia estar a olhar-me com pena durante uns momentos a mais, quando parei, lhe toquei levemente no braço e lhe disse em inglês: – Acha que gosto deste véu? Detesto-o. Um dia vou fazer uma cerimónia gigante de queima dos véus no deserto saudita e gostaria que fosse minha convidada.

Ela ficou boquiaberta e eu prossegui a descida do corredor, sentindo-me bem com a minha promessa de queimar véus. Sorri durante muito tempo, sabendo que ninguém acreditaria na pobre rapariga quando esta contasse o caso da mulher saudita de véu negro que se aproximou dela declarando guerra ao uso do dito véu.

Quando cheguei à porta que conduzia ao estacionamento, vi Batara a andar para a frente e para trás. Acenou com a cabeça ao ver-me e acompanhou-me até ao carro. Percebi que estava muito aliviado por eu me encontrar finalmente segura ao seu cuidado. Batara é um homem leal e dedicado, e senti pena de lhe ter causado preocupação.

No caminho para casa, reví o encontro com a Dr.^a Meena e pensei no que poderia reservar-me o futuro. Também estava ansiosa por me encontrar com o meu marido, que fora a uma reunião familiar importante naquele dia, embora eu não fizesse ideia do que ia ser discutido na reunião. Sou muito inquiridora por natureza, por isso estava desejosa de ouvir tudo a respeito do assunto.

Apesar de estarmos casados há muitos anos, Kareem e eu temos uma relação próxima, de partilha; há uma abertura de que ambos gostamos e guardamos poucos segredos um do outro. Ainda o considero um homem muito atraente, em aparência e atitude. Tirando o cabelo, que se torna grisalho, envelheceu muito pouco desde os primeiros anos do nosso casamento. Nunca ganhou peso em excesso, como tantos dos seus primos

autoindulgentes, e continua com uma boa cabeleira, o que me agrada. Nunca foi o tipo de homem de ficar a preguiçar e seguramente não é enfadonho. Durante os dias da semana, Kareem ocupa-se com trabalho, por isso é intelectualmente rápido, ao nível de homens muito mais jovens do que ele. Sim, sinto-me sortuda por ter um marido assim, pois também é um bom pai.

Pelo contrário, muitas das minhas primas dizem estar cansadas dos homens com quem se casaram nos anos de adolescência, em casamentos combinados. Não tenho dessas lamentações. Embora também eu fosse muito nova quando Kareem e eu nos casámos, continuamos a fazer um bom par.

Kareem e os primos são a terceira geração de homens Al Saud que viveram e governaram num reino cujo nome deriva do da nossa família. A primeira geração de monarcas foi iniciada pelo nosso avô, o rei Abdul Aziz Al Saud, que uniu o reino e depois o governou sabiamente até morrer. O seu poder passou então para os filhos e, assim, a segunda geração assumiu as rédeas do poder real. Essa geração atual de governantes foi constituída pelo meu pai, pelo pai de Kareem e pelos pais dos nossos primos, todos com lugar na linha de sucessão. Os meus seis tios, que assumiram o trono, mostraram-se todos tão diferentes uns dos outros que às vezes é difícil crer que provêm do mesmo pai. Os nossos reis da segunda geração foram o rei Saud, o rei Faisal, o rei Khalid, o rei Fahd e, agora, o rei Abdullah. O próximo a suceder será o tio Salman, que é atualmente príncipe herdeiro. Todas as pessoas que conheço admiram o príncipe herdeiro Salman e acreditam que, quando Alá ditar a sua altura, ele dará um rei sábio, como foi o nosso tio Abdullah.

Mas, com o envelhecimento da segunda geração de príncipes, poucos continuam a ser escolhas adequadas para o trono. Brevemente a terceira geração de príncipes reais tomará o seu lugar. Quando tal acontecer, estou plenamente convencida de que os direitos das mulheres verão grandes avanços, pois os membros mais jovens da realeza têm uma atitude mais esclarecida quanto à liberdade das mulheres.

Fico triste quando penso nos meus poderosos tios que já deixaram esta terra. O meu próprio pai está muito velho e sei que o seu tempo de vida diminui a cada dia. Senti alguma ternura por ele recentemente e intuí que os seus sentimentos por mim se suavizaram, mas temos pouco tempo para aproveitar este afeto redescoberto. Gostaria muito de o ver com mais frequência e desenvolver uma relação mais próxima, mas o meu pai nunca

teve o hábito de visitar a casa das filhas e não vejo que mude de hábitos nesta fase tão avançada da vida.

Fui arrancada aos meus pensamentos quando chegámos aos portões do palácio. O dia fora quente e cansativo e eu precisava de uma bebida fresca e reconfortante.

Assim que entrei em casa, vi que Kareem esperava impacientemente por mim, e, sem sequer me perguntar acerca da minha reunião, surpreendeu-me com notícias do seu encontro com os primos reais.

Libertando-me do véu e das capas, escolhi uma poltrona confortável e peguei num copo refrescante de sumo de frutas. Daquela perspectiva, pude olhar com aprovação para o meu marido e finalmente descontraír.

Foi então que Kareem, que parecia satisfeito e entusiasmado, começou a falar: – Tenho notícias muito boas para te dar, Sultana!

Cravei os olhos nele, ansiosa: que notícias tão boas poderiam ser?

– Sinto com grande certeza que todos os problemas associados às mulheres desaparecerão rapidamente, ou pelo menos estão para breve grandes progressos. – Sorriu-me com uma doçura que avivou o amor que sinto por ele. – A nossa filha Maha em breve não terá nada de que se queixar, Sultana.

Fiquei deveras interessada. – Que se passa então, meu esposo?

– Hoje vi o futuro, Sultana. Sim, vi o futuro da Arábia Saudita e fiquei contente. Querida esposa, nem uma voz se levantou em oposição quando a discussão tocou a necessidade de trazer as nossas filhas e netas para a vida pública. Num círculo de vinte e dois primos, todos sentem que os clérigos e os radicais estão a atrasar o país. Que somos ridicularizados, alvo de chacota, até, pelo mundo quando se ficam a saber histórias dos irrefutáveis direitos dos homens sauditas, de encarcerar ou matar as mulheres e as filhas, ou da insanidade dos tribunais quando decretam que uma mulher deve ser chicoteada por conduzir.

«É inacreditável que quando Nashwa, filha do Assad e uma jovem muito inteligente e capaz, participa numa reunião em que estejam presentes homens, tenha de se recolher por trás de uma tela para que os homens que não conhece não fiquem ofendidos por se sentarem ao pé de uma simples mulher. Nashwa é especialista no seu campo, e considerada uma das pessoas mais talentosas da sua empresa, mas Assad diz que dois ou três homens de lá são tolos e insistem que a sua brilhante filha fique escondida. É-lhe permitido falar apenas se conseguir ouvir as palavras que são ditas, mas aqueles

mesmos homens querem que mantenha um tom de voz baixo e não se ria nem faça nenhum barulho desnecessário. Dizem que ficam excitados com o som de uma voz de mulher a falar alegremente ou a rir, o que faz os homens parecerem pouco mais do que animais! É ridículo e degradante para a jovem.

«Quando Assad soube do assunto por um dos seus gestores, decretou que, daquele momento em diante, Nashwa se sentaria à cabeceira da mesa, no lugar de maior importância. Disse à filha para erguer a voz e dizer o que tinha a dizer. Assad vai dispensar todos os homens que se opuserem a este decreto.

Desta vez, fiquei sem palavras. Não consegui acreditar no que ouvi. Durante muitos anos, implorei ao meu marido e ao meu cunhado Assad que erguessem a voz contra os costumes antigos, que usassem o seu poder para ajudar as mulheres a progredir na nossa sociedade. No passado, Kareem e Assad haviam-se escusado a defender as mulheres, alegando que não lhes agradaria lidar com os problemas que esses conflitos inevitavelmente trariam.

Quando por fim recuperei a voz, não elogiei o meu marido, como ele esperava; em vez disso, recordei-lhe: – Onde tens estado, marido? Sentado numa rocha por baixo da areia? Há quantos anos te imploro por isso? Se tu e o Assad tivessem usado o vosso poder de príncipes antes, as coisas já teriam mudado.

Geralmente, Kareem discute comigo, mas naquele dia só sorriu e me surpreendeu com um pedido de desculpas sentido. – Tens razão, Sultana. O meu irmão, os meus primos e eu temos agido mal. Devíamos ter-nos manifestado há anos. Em vez disso, permitimos que homens tacanhos ditassem os destinos desta terra. Deixámos os nossos reis lidar com os clérigos e os radicais sem o apoio da família alargada. Mas o nosso rei nunca mais se baterá sozinho. Hoje, reunimo-nos e prometemos que daríamos a conhecer o nosso apoio ao rei. Quaisquer reformas sociais que não sejam feitas num futuro próximo serão feitas no momento em que a coroa passe da antiga geração para a nova. Traremos mudanças gigantescas ao reino.

– Ótimo – foi tudo o que me ocorreu dizer. – Ótimo!

Kareem veio sentar-se ao meu lado e olhou-me com tremendo afeto. As palavras que proferiu foram mais do que bem-vindas, embora raramente sejam ditas. – Estou contente por nos termos casado, Sultana. – Beijou uma

das minhas mãos, sussurrando com um riso calmo: – Sei que o caminho tem sido turbulento, por vezes, mas que vida fascinante tem sido. – Pôs-se de pé e puxou-me gentilmente pela mão. – Anda, vamos sentar-nos junto da fotografia da tua mãe. Eu sei que adoras visitá-la.

Mais tarde, Kareem ouviu cuidadosamente o relato do meu encontro com a Dr.^a Meena. Pareceu arrebatado pela sua história de luta e triunfo. Na verdade, não me parece que, até então, Kareem tivesse compreendido completamente a magnitude dos problemas enfrentados por tantas mulheres sauditas. E, pela primeira vez desde que me casara com o meu marido, vi nele um parceiro dedicado à causa que me era mais querida. Nunca descobri a razão disto, mas o facto de Kareem ter subitamente despertado para a importância da causa das mulheres foi recompensa suficiente para mim.

* * *

Vários dias depois, enviei um carro para trazer a Dr.^a Meena a minha casa. Convidei a minha irmã Sara para estar presente durante a visita e preparei também a presença de Amani e Maha. Queria que as minhas filhas compreendessem melhor as vidas das mulheres que não faziam parte da família real, cidadãs que não gozavam de privilégios e de fortuna. Era uma coisa ouvir-me falar da luta das mulheres sauditas e outra bem diferente elas próprias conhecerem uma dessas mulheres.

Lamentavelmente, as mulheres que Amani conhecia limitavam-se às primas da realeza; quanto a Maha, perdera ligação com o dia a dia das mulheres sauditas desde que se mudara para fora do país.

A hora da nossa reunião chegou rapidamente. Fiquei de certa forma surpreendida quando a Dr.^a Meena chegou acompanhada de uma jovem. Recuperei da surpresa sem proferir uma palavra de protesto, porém, pois confiava na Dr.^a Meena e sabia que ela teria uma boa razão para introduzir aquela convidada inesperada em minha casa.

Ambas as mulheres chegaram sem véu, o que me apanhou desprevenida mas me fez sentir feliz. Gosto de mulheres que infringem as regras sem sentido que lhes são impostas no meu país. A Dr.^a Meena leu-me claramente os pensamentos, pois apresentou prontamente a resposta à minha pergunta.

– Perdoe os nossos rostos descobertos, princesa, mas saímos da minha casa diretamente para o seu carro com motorista. Não escandalizámos

ninguém. Percebi que não usa véu em frente dos seus criados e motoristas, por isso aqui estamos, à vista de todos – disse, abrindo os braços.

– Não precisa de dar explicações. Faz-me muito feliz, Dr.^a Meena – disse eu.

A jovem que acompanhava a Dr.^a Meena chamava-se Nadia. Era muito atraente, de cabelo preto brilhante, olhos castanho-escuros e uma tez clara que me fez pensar em natas. Ao contrário da Dr.^a Meena, era jovial e inspirou-me simpatia imediata.

– Espero que não se importe de ter outra convidada, princesa – disse Nadia, com um sorriso aberto.

– Claro que não – respondi. – Na verdade, a minha irmã Sara virá juntar-se a nós, assim como as minhas filhas, Maha e Amani. – Olhei rapidamente para o relógio. – Chegarão em breve, mas, por agora, por favor venham sentar-se comigo. Estou ansiosa por vos conhecer melhor.

Enquanto esperávamos que se servisse o chá, a Dr.^a Meena falou-me de Nadia. – Princesa, a Nadia conseguirá levar-nos às raparigas e jovens que mais precisam de ajuda. Sabe – disse, parando para olhar para Nadia –, ela tem acesso a muitas pessoas que nenhuma de nós poderia encontrar. A Nadia é assistente social, está ligada ao hospital onde trabalho. A sua função é descobrir casos de abusos a crianças e jovens e ajudá-las. Infelizmente, muitas vezes ela não tem autoridade para retirar uma rapariga abusada de sua casa ou fazer com que a polícia investigue um pai ou um irmão violento. Mas pode identificar as situações mais graves, para que, juntas, possamos intervir para socorrer vítimas psicologicamente traumatizadas. Como médica saudita, posso negociar com a família. Irão ouvir-me. A princesa dispõe dos fundos para ajudar a pagar as despesas familiares, para que a família não sinta necessidade de forçar as raparigas a casar para obter o dinheiro do dote. Juntas, o nosso incentivo pode ser determinante para convencer as famílias a permitir que as filhas permaneçam solteiras e na escola.

– Estou a ver – disse. Assentindo com a cabeça, concordei.

A Dr.^a Meena tinha razão. Era frequente eu ler acerca de mulheres vítimas de abusos graves nos jornais de língua inglesa. Muitos órgãos de comunicação de língua árabe receavam a fúria dos clérigos, que apoiavam sempre o abusador em vez da vítima, e por isso não relatavam as histórias. Os repórteres nunca querem atrair a atenção daqueles homens vingativos. Na verdade, ouvi falar de repórteres que, por os terem denunciado, tinham sido

detidos sob falsas acusações.

Cada vez que sei desses casos, pergunto-me porque é que a rapariga em questão não recebeu ajuda antes de ser ferida, ou até morta, em algumas ocasiões.

Inclinei-me para a frente. – Interesse-me muito por raparigas a quem os pais retrógrados negam educação. Mas, juntas, nós as duas podemos mudar a vida delas.

Reparei que a Dr.^a Meena e Nadia trocaram um olhar cúmplice. Nadia olhou novamente para mim e riu. – Está a olhar para uma dessas raparigas, princesa – disse-me.

Naquele momento, Maha entrou na sala. Percebi que tinha dormido até tarde, porque parecia irritadiça. Mas, quando viu que as nossas convidadas tinham chegado, controlou a sua tendência para a rabugice e comportou-se muito bem, saudando calorosamente a Dr.^a Meena e Nadia.

Quando Maha veio ter comigo, fiquei desiludida por ela ter escolhido usar calções largos até ao joelho e uma camisola larga, o que constituía uma indumentária desapropriada para uma reunião com outras mulheres sauditas. Embora se considere atualmente europeia, Maha sabe que, quando está na Arábia Saudita, deve respeitar a nossa cultura. Também se encontrava completamente maquilhada, algo que não é habitual nela, a não ser que tenha algum compromisso formal. Por vezes, Maha adora chocar os outros, e presumi que se tratasse duma dessas vezes.

Se a Dr.^a Meena e Nadia ficaram escandalizadas com a apresentação europeia de Maha, não se manifestaram. Fiquei satisfeita por isso.

Pouco depois de Maha entrar, Amani e Sara chegaram juntas, ambas completamente veladas. O facto de Amani estar coberta, contudo, fez erguer as sobrancelhas das minhas convidadas. Enquanto Sara se desembaraçou num instante do seu véu, lenço e capa, todos leves, o processo de se despir foi longo e árduo para a minha filha, isto porque se encontrava soterrada por roupas pesadas.

Todas ficámos a olhar, pois o processo parecia, em si, um espetáculo. Primeiro, Amani retirou dois véus – passara a usar dois véus para o caso de a brisa do deserto lhe apanhar o véu de cima e lhe expor parte do rosto. O lenço era feito do material mais grosso, por isso, quando o retirou, o seu cabelo belo e forte encontrava-se esmagado de forma muito pouco atraente.

A capa de Amani era feita do tecido mais simples e insípido possível, pois

ela lera recentemente que os clérigos consideravam que não devia haver nenhum adorno nas capas das mulheres. Prendera a capa em três sítios, para evitar que ela se abrisse acidentalmente, o que poderia revelar o vestido comprido que trazia por baixo. A remoção dos alfinetes demorou muito, porque um deles ficou preso num fio.

Eu julgava que nem os clérigos islâmicos mais radicais obrigavam as esposas e filhas a usar um véu duplo ou a prender as capas, mas não tinha a certeza. Não sou amiga de nenhum clérigo, nem de nenhuma esposa de clérigo.

Amani sorriu-me triunfante enquanto retirava lenta e deliberadamente as pesadas luvas pretas que lhe chegavam ao cotovelo. Comecei a remexer-me, porque detestava aquelas luvas; queria desesperadamente levantar-me de um salto, pegar nas luvas e rasgá-las em pedacinhos. Mas as minhas filhas já são adultas, por isso aprendi a refrear este tipo de ações; tento permitir-lhes que tomem as suas próprias decisões e cometam os seus próprios erros.

Mas Amani sabia que eu detestava a sua devoção àquele uso ultraconservador do véu, e acredito que gostou de me provocar.

Finalmente, Amani regressou à entrada e tirou os sapatos pesados, pretos e de grandes solas, os menos atraentes que já vi numa vida inteira a olhar para sapatos. Pousou deliberadamente os sapatos numa posição preeminente, para ninguém deixar de ver o seu desagradável estilo. Não tirou as pesadas meias pretas, que, eu sabia, lhe chegavam aos joelhos.

Senti-me exausta só de a ver, mas, quando terminou, dei à minha filha um abraço sentido. Apesar das suas maneiras excêntricas, amo-a com todo o amor que possuo.

Sara apresentou-se, mas tanto a Dr.^a Meena como Nadia ficaram tão espantadas com o espetáculo de desvelamento de Amani, que estavam demasiado ocupadas a olhar para mim e depois para a minha filha, incrédulas. Tenho a certeza de que nem uma nem outra conseguiam acreditar que eu tinha duas filhas tão escandalosamente diferentes, ou que uma princesa que tanto detesta os véus tivesse dado à luz uma filha que os adotava com tanto fervor. A vida consegue ser muito estranha.

Acredito que é melhor agir normalmente, por isso não disse nada que levasse a uma conversa sobre esta bizzarria. Tais conversas terminam inevitavelmente com Amani ou Maha a fazer uma ruidosa cena.

Nadia, abençoada seja, sentiu o meu desconforto e voltou à nossa

discussão original. Olhou rapidamente Sara, Amani e Maha e disse-lhes: – A Dr.^a Meena e a princesa estavam mesmo agora a discutir de que forma eu poderia ajudá-las a encontrar raparigas que mais necessidade têm de ajuda. – Nadia dirigiu-me um olhar eloquente. – A princesa sabe que muitas vezes é mais fácil identificar raparigas que foram abusadas fisicamente do que raparigas que foram abusadas psicologicamente e precisam de ajuda. Estava mesmo a perguntar-me a respeito das raparigas a quem a educação é negada por pais de pensamento retrógrado. E – sorriu –, a princesa acabava de descobrir que falava precisamente com uma dessas raparigas.

– Tu? – perguntou Maha, surpreendida. Nadia dava a impressão de ser uma rapariga com uma educação privilegiada, talvez filha de um académico ou um homem de negócios bem-sucedido; parecia alguém a quem não fora difícil obter educação.

– Sim, eu. Sou uma dessas raparigas. Contudo, o meu início difícil de vida tem-me ajudado no meu trabalho. Não tenho dificuldade em detetar raparigas que precisam de ajuda porque vivi como elas durante muitos anos. Quase me foi negado ir à escola e estava destinada a casar-me muito jovem.

– Nadia é assistente social num dos nossos maiores hospitais – acrescentei com satisfação, desejando silenciosamente que Amani, que tinha uma grande paixão pelo bem e pela honra, se tornasse um dia ativista dos direitos das mulheres. Contudo, sabia que, a não ser que Amani passasse por uma situação que mudasse a sua visão da vida, que a levasse à constatação de que ela e as outras mulheres deviam ser senhoras da sua vida, isso nunca aconteceria.

Maha, que sempre se manifestara pelos direitos das mulheres, quis saber mais. Olhou-me com apreciação por ter convidadas tão meritórias em nossa casa e, depois, pediu a Nadia: – Podes contar-nos a tua história?

Nadia virou-se para a Dr.^a Meena, que acenou em aprovação e, depois, agindo como a jovem educada que era, olhou para mim: – Pode ser, princesa?

– Sim, sim, também eu estou ansiosa por conhecer a sua vida, Nadia. – Olhei para Sara. – Sei muito pouco, na verdade.

Sara inclinou-se para a frente. – Eu também, Nadia, também estou pronta para ouvir a sua história.

O tom coloquial de Nadia continuou tranquilo, apesar de ela se preparar para falar de alguns dos momentos mais difíceis da sua jovem vida.

– A minha família não é rica, mas, graças ao governo, vivemos uma vida suficientemente próspera. O meu pai tem várias quintas de legumes e flores equipadas com estufas gigantes, que são extremamente caras. As quintas ficam a cerca de uma hora de carro de Riade. O governo apoia sauditas que têm talento para ser agricultores a cultivar legumes e flores. O meu pai conseguiu fundos do governo e agora envia flores para a Holanda. – Olhou para nós e sorriu. – Conseguem imaginar? As pessoas ficam chocadas quando lhes digo que o meu pai exporta flores para a Europa.

Eu acenei com a cabeça e retribuí o sorriso. Conhecia aquelas quintas. Kareem dissera-me que um ou dois dos nossos príncipes mais importantes sentiam que a Arábia Saudita devia procurar outras fontes de rendimento para o país além do petróleo. Porém, o petróleo é o melhor recurso que qualquer país pode ter e é nele que devemos concentrar os nossos esforços de desenvolvimento. Mas aqueles dois príncipes de estatuto elevado tinham investido milhões e milhões de dólares dos lucros do petróleo em quintas no deserto. Sem água nem terrenos adequados, tudo tinha de ser transportado para aquelas áreas desérticas. Todas as flores e legumes cultivados custavam quase cinco vezes mais do que o preço que os agricultores recebiam pelas vendas. O governo subsidiava tantos frutos e legumes que se tornava desastroso. Mas o orgulho dos dois príncipes não os deixava admitir o fracasso. E, assim, os fundos do governo eram usados para amparar um empreendimento comercial irresponsável que não fazia sentido. Kareem dizia que era melhor o governo distribuir dinheiro aos agricultores e pedir-lhes que deixassem de cultivar flores e legumes no deserto. Mas, ao ver o rosto orgulhoso de Nadia, soube que pelo menos algumas famílias sauditas outrora pobres estavam a sair-se bem financeiramente; estavam satisfeitas por produzir alguma coisa.

Nadia continuou a sua história: – Sou a última dos filhos dos meus pais e única rapariga. Antes de eu nascer, a minha mãe tinha quatro rapazes. Retirava todo o prazer da vida dos meus quatro irmãos. Amava-me, mas não como amava os meus irmãos. Mas eu tinha sorte, porque o meu pai me amava quase tanto como amava os filhos. Nunca considerou que o nascimento de uma filha fosse uma coisa má, ou que eu não devesse receber uma educação adequada.

«Infelizmente para mim, a minha mãe e os meus irmãos opunham-se a todas as coisas positivas que o meu pai queria. Enquanto o meu pai insistia que eu

fosse à escola, tal como os meus irmãos tinham ido, a minha mãe sentia-se angustiada com a ideia. Os meus irmãos ficavam agitadíssimos sempre que o tópico da minha educação era levantado. Defendiam que eu ia desonrar a família inteira com novas ideias. Tinham horror que eu pudesse aparecer em público – ou, por alguma razão desconhecida, até na televisão – sem o véu. A minha mãe e os meus irmãos exigiam que eu me casasse jovem e tivesse filhos, que era a única coisa que, diziam, qualquer mulher queria realmente. Estavam determinados a que eu obedecesse às suas exigências sem questionar. E disseram-me que, se recusasse obedecer às suas instruções, me trancariam no meu quarto. Tornar-me-ia prisioneira!

Via que Maha estava furiosa mas, felizmente, conteve a raiva que sentia e não disse nada desrespeitoso acerca dos irmãos ou da mãe de Nadia.

Uma expressão triste atravessou o rosto de Nadia. – Eu compreendo o raciocínio da minha mãe. Ela vem de uma família pobre e não recebeu educação depois dos dez anos. Sabe ler, mas pouco. Sabe escrever, mas pouco. É uma esposa tradicional. Foi casada com o meu pai quando tinha apenas catorze anos e ter um guardião durante toda a vida funcionou bem para ela. Acredita que o melhor para qualquer rapariga é casar-se nova e ter um homem a tomar conta dela.

«Depende do meu pai para tomar todas as decisões. Só o contrariou num assunto: eu. Estava determinada a que me casasse nova. Ouviu de um dos seus irmãos que a educação torna as raparigas esposas e mães indesejáveis, e acreditava que os estudos iam desviar a minha atenção da vida familiar. Gosta de dizer que a sua mente não pode desviar-se de ser uma boa mulher e mãe porque não conhece outra coisa. E, assim, a minha mãe insistiu até o meu pai concordar que ela me arranjasse casamento. Foi-me escolhido um jovem, tinha eu apenas catorze anos e ele dezanove. Era filho de uma das amigas da minha tia, alguém que eu não conhecia.

Nadia suspirou, depois continuou.

– Chorei durante dias, escondida no quarto, protestando contra o tipo de vida que ia ser forçada a viver. Mas nada mudaria a opinião da minha mãe, e o meu pai desistira de lutar com ela e os meus irmãos.

Reparei que Maha sofria; queria muito exprimir a sua opinião, mas, em vez disso, virou-se simplesmente para a irmã, Amani. Maha detestava a ideia de a irmã concordar com tais pensamentos acerca da forma como as mulheres deviam ser tratadas e enlouquecia com a convicção de Amani de que todas

as mulheres estavam melhor sob o domínio de um homem. Pela segunda vez, a minha filha controlou-se, e fiquei contente por isso, embora ela tenha perguntado: – Estás divorciada, agora?

– Não estou divorciada. Um mês antes do casamento, uma tragédia salvou-me. O meu futuro noivo ia a grande velocidade na autoestrada que conduzia à aldeia, entrou na faixa contrária e colidiu com um camião. Teve morte imediata. Não fiquei contente com a sua morte, claro, mas passei a dormir descansada. Já não ia ser forçada a casar com um estranho e a tornar-me uma mãe jovem sem esperança de ter uma vida livre e independente. No espaço de um mês, a minha mãe e os meus irmãos começaram a procurar possíveis maridos para mim, mas o meu pai ordenou que parassem. Ele achava que a morte do meu futuro marido fora um sinal de Alá para eu não me casar tão nova ou contra a minha vontade. Fez com que eu continuasse os estudos, porque, dizia, a morte do rapaz lhe fizera recordar que as mulheres devem ter meios para se sustentar caso o casamento não funcione. E se eu estivesse casada e fosse mãe quando o rapaz morreu? Teria tido de me sustentar a mim e ao meu filho.

«Embora a sua decisão tenha irritado a minha mãe, eu pude continuar na escola. As minhas notas eram perfeitas, por isso o meu pai fez com que eu seguisse para a faculdade. Tirei uma licenciatura em Sociologia e rapidamente me ofereceram trabalho como assistente social; agora, passo o tempo a ajudar raparigas que não têm ninguém para as ajudar. Graças a Alá, tive um pai sábio.

Exceto Amani, todas as pessoas que ouviram a história de Nadia apresentaram condolências pela morte do jovem, e parabéns pelos seus sucessos na escola. E, apesar da sua desaprovação, até Amani conseguiu olhar para Nadia com gentileza, dizendo: – Consta que o profeta Maomé disse certa vez que «procurar conhecimento é obrigação de todo o muçulmano, homem ou mulher». – Amani olhou para mim. – Por isso, a educação de Nadia é sancionada pelo próprio Deus.

– Louvado seja Alá pelas palavras sábias do profeta Maomé – disse a Dr.^a Meena, olhando com aprovação para Amani pela primeira vez.

Só Alá sabe que pensamentos atravessavam a cabeça da minha filha, mas eu esperava que ela comesse a compreender uma coisa: que ninguém devia casar contra a sua vontade.

Nadia parou para se retemperar com um gole de chá antes de prosseguir a

sua história. Embora tivesse educação, ainda vivia em casa, porque nenhuma jovem saudita seria autorizada a viver de forma independente. A mãe e os irmãos estavam de tal forma contra a vida que ela levava, que pensavam continuamente em formas de perseguir a pobre rapariga.

Nadia explicou: – Embora eu tenha estudos, a minha mãe e os meus irmãos não me mostram qualquer respeito. Ridicularizam o meu trabalho, dizendo-me que ando a espalhar ideias más pelo reino. Felizmente, os meus três irmãos mais velhos são casados e têm carreiras, por isso dispõem de menos tempo para se ocuparem com a minha vida diária. Mas o mais novo dos meus irmãos ainda vive em casa e, agora, conjugou esforços com a minha mãe para fazer com que me despeçam do trabalho. Querem ver-me desamparada ao ponto de aceitar outra proposta de casamento. Visto que não posso conduzir, o meu irmão muitas vezes recusa-se a levar-me ao trabalho, fazendo com que me atrase. O meu supervisor já me admoestou por causa dos meus atrasos.

«A minha mãe ignora os meus pedidos de ajuda, porque fica feliz quando eu estou infeliz. A sua frustração revelou um lado violento que eu nunca vira antes. Assim que regresso de um longo dia no trabalho, ela grita-me que cozinhe o jantar e limpe a casa, que deixa intencionalmente de cuidar para que eu o faça. Se a minha limpeza não estiver do agrado dela, que nunca está, dá-me uma bofetada. Quer que a minha vida seja tão desoladora que o casamento se torne apelativo. Mas eu estou determinada a não desistir.

– Por favor permite-me que fale com o teu supervisor, Nadia – disse a Dra. Meena.

Nadia acenou com a cabeça. – Se vir que estou na iminência de ser despedida, ligo-lhe.

A Dr.^a Meena pareceu preocupada. – Temos de nos ajudar umas às outras.

Eu resolvi o problema. – Nadia, deste dia em diante, enviarei um motorista e um carro para a conduzir ao trabalho e para a levar a casa ao final do dia. Deixa de depender do seu irmão.

– Oh, princesa, é de mais – protestou Nadia.

– Não, não é suficiente. A nossa família tem muitos veículos e muitos motoristas que passam demasiado tempo sem fazer nada. Terás o teu próprio motorista.

– Como é que vou explicar uma coisa destas aos meus pais? – perguntou Nadia.

Percebi o receio dela. Visto que não queria que a família soubesse da

minha intervenção, a mãe e os irmãos podiam acusá-la de ter um amante. Se tal acontecesse, a sua vida ficaria em perigo.

– Dr.^a Meena – perguntei –, gostaria de ter um carro com motorista? Atribuo-lhe um dos nossos motoristas, que ficará sob sua supervisão. Pode usar esse serviço para qualquer propósito, para a ajudar a si e outras jovens que fiquem de mãos atadas sem motorista.

– Seria uma solução maravilhosa, princesa. Ninguém pode queixar-se se uma médica saudita do hospital usar o seu carro e motorista para transportar jovens para o trabalho e de regresso a casa.

Nadia sorriu com alívio e felicidade.

Maha abriu a boca e eu sabia que ela se preparava para iniciar o ataque, para manifestar a sua opinião de que todas as sauditas deviam ter direito a conduzir. Se Maha começasse, Amani juntar-se-lhe-ia, mas com o seu ponto de vista oposto. Eu não estava com disposição para ouvir mais uma discussão entre Maha e Amani, por isso mudei de assunto, não sem antes beliscar a perna de Maha e dizer: – Certo. Este problema está resolvido e resolveremos com certeza muitos outros. Por agora, vamos dar um passeio pelo jardim das mulheres.

E, assim, passámos do interior do nosso palácio para os jardins, um lugar tranquilo onde nós, seis mulheres sauditas, caminhámos calmamente, admirando as lindas flores e o verde balsâmico. Há um aviário ao fundo do jardim e é sempre agradável observar os pássaros chilreantes nas suas vidas descomplicadas. São bem nutridos e amados, pois Amani está encarregada de formar os empregados que os mantêm saudáveis e felizes.

Divirto-me a observar o rosto de Amani nessas alturas. A minha filha só mostra um deleite sem reservas quando está com o filho, ou com pássaros ou outros animais. Enquanto Kareem esperara que o amor que a nossa filha dedicava aos animais lhe passasse com a idade, eu percebera há muito que a minha filha mais nova levaria essa paixão consigo para a sepultura.

Ficámos sentadas nos bancos confortáveis durante vários minutos e foi nessa altura que todas nós, exceto Amani, fizemos planos para voltarmos a reunir-nos no espaço de uma semana, para Nadia nos dar mais informações sobre as famílias que lhe fora designado ajudar pela administração do hospital. Aquelas que não conseguisse auxiliar passariam para a Dr.^a Meena e para mim. As três, juntas, ajudaríamos muitas jovens e mulheres.

Quando a Dr.^a Meena e Nadia se despediam e se encaminhavam para a

entrada de minha casa, Nadia parou para enfiar a mão na carteira e tirar umas folhas de papel dobradas. Julguei que tivesse informação para me dar, mas, em vez disso, virou-se para Maha e Amani, que se tinham aproximado dela. Nadia dirigiu-se às raparigas; embora não tenha conseguido ouvir o que disse, vi que passou as páginas a Amani. Depois, puxou a mão de Maha para cima da de Amani, como se criasse um laço entre as minhas duas filhas, e disse algo mais.

Fiquei a rebentar de curiosidade, mas não disse nada até as jovens terem saído de minha casa. Fitei as minhas filhas e perguntei: – O que é que a Nadia vos passou?

– Mãe, não sabemos – respondeu Amani, exasperada. – São palavras escritas num papel. Vou sentar-me e lê-las.

– Sim, claro, filha.

– É uma boa ideia – anuiu Sara. A minha irmã também ficou entusiasmada com este desenvolvimento.

Amani, que sempre tivera modos ditatoriais, manteve o controlo das folhas, lendo-as, página atrás de página, antes de as passar a Maha. As minhas filhas são lentas a ler e, embora eu já estivesse impaciente, não havia nada a fazer senão esperar. Como disse, com a passagem dos anos, não nego às minhas filhas o respeito que merecem como jovens mulheres – embora haja seguramente alturas em que sinto falta de poder mandar nelas.

Maha acabou por me passar a primeira folha.

As páginas revelaram ser uma arrebatadora coleção dos pensamentos de Nadia acerca da pobre condição das mulheres da Arábia Saudita. Julgo que escreveu as palavras para que eu as lesse, caso não a tivesse incentivado a falar. As páginas continham o que se segue.

Qual é o grau de infelicidade da mulher que nunca conheceu a liberdade?

É uma questão em que ponderei muitas vezes. Qual é o grau de infelicidade da mulher que nunca conheceu a liberdade? O que pode ser dado a uma mulher em substituição da liberdade? O conforto material será compensação suficiente? Há quem acredite que sim. Afinal, é esse o «negócio» oferecido às mulheres sauditas. Fica

sossegada, não exijas liberdade e nunca te faltará abrigo nem comida. O que não nos dizem é que, em troca desse comportamento passivo, nunca se provará a alegria da liberdade.

Tenho trabalhado como assistente social, completamente dedicada às famílias sauditas, nos últimos três anos. Durante estes anos, fiquei a saber mais do que alguma vez desejei saber sobre a vida das mulheres que encontrei. Muitas vezes questionei que garantias dadas às mulheres sauditas valerão um único dia de liberdade. Acredito que nada pode competir com a sensação maravilhosa de ser livre de viver a vida que se quer viver.

Depois de muita experiência pessoal, de pensar e de ler, acredito que a vida das mulheres que nascem na Arábia Saudita tem a sua melhor descrição na frase de abertura do famoso livro de Charles Dickens História de Duas Cidades. Tal como Dickens descreveu, era mesmo o melhor dos tempos, contudo era o pior dos tempos; havia sabedoria, loucura, incredulidade, trevas, luz, esperança e desespero. Acredito que as suas palavras se ajustam à condição difícil das mulheres sauditas.

Permitam-me que explique. Sendo assistente social num hospital, vejo o melhor e vejo o pior. O melhor traz-me esperança ao coração, mas o pior causa-me medo e angústia. É o melhor dos tempos para as mulheres da Arábia Saudita, porque cada história de sucesso de uma mulher é uma pequena fonte de esperança que brota como água fresca do deserto. Mas esta nascente é enganadora, porque todos sabemos que existe pouca água fresca debaixo das areias sauditas. E sabemos também que a qualquer momento este poço pode transformar-se num seco banco de areia, porque muitos homens sauditas continuam a não querer que as suas mulheres sejam livres de viver com dignidade. Por isso, sentimo-nos felizes mas nervosas com a ideia de que as nossas pequenas liberdades possam em breve desaparecer – podem-nos ser tiradas de debaixo dos pés. Já aconteceu, e não foi há assim tantos anos. Uma prima, vinte e cinco anos mais velha do que eu, avisou-me que as mulheres sauditas já antes tiveram esperança, durante os anos 1970, quando alguns acontecimentos políticos aterrorizaram o nosso governo, nomeadamente a queda do xá do Irão e a revolta de Meca de 1979. O

nosso governo real sacrificou as mulheres sauditas para aplacar os clérigos. Durante os anos que se seguiram a esses acontecimentos, as mulheres da Arábia Saudita foram empurradas para trás no tempo, no que respeita a liberdades individuais.

É a pior das alturas porque esta esperança está a confundir toda a gente e a trazer à luz os maus comportamentos. Hoje, as mulheres sauditas pensam e acreditam que podem ter a liberdade de estudar e trabalhar e ter algum dinheiro para si próprias. Os homens sauditas que não querem que as suas mulheres tenham independência, ou tenham sequer esperança de liberdade individual, manifestam o desejo intenso de aniquilar todas as ideias que promovam a liberdade das mulheres. É como se também sentissem que a maré pode estar a voltar-se contra eles e tivessem medo de perder o controlo. Se não conseguem apagar a esperança da mente das mulheres, tentam tirá-la à força – dessas mentes que só recentemente começaram a florescer e a desenvolver-se com novas ideias e conhecimento. Falei com jovens com lesões físicas gravíssimas, jovens demasiado aterrorizadas para admitir que os maridos lhes tinham batido quase até à morte por elas terem exprimido o desejo inofensivo de prosseguir os estudos ou de trabalhar depois de terminar o curso, ou porque acalentaram a esperança de adiar a maternidade até serem um pouco mais velhas – talvez até depois dos primeiros anos da adolescência.

Na nossa terra, esta é a era da sabedoria, porque finalmente temos um rei, o rei Abdullah, que usa o seu poder para ajudar as mulheres. Embora me digam que o rei Faisal foi um grande rei para todos os cidadãos sauditas, eu não era viva na altura para testemunhar a grandeza de Sua Majestade; o meu herói é o rei Abdullah. Sei que ele está a fazer mais do que os dois reis anteriores fizeram juntos para garantir uma vida decente e segura às mulheres sauditas.

É a era da loucura, porque muitos jovens rejeitam qualquer progresso para as mulheres. Estes «novos» fanáticos religiosos, que são principalmente homens jovens, são muito agressivos e acreditam que é seu direito andar pelas ruas a perseguir qualquer mulher que por eles passe, mesmo uma mulher completamente velada. Acreditam que é seu direito exigir mulheres submissas. Estes jovens prostram-se aos pés dos clérigos religiosos mais velhos que exigem abertamente

que o nosso país regressasse à negra época em que as mulheres não eram sequer autorizadas a sair de suas casas. Quando fazem apelo à purdah, ou isolamento das mulheres, fazem-no com um olhar enlouquecido e enorme fervor. É como se tivessem perdido toda a razão. Ouvi um provérbio inteligente que diz que uma viagem de mil quilómetros começa com um único passo. Todas as mulheres podem dar esse passo que conduzirá à liberdade.

É a época da incredulidade, um período de descrença, pois vivemos numa era em que aquilo que acontece não está totalmente escondido, como acontecia no passado. Quando a minha avó e a minha mãe eram crianças, não ouviam muitas histórias de terror, embora houvesse rumores. Mas hoje é diferente. Há notícias escritas em jornais e aqueles que trabalham nos hospitais ganharam coragem para falar. São eles que veem, em primeira mão, quão traumática e perigosa pode ser a vida de algumas mulheres. Conhecemos a natureza cruel de alguns homens e aquilo que eles fazem às mulheres, por nenhuma outra razão que não a perfídia. Por exemplo, tenho falado e tentado consolar uma mulher que é amiga próxima da família de uma criança que foi violada até à morte pelo pai, um clérigo. O homem foi condenado a apenas oito meses de prisão por torturar e violar a filha de cinco anos até à morte. A coluna da criança foi partida durante as longas sessões de violação. A diminuta entrada do intestino da criança foi destruída pelo órgão masculino do pai. O rabinho da criança foi colocado por cima de uma chama, quando o pai tentou estancar o sangue que dele jorrava. Quando este homem foi condenado a apenas alguns meses de cadeia por este crime perverso contra a própria filha, os clérigos ficaram furiosos, dizendo que alguns meses era de mais, que qualquer homem podia fazer o que quisesse a uma familiar do sexo feminino, e que ninguém tinha o direito de julgar ou castigar o envolvido. Enquanto o pai teve liberdade para infligir sofrimento atroz e tortura, a mãe não teve liberdade para salvar a sua filha inocente.

Esta história horrível foi relatada nos jornais. Mas sabem que ainda é verdade? Que, na Arábia Saudita, qualquer homem pode infligir violência a qualquer mulher da sua família sem se preocupar com a verdadeira justiça? O que são alguns meses na prisão por um

crime assim? Nada! Tenho medo de que isto nunca mude, porque nem o governo quer entrar em disputas entre os homens e os membros da sua família.

Mas nada horrorizou mais as mulheres sauditas do que a história desta menina, tirada da mãe, agredida e torturada e violada pelo pai. Era uma criança indefesa e ninguém a pôde ajudar. Mesmo tendo havido um protesto público, o castigo foi incrivelmente desadequado. Ouvi dizer que até os carcereiros se amigaram daquele criminoso que torturou e assassinou uma criança. Ele não recebeu um castigo real, pois foi tratado como herói durante os poucos meses que esteve na prisão. A sua sentença foi uma encenação montada para silenciar uma população enraivecida. Embora estes sejam tempos melhores para muitas mulheres sauditas e, sim, haja boas histórias para revelar, as histórias más e os horríveis abusos neutralizam a alegria das coisas boas.

Apesar de ter vontade de relatar muitas das histórias que ouvi durante o meu trabalho de apoio a mulheres envolvidas em situações traumáticas, sinto-me envergonhada, porque sei que não tenho liberdade completa para fazer o que deve ser feito! Tenho de esconder as minhas ações e manter o meu nome em segredo. Se o meu empregador ou a minha família descobrissem que estou a revelar estas confidências, a minha vida seria destruída. A minha mãe ficaria de cama durante vários meses e o meu pai questionaria a sua decisão de me permitir estudar. Quanto aos meus irmãos, poderiam achar importante fechar-me a boca para sempre. No mínimo dos mínimos, seria forçada, pela vergonha, a viver num nicho social muito pequeno e viveria sozinha, quase isolada de tudo aquilo que prezo, para o resto dos meus dias.

Mas acredito que todas nós devemos trabalhar juntas como uma força só. É por isso que, com uma mulher que tanto admiro, a Dr.^a Meena, procuro a ajuda de uma princesa que tem poder para salvar algumas das jovens mulheres que conheço que não têm para onde ir, ninguém a quem recorrer.

Se não tiver liberdade para salvar uma única vida, então viver não significa nada para mim.

* * *

Chorei. Sara também chorou. O rosto de Maha estava vermelho de raiva e frustração. Amani não disse nada, limitando-se a olhar com ar perdido para a fotografia da minha mãe; era como se quisesse andar para trás no tempo e estar ali com ela.

– Esta rapariga é muito sábia, e tem razão no que diz – disse eu. – Nós, as mulheres sauditas, recebemos migalhas de comodidade pessoal em troca da nossa liberdade.

Naquele momento, Kareem e Abdullah entraram na sala, ambos alarmados por verem as mulheres que amavam em lágrimas.

Eu estava tão transtornada que ataquei os dois únicos homens ao meu alcance.

– Kareem! Abdullah! Podem pegar nas vossas migalhas e atirá-las ao mar Vermelho! – exclamei, antes de sair disparada da sala.

Kareem quis ir atrás de mim, mas Maha bloqueou-lhe o caminho, gritando: – A mãe tem razão! – exclamou, seguindo os meus passos, não sem antes lançar ao irmão um olhar de nojo.

O meu pobre marido e filho ficaram hirtos de choque ao ouvir o elemento mais doce da nossa família, a minha irmã Sara, olhá-los com ar acusador e exclamar: – Que vergonha, para ambos!

Só Amani conseguiu permanecer na mesma divisão que os dois homens. Soube mais tarde que ela mostrou as páginas escritas por Nadia a ambos, e tanto Kareem como Abdullah ficaram profundamente tristes e chocados com as palavras que leram.

As mulheres da Arábia Saudita passaram por muitos momentos em que sentiram que a liberdade estava próxima, mas no último minuto essa liberdade foi-lhes negada pelos homens que mandam nas nossas vidas. Mas, agora, o tempo da mudança chegou finalmente. A coragem é contagiosa, e milhares de mulheres da Arábia Saudita reuniram finalmente sabedoria e coragem para rejeitar o manto do medo e exigir liberdade, o pré-requisito da verdadeira felicidade.

LIÇÕES DE UMA MENINA SÁBIA

Uma amiga do Canadá disse-me certa vez que as únicas relações perfeitas de que os seres humanos gozam são as relações entre avós e netos. Acredito que é verdade. Embora Kareem e eu tenhamos sempre amado escandalosamente o nosso filho e as nossas duas filhas, nunca poderíamos afirmar que a relação que temos com eles roça a perfeição. Acontece o contrário com a pequena Sultana e os nossos dois netos mais pequenos, Faisal e Khalid. Todos os momentos que dedicámos aos nossos netos foram imaculados.

Visto que Khalid e Faisal são muito pequenos, o laço de amor que temos com os dois príncipezinhos terá ainda de se desenvolver para lá do balbucio e do mimo. Mas a nossa relação com a pequena Sultana, uma rapariga de oito anos dona de uma consciência excecional, é intrincada e complexa. Isto porque a pequena Sultana nunca nos respondeu com um laivo de comportamento infantil. Desde o nascimento que aquele bebé de olhos grandes e sábios pareceu absorver tudo o que se passava à sua volta com a sensibilidade de alguém muito mais velho. Muitas vezes me refreei ao falar, porque senti que o bebé que segurava nos braços possuía a maturidade mental de um adulto, e que compreendia todas as palavras que ouvia. De bebé, passou a ser uma criança intensamente observadora, examinando detalhadamente todas as coisas que se lhe apresentavam com a postura de um detetive privado e respondendo com uma sabedoria muito para lá dos seus anos. Nas alturas em que não a deixámos comer doces que fazem mal à saúde ou jogar jogos que não considerámos apropriados para a sua idade, nunca fez nenhuma cena para satisfazer os seus desejos, comportamento tão comum na maior parte das crianças. Em vez disso, a nossa pequenina neta colocava-se

de maneira a poder olhar-nos e depois, calmamente, pacientemente, explicava a razão pela qual os seus pedidos deviam ser atendidos. Nunca esquecerei, tinha ela quatro anos, a forma como, com a autoridade de um adulto, disse aos estupefactos avós: «Mas tenho de conhecer tudo da vida.» Nessas ocasiões, achava a sua vozinha controlada de criança e o seu ar sério tão queridos que tinha de fazer o maior dos esforços para não mostrar o meu divertimento.

Kareem e eu falamos frequentemente sobre as qualidades distintivas da pequena Sultana. Ela é tudo quanto a comunidade mundial das Nações Unidas poderia registar como um ser humano que alcançou a completude e a excelência. A pequena Sultana é doce, humana, atenta, confiável, diligente e honrada. Kareem diz-me: – Sultana, a tua homónima foi coroada com as melhores qualidades com que a genética agraciou a nossa família.

Kareem tem razão. A pequena Sultana possui a bondade do pai, o nosso filho Abdullah. É diligente e trabalhadora como o avô, o meu marido Kareem. Frequenta uma escola para primos reais localizada num edifício especial de um dos nossos palácios; leva as aulas tão a sério que só é possível compará-la a Sara, que foi sempre a rapariga mais inteligente da sua turma. Também apresenta a calma virtude da tia Sara. Demonstra frequentemente a consciência social que é meu apanágio, embora tenha nascido com o carácter incorruptível da tia Maha.

Lembro-me bem de uma ocasião em que a neta mais velha de Sara, que também se chama Sara, estava de visita a nossa casa. A pequena Sara passou o dia a brincar com a pequena Sultana, que ficou connosco enquanto Abdullah e a mulher, Zain, se encontravam numa viagem breve a França, onde o meu filho foi participar em algumas reuniões importantes.

Sara não tinha problemas em admitir que, quando era mais novinha, a sua neta era indisciplinada, mimada até mais não, e tão exigente quando se tratava de conseguir o que queria que até os pais se queixavam. Embora Sara e Assad dessem muitos conselhos para controlar o comportamento mais ofensivo da pequena, ninguém notava nenhuma melhora.

A minha irmã Sara e eu ríamo-nos muitas vezes, dizendo que, na verdade, a netinha dela devia ter o meu nome, ao passo que a nossa Sultaninha devia chamar-se Sara. As nossas duas netas pareciam ter trocado as características das tias, como somos conhecidas, mais do que avós, pois na minha família eu sou inquestionavelmente conhecida como a filha arruaceira, enquanto Sara

goza da reputação de ser uma alma calma e sábia.

A história que quero contar passou-se quando a neta de Sara tinha seis anos e a pequena Sultana era um ano mais nova. Portanto, a pequena Sara devia ter mostrado ser a mais madura das duas crianças. Naquele dia, a pequena Sultana brincava com o seu brinquedo preferido, uma boneca da princesa Jasmine da Walt Disney. Vários meses antes, em visita aos Estados Unidos, Kareem e eu deslocámo-nos especialmente a uma loja que ficava perto da Disneylândia, na Califórnia, depois de Abdullah nos ter dito que a filha exclamara de emoção ao ver uma boneca da Jasmine numa revista de crianças.

A minha neta encontrava-se imersa no seu mundo fantasioso de menina e de bonecas reluzentes, quando a pequena Sara subitamente se fixou na boneca Jasmine. Com os braços esticados, correu o mais rápido que as pernas lhe permitiram para arrancar Jasmine dos braços da prima.

A boca da pequena Sultana abriu-se muito, de surpresa, mas não fez nenhum som quando a neta de Sara começou a puxar pelo cabelo da Jasmine como se quisesse arrancá-lo. Não tendo conseguido pôr a boneca careca, a criança mimada começou a agarrar a roupa da Jasmine.

Eu já me tinha posto de pé, sabendo que tinha de salvar a boneca antes que esta fosse destruída, enquanto Sara elevou a sua voz doce: – Para, Sara! Para!

Comecei a puxar pela boneca de um lado e empurrei ligeiramente a pequena Sara com a outra, mas a minha teimosa sobrinha agarrou-se mais a ela e recusou-se a largar a boneca. Quando ouvi o som do tecido azul rasgar, gemi inconscientemente, ao constatar que era um estrago grave.

Neste momento, a pequena Sultana levantou-se apressada e dirigiu-se à prima. Passou-se tudo em câmara lenta depois de a minha neta pousar uma mão doce no ombro da sobrinha. De olhos nos olhos da pequena Sara, falou com uma voz confiante, impossível de ignorar. – Sara, a Jasmine está a chorar pela mãe. Por favor, deixa-a ir.

Como alguém que vê um milagre a desenrolar-se, a pequena Sara aliviou a pressão.

Nesse momento, a Jasmine foi minha.

Ajoelhei-me no chão diante da pequena Sultana, compondo o cabelo e a roupa da Jasmine. – Querida – tranquilizei –, a Jasmine não está magoada. O fato dela está roto, mas podemos mandar arranjar a roupa.

A pequena Sultana abanou a cabeça solenemente e recompôs-se, falando numa voz pequenina: – Mas está traumatizada. Vou levá-la para a cama, para se recompor com uma sesta.

Os expressivos olhos castanhos da pequena Sultana estavam escuros como a noite, quando parou para fitar solenemente a prima. – Sara, estás à vontade para mexer nos meus brinquedos e procurar outra coisa que desejes, mas a Jasmine não está a sentir-se bem. Vemo-nos noutro dia.

A pequena Sultana parou para beijar a tia Sara, retomando silenciosa o seu trajeto pela sala e descendo o corredor até ao seu quarto. Segui-a a uma distância discreta, para me certificar de que estava tudo bem. Observei sem falar, espreitando por uma porta do quarto e vi-a embalar a boneca. Ouvi as suas palavras: – Jasmine, filha, há algumas pessoas más no mundo. De agora em diante, terei mais cuidado com a tua segurança.

Correram-me lágrimas pelo rosto, ao ver a minha doce neta. Vieram-me à mente as palavras de Kareem sobre a pequena Sultana ter vindo ao mundo mulher e não uma criança pequena.

E portanto, quando uma crise, provocada por uma das escolhas imprevistas da minha filha Maha, ameaçou a nossa família, foi a pequena Sultana que nos colocou no caminho do entendimento.

Maha ama a sobrinha e os sobrinhos de forma completa, embora seja evidente para qualquer pessoa com olhos e ouvidos que tem uma ligação invulgarmente próxima com a pequena Sultana. Este favoritismo poderá ser explicado pelo facto de Maha ficar desconfortável e nervosa quando toma conta de crianças, pois não raro exprime o receio de que aconteça algo de mal ao bebé que tem nos braços. É como se Maha acreditasse que um bebé tem força para saltar dos seus braços fortes para o chão, ou que possa magoar-se de alguma outra forma quando está ao seu cuidado. Confessa que, se alguma coisa acontecesse acidentalmente a Khalid ou a Faisal, ninguém acreditaria que não teria sido descuidada com os rapazinhos, porque todos quantos conhecem Maha sabem que não é uma mulher que nutra afeto por homens. Embora ame o pai, o irmão, os dois sobrinhos e o tio Assad – o marido de Sara –, não há outros homens por quem a minha filha nutra grande estima.

Kareem sempre me repreendeu pela animosidade de Maha relativamente ao sexo masculino, pois eduquei o nosso filho e as nossas filhas numa atmosfera em que os costumes do nosso país eram habitualmente

questionados. Todos os meus filhos interpretaram a lição dada pela mãe de uma forma diferente. Desde crianças que me ouviram defender que todos os sauditas, homens ou mulheres, devem ter proteção do governo para viverem com liberdade e dignidade e que nenhum homem deve ser mais valorizado do que uma mulher.

O meu filho, Abdullah, absorveu completamente a minha lição de igualdade. Como consequência, valoriza claramente as mulheres; isto é, respeita as mulheres da mesma maneira que respeita os homens. Esta atenção aos outros, sejam eles homens ou mulheres, ajudou a que se tornasse um filho maravilhoso, um marido carinhoso e um pai sábio.

Maha, a minha filha mais velha, ouviu atentamente as opiniões da mãe, mas não aceitou cegamente a minha visão de que é preciso haver mudança no nosso país. Em vez disso, olhou à sua volta para ver como eram tratadas as mulheres comparativamente aos homens. Demasiadas vezes deparou com evidências de que as amigas eram maltratadas pelos pais e irmãos. Maha chegou à conclusão de que, no que respeitava ao governo e à maior parte dos homens sauditas, as mulheres do seu país pouco contavam. Uma vez que pertence ao sexo feminino, isto não lhe caiu muito bem. Enquanto adolescente, acreditava que, se concentrasse todas as suas energias na luta pelos direitos das mulheres, conseguiria fazer da Arábia Saudita um sítio favorável para estas viverem. Mas as pessoas do meu país não estão preparadas para uma rapariga como Maha, por isso o fracasso era inevitável. Entristecia-se ao saber das vidas perdidas das amigas, obrigadas a deixar a escola ou casadas contra a sua vontade – raparigas cujo sofrimento assumia muitíssimas formas, devido ao que ela considerava serem práticas antiquadas e injustas. Por fim, depois de deparar com desilusão atrás de desilusão, Maha, abatida, arrancou o colete de forças das tradições da Arábia Saudita e fugiu para a Europa, para viver livremente.

Amani, a terceira dos meus filhos, parece ter sido educada pelos clérigos mais conservadores e não pela sua mãe de espírito livre. Defende que todas as mulheres devem viver sob o domínio dos homens. Afirmo gostar de conceder ao marido a coroa de ditador. O marido de Amani é um ditador extremamente benevolente e viver sob o seu comando não é muito difícil, por isso, por várias vezes perguntei à minha filha se não desejaria liberdade, caso o seu marido fosse um homem que gostasse de lhe bater, ou de a afastar da família, ou quisesse uma segunda ou terceira mulher, ou pedisse o

divórcio e a custódia total do filho dela, o pequeno Khalid. Embora Kareem e eu protegêssemos a nossa filha de semelhante destino, outras jovens do reino não gozam da mesma proteção. Mas nada do que digo penetra na inflexível visão antagonista de Amani quanto à liberdade das mulheres.

Como mencionei, o meu filho é um homem que acredita que todas as mulheres devem ser tratadas da mesma forma que os homens. A devoção que tem pela mulher e pela filha comprova o seu mérito no que respeita à liberdade das mulheres.

Na verdade, a nossa família ouviu falar pela primeira vez de uma mulher saudita chamada Laila, quando Zain, a mulher do meu filho, nos convidou para um chá na sua casa. Amani também foi convidada mas disse que tinha reservado o dia para rezar do nascer ao pôr do Sol. Esta devoção total a Deus não era incomum em Amani, por isso aceitei a sua ausência sem queixa.

Quando Maha e eu entrámos na casa de Zain, esta foi receber- -nos à porta, exclamando de alegria pela nossa chegada. Eu não poderia ter imaginado que este encontro com Laila, na altura nossa desconhecida, provocasse tantas mudanças positivas na nossa família.

* * *

Mas, antes de contar acerca de Laila, gostaria de apresentar Zain, já que esta teve o condão de se tornar tão querida para nós. A minha nora é uma saudita muito invulgar, que se tornou um membro muito importante da nossa família. É bonita, gentil e única de uma forma surpreendente – foi abençoada por Deus com uma magnífica voz. Ficámos estarecidos a primeira vez que ouvimos Zain cantar, porque nunca ouvíamos uma voz tão extraordinária na vida.

Nunca esquecerei esse dia. Kareem e eu viajáramos, sem contar, para Gidá, por uma razão que não recordo e, já que lá estávamos, decidimos visitar o nosso filho, que casara há pouco. Quando chegámos, o nosso filho Abdullah explicou-nos que Zain ainda não se arranjava naquele dia, por isso Kareem e ele ficaram sentados comigo no jardim de inverno, de frente para as águas azuis do mar Vermelho, quando, de repente, uma voz extremamente bela e forte irrompeu de trás das portas fechadas, da ala onde ficavam os quartos.

Kareem, perplexo, perguntou ao filho: – Quem é que está a cantar?

Abdullah corou e disse: – Preferia não dizer, pai.

O meu coração parou, pois receei que o meu filho tivesse, estupidamente, acolhido uma concubina na sua casa, algo que muitos dos jovens príncipes fazem depois de casar com as mulheres dos seus sonhos, não imaginando que a única mulher que realmente importa ficará tão magoada que o casamento sairá prejudicado.

– Deves dizer-nos, Abdullah – insisti.

– Abdullah – retomou Kareem com voz firme –, deves identificar esta estranha que está em tua casa.

Abdullah olhou para o pai com aquilo que me pareceu ser uma expressão divertida, pois um canto dos seus lábios curvou-se num sorriso. Por um momento, pensei que o casamento tivesse transformado o meu filho afetuoso num homem mal-educado. Por fim, falou. – Vou perguntar se tenho permissão para vos contar – disse, para depois sair, acompanhado a cada passo pelo restolhar do seu *thobe* longo e branco, acabado de lavar e passar.

Kareem e eu trocámos olhares de espanto. O que se passava com o nosso filho? Quem era aquela estranha que passara a habitar no seu palácio? Onde estava Zain?

Embora os minutos parecessem horas, Abdullah não demorou a regressar com a sua noiva envergonhada. Eu, que estava sempre preparada para deparar com comportamentos pouco próprios dos homens sauditas, incluindo do meu próprio filho, temia realmente que ele se preparasse para me dizer algo que eu não queria ouvir.

O rosto sério de Abdullah abriu-se num sorriso quando viu o nosso estado de alarme. – Mãe, pai, gostaria de vos apresentar a dona da voz mais maravilhosa do mundo, a vossa nora.

Respirei fundo e levantei-me, abraçando o meu filho e a sua mulher, exclamando: – Onde aprendeste a cantar, Zain?

– Nunca tive aulas – explicou ela. – Um dia, quando era pequena, comecei a cantar e, ao longo dos anos, a minha voz ficou mais forte. – A amorosa rapariga estava envergonhada de modéstia. – Só canto quando acho que estou sozinha. – Ergueu os olhos para Abdullah. – E canto para o meu marido, claro.

Abdullah sorriu, orgulhoso, e constatei claramente que as minhas preocupações tinham sido infundadas. O meu filho e a esposa mostravam-me

que tinham o maior dos afetos um pelo outro. – Então, és uma das raras pessoas que nascem com uma voz fenomenal.

O meu marido estava manifestamente entusiasmado, o que se devia ao facto de ser fã de ópera. Disse-me depois que estava completamente convencido de que a nora poderia facilmente obter um papel de protagonista no Teatro alla Scala, a famosa ópera de Milão, uma das melhores óperas não só de Itália, mas do mundo. Claro que nenhuma família saudita autorizaria uma das suas filhas a desempenhar um papel tão público, mas é bom pensar no dia em que uma coisa assim será uma possibilidade para as mulheres sauditas.

Desde aquele dia que pedimos a Zain que cante para nós, mas ela é tímida de mais para o fazer, embora haja alturas em que Abdullah põe música de fundo e a incentiva a atuar para a família. O seu talento único é desconhecido do mundo, pois ela só revela a agradável voz à família. Até os irmãos desconhecem o seu talento particular, pois Zain diz que viveu como uma sombra dos seis irmãos na juventude; a família estava demasiado ocupada com os rapazes para reparar na voz da irmã.

Zain não parece impressionar-se com esta sua capacidade; diz que o marido e os filhos são donos de praticamente todo o seu coração e que cantar é apenas um passatempo agradável. Felizmente, faz esforços sinceros para ser uma parte importante da nossa vida familiar, de tal maneira que originou um amor tremendo da nossa parte. Fisicamente, é alta e elegante, tem uma pele muito clara e olhos escuros que brilham de gentileza. Tem um sorriso radiante e conquistou a nossa estima desde o início do seu casamento com Abdullah. Sei que o meu filho está muito satisfeito com a esposa e, por isso, a família dele encontra-se igualmente satisfeita.

Apesar de ter sido educada numa família mais conservadora do que a nossa, Zain não parece sentir amargura por os seus pais não esconderem que a vida dela era considerada menos importante do que a dos irmãos. Recorda muitos momentos de melancolia, durante o seu crescimento, em que se sentiu desvalorizada, mas, ao contrário da maior parte das mulheres que assim são desconsideradas, não guarda qualquer animosidade para com a família, a nossa cultura ou o país. Graças a Deus que Zain fez o ensino secundário e tem algum interesse pelo mundo além da sua própria vida, pois o meu filho entediaria-se facilmente com uma mulher sem educação que se preocupasse apenas com o seu cabelo, joias, roupas e mobílias. Zain é muito diferente da

maior parte das nossas primas reais, pois partilha com o marido a preocupação com o bem-estar dos outros.

Infelizmente, devido à forma como as mulheres são vistas pelos homens na Arábia Saudita, a maior parte delas tem poucas oportunidades de participar na vida pública – mesmo as mulheres profundamente interessadas em melhorar a nossa situação.

No caso das mulheres da realeza, nenhuma se preocupa com as necessidades da vida. Descobri que a maior parte das minhas primas reais se preocupa apenas com os valiosos bens que a sua riqueza tremenda pode proporcionar. Eu sei que a vida é vazia e chata quando pensamos apenas em nós próprios, e fico muito aliviada por essa atitude egoísta não se aplicar a Maha, Amani, Sara, à pequena Sultana, a Zain ou a mim.

O casamento de Zain com o meu filho ocorreu por um fantástico golpe de sorte. Apesar de termos ouvido falar dela alguns anos antes, depois de um dos seus irmãos ter provocado escândalo quando chegou a um total de seis esposas (a nossa religião só permite quatro), não a tínhamos conhecido pessoalmente. A situação ilegítima do irmão desencadeou uma segunda história acrimoniosa e sinto que vale a pena contar ambas, pois são reveladoras do quão ridículas podem ser as relações familiares num país onde os homens são constantemente estragados com mimos por todos os que os rodeiam, enquanto a igualdade para as mulheres é apenas um sonho de muitos espíritos.

Depois de a família saber que o irmão de Zain desfrutava de prazeres proibidos, um primo real de uma das famílias menores ficou ressentido, por ter a pouca sorte de contar apenas com duas esposas. Como veio a revelar-se, tinha boas razões para se sentir invejoso.

A primeira das mulheres fingira ser amiga da segunda, sua rival, mas a amizade era uma farsa. Convidava a segunda mulher para tomar chá e refrescos, mas estes encontravam-se contaminados por laxantes poderosos que mantinham a segunda esposa sentada na sanita em vez de estar no leito conjugal, aguardando, expectante, a chegada do marido. Quando o esquema foi descoberto, a segunda mulher teve um acesso de fúria e despejou óleo quente nos dispendiosos vestidos da primeira esposa.

As duas mulheres acabaram por se envolver numa luta física e as criadas filipinas relatavam entusiasmadas a quem quisesse ouvir que as duas lutaram como as mulheres que se veem nos programas de televisão do Ocidente a

lutar numa poça de lama. No final da luta, as duas apresentavam-se quase nuas – tinham rasgado as roupas uma da outra. Para choque de todas as empregadas que assistiam ao espetáculo, as duas mulheres sentaram-se, exaustas, e começaram a conversar; então, de repente, as duas esposas beijaram-se, depois beijaram-se uma segunda vez e decidiram que gostavam mais uma da outra do que do marido. Segundo as últimas notícias, as duas vivem no palácio da família em Gidá e atormentam o marido. É bom que poucos saibam desta situação ou ele seria ridicularizado por todos. Espera-se, para bem dos envolvidos, que a situação se resolva antes de se tornar um enorme escândalo. Embora estas coisas sejam proibidas, os membros da família real não raro ignoram comportamentos atrevidos quando estes provêm dos seus. Não havendo um apelo real a uma intervenção, poucos se envolvem: todos os assuntos que se passam entre um homem e as suas mulheres são considerados privados, pelo menos no que respeita a punições.

Embora esta história tenha mantido muitas pessoas entretidas durante semanas, ninguém se compadeceu. A maioria daqueles que pertencem ao meu mundo condena facilmente, mas acredita que nenhum homem passar por uma situação assim com as suas mulheres.

Foi muito diferente, a reação ao «problema das seis esposas» do irmão de Zain. Os tios mais velhos da família tomaram medidas. Os homens tiveram de discutir o dilema, porque os clérigos tinham sido envolvidos e um deles declarara que, membro da realeza ou não, o irmão de Zain criava um mau precedente e que, se um homem fosse autorizado a ter seis mulheres, então todos o exigiriam. E, assim, o irmão de Zain viu-se confrontado pelos tios e obrigado a seleccionar duas das seis mulheres para se divorciar delas e pagar-lhes uma grande soma de dinheiro.

Zain confessou a Abdullah que o seu atrevido irmão chorou como um bebezinho quando se despediu dessas duas esposas, que saíram da Arábia Saudita para morar à beira-mar, em Beirute, já que ambas eram oriundas da Síria e, portanto, estavam predispostas a permanecer naquela zona do Médio Oriente. Estavam muito habituadas a gozar de uma convivência fraterna enquanto esposas do mesmo homem e não queriam terminar a sua amizade.

Mais tarde, o irmão de Zain chorou ainda mais copiosamente quando descobriu que ambas as ex-mulheres estavam bastante satisfeitas com dois atraentes amantes italianos que visitavam Beirute para se divertir. Agora, aqueles dois italianos aproveitavam uma vida luxuosa paga pela pensão de

divórcio de um saudita da família real.

Embora tivéssemos ouvido falar da conduta invulgar do seu irmão, não sabíamos nada sobre Zain até a minha irmã Sara ir ao casamento de uma das suas tias, de quem o marido se divorciara para se casar com uma bonita cantora do Egito. Só se falara da cantora no casamento, disse Sara, que sentiu enorme pena da esposa abandonada, que se casava com mais um príncipe real, conhecido pelo seu amor tremendo a qualquer mulher que conseguisse apanhar. O coração mole de Sara condeceu-se tanto das mulheres da família, que ela passou algum tempo a conversar com todas as que pertenciam àquele ramo familiar. Embora todas elas fossem simpáticas, quando teve a oportunidade de conversar brevemente com Zain, Sara ficou impressionada com a sua aparência e calma dignidade. Regressou do casamento relatando-me que conhecera uma jovem excepcional. Segurou-me no ombro e olhou-me nos olhos, dizendo-me: – Sultana, sei com todo o coração que o teu filho sentirá uma atração pela bonita Zain.

Abdullah encontrava-se num ponto de viragem da sua vida e mencionara que gostaria de conhecer alguém especial e iniciar uma vida doméstica com esposa e filhos. Uma vez que os homens e as mulheres ainda não convivem socialmente na Arábia Saudita, não há uma forma fácil de aqueles que estão em idade de casar entrarem em contacto com muitos membros do sexo oposto.

Depois de Abdullah me dar a conhecer os seus desejos, comecei a observar cuidadosamente as primas reais da idade dele sempre que ia a compromissos sociais. Ainda não tinha sido bem-sucedida, pois sou uma mãe que só quer o melhor para o seu filho. Nenhuma das mulheres que conheci era suficientemente educada, nem suficientemente simpática, nem suficientemente bonita, para o meu único filho. Claro que Amani tinha quatro ou cinco amigas extremamente religiosas que dizia serem perfeitas para Abdullah, mas nenhum de nós confiava nas recomendações de Amani. Abdullah não estaria na disposição de se casar com alguém que andasse atrás dele para rezar a todas as horas do dia; tem um feitio fácil, amigável, é crente e um homem genuinamente bom.

Depois da recomendação de Sara, convidámos a mãe de Zain para uma visita em casa da minha irmã. Este tipo de combinação não é incomum na família real, pois todas as mulheres tendem a gostar de ser casamenteiras.

A mãe de Zain mostrou-se inicialmente reservada; no meu país, as mães de

filhas elegíveis portam-se habitualmente desta forma, para indicar que a filha tem tantos pretendentes que o seu calendário social se encontra preenchido durante várias semanas. Sabendo disto, não me impacientei por a mãe de Zain ter levado uma semana a aceitar o convite.

A semana passou rapidamente, e foi com admiração e encanto que conheci Zain. Embora não tivesse um conhecimento aprofundado do seu caráter, concordei com Sara que Zain era bonita e, acima de tudo, interessante. Sei, pela minha experiência de vida, que uma personalidade interessante é um dos ingredientes principais quando se trata de formar um casamento duradouro. A beleza, sozinha, não prende a atenção durante muito tempo, pois devem existir características pessoais únicas que mantenham a união do casamento.

A família aprovou a minha ideia de mostrar uma fotografia de Zain ao nosso filho. No início, Abdullah rejeitou a ideia, pois ficava nervoso com a ideia de um tal compromisso, mas, depois de estudar a imagem dela durante longos momentos, pôs-me um grande sorriso no rosto quando disse: – Mãe, vejo algo *interessante* no rosto dela que me tocou e despertou o desejo de a conhecer.

Pelas suas palavras, soube que o meu filho ia ao encontro do casamento com a atitude correta: encontrar uma mulher que lhe interessasse nos anos que se seguiriam à acalmia da atração física inicial.

Ambas as famílias decidiram que era apropriado Abdullah e Zain se conhecerem, sob supervisão, na casa de Sara.

A reunião excedeu as expectativas do meu filho. Apesar de conversar amistosamente com as familiares de Zain, mantive-o debaixo de olho. Zain era tímida e Abdullah estava confiante, o que não é assim tão incomum na maior parte das culturas do mundo. Nunca saberei que palavras trocaram calmamente um com o outro, mas, depois de o encontro terminar, Abdullah pediu para falar comigo e Kareem juntos, e disse: – Por favor, esta é a mulher certa para mim. Tratem dos pormenores, para que possamos casar.

E foi o que fizemos. Ficámos satisfeitos por nem Zain nem a mãe fingirem desinteresse. São muitas as mães e filhas que se dão a esta farsa, pensando que, se fingirem estar pouco interessadas, verão a oferta de dote aumentar, embora neste caso ambas as famílias pertençam à família real e a família de Zain não esteja necessitada de dinheiro. A verdade é que Zain se sentiu atraída por Abdullah, tal como o meu filho por ela.

E, assim, chegou o dia feliz em que o meu filho se casou com a sua prima

Zain Al Saud, numa cerimónia de casamento despretensiosa mas sentida, num hotel moderno de Gidá. Como acontece na maior parte dos casamentos sauditas, as mulheres juntaram-se no salão de baile do hotel, enquanto os homens celebraram em magníficas tendas de festa brancas montadas a alguns quilómetros de Gidá, a caminho de Meca, a nossa cidade sagrada.

A festa foi perfeita e, embora eu tenha chorado, tratou-se de lágrimas de alegria e não de tristeza. São palavras comuns, mas são sentidas, pois eu sabia que não perdia um filho – ganhava uma filha.

E foi assim que Kareem e eu aumentámos a nossa família com a adorável Zain, um membro importante que não demorou a presentear-nos com os muito desejados netos. Sinto-me imensamente grata por ter tido sempre uma relação amistosa com a mulher do meu filho. Sei que ela é maravilhosa para Abdullah, assim como uma mãe dedicada aos seus filhos. Se me fosse dada a oportunidade de seleccionar de entre todas as princesas da Arábia Saudita, não teria conseguido encontrar uma esposa e amiga mais encantadora para o meu filho.

Mas nem todas as sauditas são tão afortunadas como Zain. O número de raparigas que nunca se casam está a aumentar. A minha filha Maha é uma dessas mulheres.

* * *

E aconteceu que foi através de Zain e da pequena Sultana que Maha conheceu Laila, uma jovem saudita cuja personalidade parecia muito semelhante à da minha filha. Trocávamos nós cumprimentos com Zain, quando a pequena Sultana entrou alegremente na sala, com o longo cabelo a saltitar. Reparei imediatamente que tinha sido penteado num estilo fora do habitual, de caracóis em cachos presos por diamantes minúsculos em forma de animais. Eu saudava o visual com exclamações, quando Maha se deteve a examinar o novo penteado. Questionou Zain: – Quem fez o penteado da pequena Sultana? É muito elegante.

– Foi a minha mãe que me apresentou a cabeleireira. Chama-se Laila.

– É libanesa? – indagou Maha. A sua pergunta tinha razão de ser, pois era nossa experiência que as libanesas são ótimas cabeleireiras e maquilhadoras. Muitas montaram negócio na Arábia Saudita, esperando fazer fortuna caso alguma princesa saudita descobrisse os seus talentos e as

empregasse como cabeleireiras pessoais, e, assim, viver num palácio e acompanhar uma princesa que viajasse pelo mundo inteiro, visitando e permanecendo em vários lugares.

Quando eu era pequena, os cabeleireiros e salões de beleza estavam proibidos pela polícia religiosa saudita, que defendia que era contra o islão uma mulher procurar aumentar a sua beleza e que as mulheres deviam ficar felizes com a forma como Deus as fez. Naquele tempo, não era incomum ver grupos de *mutawas* turbulentos a espalhar o caos entrando de rompante em estabelecimentos de mulheres. Era frequente esses homens de olhos maus deterem todas as que estivessem no estabelecimento, clientes que desejavam um tratamento de beleza e trabalhadoras que ganhavam dinheiro para sustentar as famílias, levando alegria a mulheres que queriam apenas fazer um penteado, depilar as sobrancelhas ou arranjar as unhas.

Mas somos abençoados por as ideias estarem a mudar na Arábia Saudita, e hoje em dia não é incomum para as mulheres passar uma tarde num salão de beleza.

A pequena Sultana respondeu inesperadamente à pergunta que Maha dirigira à sua mãe, Zain: – Não, tia Maha. A Laila é uma de nós.

Sorri orgulhosa à minha neta adorável, pois sabia o que ela queria dizer. – A sério? É saudita?

– Sim, uma rapariga saudita.

– Muito bem, o mundo está a mudar – anunciei alegremente, pois era altamente incomum uma jovem saudita trabalhar a servir outros. Embora seja frequente as raparigas sauditas procurarem fazer carreira e trabalhar normalmente como professoras, médicas e dentistas (especializadas em mulheres e crianças), poucas famílias permitem a uma filha abraçar uma profissão na qual deva servir outros, ao tornar-se, por exemplo, enfermeira, cabeleireira ou empregada doméstica.

Contudo, no último ano, abriram-se novas lojas para mulheres, como as lojas de roupa interior e salões de beleza caros, embora eu nunca tivesse ouvido falar de uma cabeleireira saudita. Zain olhou com aprovação para a filha. – A Sultana tem razão. Esta rapariga saudita é uma de nós e tem uma série de apreciadoras na família real. A Laila é bastante inventiva com a sua escova.

Zain fez uma expressão engraçada com os olhos grandes e lábios franzidos, e depois continuou. – Até conseguiu que os caracóis finos da tia Medina

parecessem cheios. O seu último penteado não deixava entrever nem um bocadinho de couro cabeludo.

– Não! A sério? – replicou Maha.

As mulheres da família real que conviviam com Medina sentiam pena dela, pois desde a infância que a nossa prima sofre de cabelo tão fino que mal lhe cobre o enrugado couro cabeludo. Não ter um cabelo abundante é um grande problema para qualquer mulher, mas mais ainda na nossa sociedade árabe. Embora quando estamos em público o nosso cabelo se esconda num lenço, em privado isso não acontece. Nas reuniões femininas, a maioria exhibe orgulhosamente a sua cabeleira, pois dá-se muita atenção ao cabelo da mulher. Este é usado comprido e numa variedade de penteados elaborados, de forma a receber cumprimentos e atenção.

Mas a pobre Medina tem sempre relutância em tirar o lenço da cabeça, por razões óbvias. As pessoas conseguem ser cruéis na minha cultura e não é incomum a criança mais pequena presente ficar a olhar, apontar e rir-se de Medina, praticamente careca, mesmo quando a mãe lhe torce as orelhas, lhe belisca os braços ou ameaça com qualquer outro tipo de violência.

Medina consultou uma série de médicos do mundo árabe e da Europa, mas nenhum conseguiu resolver o problema. Um médico britânico defendeu que ela nasceu com uma doença autoimune e que deve aceitar o seu destino. Um médico egípcio condescendente disse que a doença fora desencadeada pelo *stress* de levar a vida de uma mulher saudita. Um grupo de médicos trazidos ao reino da Síria, para uma consulta especial, debateu se ela andava a arrancar o cabelo inconscientemente.

Admiramos Medina, porque a sua determinação em resolver o seu problema de cabelo nunca vacilou. Ultimamente, ouvíamos que contratara três terapeutas capilares do sexo feminino para lhe esfregarem o couro cabeludo durante quatro horas por dia com óleo de coco aquecido, para aumentar a circulação e também para alimentar os folículos capilares com os nutrientes do coco.

– Esta Laila tem algum truque especial para ajudar mulheres com problemas sérios de cabelo? – indagou Maha.

A pequena Sultana balançava num pé e noutro, morta por falar. Quando Zain assentiu com a cabeça e sorriu, a minha neta riu-se e retorquiu: – Sim, a menina Laila disse que era simples e que só tínhamos de nos lembrar do CFEJ.

Perplexa, perguntei: – CFEJ? O que significa isso, querida?

– Sim, conta-nos o segredo, pequena Sultana – incentivou Maha com um sorriso aberto.

A pequena Sultana olhou para a mãe com uma expressão desorientada. – Mamã?

Zain riu alto. – Minha adorada menina, tu consegues lembrar-te. – Zain recordou-lhe: – Corta...

– Já sei, já sei. – A pequena Sultana enunciou claramente as palavras: – Corta Frio e Escova o Javali!

– O quê? – perguntou Maha, rindo.

Zain explicou-nos. – É uma forma simples de quem tem cabelo fino promover o seu crescimento e acabar com o enfraquecimento. A Laila diz que uma pessoa com cabelo ralo deve lembrar-se das palavras «frio», «cortar», «escovar» e «javali», querendo dizer que não se deve aquecer o cabelo, mas sim tratá-lo a frio. Cortá-lo e não o usar comprido. E, por fim, escová-lo contra o movimento natural do cabelo com uma escova de cerdas de javali.

– Muito engenhoso – murmurou Maha. – Essa Laila parece muito inteligente.

– É mesmo – replicou Zain. – É uma rapariga saudita que já passou por muitos problemas bicudos, como tantas sauditas. Mas lutou contra a opressão e seguiu o sonho de ter o seu próprio negócio e viver com tanta liberdade quanto é possível a uma mulher neste país. Laila é uma vencedora.

Olhei para Maha e vi os seus olhos brilhar de curiosidade. Semanas mais tarde, recordei as palavras que Maha proferiu quando as quatro descíamos vagarosamente o corredor em direção à sala. – Zain, gostaria de ir contigo e a pequena Sultana à vossa próxima marcação com essa Laila.

* * *

Durante as semanas seguintes, Maha surpreendeu-nos ao adiar a viagem de regresso à Europa por várias vezes. Um dia, acreditando que eu estaria fora, em Gidá, com o seu pai, mandou um dos nossos motoristas ir buscar a cabeleireira Laila, pois convidara a rapariga para passar vários dias no nosso palácio.

Maha não sabia que eu não tinha saído do palácio para acompanhar

Kareem a Gidá, mas que me encontrava nos meus aposentos com uma infecção estomacal que tinha contraído.

Sons de vozes alegres femininas e grandes risos chegaram-me aos ouvidos e, por um momento, acreditei que estava em plena miragem de mulheres felizes, pois não esperava visitas, e pensei que certamente seria tudo resultado da minha imaginação. Quando ouvi distintamente a voz de Maha, percebi que o mais provável era ela estar a conversar e rir com uma das nossas empregadas, pois a minha filha sempre gostou de conhecer a vida daqueles que vivem e trabalham connosco. Desejando que a minha filha não fosse uma rapariga tão turbulenta, virei-me de barriga para baixo e tapei a cabeça com uma almofada.

Algumas horas mais tarde, depois de ouvir uma voz que não me era familiar, a minha curiosidade levou-me a sair da cama e arranjar-me para aparecer e ver quem visitava a minha filha.

As vozes continuaram a fazer-se ouvir, até eu bater na porta da sala privada da minha filha, momento em que tudo ficou silencioso. Maha deve ter vindo em bicos de pé até à porta, pois não ouvi um único passo antes de ela abrir uma frincha da porta e deparar, surpreendida, com os meus olhos a fitá-la.

Conhecendo bem a mãe, e tendo consciência de que eu não iria embora até ver a convidada misteriosa, Maha abriu relutantemente a porta. – Mãe, julguei que estavas em Gidá com o pai.

– Não, filha, tenho uma infecção na barriga. Não me apeteceu viajar. – Tentei espreitar para trás do corpo robusto da minha filha para identificar quem estava com ela, mas ela é uma rapariga de boa estatura, pelo menos quinze centímetros mais alta do que a mãe e vinte quilos mais pesada. Na nossa família, Kareem, Abdullah e Maha são largos e fortes, enquanto Amani, que é pequena e leve, é mais parecida comigo fisicamente.

Entrei na divisão e vi uma jovem enérgica com um sorriso enorme, sentada, a beber de uma chávena.

Não me aproximei, mas saudei-a com um sorriso, dizendo: – Por favor desculpe não a cumprimentar devidamente, mas não desejo partilhar esta infecção com ninguém.

– É muito amável, princesa – respondeu a jovem, erguendo-se e inclinando a cabeça num cumprimento.

– Mãe, queria que conhecesses a minha amiga Laila, a talentosa

cabeleireira que trata do cabelo da Zain e da pequena Sultana.

– *Assalam alaykum* [Olá e a paz esteja contigo]. Então, é a Laila que tanto agradou à minha nora e à minha neta. – Ri-me, recordando a história que Zain nos contara. – E a cabeleireira de grande talento que tornou tão mais agradável a vida da minha prima Medina. Atormentamos Medina por causa da sua falta de cabelo desde que ela era criança.

Laila sorriu. – É muito amável em dizê-lo, princesa.

Maha insistiu que saíssemos dos seus aposentos e fôssemos para a sala de estar da família, onde mandou trazer algo ligeiro para comer, chá e refrigerantes da cozinha do palácio. Eu sentei-me longe das raparigas, já que não desejava contagiá-las, mas escolhi um bom sítio para poder ver claramente as duas.

– Laila, dar-me-ia prazer saber a sua história. Ouvi dizer que é uma rapariga incomum, que ultrapassou os obstáculos da Arábia Saudita, o sistema que luta contra as mulheres que querem concretizar os seus sonhos – disse eu, e lancei um olhar à minha filha. – A Maha talvez lhe tenha contado que dou apoio a mulheres que têm um desejo intenso de sair do molde tradicional saudita.

– Não, ela não o mencionou – replicou Laila.

Maha ergueu as sobrancelhas e atirou-me um olhar suplicante. Eu sabia que a minha filha desejava que eu desaparecesse para o meu quarto e a deixasse desfrutar da sua companhia em paz, mas sempre fui uma mãe que sentiu grande interesse pelos amigos dos filhos, e aceitei que nunca conseguirei dominar esta curiosidade. Por isso, reclinei-me no cadeirão até ficar confortável, bebendo chá verde quente, na esperança de que ele me acalmasse o estômago.

– Parece tão jovem, Laila. Posso perguntar quantos anos tem?

– Sim, princesa. Fiz vinte e três há quase um ano.

– Frequenta a universidade?

Maha protestou: – Mãe, por favor. Tu sabes que a Laila tem a sua própria loja e trabalha. Como poderia andar na faculdade?

– Oh, desculpe. Tens razão, filha.

– Não te preocupes, Maha. Tenho todo o gosto em contar à tua mãe sobre a minha vida. – Laila tranquilizou a minha filha, que estava a ficar impaciente. Conhecendo Maha, eu sabia que não demoraria a agarrar a amiga pela mão para me fugir.

– Tens razão, filha. – Olhei para a nossa convidada. – Desculpe, Laila, mas o que ouvi dizer de si despertou-me o interesse. – Ri-me. – Adoro quando as raparigas sauditas conseguem escapar às garras dos homens que tentam impedir as mulheres de perseguir os seus sonhos.

– Foi um homem que me ajudou a realizar o meu sonho, princesa.

Não fiquei tão surpreendida como algumas pessoas poderiam pensar, pois nos últimos anos alguns homens sauditas com educação começaram a ajudar secretamente as filhas a ir à escola e a conseguir empregar-se. Para minha desilusão, as mães e irmãs sauditas são demasiadas vezes as culpadas, quando se trata de desencorajar as filhas de prosseguir os estudos e concretizar as suas ambições. As mulheres da Arábia Saudita que se interessam apenas por casamento e maternidade estão rapidamente a tornar-se os maiores obstáculos para aquelas que desejam intensamente escapar a esse jugo. É como se algumas sauditas receassem o sucesso feminino quase tanto como a maioria dos homens sauditas. Se vivem satisfeitas sob a guarda severa de um homem e contentes por receberem cada dia sem educação nem trabalho, não conseguem compreender que, para outras, essa vida seja pouco mais do que uma sentença de prisão, algo a ser suportado. Por outras palavras, não é vida nenhuma.

Eu compreendia este fenómeno desencorajador melhor do que a maioria das pessoas, pois a minha filha Amani teria amarrado a irmã Maha às tradições antigas caso tivesse poder para o fazer, enquanto o meu filho Abdullah, que é um jovem esclarecido, luta pelo direito de a irmã fazer as suas próprias escolhas.

Embora me agradasse sobremaneira que a minha Maha partilhasse dos meus sentimentos relativamente a casamento e a filhos, há anos que sei que isso não vai acontecer. No passado, houve momentos em que experimentei uma grande angústia por isso, mas visto que a minha filha agora é adulta e vive na Europa, não continuo a ocupar-me dessa questão. Kareem, lamento dizê-lo, nunca aceitou o estilo de vida de Maha, mas pelo menos não cria tensão na família, pois o meu marido tem a maravilhosa capacidade de enterrar a cabeça na areia e fingir que não é nada fora do comum a nossa filha recusar qualquer conversa a respeito de casamento e família.

Embora me agrade a possibilidade de mudança, subitamente a vida saudita parece-me estar de pernas para o ar. Com os ventos de mudança a bafejar algumas mulheres, alguns homens estão a mostrar-se nossos amigos e a

apoiar-nos, enquanto as mulheres que deviam ajudar-nos se nos opõem.

Procurei obter mais informações, para consternação de Maha. – Impressionou tanto os membros da minha família, Laila, que eu me sentiria honrada em ouvir a sua história. É capaz de me contar, por favor?

Maha fingiu um suspiro profundo e afundou-se nas almofadas volumosas do sofá. – OK, mãe. Laila, conta-lhe lá o que quer saber, senão ficamos aqui o dia inteiro com as investidas da minha mãe.

Laila pareceu surpreendida pela impertinência da minha filha. Os filhos sauditas normalmente não falam de uma forma tão insolente com os pais. Sorri para Maha, depois para Laila. – Não se preocupe, tenho uma relação invulgar com os meus filhos, Laila. Sei exatamente o que eles estão a pensar, mesmo quando estão irritados com a sua mãe, de há muito sofredora.

Laila olhou para Maha. Os seus olhos expressivos revelavam que não aprovava o comportamento rude de Maha para com a mãe. Talvez aquela rapariga fosse boa para a minha filha, pensei, e lhe recordasse a sorte que era ter uma mãe que a amava incondicionalmente.

– Sou realmente uma rapariga comum, princesa – declarou Laila. – A maior parte das minhas amigas da escola eram como eu e queriam ser parte ativa no seu futuro, em vez de seguirem o caminho gasto de sacrificar tudo na vida para servir um homem e ter filhos.

Eu assenti com a cabeça, sabendo que a educação tem o condão de libertar as raparigas da crença de que só um homem e os seus desejos são importantes.

– Como a maior parte das raparigas sauditas, depois de acabar a escola secundária, tanto o meu pai como a minha mãe desejavam que eu aceitasse casar-me com um homem que não conhecia.

«Tinham vários homens em mente da aldeia do meu pai, todos velhos de mais para uma rapariga de dezassete anos, e eu não queria um casamento assim. Resisti ao casamento. Quando estavam prestes a forçar a situação, a minha mãe cedeu às minhas súplicas, mas o meu pai tornou-se mais firme. É um homem que acredita que as mulheres devem estar ligadas a um homem e a uma casa cheia de crianças. De outra forma, diz ele, uma mulher causará desgraça à família.

«Eu passava a maior parte dos dias na cama, com uma depressão tão grave que a minha mãe receou que eu pudesse atentar contra a minha vida. Embora quisesse que eu casasse e lhe desse netos, o seu desejo de me ver bem foi

maior do que o desejo de obrigar a filha a casar. Mas era impotente, e não conseguiu que o meu pai cedesse.

Laila calou-se durante bastante tempo, lutando contra as lágrimas. Maha deu-lhe palmadinhas na mão para a tranquilizar e olhou-me zangada, como se eu fosse responsável pelas tradições e leis que regiam as vidas das mulheres da Arábia Saudita.

A minha filha falou entre dentes: – Às vezes detesto o meu país.

– Eu estou bem, Maha – disse Laila. – Peço desculpa, mas fico emocionada quando lembro esses tempos difíceis em que estive tão perto de tudo o que não queria. Aterrorizava-me a perspectiva de ser forçada a submeter-me a um homem estranho que me tiraria aos meus pais e me obrigaria a ceder a todos os seus desejos. Então, para minha completa surpresa, o meu irmão mais velho veio em meu auxílio. Felizmente para mim, ele trabalha na Aramco saudita, em Dhahran.

Eu sorri e acenei com a cabeça, refletindo um momento sobre a Aramco, a empresa saudita que detém os maiores campos petrolíferos do mundo, os campos Ghawar e Shaybah, e, segundo peritos financeiros, atualmente a empresa mais valiosa do mundo, com um valor que chega aos dez bilhões de dólares americanos. As origens da empresa remontam aos anos 1920, quando o governo dos Estados Unidos procurava fontes de petróleo no Médio Oriente. A Standard Oil Company of California encontrou óleo no Bahrain no início de 1932, e esse acontecimento trouxe-a ao território da Arábia Saudita no ano seguinte, quando o nosso governo concedeu aos americanos a exploração de petróleo no nosso recém-formado país. Após quatro longos anos de fracasso, descobriu-se petróleo em Dhahran, num poço chamado Dammam n.º 7, visto que fora o sétimo poço a ser perfurado.

Os americanos construíram, há aproximadamente oitenta anos, a sua própria cidade murada em Dhahran, uma cidade formada com o único propósito de administrar o negócio do petróleo saudita. É um sítio importante, onde os homens e as mulheres não vivem separados uns dos outros. As pessoas de mente aberta do mundo acham impossível que, ainda em 2014, na maior parte da Arábia Saudita, se acredite que as mulheres são tão lascivas que é preciso separá-las dos homens, em todos os domínios da vida pública e até da privada. Não é assim na Aramco de Dhahran. A pequena comunidade é uma boa lição para os homens sauditas, na minha opinião.

Embrenhei-me tanto nos meus pensamentos que Laila parou de falar. Que querida! Estava a respeitar o meu silêncio. – Continue – encorajei-a. Depois perguntei: – O seu irmão vive no complexo da Aramco?

– Sim, vive, princesa. Foi lá que contactou com uma visão mais moderna da vida, com homens e mulheres que trabalham ao lado uns dos outros. O meu irmão testemunhou em primeira mão que as mulheres podem ser uma parte produtiva da sociedade e que não gastam o seu tempo e energia a tentar seduzir todos os homens que veem, como acreditam estupidamente tantos dos nossos homens.

«A atitude mostrada na empresa para com as mulheres mudou o meu irmão e transformou o meu futuro. Depois da sua experiência com os americanos, não aceitou um casamento combinado, antes se apaixonou por uma saudita que trabalhava na empresa. Ela é uma saudita fora do comum, pois é determinada e impõe respeito. Não aceita abusos de ninguém. A esposa deu-lhe uma filha e um filho e, para nosso espanto, dos dois, o meu irmão prefere a rapariga. Trabalhar numa empresa onde as mulheres são respeitadas, e casar-se com uma mulher que amava, fez com que o meu irmão acordasse lentamente do «sono saudita» tão comum nos homens do nosso país, que nem sequer reparam na infelicidade das mulheres à sua volta.

«E foi assim que fui poupada a uma vida infelicíssima. Quando o meu irmão soube da luta que se travava entre o meu pai e eu, veio a nossa casa e mostrou interesse pelas minhas ideias e sentimentos. O maior choque da minha vida foi quando ele me perguntou o que é que me faria feliz, que ambições tinha. Eu não sabia como responder, mas depois ele lembrou-se que durante a vida inteira eu fui conhecida na família alargada como a rapariga que tinha um talento natural para fazer penteados bonitos e elaborados. Fui sempre eu que arranjei o cabelo das minhas primas no dia do seu casamento. Foi com satisfação que lhe disse que a minha maior alegria era trabalhar com mulheres para as deixar mais bonitas. Em particular, dava-me grande prazer criar lindos penteados, pois era aí que residia o meu verdadeiro talento.

«Vi que ele pensava profundamente em tudo o que eu lhe dissera. Parecia genuinamente preocupado comigo e com a minha felicidade futura, e pediu que lhe desse algum tempo para procurar uma solução. Depois de falar comigo, conversou durante muito tempo com a nossa mãe e disse-lhe que era seu dever manter as filhas em segurança e que eu não devia ser casada contra

a minha vontade.

«Um pilar de força passou dele para a minha mãe, pois as suas palavras fortaleceram a resolução dela de resistir ao marido. O meu irmão obviamente reuniu-se com o pai e deixou-lhe uma mensagem semelhante; o pai meu ficou zangado e distante, mas também não voltou a falar em casamento. Acima de tudo, o meu irmão ficou com a minha guarda, tendo pedido ao meu pai que lha transferisse. Assim, nada me deu mais liberdade do que ter um guardião compreensivo, o meu irmão.

«Um mês depois, o meu irmão voltou para uma segunda visita. Nunca esquecerei aquele dia. Ele olhou para o meu rosto triste e sussurrou: – Não te preocupes, irmã. Vou à luta contigo e, juntos, vamos concretizar o teu sonho.

«O meu irmão regressara com um plano bem fundamentado. Encontrara-se com várias pessoas para descobrir os passos legais que precisava de dar para abrir um pequeno negócio. Reconhecia que os meus talentos naturais me davam entrada no círculo daqueles que se estabeleciam e trabalhavam no negócio da beleza feminina. Sentiu satisfação por os clérigos se terem tornado menos agressivos contra tais estabelecimentos nos últimos anos, embora me tenha dito que um jovem clérigo em formação lhe dissera que as mulheres deviam alegrar-se com a maneira como Deus as fez. O meu irmão discordava da ideia de que as mulheres deviam ter permissão para pentear o cabelo e usar maquilhagem, como se isso significasse que estavam a ir contra Deus!

«O meu irmão tentou sossegar o clérigo, mas não teve grande sorte. Ele acha que as pessoas que pensam assim têm dificuldade em tirar os pensamentos da sarjeta.

«Ficou contente por saber que a Escola de Formação Técnica e Profissional da Arábia Saudita anunciara que em breve emitiria alvarás para mulheres abrirem e gerirem salões de beleza. Visto que o reino da Arábia Saudita tem muitas desempregadas à procura de trabalho, é um método para as ajudar a encontrá-lo. Depois, descobriu uma pequena loja num conjunto de edifícios destinados a comércio e adquiriu uma.

«Depois de ter feito isto, o meu irmão convidou-me para jantar, para celebrar. Foi então que me presenteou com o alvará, que informava que ele era dono de um salão de beleza. Garantiu-me que era só de nome, que seria eu a montar o salão de beleza. Deu-me os fundos para o arranque e deixou-me o negócio. Como era meu guardião, o meu irmão assinou papéis que me

davam autorização para abrir uma conta bancária num dos bancos femininos da cidade. Por isso, agora posso gerir o dinheiro que ganho.

Ouvir estas notícias deixou-me contente, pois já soube de inúmeras queixas de jovens a quem é dada permissão para trabalhar, mas não de aceder ao seu salário. A maior parte dos pais da Arábia Saudita exige que os salários das filhas lhes sejam entregues. Por isso, muitas raparigas não chegam a ver um único rial que ganham, o que é um grande crime. Porém, enquanto todas as raparigas sauditas forem obrigadas a ter um guardião masculino, nada pode ser feito.

Laila suspirou fundo. – Agora, três anos depois, o negócio floresce e eu vivo tão feliz que sou a primeira pessoa da casa a levantar-me da cama e, em muitos dias, ainda preparo o pequeno-almoço para todos, antes de o meu irmão me levar ao trabalho.

«Sinto tanta alegria no coração, princesa. Quando olho para as seis cadeiras do meu salão, e para as suas paredes cobertas de fotografias coloridas de lindas mulheres de cabelo comprido e abundante, mal posso acreditar que fui eu quem tornou isto possível. Ainda mais satisfatória para mim é a constatação de que as quatro mulheres divorciadas que trabalham no salão sustentam os filhos com aquilo que ganham. Isso, para mim, é a cereja no topo do bolo da minha vida.

«Portanto, sou uma mulher saudita que respeita e admira o seu irmão. Se ele não tivesse tido a iniciativa de me ajudar, eu não teria um único rial em meu nome. Seria impotente para concretizar os meus sonhos e para dar trabalho a outras mulheres, para que elas possam atender às suas necessidades básicas. O mais provável era estar num casamento sem amor, com um homem convencido de que era sua incumbência seguir cada passo que eu dava. Nas idas ao mercado, seria obrigada a seguir atrás dele, tropeçando continuamente no véu completo que me cobriria. Seria sua escrava, cozinhando a sua comida e limpando a sua casa, e tendo um filho dele todos os anos. Seria infeliz, pois ainda não estou preparada para casar. Embora saiba que um dia casarei, agora pelo menos posso conhecer a liberdade e ter algum tempo para montar um negócio. Posso comprar as minhas próprias roupas e até comprar presentes para os membros da minha família.

«Gerir este negócio é, em si, uma grande aprendizagem, na minha opinião, pois a Arábia Saudita está cheia de pessoas do mundo inteiro que vêm para o

nosso país trabalhar. As mulheres desses países estrangeiros desejam visitar um sítio onde possam arranjar o cabelo e pintar as unhas. Enquanto eu e as minhas empregadas fazemos a nossa magia para as deixarmos ainda mais bonitas do que são, estas mulheres contam-nos muitas coisas sobre os seus países de origem.

Laila olhou para Maha. – Descubro que há muitas coisas escandalosas a passar-se nesses países estrangeiros, situações fora do comum entre homens e mulheres, que dão origem a muito espanto e risos no meu pequeno estabelecimento. Estou a aprender que há um mundo grande do qual não sei nada, mas, com o passar do tempo, tenho poupado dinheiro para viajar. Gostaria de sair da Arábia Saudita e explorar outras terras e outras culturas. Quem sabe, um dia não me torno mais atrevida, como as raparigas das outras culturas tão diferentes da minha, algo em que nunca pensei até ser livre de ter as minhas próprias ideias. Se não fosse dona de um negócio, nunca teria descoberto que também as raparigas podem divertir-se e ser livres.

«E esta, princesa, é a minha história.

– E que história maravilhosa, Laila – repliquei. – Agora pode planear o seu futuro sem ter receio de nenhum homem. Rezo a Alá para que todas as mulheres que nasçam no nosso país possam alcançar os seus sonhos. – Olhei de soslaio para a minha filha, que fixava Laila com uma expressão intensa que eu nunca vira. – Maha? – interrompi.

– Oh, mãe, desculpa. Estava a pensar na injustiça que é qualquer mulher ter de passar pelo medo e pelo trauma que a Laila passou, só porque prefere adiar o casamento enquanto investe na carreira.

– Sim, tens razão, filha.

– Mãe, parece-me que deves descansar até o teu estômago ter acalmado. Devo acompanhar-te aos teus aposentos?

A minha filha mais velha sempre fora muito direta e eu aceitei a dica de que ela desejava discutir aquela história com a amiga, por isso retirei-me e regresssei aos meus aposentos para descansar. Durante várias horas, fiquei na cama a tentar ler o *Memoirs from the Women's Prison*, um livro controverso escrito pela médica e feminista egípcia Nawal El Saadawi, uma mulher altamente respeitada que esteve presa na tristemente célebre cadeia feminina de Qanatir. Nawal é uma das minhas heroínas. Mas nem ela conseguiu impedir a minha mente de pensar sobre Maha e na forma como a minha filha trocara expressões de afeto com Laila.

O que se passava com a minha filha?

Não demoraria a descobrir a resposta.

Várias semanas mais tarde, Kareem regressou a casa num estado raro de raiva. Eu estava sentada ao toucador, a aplicar *kohl* nas pálpebras e pestanas. O *kohl* é um cosmético antigo para os olhos, usado por muitas mulheres do Médio Oriente e de África. Kareem assustou-me tanto que o *kohl* me foi parar à testa, em vez de às pestanas.

– Kareem, marido, o que se passa?

– Sultana, sabias o que a Maha está a planear?

– Não, o que está a nossa filha a planear? – perguntei, sentindo já o receio a manifestar-se no peito e barriga.

– A Maha vai levar a cabeleireira dela para a Europa.

Fiquei sentada, sem fala, recordando aqueles gestos de afeição e perguntando-me se resultariam de pensamentos proibidos ou se não eram nada mais do que uma amizade normal entre duas mulheres. Mas nunca exprimiria as minhas preocupações ao meu marido.

– Sultana, sabias disto?

Respondi com sinceridade. – Não, Kareem. Não. É uma novidade que me estás a dar. Eu não sabia nada acerca dessa viagem até agora.

– A nossa filha está a passar os limites, Sultana. Ela pode fazer o que quiser quando está na Europa, mas espero um comportamento diferente quando está na Arábia Saudita.

– Os limites? Não me parece que a Maha tenha passado os limites de que falas.

– Ela vai levar uma saudita para fora do reino.

– Seguramente que o guardião deu autorização. Não tem ela o direito de visitar a Europa? Na verdade, quando conheci a jovem, ela manifestou um desejo sincero de viajar, algo que nunca fez antes. – Perguntei a Kareem: – Como é que descobriste pormenores dessa viagem?

– A Amani ligou-me.

– A Amani? – Fiquei mais do que surpreendida. Maha não era de dar a conhecer os seus segredos à irmã mais nova.

– A Amani disse que tinha visto acidentalmente uns bilhetes de avião em nome da Maha e da cabeleireira dela.

Lembrei-me de que Amani visitara a nossa casa alguns dias antes e perguntara se Maha estava nos seus aposentos. Maha encontrava-se fora na

altura e a curiosidade de Amani em saber da irmã não me levantara suspeitas, até me ter dirigido aos aposentos de Maha e encontrado Amani a vasculhar num dos baús que contêm muitos dos papéis pessoais de Maha. Amani dissera que estava à procura de fotografias para mostrar ao marido, mas agora sabia que ela andava a espiar a irmã.

– Tenho a certeza de que há uma boa explicação, Kareem. Como mencionei, conheci essa cabeleireira, a Laila, e é uma mulher encantadora. Trabalha arduamente no seu ofício e é muito respeitada. Ela e a Maha ficaram amigas e nada mais. Tu sabes como a Amani pensa, marido. Vê mal onde não há mal nenhum. Por favor, vamos aguardar e falar com a Maha.

Naquele momento, Amani entrou apressadamente no quarto, seguida pela *abaya* e pelo véu flutuante; andava tão depressa que o seu vestuário islâmico lhe caía do corpo.

– Mãe – guinchou –, sabias que a Maha tem uma amante?

Para meu desespero, Maha chegou naquele exato momento e ouviu as palavras acusadoras da irmã. Agarrou-a pelo cabelo comprido e arrastou-a pelo quarto. Amani gritou alto e Kareem e eu tivemos de ser muito rápidos a separar as nossas filhas.

A minha raiva dirigiu-se a Amani, ao passo que Kareem estava irritado com Maha.

– Pede desculpa à tua irmã – ordenei a Amani. – Não podes fazer acusações tão precipitadas.

– Filha, vais desgraçar-nos a todos – disse Kareem a Maha numa voz fria.

Alá é minha testemunha que foi nesse mesmo momento que Abdullah, Zain e a pequena Sultana chamaram do corredor. Ouviram a agitação e ficaram muito alarmados.

– Não entrem no quarto! – gritei para o meu filho, puxando a orelha de Amani, o que fez com que a minha filha desse um grito. Claro que o meu pedido e os nossos gritos deram azo a uma tal ansiedade que Abdullah não obedeceu, mas abriu a porta e entrou a correr nos meus aposentos, talvez pensando que havia intrusos na nossa casa e eu tentava avisá-lo para que fugisse com a sua família. Concordáramos no passado que seria melhor alguém fazer soar o alarme caso alguma vez nos víssemos sob a ameaça de rapto.

O meu filho ficou perplexo ao ver o pai, a mãe e as duas irmãs todos num molho, segurando-se uns aos outros.

– Mãe, o que se passa?

O meu coração afundou-se de preocupação quando vi Zain e a pequena Sultana agarradas uma à outra, mãe e filha num estado de medo. Quando também repararam que a pequena Sultana testemunhava a nossa cena familiar, Kareem, Maha e Amani afastaram-se imediatamente uns dos outros. Todos ficaram atormentados por terem sido apanhados, e olharam para mim, para que fosse eu a explicar. Por uma vez na vida, julguei que nada poderia explicar aquele embaraçoso momento.

A pequena Sultana envergonhou-nos a todos ao dizer a verdade sobre o incidente na sua vizinha: – Estavam a lutar, eu vi-
-vos. – A pequena Sultana olhou para o pai e depois para a mãe, depois para Kareem e finalmente para mim. – Estavam a lutar.

Caímos todos de joelhos, querendo desesperadamente recuperar a confiança da menina mais preciosa do mundo inteiro. Até Amani estava em lágrimas, percebendo que fora ela a causadora daquele episódio vergonhoso.

Os nossos corações partiram-se quando a nossa amada menina nos olhou desapontada; agarrou nos dedos da mãe e puxou-a para fora do quarto, sempre a abanar a cabecinha e a murmurar: – Estavam a lutar.

* * *

Tudo foi explicado a Abdullah assim que a mulher e a filha regressaram ao palácio. O meu filho ficou tão impressionado com o incidente que voltou ao nosso palácio no espaço de poucas horas para estar com Maha. Os dois foram para os aposentos dela e falaram durante várias horas, por isso não soubemos nada da conversa.

Depois da sua visita, Abdullah veio ter com os apreensivos pais para exprimir os seus sentimentos. O meu filho estava zangadíssimo, legitimamente, por a mulher e a filha terem presenciado a nossa querela familiar. Vermelho de raiva, proferiu palavras duras sobre o incidente.

– É culpa da Amani. A minha irmã acredita que tem o direito de dizer a toda a gente como deve viver. Já não tenho paciência para a minha irmã mais nova. Precisa de não se meter onde não é chamada, a não ser que alguém esteja a magoar fisicamente ou a ela, ou aos filhos dela ou a algum membro da sua família. Por favor transmitam uma mensagem minha a Amani, pois não

quero vê-la tão cedo. Da próxima vez que sentir a necessidade de espalhar rumores, digam-lhe que vai ter de se haver com o irmão mais velho.

Abdullah tinha uma expressão dura no rosto quando olhou para o pai, uma expressão que eu nunca lhe vira antes; ele sabia que os acontecimentos da noite de alguma forma tinham derivado da facilidade com que Kareem aceitara as intrigues infundamentadas de Amani relativamente à irmã.

Kareem fez menção de se aproximar do filho, que ergueu as mãos para impedir o pai de mostrar o afeto que, eu sabia, Kareem desejava mostrar. Abdullah não foi duro, mas foi firme.

– Pai, eu respeito-te e amo-te, mas devo-te dizer o seguinte. Deves um pedido de desculpas à tua filha Maha. Assim que investigares o assunto, verás que a Maha não tem nenhuma relação com a cabeleireira. São amigas, apenas. Mas, se tivessem uma relação, debes lembrar-te de que a tua filha é uma mulher honesta que nunca escondeu os seus sentimentos. Ela não mente, sobre nada. Não fez mal a ninguém e não deve ser magoada por ninguém desta família. A Maha tenta apenas ajudar os outros a viver uma vida de liberdade. Isso é algo que tu adoras na mãe. Por favor procura um amor semelhante pelo trabalho da Maha.

O meu filho dirigiu-se para mim e eu estremeci, julgando que também pudesse ter palavras críticas para mim. Mas, em vez disso, olhou para mim com um sorriso amoroso e inclinou-se para me dar um abraço terno. O meu filho sabia que eu era uma mãe que nunca viraria as costas a nenhum dos meus filhos, independentemente das escolhas que fizessem na vida. Também compreendia que havia razões que me levavam a não falar abertamente com Maha, nem com ninguém da família. Na nossa cultura, uma mulher que prefere mulheres a homens é considerada uma grande pecadora que deve ser severamente punida. Se tal informação transpirasse para fora de nossa casa, para a pessoa errada, que poderia envolver os clérigos, seria perigoso para Maha regressar a casa para nos visitar.

O nosso desiludido filho não demorou a ir-se embora, deixando os pais tão desanimados que não foi fácil para nenhum dos dois elaborar um discurso coerente.

No espaço dum dia, colocámos as nossas emoções de lado para nos sentarmos e falarmos sobre as nossas filhas, e chegámos a decisões importantes. Concordámos que precisávamos de conversar seriamente com ambas. Primeiro, falámos com Maha, que facilmente confessou que se sentia

atraída por Laila mas que Laila não partilhava dos seus sentimentos. Embora Laila tivesse escolhido adiar o casamento, esse adiamento não tinha nada a ver com atração física por outras mulheres, porque ela não tinha esses sentimentos. Queria apenas uma amizade com Maha.

Maha é uma jovem que respeita aqueles que são honestos e bons, e ficou contente por ter uma amizade inocente com Laila. Achou que era um gesto simpático concretizar o sonho desta de conhecer uma parte do mundo e, por isso, convidara a nova amiga para a visitar na Europa. O irmão de Laila, que era seu guardião, assinara os papéis necessários para a viagem, para que esta pudesse passar um mês de visita à Europa. A assistente de Laila, uma rapariga trabalhadora do Egito, assumiria a responsabilidade da loja enquanto aquela tirava umas férias raras.

O meu marido chorou e apresentou as suas desculpas a Maha, e os dois aproximaram-se mais do que nunca, porque não havia pensamentos nem ideias escondidos. Embora não ficasse satisfeito por saber dos sentimentos de Maha com relação a homens e a mulheres, Kareem disse que não voltaria a desrespeitar a filha.

Quanto a Amani, eu disse a Kareem que devia ser ele a discutir o assunto com a nossa filha mais nova, pois ela era uma rapariga que sempre ouvira o pai e ignorara a mãe. Essa conversa não correu tão bem, segundo Kareem, pois Amani mostrou-se petulante, defendendo que os assuntos de Maha eram seus assuntos também e que, além disso, não acreditava nas palavras da irmã em como a relação não passava de uma amizade. Até Kareem ficou exasperado com Amani e se despediu dela sem o afeto habitual.

Outro dilema foi o que deveríamos fazer para diminuir a tristeza da pequena Sultana, que sofrera um choque enorme ao testemunhar uma luta física entre os familiares.

Abdullah preparou-nos o caminho, pois informou-nos de que se sentara com a sua triste filha e conversara sobre as imperfeições humanas, sobre como às vezes as pessoas se entusiasmam demais e se comportam de forma pouco recomendável.

A pequena Sultana não teve vontade de nos ver durante praticamente uma semana, mas finalmente conseguiu aceitar que aqueles que mais amava eram menos do que deviam ser, mas que não deixaria de os amar por isso. Aguardámos ansiosamente a sua visita, todos vestidos como se fôssemos a uma festa importante, quando o nosso amorzinho entrou na sala com um ramo

de flores. Deteve-se, olhando para cada um de nós como se nunca nos tivesse visto antes, e por fim foi muito depressa ao encontro de Maha e ofereceu-lhe as flores, proferindo as palavras que tinha no coração. – Tia Maha, o meu pai diz-me que tu sentes as coisas de forma diferente de muitas pessoas. Por favor nunca mudes, porque eu gosto de ti assim como és.

Os olhos de Kareem ficaram grandes de emoção, e ele levantou a pequena Sultana e Maha de uma vez nos braços fortes. Raramente vejo o meu marido chorar, mas desta vez gordas lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

Kareem e eu ficámos surpreendidos quando vimos Amani aproximar-se da irmã. Também ela começou a soluçar, agarrada à irmã, implorando perdão. Amani mostrou uma atitude diferente daquela que tivera quando o pai a deixara, alguns dias antes. Talvez tenha pensado acerca das ações destrutivas que lhe granjearam a fúria daqueles que amava.

Maha manteve-se distante mas não fez nenhum comentário duro; até afagou o ombro da irmã. Amani, chorosa, dirigiu-se a cada membro da família, com os olhos rasos de lágrimas, pedindo-nos: – Por favor, deem-me outra oportunidade. Vou ser menos crítica. Vou mesmo. Por favor perdoem-me.

Claro que eu e Kareem perdoámos a nossa filha mais nova e lhe garantimos que tudo seria esquecido, embora eu pensasse para mim própria que só o tempo diria se Amani, a mais difícil dos meus três filhos, cumpriria o prometido. Reparei que Maha e Abdullah trocaram um olhar de dúvida, perguntando-se seguramente quanto tempo duraria o comportamento contrito de Amani.

Maha confessou depois que, embora nunca tivesse permitido que as nossas opiniões alterassem os seus sentimentos ou comportamento, se encontrava muito aliviada por tudo estar às claras e por toda a gente parecer muito mais à vontade com o seu carácter singular.

Era verdade que todos nos arrependêramos de alguma vez desejar que Maha fosse alguém que não é. Amamo-la tal como é, uma jovem com uma vontade apaixonada de corrigir os males do mundo. Foi necessária a sabedoria de uma menina sábia de pouco mais de oito anos, para nos trazer a este patamar de aceitação e amor totais.

Alá é bom.

GUIADOS POR AQUELES QUE AJUDAMOS

Embora tenha acalentado o sonho de que todos os meus filhos pudessem unir-se à mãe, na minha vida de luta para conseguir educação e liberdade para todas as raparigas e mulheres, nunca poderia ter imaginado que Amani se me juntaria. Mas algo importante se passara com a minha filha mais nova e ela em breve demonstraria que os acontecimentos recentes haviam mudado a forma como olhava as outras pessoas.

Embora o meu interesse mais premente se centre na importância da educação, a minha filha nunca mostrou qualquer interesse por causas além dos direitos dos animais e das filosofias religiosas. E, o que me deixa ainda mais desapontada, pronuncia-se mesmo contra as mulheres obterem níveis educativos altos; segue os ensinamentos dos clérigos, que desvalorizam amiúde a importância da educação das raparigas e mulheres do meu país.

Descobri, porém, que às vezes os sonhos se tornam realidade, e Amani preparava-se para fazer a sua mãe muito feliz.

Depois da reunião no meu palácio com a Dr.^a Meena, a médica que tanto me impressionara quando a conhecera numa conferência num hospital de Riade, e a jovem assistente social Nadia, aguardei pacientemente que uma ou outra fizessem um contacto direto comigo, por telefone ou pessoalmente, já que estavam convidadas a visitar-me em minha casa. Agora que a Dr.^a Meena tinha acesso a um carro e um motorista pessoal, sabia que não havia obstáculos relativo a transportes, nem para a médica nem para Nadia, que era transportada de e para o trabalho, anulando os atos de vingança do irmão, que atrasava intencionalmente a sua chegada ao trabalho.

As três concordáramos que Nadia continuaria com o trabalho de assistência social no hospital, como habitualmente, e que ficaria alerta a

situações de mulheres sauditas vítimas de abusos, após o que daria esses casos a conhecer à Dr.^a Meena e a mim, para que empreendêssemos ações adequadas para salvar as vítimas de circunstâncias que pudessem resultar em ferimentos ou morte. Tinham passado várias semanas desde o dia da nossa reunião, portanto resolvi que, se em breve não tivesse notícias da Dr.^a Meena, contactaria a boa médica para lhe perguntar se havia alguma notícia da parte de Nadia. Sabendo que havia mulheres a passar por situações gravosas, estava ansiosa por dar início ao nosso trabalho de assistência.

Passara-se tanta coisa na família, que me encontrava muito atrasada no trabalho, pois tenho uma série de projetos educativos para raparigas, que ocupam muito do meu tempo. Por isso, quando recebi informação de um dos meus empregados da Palestina sobre um projeto educativo em curso, que iniciara anos atrás, decidi que dedicaria o resto da semana ao assunto. Estava eu a estudar um relatório que recebera, quando Amani passou pela nossa casa de Riade – embora fosse claro que não se tratava de uma visita de circunstância. A minha filha entrou calmamente no meu escritório, sem bater. É um hábito de infância, que nunca largou, mas que nunca me perturbou. Os meus filhos sabem que são a parte mais importante da minha vida e que eu geralmente paro de fazer o que quer que esteja a fazer quando eles mostram interesse em falar comigo.

– *Sabah alkhair, Ummi* – saudou Amani com um sorriso doce.

– *Sabah alnur, Ebnah* [filha] – respondi. Levantei-me para cumprimentar Amani, começando por a beijar na face direita e depois na esquerda, depois novamente na direita, como é costume na Arábia Saudita.

Depois de a cumprimentar, olhei para trás de Amani para ver onde estaria o seu filho. – Onde está o Khalid? – perguntei. Era raro ver Amani sem o filho, fosse agarrado aos seus braços, fosse seguindo-lhe os passos. A minha filha é uma mãe dedicada e o filho ama-a intensamente.

– Oh, mamã, a minha sogra tem-se queixado de que não vê o neto vezes que cheguem, por isso mandei o Khalid para lá com a Jo-Anne para uma visita agradável. Hoje era um bom dia para o Khalid fazer a visita, pois tenho trabalho a fazer.

– Isso é bom, filha. O pequeno Khalid é uma felicidade para os avós. – Também fiquei contente por a ama inglesa do Khalid estar com ele, porque a mãe do meu genro me preocupava. Não mostrava nenhuma apetência materna quando tomava conta, sozinha, da criança. Era a terceira mulher do marido e

dera à luz mais tarde do que a maioria das mulheres que são mães pela primeira vez. Parara de produzir crianças depois do nascimento do seu único filho, um príncipe real muito gentil que viria a casar-se com Amani. Todas sabíamos que raramente tomara conta do filho. Usara a sua riqueza para contratar quatro ou cinco amas, para não ter de se incomodar com a criança. Chegou mesmo a contratar uma ama de leite quando o filho nasceu, para evitar a amamentação. Quando lhe perguntámos a razão, surpreendeu-nos a todas ao afirmar que estava demonstrado que o bebé, ao ser amamentado, podia provocar cancro da mama à mãe.

A maior parte das mulheres árabes adora crianças e gosta de se ver rodeada pelos inocentes, mas a sogra de Amani evitava crianças em todas as oportunidades. A razão pela qual queria que Khalid lhe fizesse uma visita demorada era um mistério, pois eu ouvira de fontes seguras que as crianças pequenas lhe afetavam os nervos. Sara disse-me que, certa vez, estava presente quando a sogra de Amani ficou histérica por conta do barulho e da algazarra de algumas crianças reais que brincavam. Se o pequeno Khalid entornasse o sumo ou lhe puxasse pelos brincos ou pelo cabelo, a ansiedade da mulher manifestava-se – e eu sabia por experiência pessoal que o meu neto era fascinado por joias e cabelo comprido. Felizmente, a ama de Khalid, Jo-Anne, era uma profissional experiente e muito competente. Saberia identificar exatamente a altura de tirar Khalid dos braços da avó para o pôr a dormir a sesta e dar à avó oportunidade de descontraír.

Não indaguei a respeito do trabalho que Amani mencionou, pois, regra geral, este envolvia reunir-se com algumas das amigas religiosas que elaboravam listas pormenorizadas de comportamentos que consideravam como tabu. As listas iam parar às mãos de todos os familiares, para que ficássemos a saber como, enquanto bons muçulmanos, devíamos melhorar o nosso comportamento.

Amani espreitou o grande monte de papéis que eu tinha na mesa. – O que estás a fazer, mamã?

Naquele dia, surpreendeu-me. Nunca a tinha ouvido perguntar-me pelos meus projetos. Não demorei a responder: – Estou a trabalhar num dos meus projetos mais especiais, querida.

– E qual é?

Selecionei um dos muitos papéis amontoados na minha secretária. – Vês esta lista? Os nomes representam raparigas palestinianas que vão ser

retiradas da escola a não ser que os pais arranjem dinheiro para lhes financiar os estudos. Estou a ler a informação antes de dar a aprovação para se enviarem fundos para estas famílias.

Amani puxou de uma cadeira e sentou-se ao meu lado. – Raparigas palestinianas?

– Sim, querida. É um dos meus projetos de estimação; faço-o há anos. Apoio várias centenas de famílias palestinianas necessitadas, para as suas filhas poderem continuar a estudar.

– A sério?

Olhei para a minha filha com desalento. Eu e Kareem já discutíramos muitas vezes os pormenores de enviar fundos para a Palestina, para as famílias palestinianas e as raparigas que eu apoiava. Essas conversas já tinham ocorrido na presença dos nossos filhos. Maha e Abdullah tinham sentido curiosidade e até se tinham envolvido. Maha vira-me compilar informação sobre as raparigas e as suas famílias e Abdullah por vezes viajara para o Líbano ou Paris, onde os fundos eram passados do meu filho para as mãos de um correio, que seguia para a Palestina, e distribuía o dinheiro pelas várias famílias empobrecidas. Tínhamos de ser muito cuidadosos com a forma como entregávamos os fundos; a segurança israelita é muito rigorosa quando se trata da quantidade de moeda estrangeira enviada para o país para ajudar os palestinianos, mesmo se a causa não for violenta, como no caso da educação.

– Sim, Amani. O teu pai e eu apoiamos há muitos anos várias famílias que têm filhas na Palestina. Também ajudamos famílias no Egito e no Iémen. É um dever dos muçulmanos que têm muito dinheiro. Temos de distribuir a nossa riqueza e ajudar os outros.

Vi que Amani me ouvia atentamente, por isso continuei a falar.

– Podes não saber, mas a tua tia Sara envia livros de arte e materiais para escolas de todo o mundo muçulmano. Deu muitas bolsas a raparigas e rapazes que mostraram interesse pela arte e pela arquitetura. Alguns deles estão a estudar na Europa neste momento.

«O teu pai interessa-se pelos cuidados de saúde para todos e doou fundos substanciais para ajudar a construir pequenos hospitais em comunidades que não têm centros médicos. Somos uma família que quer partilhar a riqueza maravilhosa que nos foi dada. Temos mais do que aquilo de que precisamos, por isso partilhamos.

– Porque é que eu não sabia disto, mamã?

Embora sentisse o desejo de fazer a minha filha recuar no tempo para lhe recordar as muitas conversas que devia ter ouvido, segurei a língua porque a minha filha mais nova sempre se mostrou sensível quando a sua memória seletiva lhe era recordada. Talvez, se eu prosseguisse lentamente, Amani finalmente se unisse a mim na causa crucial da educação para todos. Seguramente que ninguém era mais apaixonado por uma causa depois de se comprometer com ela do que a minha Amani.

– Lamento, Amani. Por alguma razão, pensei que sabias do meu interesse nesta área e da minha preocupação com todas as crianças que sofrem, independente da sua nacionalidade. Embora a pobreza esteja disseminada por muitos países vizinhos, as famílias palestianas têm sofrido mais do que a maioria no que toca à vida normal. Há muitas famílias necessitadas porque é difícil encontrar emprego e, com o tumulto que afeta os habitantes daquela região, dá-se muitas vezes o caso de ninguém da família conseguir encontrar trabalho. Muitas famílias têm dificuldade em pagar as despesas de alimentação e habitação. A educação muitas vezes ocupa um lugar secundário relativamente às necessidades básicas.

– Por favor conta-me mais.

– Claro. Sinto que estou a ajudar aqueles que aproveitam bem a assistência, o que me faz sentir muito feliz. A Palestina tem uma longa história no que respeita à educação. Muitos pais veem com bons olhos a educação; é algo que é verdadeiramente valorizado. Apesar das convulsões e do caos político que existe nas comunidades palestianas, a frequência escolar na Palestina é bastante alta, a todos os títulos. Por incrível que pareça, ao contrário do que acontece com muitos jovens do resto do mundo, de acordo com um estudo, as raparigas palestianas afirmam que a sua primeira prioridade é estudar. É meu objetivo ajudar a proporcionar educação a essas raparigas. E a única coisa que peço a cada uma que ajudo é que ajude outra rapariga a estudar depois de se formar e ter um bom emprego.

«Mas é muito difícil, Amani. Provavelmente tens dificuldade em imaginar isto porque a tua vida tem sido muito fácil, em comparação. Desde o momento em que nasceste que nunca te faltou nada. Foste muito amada por ambos os teus pais. Recebeste mais comida e roupas do que necessitavas. Usufruíste da privacidade de ter aposentos próprios. Foste autorizada a ter

todos os animais que quiseste, num país que desconsidera tal amor por animais. Foste incentivada a prosseguir os estudos.

«Mas, querida, se tivesses nascido palestiniana, a vida teria sido muito mais complicada. Embora esteja certa de que a maior parte das raparigas da Palestina são amadas pelos pais, talvez à noite vão para a cama com fome. Testemunham a tensão dos pais, preocupados em ganhar dinheiro para comprar comida. O mais provável é viverem numa casa minúscula com muitas outras pessoas e dormirem num quarto com quatro ou cinco irmãos. Querem ir à escola, mas talvez não haja transportes para chegar lá. Talvez não tenham dinheiro para comprar o uniforme ou os livros. Talvez o pai já não consiga ir para o trabalho, a pé ou de bicicleta, por haver cercas de segurança a separar a casa do trabalho. São imensos os problemas específicos que as crianças enfrentam naquela área.

«Visto que os palestinianos desde sempre valorizaram os estudos, o principal obstáculo que a maior parte enfrenta para os continuar é a pobreza. As famílias são grandes, enquanto o emprego é incerto. Muitos não conseguem pagar as taxas para se ter os filhos na escola. Talvez uma menina tenha vários irmãos. Se assim for, e a família tiver de escolher entre educar o filho ou a filha, como sempre vi acontecer na nossa cultura muçulmana, será o rapaz o escolhido.

Os olhos escuros de Amani brilharam com um sentimento intenso; era o mesmo olhar que mostrava quando estava preocupada com um animal em cuidados. O meu coração echeu-se de esperança. Queria tanto que todos os meus filhos abraçassem a convicção de que a educação para todos é um grande primeiro passo para resolver muitíssimos problemas de género do nosso mundo. Embora existam muitos idiotas com educação, constatei que os homens com estudos costumam apoiar a educação das mulheres, pois compreendem que uma mulher com estudos é um bem para qualquer sociedade. Se as mulheres forem à escola, terão a possibilidade de se sustentarem caso os maridos mostrem ser menos capazes de atender às suas necessidades e às da família. As mulheres com educação também se batem para que as suas filhas a recebam.

– Por isso, Amani, a tua mãe está a fazer tudo ao seu alcance para ajudar as raparigas a permanecer na escola, para terem acesso a uma forma de se sustentarem financeiramente, a elas e às famílias. A educação promove a força pessoal, Amani. O caminho da educação é aquele que permite a toda a

gente sair da pobreza. Acredito que a verdade é esta.

Amani assentiu com a cabeça, mas não disse nada.

– Enfim, filha, para descobrir as raparigas que mais necessidade têm de ajuda, empreguei discretamente vinte educadores palestinianos que observam de perto as alunas das suas escolas, para identificar raparigas estudiosas que começam a mostrar sinais de *stress* ou cuja assiduidade baixa. Quando estes sinais surgem, os educadores falam com as raparigas e visitam as famílias delas para descobrir o problema. Muitas vezes, as famílias são tão pobres que sentem que devem incentivar as filhas a casar novas para que os encargos da família, com menos bocas para alimentar, diminuam.

«Então, é assim que funciona: recebo documentos, todos os anos, com a lista dos nomes e a explicação das situações dessas raparigas. Leio acerca de cada caso. Normalmente, financio as famílias dessas raparigas, para o dinheiro não ser uma razão válida para as tirarem da escola. Só raramente recuso um pedido: as alturas em que tive de dizer não envolveram fraude. Só duas das pessoas que empreguei para me ajudar a identificar raparigas que precisavam de ajuda eram desonestas. Essas duas pessoas apresentavam nomes e histórias falsos na lista anual, para ficarem com o dinheiro, que se destinava a alunos inexistentes.

Amani aproximou-se de mim para um abraço sentido – um abraço maternal.

– Mamã, estava enganada. Sei agora que a educação é importante.

Amani fitou-me em silêncio. Conheço bem a minha filha e consigo pressentir quando se debate com um assunto. Estava a decidir se revelava ou não mais informações. Queria dizer-lhe para falar, para transferir as preocupações da sua mente para a mente da mãe, mas não o fiz. Depois de anos a lidar com duas filhas muito independentes, aprendi a saber quando incentivar e quando ser paciente.

Nesta ocasião soube que devia ser paciente.

Finalmente, Amani sorriu e confessou os seus pensamentos. – Mãezinha, depois do que aconteceu com a Maha, tenho pensado muito no meu comportamento. Não quero ser uma pessoa de que toda a gente tem pavor. Por isso, tenho rezado a Alá para que me ajude a reprimir as minhas ações, ou pelo menos ser menos agressiva quando explico os meus pensamentos. Fiquei tão triste por tu, o Abdullah, o pai e, sim, a Maha parecerem estar a evitar-me. Por favor fica a saber que serei uma pessoa mais generosa,

mamã.

Refreei a vontade de falar, de ir ao encontro da minha filha; em vez disso, controlei-me porque acreditava que ela precisava de me contar tudo.

– Mamã, também mudei de opinião sobre a importância da educação. Sei que me falas disso há anos, mas, depois de conhecer a Nadia e a Dr.^a Meena, senti claramente que elas podiam orientar-me para coisas melhores.

«Encontrei-me com Nadia duas vezes no gabinete do seu hospital. Lembras-te das anotações que ela me passou? Bem, li-as mais de uma vez, e a cada leitura senti-me tocada pela sua sinceridade. Tive uma grande vontade de ir ter com ela para compreender as exigências do seu trabalho, e para ver por mim própria algumas das raparigas que ela conhece na sua função oficial de assistente social.

Amani olhou-me com expectativa, por isso respondi por fim. – Que maravilha, Amani – disse. – Estás a deixar a tua mãe muito feliz, por fazeres essas coisas.

– Estou a deixar-me a mim feliz, mãezinha – respondeu Amani. – Embora acredite que a nossa fé ensina que o homem deve ser a cabeça da família, não há mal nenhum se a mulher receber educação. – Fez uma pausa intencional. – E, em muitas ocasiões, admito, a educação pode salvar uma mulher de uma vida inteira de abuso.

A minha filha estava a mover-se emocionalmente na direção certa, mas, espiritualmente e intelectualmente, avançava com precaução. Senti uma grande alegria por a minha filha pelo menos estar a ultrapassar os ensinamentos falsos de alguns dos nossos clérigos, que distorcem avidamente os versos do nosso livro sagrado, para as mulheres continuarem submetidas ao sofrimento da dependência dos homens. Eu sabia que, assim que conhecesse e ajudasse outras mulheres, Amani veria por si mesma como muitos homens de religião enganam aqueles que confiam em todas as suas palavras. Tudo o que desejava para a minha filha era que ela desenvolvesse um caráter sólido e equilibrado, para que soubesse melhor em quem confiar e fosse também mais capaz na altura de enfrentar o bom e o mau da vida.

E, assim, durante o resto desse dia e parte do seguinte, Amani ocupou-se intensamente dos documentos palestinianos comigo. A minha filha ficou ardentemente envolvida com as vidas das meninas sobre as quais líamos e cujos futuros veriam grandes melhorias com os fundos que a nossa família daria para a sua educação.

Amani ficou especialmente interessada em duas jovens que haviam conhecido apenas a pobreza e a má sorte durante a maior parte da infância. Uma rapariga que constava do relatório chamava-se Tala. Estava terrivelmente necessitada de ajuda para completar os estudos. Sem a nossa ajuda, o seu futuro seria tão desolador como o seu passado. A pobre criança perdera a mãe, por doença, quando contava apenas seis anos. Sendo a única filha da casa, ficou responsável por cumprir as tarefas domésticas e cozinhar as refeições para o pai e os três irmãos. Como todas as raparigas que pediam ajuda, tinha de escrever uma carta de uma página a contar-nos sobre a sua vida. Descreveu as dificuldades de preparar refeições, por ser obrigada a subir para um banco periclitante, pois era baixa de mais para chegar ao fogão elétrico pousado na mesa da cozinha. A família vivia na Cisjordânia, por isso o pai insistia em comer pratos daquela região, como as caftas com *tahini*, que são almôndegas cozinhadas num molho e servidas com arroz. Ele também gostava de caftas cozinhadas em molho de tomate e servidas com batatas. A mãe crescera em Gaza, por isso os irmãos de Tala estavam habituados a pratos dessa região da Palestina, como guisado de lentilhas e vários pratos de beringela.

Os olhos de Amani ficaram vermelhos do esforço de reter as lágrimas, desesperada com a ideia de uma menina de seis anos, órfã de mãe, a quem fora dada a responsabilidade de cozinhar refeições para cinco pessoas. Parecia ser pouco mais do que uma escrava na sua própria casa, cansada e desgastada como uma velha em miniatura. Desde a morte da mãe que Tala nunca recebera um vestido novo nem um par de sapatos novos, pois usava as roupas velhas das primas.

A segunda rapariga que chamou a atenção de Amani chamava-se Hiba. Era a mais velha de cinco filhas e a sua família era mais pobre do que a maioria, visto que o pai sofrera vários ferimentos graves no trabalho, a conduzir equipamento pesado. Nunca mais voltaria a trabalhar. A família encontrava-se, portanto, à mercê de organizações de caridade ou de familiares que pouco tinham para partilhar. Nenhuma das filhas ia continuar na escola devido à sua extrema pobreza. As crianças passavam a maior parte do tempo com fome, porque só comiam duas refeições minúsculas por dia. Em alguns dias não havia comida nenhuma.

O coração da minha filha ardia de sofrimento. Queria ir à Palestina entregar os fundos para se certificar de que Tala e Hiba recebiam aquilo que

enviávamos, mas garanti-lhe que falaríamos com as raparigas assim que chegasse a altura certa. Certas vezes, fazia um esforço especial para comprovar que os fundos que enviava chegavam como era devido e que as famílias certas eram auxiliadas. Claro que nunca revelava a minha verdadeira identidade quando conversava com os recetores da ajuda, pois queria que se sentissem confortáveis para falar à vontade; descobri que identificar-me como princesa deixa as pessoas tão paralisadas pelos nervos que as nossas conversas não decorrem normalmente.

Amani sentiu o poder da alegria que deriva da ajuda que prestamos àquelas raparigas desesperadas. Não existe alegria mais profunda. Soube naquele momento que a minha filha sentira a essência da verdadeira alegria, que resulta do dar livremente para ajudar os outros. Amani nunca mais seria a mesma, disso eu tinha a certeza.

Que afortunadas nos sentíamos por podermos ajudar tantas raparigas e mulheres.

Quase de um dia para o outro, Amani tornou-se minha confidente, substituindo a minha argumentativa filha que desde os anos da adolescência causava tanta dor e preocupação no seio da família. A trabalhar daquela forma com Amani, nunca me senti tão confiante de que os meus três filhos seguiriam os meus passos no serviço aos outros. Pois a verdadeira felicidade advém de investir a nossa energia numa causa maior do que nós próprios.

* * *

Na semana seguinte, a Dr.^a Meena e Nadia encontraram-se com Amani e comigo na minha casa de Riade. Maha regressara à Europa na semana anterior com a amiga Laila, que estava radiante por sair da Arábia Saudita pela primeira vez na vida.

Amani e Nadia abraçaram-se e começaram a conversar como se se conhecessem há uma vida inteira e não apenas há alguns meses. A Dr.^a Meena acenou em aprovação, embora não tenha parecido surpreendida pelo companheirismo de Nadia e Amani. Sabendo que a médica era a mentora de Nadia, presumi que esta lhe confiasse tudo sobre a sua vida, incluindo a sua nova amizade com a minha filha.

– Diz-me, o que aconteceu à Fatima? – Amani inclinou-se para a frente, interessada, quando questionou Nadia.

Eu sentei-me silenciosa, verdadeiramente satisfeita por Amani tomar a iniciativa de maneira tão fácil e confiante. Embora não seja velha e, graças a Deus, me sinta jovem, saudável e com muita energia, sei que chegará a altura em que não serei capaz de trabalhar tanto. Sempre quis que os meus filhos aprendessem o trabalho que faço, para que sejam capazes de vencer o desafio da luta pelos direitos das mulheres, como faço agora. Afinal, o tempo que passarei na Terra terminará um dia e alguém terá de ocupar o meu lugar. Se aprendi alguma coisa no meu curto tempo de vida, é que nunca faltarão homens a tentar manter as mulheres sob o seu jugo. Enquanto assim for, nós, as mulheres, temos de nos manter fortes para continuar a batalha pela justiça.

– A história dela torna-se mais trágica a cada dia que passa, Amani – respondeu Nadia.

– Fala-me desta Fatima – disse. – Nunca me mostrei desinteressada em ouvir falar de uma mulher que precisasse de ajuda.

– Oh, vi a Fatima quando estava no gabinete da Nadia – esclareceu Amani. – Não falei com ela, mas vi-a à espera para falar com a Nadia. – Amani olhou-me com olhos tristes. – Aquela pobre rapariga tem vinte anos, menos do que eu, mas tem tido uma vida tão brutal que parece ter vivido uns quarenta ou cinquenta anos.

– Conte-me – repeti para Nadia. Eu sabia que um tal envelhecimento prematuro indicava inúmeros problemas.

– Sim, princesa – disse Nadia. Ela sofreu mais ou menos o mesmo que muitas outras mulheres sauditas e mais do que a maioria. Vou contar-vos toda a história.

– Sim, fá-lo, Nadia. Eu sei que nós podemos ajudá-la – disse Amani com grande paixão na voz.

– Fatima chegou-me às mãos quando foi admitida no hospital com uma depressão grave, o que é um grande problema, porque ela é mãe de gémeas e não tem ninguém para a ajudar a cuidar das filhas. Foi admitida apenas porque uma das secretárias da consulta externa a viu sentada, com ar desalinhado, com duas filhas chorosas que pareciam sujas e esfaimadas. A secretária descobriu que a mulher não tinha para onde ir e que o marido se divorciara dela. Não tinha como se sustentar, nem às duas filhas. Alguém tinha chamado um táxi e pagado a viagem para o hospital. Embora ela não tivesse papéis de internamento, alguém do ambulatório se apiedou dela e a

encaminhou para os internamentos.

«Seguindo ordens da secretária responsável, alguém do ambulatório foi à cafeteria do hospital e comprou três refeições. Todas as três devoraram a comida. Pareciam esfomeadas. A secretária encarregou-se do assunto, falou com o chefe, um médico de Inglaterra, que concordou que Fatima deveria ser admitida como doente em internamento. Pelo menos teria descanso e comida enquanto ficasse em observação. E podia ter as duas filhas, de três anos, perto dela.

«Quando Fatima se recusou a falar, os serviços sociais foram notificados acerca do caso e, por isso, eu fui ao quarto dela avaliar a situação. Embora parecesse paralisada de medo e continuasse a recusar-se a pronunciar uma palavra, percebi que estava aliviada por ter diante de si uma rapariga saudita. Todos os que vira antes eram estrangeiros, incluindo a secretária, que era das Filipinas, o médico, que era de Inglaterra, e vários assistentes do hospital, que vinham de todo o mundo.

A Dr.^a Meena aprofundou o tema dos cidadãos nacionais que trabalham nas instituições sauditas. – Como sabe, princesa, o hospital tem empregados de todo o mundo, provenientes de vários países, da América, Canadá, Europa, Ásia, África e Médio Oriente. Antes, havia poucos empregados sauditas, mas estamos a aumentar o número. Mas não há enfermeiras sauditas e não há assim tantos médicos sauditas, por isso quando os cidadãos sauditas são admitidos, é frequente não verem nenhum compatriota.

Acenei com a cabeça, sabendo que era aquela a situação da maior parte dos hospitais e clínicas do reino. Não obstante, as estatísticas melhoravam, havia cada vez mais sauditas formados em áreas da saúde a cada ano que passava.

– Posso continuar, princesa?

Cada minuto me deixava mais ansiosa por ouvir a história e procurar uma solução, e era claro que Amani se encontrava desejosa de fazer algo importante por aquela mulher. – Claro – respondi. – Por favor, conte-me a história.

– A Fatima estava há uma semana no hospital quando começou a responder às minhas perguntas. Felizmente, as enfermeiras do piso estavam ao corrente da sua situação e revezavam-se para entreter as filhas gémeas. Depois de uma semana de comida, descanso e gentileza, Fatima começou a sair daquilo que chamo a síndrome do encerramento. Afeta inúmeras mulheres que são

vítimas de abusos, que parecem espantadas por se encontrarem numa situação desesperada. Foi então que ela me contou a sua história.

Nadia pegou na pasta que tinha ao seu lado e abriu-a para retirar alguns papéis. – Princesa, escrevi a história de Fatima tal como ela me revelou. Julgo que é muito mais convincente ler as suas palavras do que eu contar-lha do meu ponto de vista. Podia ser?

– Claro. Concorde. Parece-me melhor ouvir a história de Fatima pela sua própria voz.

Nadia sorriu a Amani e a minha filha incentivou a nova amiga, indicando-lhe com a mão que retomasse a história.

Nadia clareou a garganta e leu lentamente o que escrevera.

Está a falar com a mulher mais infeliz que alguma vez existiu. Quando era pequenina, a minha mãe disse-me que eu era a maior desilusão da sua vida. Ela queria um filho, mas Alá deu-lhe uma filha. Estava desesperada, porque era a terceira mulher do meu pai, e ele sentia-se extremamente insatisfeito com todas as suas mulheres porque, com o meu nascimento, era pai de cinco filhas e nenhum filho. Três anos depois do meu nascimento, porém, a minha mãe deu à luz um rapaz, o que elevou o seu estatuto na casa. O meu pai mostrava grande apreço pelo filho e a minha mãe ficou tão apaixonada pelo seu menino, que passou a detestar-me por cada momento que tirava à vida dela, por cada bocadinho de comida que levava à boca. À medida que fui crescendo, a minha mãe guardava as bofetadas todas para mim, estragando com mimos o meu irmão, que se tornou um pequeno tirano.

O meu pai mostrava enorme afeto pela minha mãe pois esta, antes de eu fazer oito anos, já lhe tinha dado mais dois filhos. A minha vida era um inferno. Ninguém me amava. A minha mãe e o meu pai riam-se quando os meus irmãos me insultavam ou me davam pontapés. Quando eu tinha dez anos, a minha mãe disse-me que em breve ia casar-me com um velho viúvo do bairro, porque ele gostava mais de raparigas do que de mulheres crescidas. Sabia-se que era muito violento e dizia-se que tinha matado as duas últimas mulheres com as próprias mãos, pois ambas as jovens mostravam sinais de ter sido

agredidas pelo marido. Quando chorei e protestei, a minha mãe pegou-me nos braços e segurou-me diante do espelho da nossa casa; disse-me que olhasse para o meu reflexo no espelho, que eu era tão feia que tinha sorte em alguém me querer para esposa, mesmo que fosse um velho. Até essa altura, eu não sabia que era assim tão feia, mas a minha mãe apontou para o espelho, para o meu nariz grande e olhos pequenos, depois deu-me um puxão nos dentes, dizendo-me que eram demasiado grandes para a minha boca. Era por isso que os meus dentes me saíam para fora dos lábios, disse, e eu não conseguia fechá-los completamente e tapar os meus dentes grandes e feios.

Felizmente, o velho morreu antes de o casamento ter lugar, mas a minha mãe não parou de procurar um noivo substituto. Os meus irmãos riam-se de mim e diziam que eu teria de ser morta, triturada e dada às cabras e aos camelos, porque ninguém se casaria comigo e não fazia sentido desperdiçar comida boa numa rapariga feia que seria um fardo para sempre. Parece que fui apresentada a vinte potenciais noivos e que todos me recusaram.

Mas, quando eu tinha catorze anos, um homem com o corpo desfigurado concordou em casar-se comigo. Primeiro, fiquei contente porque não podia imaginar que a vida pudesse ser mais miserável. Mas enganara-me. O homem que se casou comigo era ainda mais feio do que eu, e a sua fealdade física tinha dado origem a uma personalidade muito enraivecida.

O horror da vida de casada chegou depressa, na noite do meu casamento. A minha mãe tinha-me dito que devia preparar-me para sofrer muita dor, porque ia haver sangue quando o casamento fosse consumado. Eu não conseguia imaginar porque é que aquilo seria necessário. A minha mãe recusou-se a dizer-me o que é que aconteceria, mas disse que o leito matrimonial era doloroso e humilhante e que tinha de haver sangue a sair do meu corpo senão... Se não houvesse sangue, eu estaria em muito maus lençóis, o meu marido divorciar-se-ia imediatamente e seria devolvida à casa da minha família, e os meus irmãos e o meu pai levar-me-iam para o deserto e enterrar-me-iam viva, para salvar a honra da família.

Eu fiquei apavorada, mas não tinha para onde me virar. Pensei na dor e no sangue durante dias. Uma rapariga disse-me que o meu novo

marido ia cortar o dedo dele e que depois ia cortar o meu dedo e que depois ia esfregar o seu dedo ensanguentado no meu dedo ensanguentado e o casamento ia ser considerado honrado. Afinal, eu só teria de limpar a casa dele, lavar a roupa dele, cozinhar-lhe as refeições e, basicamente, obedecer às ordens dele. Aquilo não parecia assim tão mau, pois era o que eu fazia na casa da nossa família desde que comecei a andar.

Por isso, na noite do meu casamento, sofri um choque brutal. Debatí-me com o meu marido quando ele tentou forçar-me a tirar a roupa, mas ele era um homem forte apesar do corpo desfigurado. Os problemas dele estavam nas pernas curvadas e nos pés, que tinham uma forma estranha; a parte de cima do seu corpo era suficientemente forte para matar um animal grande. Os braços dele eram enormes, quase tão grossos como o meu corpo. Mas o choque maior ainda estava para vir. Ninguém me tinha avisado de que os homens têm uma arma secreta, por isso quando ele tirou a roupa e eu vi aquela coisa grande dele comecei a gritar. Foi assim que ele me atirou para o chão duro e forçou a sua arma a entrar no meu corpo. Subitamente, compreendi a dor e o sangue dos avisos da minha mãe. Pelo menos não desonrei a família e não acabei enterrada viva na areia.

Durante três ou quatro dias, ele divertiu-se a espetar-me com a sua arma. Eu pensei realmente que ia morrer. Sempre que lhe suplicava para parar, ele começava a fazer aquilo outra vez. Enraivecía-se com os meus gritos e começava a bater-me. Bateu-me tanto que os meus lábios rebentaram e o meu nariz se partiu.

Depois daquele ataque, eu só sentia medo e terror do meu marido. Não havia afeto entre nós da forma que eu vira o afeto crescer entre a minha mãe e o meu pai depois de ela lhe dar três filhos.

Os meus problemas aumentaram quando dei à luz duas filhas, nove meses depois da noite do meu casamento. Pari em casa sozinha, porque ele disse que era esse o dever de uma mulher, que era natural, e que uma mulher que precisasse de ajuda não era digna de viver. Por isso, tratei de mim própria no parto, embora não soubesse o que se passava, depois de ter dado à luz uma filha e ainda estar com dores de parto. Quando dei à luz a segunda filha, soube que ia ter

problemas, porque o meu marido era um homem violento e ignorante. Os seus amigos e família eram igualmente estúpidos e a minha família nunca viria em meu socorro, por isso fiquei desamparada e sozinha com duas meninas bebês, que precisavam de muitos cuidados porque eram ambas mais pequenas do que a maior parte dos recém-nascidos.

Como era de esperar, o meu marido ficou tão zangado por se descobrir pai de duas meninas – peste dupla, chamava-lhes –, que me bateu com violência e me partiu o braço e algumas costelas, além de me partir o nariz uma segunda vez. Precisei mesmo de cuidados médicos, mas ele recusou levar-me ao hospital. Quis que lhe cozinhasse uma refeição depois de me bater até me deixar inconsciente.

Algumas semanas depois, olhei para o espelho e vi que estava ainda mais feia do que antes, por o meu nariz estar tão grande e disforme; mulher nenhuma poderia ser mais feia do que eu.

Embora o meu marido continuasse a espetar-me com a sua arma, felizmente os ataques ocorriam com menos frequência. Chegou mesmo a casar-se com uma segunda mulher, um ano depois de as meninas terem nascido. A segunda mulher era uma rapariga que tinha ficado órfã quando os pais morreram num acidente de carro e o tio não quis aceitar ficar responsável por uma rapariga, visto ter já duas filhas. Quando aquela menina veio para nossa casa, ele passou a gostar mais de a espetar a ela do que a mim, por isso senti algum alívio, embora me sentisse mal por causa da menina, que não tinha mais de oito ou nove anos. Ela gritava desesperadamente pela mãe noite e dia. Eu tentava reconfortá-la o melhor que podia, mas ela andava tão aterrorizada e desolada que pouco consegui ajudá-la.

Depois, dei à luz outra menina, mas ela nasceu morta. Foi assim que o meu marido se divorciou de mim e me expulsou da casa. Os meus pais mandaram dizer que eu não era bem-vinda com as minhas filhas na casa deles, por isso sentei-me com as minhas filhas algumas casas abaixo da casa do meu antigo marido. Algumas pessoas trouxeram-nos comida, mas, depois de uma semana a dormir no chão, os anciãos da aldeia falaram na tristeza que aquilo era. O meu antigo marido não gostava que falassem dele, por isso veio a Riade

encontrar-se com umas pessoas do governo, que lhe indicaram uma casa especial para mulheres e crianças abandonadas. Abençoado seja Alá por ele não querer a custódia das nossas filhas, pois amo as minhas meninas mais do que amo a minha vida e, sem elas, não teria razão para viver.

Mas não sei o que fazer. Nenhum homem vai casar-se com uma mulher fisicamente feia com duas filhas. Talvez uma grande beldade com filhas conseguisse arranjar um marido, mas eu nunca terei tanta sorte. Espero que o governo me deixe viver no sítio onde tenho vivido, embora não seja feliz a viver ali, pois não há mais nada para fazer a não ser olhar para as paredes, comer a pouca comida que tenho e ver as minhas filhas chorar de aborrecimento. Não há crianças da idade delas e não tenho brinquedos nem livros para as minhas meninas brincarem. Não tenho dinheiro para esses luxos. É outra prisão para nós todas.

Sou a mulher mais infeliz do mundo, mas tenho duas meninas que precisam de mim. Não desejo ficar triste e sentar-me e ficar a olhar para o nada, mas esta tristeza tem crescido dentro de mim como um cancro e não sou capaz de ficar feliz e de ter energia para sorrir.

– E, princesa, é esta a história de Fatima – concluiu Nadia. – Sinto que é um caso especial que precisa da nossa atenção.

– Temos de a ajudar – disse Amani, limpando uma lágrima do olho. – E às duas filhas inocentes dela.

A Dr.^a Meena estremeceu e olhou para mim com enorme tristeza. Recordando a sua própria história, eu sabia que ela compreendia melhor do que a maioria das pessoas a dura realidade da vida de Fátima.

Tranquilei toda a gente. – Claro que vamos ajudá-la. Nadia, deve falar mais com a Fatima. Depois de ela se envolver nas decisões que lhe afetarão a vida para sempre, podemos decidir que passos é melhor dar.

– Talvez ela gostasse de estudar – avançou Amani. – Ainda é jovem. Talvez pudesse ter um professor privado para a ensinar, ao mesmo tempo que as filhas fossem à escola.

– É uma possibilidade – replicou a Dr.^a Meena. – Raramente é tarde de mais para aprender. Conheço uma mulher de quarenta anos que recebeu

recentemente o diploma universitário.

– São tudo boas sugestões – disse eu. – No entanto, se possível, acredito que a Fatima deve orientar-nos. Há alguns anos, descobri uma coisa muito importante sobre ajudar os outros. Acontece uma espécie de magia quando a pessoa que é abusada tem a possibilidade de fazer uma escolha pessoal sem que ninguém lhe diga o que fazer. Durante a vida inteira, Fatima não teve escolha em nada; se estudaria ou não, as tarefas que lhe foi ordenado desempenhar, os alimentos que comia, ou o homem com quem se casou. Se lhe for dada a oportunidade de pensar, de explorar, de sentir paixão por alguma coisa, então o mais provável é que consiga. Se lhe dissermos o que achamos que é melhor para ela, a satisfação pessoal ou a sua realização são menos prováveis.

Amani olhou-me com um novo respeito. – Tens muitíssima razão, mãe. Temos de ser guiados por aqueles que ajudamos.

– A sua filha tem razão, princesa – concordou a Dr.^a Meena.

Nadia fez um sorriso aberto. – Estou ansiosa por pôr a sua ideia em prática, princesa. Decidi sempre por aqueles que precisavam de mim, mas agora vejo que devo incentivar a sua participação e seguir as suas necessidades e desejos.

Todas aprovámos o plano de que Nadia falaria com Fatima e, se ela concordasse, as quatro nos encontraríamos com a mulher que se denominava a mais infeliz do mundo. Algo bom seria determinado para o futuro de Fatima assim que ela decidisse o que queria para o resto da sua vida.

Eu agradeci silenciosamente a Alá, por ter sido abençoada com riqueza abundante para ajudar Fatima e as filhas no caminho que ela quisesse seguir.

Depois de a nossa reunião terminar e todas saírem de minha casa, sentei-me de olhar perdido, impelida a pensamentos sobre a minha própria vida, desde a altura em que era menina até ao dia presente. Apesar da minha riqueza, do meu marido atencioso, dos meus preciosos filhos e netos, raramente me senti bem comigo própria ou tirei tempo para ponderar aquilo que tinha alcançado. De facto, sempre me senti a rapariguinha com a qual a minha mãe se preocupava, e a filha malcomportada com a qual o meu pai se irritava, mas, na verdade, constatei subitamente que havia mais na princesa Sultana do que a minha mãe e o meu pai poderiam ter imaginado. A minha força de espírito e a paixão que tanto os preocupara e perturbara não eram senão uma indicação precoce da determinação à qual daria uma utilização

positiva enquanto mulher.

Todos os anos da minha vida vivi para servir, para lutar pela melhoria da vida das mulheres e, de facto, mudei vidas para melhor.

Subitamente, senti uma grande satisfação pelo trabalho que fazia, constatando que era tão significativo que não podia ter escolhido um caminho mais meritório. O meu trabalho não é apenas importante; ele muda vidas.

E eu estou satisfeita. A única coisa que lamento é a minha querida mãe não estar aqui para ver a filha triunfar sobre o mal que ataca tantas raparigas e mulheres inocentes. Sei que a minha mãe ficaria orgulhosa da sua pequena Sultana.

PRINCESA AISHA

A pesar de em 2014 já se notarem alterações, lentas mas positivas, para as mulheres sauditas, a vida quotidiana continua a ser difícil para a maior parte das raparigas e mulheres do meu país. Assim é porque há muitos homens sauditas que parecem retirar grande alegria da sua luta contra as mulheres! Sem dúvida que se sentem ameaçados. Estes homens inflexíveis comportam-se como tigres enraivecidos, sempre prontos a condenar e a decretar um castigo para todos os pensamentos ou ações femininos. Lamentavelmente, também há mulheres sauditas que, para sua vergonha, denunciam outras mulheres que se atrevem a procurar uma vida melhor através da educação e da liberdade.

Não me reconforta minimamente saber que as mulheres sauditas não estão sozinhas na infeliz questão da desigualdade. Tragicamente, fiquei a saber que muitos dos três mil milhões de ocupantes do sexo feminino do planeta sofrem o jugo da repressão, da ignorância e da violência.

Segundo as Nações Unidas, há cento e noventa e três países no mundo. Viajei a quarenta e nove desses países e estudei as condições da vida quotidiana dos cidadãos de muitos outros. Como mulher que dedicou a vida à luta pela liberdade das mulheres, sou sempre muito curiosa quanto ao tratamento que é dado às mulheres de cada país que visito ou sobre o qual leio. Travei muitas lutas pessoais na terra que me viu nascer, por isso é escandaloso para mim descobrir que alguns governos e culturas reprimem ainda mais as mulheres do que os da Arábia Saudita. Nesta categoria, destacam-se o Afeganistão e o Paquistão.

Embora conheça algumas paquistanesas emancipadas e com altas qualificações, estas pertencem à classe rica do país. As mulheres pobres das

aldeias do Paquistão parecem viver noutro planeta, de tão diferentes que são as suas vidas. Não tenho conhecimento em primeira mão do tratamento que as mulheres recebem no Afeganistão, embora pelas notícias e livros que li seja evidente que praticamente todas as mulheres desse país se encontram sujeitas aos homens da sua família.

Os especialistas em questões de género concordam com a minha avaliação do Afeganistão e do Paquistão, e foi com o coração pesado que li recentemente a lista das Nações Unidas dos dez piores países para as mulheres, pela ordem e pelas razões seguintes.

- 1) Afeganistão. Este país, atravessado pela violência, detém o malfadado título de pior país do mundo para as mulheres. Os dados das Nações Unidas são que uma rapariga afegã típica viverá uma vida muito curta, com uma idade média de quarenta e cinco anos. Mais de metade das noivas do Afeganistão estão casadas antes dos dezasseis anos. A maioria das mulheres afegãs (oitenta e sete por cento) admite que os maridos lhes batem regularmente. O Afeganistão é o único país do mundo no qual as mulheres cometem mais suicídio do que os homens. Estas mulheres impotentes sentem-se tão desesperadas que ateam fogo a si próprias para escapar às suas vidas brutais.
- 2) República Democrática do Congo. A violação e a guerra estão de mãos dadas, e raparigas e mulheres sofrem sistematicamente esta realidade no Congo. A equipa das Nações Unidas que investiga o conflito no Leste da República Democrática do Congo informa que as violações a que as raparigas e mulheres estão sujeitas são tão implacáveis e metódicas que não têm paralelo. Li relatórios horripilantes que informam que os bandos armados não só violam as mulheres mas também obrigam, apontando-lhes armas, os filhos dessas mesmas mulheres a violar as mães. Uma experiência tão revoltante e brutal está inegavelmente para lá de qualquer capacidade de imaginação.
- 3) Iraque. O Iraque costumava ser um raro reduto para as mulheres no nosso mundo muçulmano, já que o governo de Saddam Hussein lhes garantia os direitos básicos. Mas, depois de Saddam, vieram outros homens perversos que parecem quase tão corruptos como ele; homens que apoiam apenas a sua facção religiosa, e existem muitas no Iraque. Agora, a violência sectária do país dirige-se frequentemente contra as

raparigas e mulheres. A taxa de alfabetismo feminino do Iraque já foi a maior do mundo árabe, e agora é a mais baixa.

- 4) Nepal. Os pais vendem sistematicamente as filhas pequenas a traficantes sexuais, que vendem as crianças a bordéis, onde elas são brutalmente violadas todos os dias das suas jovens vidas. Aquelas que têm sorte suficiente para escapar a esse cruel destino estão destinadas ao casamento prematuro, e não é raro morrerem no parto.
- 5) Sudão. O destino das mulheres, tanto jovens como idosas, é um circo de horrores, e os raptos, as violações e as migrações forçadas são ocorrências comuns na vida de uma mulher.
- 6) Guatemala. A pobreza grassa e está profundamente enraizada no país. A violência doméstica, as violações e uma taxa assustadora de infecções por VIH/SIDA têm afetado a vida de muitas mulheres pobres.
- 7) Mali. Poucas mulheres escapam à tortura da mutilação genital. As raparigas são sistematicamente forçadas a casar precocemente. Uma em cada dez mulheres morre na gravidez ou no parto.
- 8) Paquistão. Os assassinatos por questões de honra são generalizados. Os homens poderosos das aldeias decretam muitas vezes que as paquistanesas sofram violações em grupo como punição por crimes cometidos por homens. Os religiosos extremistas identificam e assassinam advogadas e políticas por sistema.
- 9) Arábia Saudita. As Nações Unidas consideram que, sendo obrigadas a ter um guardião, as mulheres são tratadas como crianças durante toda a vida. Digo, pela minha própria experiência, que é verdade. Impedidas de conduzir ou conviver em público com homens, as mulheres sauditas estão confinadas a uma vida de completa segregação. A violência exercida por homens sobre mulheres ainda é comum na Arábia Saudita. Existem numerosos casos de mulheres maltratadas e violadas pelos maridos. Se se der o divórcio, é frequente os pais ficarem com a custódia total dos filhos, embora existam diretrizes para a custódia na nossa fé islâmica. Caso o homem as ignore, ninguém irá em socorro da mulher nem da criança. Em alguns casos mais pavorosos, as raparigas são violadas pelos pais. Quando ocorrem crimes desses, os nossos clérigos ficam do lado do violador, dizendo que ele pode fazer o que lhe apetece com as mulheres da sua família.
- 10) Somália. Uma guerra civil longa e violenta destruiu o que restava da

sociedade civilizada. As mulheres, novas e velhas, estão sujeitas a violência e violações de bandos armados.

Como podem estas estatísticas revoltantes existir quando há tantas pessoas no planeta a exigir igualdade, direitos humanos básicos e dignidade para todas as mulheres? O relatório das Nações Unidas representa um resultado negativo para o mundo inteiro, tanto para os homens como para as mulheres, que não saem aos milhões para a rua para impedir este genocídio das mulheres.

Apesar de existirem de facto oito países considerados piores do que a Arábia Saudita, no que respeita aos direitos das mulheres, poucas pessoas discordarão de que a vida continua a ser difícil e complicada para as mulheres deste país.

As restrições contra as sauditas são grandes e pequenas, mas por vezes as mais irritantes e limitativas são as pequenas restrições. A maior parte das mulheres não imagina o que é preocupar-se com as mais pequenas coisas da vida quotidiana. Por exemplo, uma rapariga saudita tem de ter o cuidado de não conversar com nenhum homem que não seja da sua família. Se cometer essa imprudência, pode ser acusada de ser prostituta. Se tal acusação for feita, ela pode acabar numa cela, à espera de ser açoitada. As raparigas sauditas que vivem em cidades ou aldeias conservadoras têm de tapar o rosto ou podem contar com pedras a voar contra si. Visto que as sauditas não podem conduzir, muitas têm de apanhar transportes públicos, pois frequentemente não há nenhum homem disponível para as levar à escola ou ao trabalho ou a uma consulta médica. As raparigas sauditas têm de ter muito cuidado quando apanham transportes públicos, pois alguns taxistas acreditam falsamente que uma rapariga desacompanhada está à procura de um homem para se divertir. Talvez faça um avanço impróprio e, caso alguém se aperceba do comportamento do homem, ela fica com a vida arruinada, mesmo que seja inocente.

Estas restrições significam que a minha tristeza ao ver Maha partir para a Europa se mistura com uma sensação de alívio. A minha filha é uma rapariga impetuosa que vive livremente na Europa e não vê razões para mudar quando se encontra na Arábia Saudita. Por isso, Kareem e eu estamos sempre nervosos durante as visitas dela. Embora o pai e eu consigamos protegê-la

da maior parte dos problemas que possa causar a si própria, não desejamos envolver a nossa família em nenhum escândalo, pois na nossa cultura os escândalos de uma pessoa atingem todos os seus familiares. Se Maha passasse a ser vista como uma rapariga que os outros pudessem considerar vergonhosa, o irmão Abdullah e a irmã Amani seriam manchados com a mesma vergonha, independentemente da sua falta de envolvimento na atividade que Maha praticasse, tal como conduzir ou alguma ação considerada tabu pela nossa cultura. O meu filho e a minha filha mais nova escolheram ficar no país que os viu nascer e construir vidas boas para si aqui. Devem ser protegidos.

Mas Maha não é a única princesa jovem que tem a audácia de desafiar os limites da discriminação contra as mulheres na Arábia Saudita. Existem outras. Ocorre-me uma em particular.

Uma das primas preferidas de Maha é a princesa Aisha, filha de um príncipe herdeiro que já foi governador de uma província saudita. Este primo é um homem invulgarmente reservado; sabemos muito pouco dos seus sentimentos verdadeiros sobre qualquer assunto. Por esta razão apenas, não o identificarei nesta história, embora ele tenha uma vida pública e sirva em várias posições governamentais.

Maha e Aisha conheceram-se na escola primária e a sua amizade sobreviveu até à idade adulta, apenas porque as raparigas voltaram a encontrar-se na Europa, quando a princesa Aisha frequentou um conhecido colégio interno da Suíça. Aisha passou muitas férias com Maha na Europa, e sei que elas têm sentimentos comuns sobre a Arábia Saudita e a falta de liberdade das mulheres, o que Maha me confessou em algumas conversas.

Depois dos seus tempos de colégio, Aisha inscreveu-se em várias universidades europeias e, pela última contagem, obteve três diplomas universitários. A princesa Aisha vai à escola há mais tempo do que qualquer um de nós se recorda, embora percebamos que utiliza a educação contínua como desculpa para escapar à repressiva Arábia Saudita. Gracejamos muitas vezes que Aisha está destinada a receber muitos diplomas de doutoramento e, possivelmente, de médica antes de a sua vida terminar.

A princesa Aisha é alta e elegante, tem cabelo castanho-claro e olhos castanho-escuros que brilham com avidez pela vida. Os seus movimentos são exagerados, pois a princesa fala com as mãos e tem expressões faciais muito vivas. Não é uma rapariga escandalosa como a minha Maha, mas tem um

espírito decididamente combativo. A sua personalidade cria muitos problemas na família imediata porque, entre os jovens da sua família invulgarmente grande, é a que tem ideias mais progressistas. O meu primo casou-se com quatro mulheres e cada uma delas tem filhos. Mas Aisha é a filha mais nova de toda a família, e a sua mãe é a mulher mais jovem, uma mulher encantadora de Marrocos.

As seis meias-irmãs mais velhas de Aisha têm a mesma mãe, que foi a primeira esposa do meu primo. As mães são habitualmente quem mais influencia as filhas no meu país, já que os pais raramente se interessam pelas filhas. O foco principal da sua atenção, regra geral, são os filhos e deixam às mulheres o cuidado das filhas, a não ser que se passe algo importante que necessite da sua atenção.

As irmãs mais velhas de Aisha são todas casadas e afirmam não compreender a necessidade que as sauditas possam sentir de ter liberdade para conduzir ou casar-se com o homem que escolherem ou passar a maior parte do tempo fora do país, como faz a irmã mais nova. Parecem felizes com a sociedade saudita, tal como ela é hoje e sempre foi.

Eu conheço ambas as mães pessoalmente, e a mãe das seis meias-irmãs de Aisha é uma das mulheres mais conservadoras da família real saudita. Quando a televisão entrou nos lares sauditas, foi ela que insistiu na utilização do véu enquanto assistia aos programas, porque estavam «homens verdadeiros dentro da caixa», defendia. Acreditava plenamente que os apresentadores podiam vê-la tão facilmente como ela os via a eles. Diz-se que ainda tem esse hábito, embora a família não queira que se saiba.

No dia do casamento, esta prima real anunciou que mais nenhum homem a veria sem o véu, nem mesmo os irmãos. Ficámos todas muito aliviadas por ela nunca ter tido nenhum filho, pois julgámos que a pobre criança nunca teria permissão de ver o rosto da mãe, o que teria sido uma proibição traumática.

Esta prima real incutiu muitas das suas crenças e valores nas suas seis filhas, e todas afirmam que devem estar submetidas a um homem e que nenhuma mulher deve questionar um homem – particularmente um homem que detenha autoridade. A mãe de Aisha, por seu lado, nascida e criada em Marrocos, é uma mulher mais moderna, que gosta de ter uma vida com alguma liberdade com o marido. Sente que a filha deve seguir os seus sonhos. Sente muito orgulho de Aisha e dos seus múltiplos diplomas, e

acredita que deu à luz um génio raro, coisa que anuncia em todas as reuniões femininas, muito para diversão de todas as que sabem que, embora seja inteligente, Aisha está longe daquilo que qualquer autoridade intelectual declararia como génio.

Quando Maha esteve de visita ao reino no ano anterior à sua última visita, deu-se a coincidência de Aisha também estar cá. Embora só se tenham visto duas vezes, Maha disse que ambas as visitas foram empolgantes, porque Aisha se envolveu numa grande luta com as suas seis meias-irmãs. Houve uma troca intensa de acusações, segundo a minha filha. Maha sempre gostou de distúrbios, embora não saiba explicar porquê.

Apesar do divertimento de Maha, o episódio familiar foi sério. A querela familiar ocorrera porque alguém colocara vários itens de carácter sexual na mala de Aisha, todos proibidos pelo tradicionalismo extremo da nossa cultura saudita, e, muito especialmente, nas mãos de uma mulher solteira. Revistas sensuais, *lingerie* minúscula e até uma caixa de preservativos tinham sido estrategicamente escondidos em vários bolsos interiores e enfiados entre a roupa da mala de Aisha. Fosse quem fosse o culpado, a pessoa queria que Aisha tivesse problemas com os funcionários aduaneiros ou com o pai. Uma vez que Aisha pertence à família real, a sua bagagem não foi inspecionada no aeroporto, por isso ela não sabia se os itens proibidos tinham sido lá postos antes de ela sair da Europa ou depois de chegar a casa.

Visto que Aisha ainda frequenta escolas na Europa, talvez uma das suas amigas tenha achado divertido fazer uma coisa daquelas, por desconhecimento da cultura saudita e do perigo que pode representar para uma saudita ser apanhada com tais artigos. Se tivesse recaído sobre Aisha qualquer suspeita de que estava romanticamente envolvida com um homem, a sua reputação teria ficado seriamente manchada; na verdade, a suspeita ter-lhe-ia custado a liberdade – ou a vida. Só quem visitou a Arábia Saudita e tem consciência das restrições que recaem sobre as mulheres, consegue avaliar a gravidade de tais circunstâncias.

Quando desfazia as malas, Aisha, perplexa, descobriu os objetos. Ficou tão alarmada que as fechou imediatamente, julgando que conseguiria encontrar uma forma de deitar fora os objetos sem ninguém descobrir nada.

Mas não foi este o fim da história.

Poucos dias depois do regresso de Aisha, duas das suas tortuosas meias-

irmãs vasculharam o seu quarto, na esperança de encontrar alguma coisa comprometedora. A busca foi frutuosa. A pobre Aisha viu-se subitamente em maus lençóis.

Maha, que conhece Aisha bem, jurou que ela estava inocente. Maha diz que, de todas as vezes que se encontraram na Europa, nunca teve notícia de que Aisha saísse com alguém, e que ela não era certamente culpada de estar envolvida em alguma relação sexual.

Aisha é inteligente de mais para pôr em risco a sua liberdade e o seu bem-estar futuro. Tem plena consciência de que chegará o dia em que o pai insistirá para ela se casar, embora ele pareça ter-se esquecido de que os anos estão a passar, pois Aisha tem vinte e muitos anos, uma idade já avançada para uma noiva saudita. Aisha dissera a Maha mais de uma vez que iria virgem para o casamento, mesmo que fosse uma mulher de quarenta anos quando por fim se casasse. Não o fazer na Arábia Saudita seria um grande risco. Até das noivas mais velhas se espera que sejam virgens, a não ser que sejam mulheres que tenham enviuvado ou passado por um divórcio e se casem por uma segunda ou terceira vez.

Sabemos pessoalmente de uma ocasião em que uma noiva, princesa, de trinta anos, por não mostrar sangue no leito do casamento, foi levada para a casa da família e deixada sem cerimónia à porta, em desgraça. Pouco importava que se tratasse de uma rapariga que sempre gostara de praticar desporto com os irmãos, que tinham a gentileza de a deixar participar em jogos de futebol e até andar nas bicicletas deles quando ninguém estava a ver – dantes, era proibido às raparigas andar de bicicleta ou noutro meio de transporte semelhante. O médico que a viu a seguir ao casamento disse que era evidente que tinham sido as atividades desportivas dos verdes anos a causar a rutura do hímen quando ela era criança, e não uma relação sexual ilícita; a rapariga, lavada em lágrimas, jurou que nunca tinha ficado sozinha com um homem que não fosse da sua família. Aquela rapariga virtuosa foi desdenhada pela sociedade da altura e mais tarde casada como segunda mulher de um homem de menor estatuto social.

Segundo Maha, Aisha é o mesmo tipo de rapariga sem mácula. É casta e não faz nenhuma das coisas que os nossos homens gostam de dizer que todas as mulheres fazem quando não são supervisionadas.

Deu-se a coincidência de Maha estar com Aisha no dia em que as irmãs encontraram os objetos chocantes e proibidos. A minha filha descreveu a

desagradável cena, dizendo que, quando ela e Aisha entraram no palácio da família, as seis irmãs de Aisha a esperavam brandindo falsas acusações. Para espanto de Maha, uma das seis acenava com uma revista *Playboy*, que se encontrava aberta na página central, onde se via uma modelo nua.

As irmãs estavam entusiasmadíssimas por terem descoberto os ofensivos objetos. Todas detestavam Aisha, desde o dia em que ela nascera da quarta mulher do seu pai. Aisha era muito bela, já em bebê, e as suas meias-irmãs dirigiram-lhe críticas desde aquele momento até ao presente, detestando a sua beleza, inteligência e capacidade de escapar à vida que elas afirmavam tanto amar. Todos quantos conhecem aquelas seis mulheres duvidam que elas gostem das suas vidas, cheias de um luxo vazio, como professam constantemente; mas disseram-no tantas vezes, que exprimir dúvida sobre isso agora seria estranho para qualquer uma delas.

Aquelas filhas iradas disseram mesmo à mãe que saísse dos seus aposentos, para ver o que elas tinham encontrado, para testemunhar a depravação da mais nova dos descendentes do marido, filha de uma rival. Aquela prima real nunca na vida vira a imagem de uma mulher nua, por isso, quando uma das filhas lha mostrou, enquanto outra apresentava as roupas de dormir minúsculas e desadequadas que acreditavam ter sido compradas por Aisha, a velha senhora desmaiou. E assim ficou deitada no chão durante todo o melodrama.

A discussão avolumou-se, com Aisha a proclamar a sua inocência enquanto as seis meias-irmãs se deixaram entusiasmar até à fúria, acusando-a de trabalhar como prostituta na Europa em vez de ir à escola, o que, claro, era uma acusação ridícula, mas não falta quem na nossa cultura profira acusações fáceis contra qualquer mulher que viva livremente.

Maha disse que a discussão se descontrolou, embora se tenha revelado estupidamente divertida, pois a velha princesa acordava continuamente do seu estupor para abrir os olhos e apontar a modelo nua, antes de desmaiar mais uma vez.

A minha filha mostra-se muitas vezes maliciosa e implacável quando lida com quem condena as suas amigas ou demonstra ser hipócrita quanto à forma como algumas pessoas escolhem viver a vida. Não concordo com a minha filha em tudo, mas Maha é Maha e faz como entender. Não surpreende ninguém que desde esse dia dramático ela não tenha voltado a receber nenhum convite para visitar aquela casa, mas Maha disse que valeu a pena

ser banida, quanto mais não fosse pela diversão, pois nunca se rira tanto durante tanto tempo!

Foi permitido à princesa Aisha regressar à Europa só porque o príncipe e pai de todas as raparigas estava fora do país e as suas inimigas não conseguiram apresentar as queixas diretamente ao guardião de Aisha. Embora estivesse inocente, Aisha ficou aliviada por escapar do reino, compreensivelmente, mas confessou a Maha que sentia a sombra da desgraça a calcar-lhe os passos mesmo quando entrava no seu apartamento e ia à escola na Europa.

As maliciosas irmãs alcançaram por fim o seu objetivo. Um mês depois de Aisha regressar à Europa, a sua conta bancária foi fechada e ela ficou sem quaisquer fundos. O pai ordenou-lhe que voltasse para Riade. Ela não teve alternativa senão regressar ao reino. Quando chegou a Riade, foi interrogada pelo pai indignado, que não mencionou os objetos específicos encontrados nas suas malas, embora lhe tenha perguntado diretamente: – Minha filha, és pura?

Quando Aisha jurou sobre o Alcorão que era tão casta como um recém-nascido, ele não desperdiçou palavras e disse-lhe: – É bom saber, porque o teu casamento foi combinado. A tua mãe informa-te dos pormenores.

Aisha disse a Maha: – Não tive tempo de implorar e tentar evitar ser casada com um desconhecido, porque o meu pai se levantou imediatamente e fugiu da minha presença antes de eu ter tempo de mexer a língua para falar.

E foi assim que Aisha se viu casada com um jovem que não era da família real mas que provinha de uma boa família, conhecida da realeza, pois há negócios em comum e é uma família muito respeitada.

Caso raro nestes casamentos apressados, o final foi feliz. Descobriu-se que Aisha fora verdadeira a respeito da sua pureza, pois não perdera a virgindade, mesmo depois de muitos anos a viver livremente na Europa. A mãe de Aisha mostrou, orgulhosa, o lençol de núpcias manchado às outras esposas do marido, e ao marido, que ficou aliviado e satisfeito.

E, surpreendentemente, Aisha encontrou o amor com o companheiro e tem uma vida feliz, pois o trabalho do marido levou-o para a Ásia. Viver longe da Arábia Saudita adequa-se a ela e a ele.

Aisha disse a Maha que sente que ganhou a sorte grande ao casar-se com o marido, pois os dois têm muito em comum e sentem amizade e amor romântico. Recentemente, deixou as seis meias-irmãs frustradas, ao

agradecer-lhes efusivamente terem-na feito regressar à vida saudita, na qual se casou com o homem dos seus sonhos.

Até na Arábia Saudita há alturas em que as do nosso sexo são abençoadas com um homem bom e um casamento feliz. Mulher nenhuma o merece mais do que Aisha, que, durante anos, procurou algo – algo que trouxesse amor e felicidade à sua vida. Aquele algo foi um homem especial que vivia na Arábia Saudita e esperava a hora de o destino os juntar.

* * *

Dez dias depois de se terem encontrado com Amani e comigo no meu palácio de Riade, a Dr.^a Meena e Nadia regressaram para uma visita com Fatima, a mulher mais infeliz do mundo, sobre a qual faláramos nas últimas reuniões. Veio com as duas preciosas filhas gémeas, duas crianças de três anos. Assim que soube que as meninas viriam, convidei a pequena Sultana para me visitar, explicando rapidamente à minha neta que duas meninas que viviam uma vida infeliz vinham visitar-nos e que talvez gostassem de conhecer uma princesinha que lhes desse prendas bonitas e com quem pudessem lanchar, enquanto as adultas se reuniam e tratavam de assuntos importantes.

A pequena Sultana ficou entusiasmadíssima por fazer parte de algo importante. Abdullah confidenciou que a filha passara várias horas a escolher os brinquedos, a separar os que seriam presentes adequados para as pequenas. Abdullah tinha lágrimas nos olhos quando me disse que a pequena Sultana insistira em trazer os seus brinquedos preferidos, que estavam como novos. Disse que insistira para que ela não trouxesse a sua boneca preferida, a Jasmine, e que vira um brilho de alívio no rosto dela – a pequena Sultana admitiu que Jasmine não se sentia muito bem e que talvez fosse melhor deixá-la em casa, na cama. Afinal, era natural que existisse um limite para a generosidade da pequena Sultana.

A pequena Sultana parecia um sonho, no seu vestido cor-de-rosa simples, com o cabelo comprido numa trança. Sentou-se muito pacientemente comigo, à espera que as nossas visitas chegassem. Ela tinha medo de que as meninas que viviam uma vida infeliz não se sentissem confortáveis no palácio com uma princesa. Preocupava-se com o que poderia dizer ou fazer para as deixar à vontade.

– São meninas, querida – tranquilizei-a. – Têm menos cinco anos do que tu, por isso vais ser como uma irmã mais velha. Recebe-as bem e joguem alguns jogos. Vão ficar entusiasmadas, tenho a certeza.

A pequena Sultana acenou a cabeça com uma seriedade que me partiu o coração. A minha neta é a criança mais terna e adorável que me foi dado conhecer. A sua sensibilidade aos sentimentos dos outros é esplêndida e faz-me recordar a doçura da minha mãe, que também era uma pessoa muito sensível e carinhosa.

Nesse preciso momento, chegou Amani, juntamente com as nossas convidadas. Os meus olhos procuraram o rosto da mulher que eu não conhecia, a mãe das duas meninas pequenas. Lembrei-me que Fatima tinha apenas vinte anos, sendo vários anos mais nova do que Amani. A violência terrível que sofrera desde os dias da infância envelhecera-a prematuramente, pois parecia ter quarenta anos ou mais. Eu preparara-me para ver uma mulher com um rosto francamente feio, pois Fatima descrevera-se desse modo. Embora não fosse nenhuma beldade, tinha um rosto gentil e uma forma de estar muito agradável. O seu nariz era grande e encontrava-se desfigurado, mas eu sabia que isso resultara da violência infligida pelo marido. Decidi imediatamente que, se Fatima fosse recetiva às minhas sugestões, pagaria uma cirurgia para tratar o seu nariz partido e outras lesões resultantes dos anos de abusos físicos.

Que triste era que a sua malvada família tivesse convencido aquela mulher de que a sua aparência era repulsiva, o que não era o caso. Mas ela acreditava nisso e tal não constituía nenhuma surpresa, pois há muito sei que o convencimento da fealdade é o mesmo que vê-la ao espelho.

A pequena Sultana aproximou-se cuidadosamente das gémeas assustadas, que, pudera, se mostravam tímidas, sem saber o que fazer ou para onde ir. A minha neta falou devagar e com gentileza às raparigas, que pareceram gostar da pequena Sultana imediatamente. A minha neta perguntou educadamente se tinham autorização para irem para a sala ao lado e beber chá.

As gémeas galoparam ao lado da pequena Sultana, e eu sabia que tudo correria bem com aquelas três crianças. Além disso, sei que as crianças se adaptam com muita rapidez a situações estranhas ou fora do habitual. Ficam tão satisfeitas por brincar num palácio opulento como numa tenda humilde; pouca diferença faz para uma criança.

Nadia, como era próprio dela, pôs toda a gente à vontade. A Dr.^a Meena

observava e Amani bebia chá.

Embora Fatima estivesse silenciosa, percebi que era uma espectadora atenta de tudo o que se apresentava ao seu olhar. Como mulher que sofrera frequentemente os aspetos negativos da natureza humana, não fiquei surpreendida por ela se resguardar como se esperasse o inesperado, como talvez uma de nós ter um ataque de raiva por razão nenhuma, porque tinha sido essa a única experiência que tivera com os familiares e com o ex-marido.

Subitamente, Nadia fitou-me séria. Começou a informar-nos da última e lúgubre notícia de que os administradores do hospital recomendavam que Fatima vivesse permanentemente no lar para mulheres abandonadas, mas que as filhas fossem colocadas num orfanato recentemente aberto montado por uma das princesas reais.

Fatima pareceu alarmada e começou logo a chorar. – Não, não, eu tenho de ficar com as minhas meninas. Elas só têm a mãe. As minhas meninas iam ficar cheias de medo sem a mãe delas. A vida inteira, só me tiveram a mim e não podemos ser separadas.

Fiquei muito abalada com a informação, pois acreditava que o hospital proporcionaria um acompanhamento adequado, em que Fatima e as crianças ficassem juntas num lugar seguro, embora eu tivesse planos para a ajudar de outras maneiras.

– Nadia – disse eu –, certamente que há uma solução melhor. Uma mãe não deve ser separada dos seus filhos. – Depois de ver as crianças tímidas que se encontravam agora com a minha neta, sabia que sofreriam terrivelmente sem a mãe. Não iria permitir que tal coisa acontecesse.

Nadia respondeu: – Tem razão, princesa. Não é a melhor solução. Mas o lar para mulheres abandonadas está quase lotado com mulheres que não têm para onde ir, e os administradores acreditam que as crianças seriam mais felizes com outras crianças.

– Que disparate. As crianças têm de estar com a mãe – repliquei.

Depois de estudar o meu rosto durante longos momentos, Fatima falou numa voz entrecortada. – Princesa, porque estou aqui? O que está uma pobre mulher como eu a fazer no palácio de uma princesa?

– Fatima – tranquilizei-a –, posso ser princesa, mas, primeiro, sou mulher. E não deixe este palácio enganá-la. Quando eu era criança, passei por provas, pois também eu vivi como uma rapariga cujo pai parecia amar os

filhos mas não as filhas. A minha vida agora é muito feliz, mas conheço a dor da rejeição.

Fatima fitou-me com uma expressão de dúvida, questionando-se provavelmente se poderia confiar em mim. Eu tranquilizei-a uma segunda vez.

– Fatima, não permitirei que ninguém lhe tire as suas filhas.

Continuei a olhar para a pobre mulher que corria o perigo de ser forçada a viver num lar para mulheres abandonadas, sozinha e desolada, enquanto as suas bebés eram levadas para outro sítio qualquer, onde viveriam cheias de medo, longe da mãe. Fatima encostou-se à cadeira. Era uma mulher tão assustada como um animal encurralado e olhou fixamente para mim, depois para a Dr.^a Meena, que até então se manteve em silêncio.

– Princesa, estava na esperança de que pudesse fazer alguma coisa para impedir esta decisão errada. Nem Nadia nem eu podemos contrariar os desejos dos administradores do hospital ou da casa de acolhimento, pois todos são homens sauditas que fazem das mulheres meros peões que podem mover para cá e para lá a seu bel-prazer, sem a menor preocupação com aquilo que é melhor para as mulheres ou as suas filhas.

Amani, perturbada, falou pela primeira vez: – O que vamos fazer, mamã?

– Estou a pensar, filha – respondi, num tom preocupado. Embora eu não fosse permitir que a desafortunada mulher se separasse das filhas, resolver o problema levaria tempo. Os meus pensamentos estavam dispersos: recordava a minha própria infância desolada e pensava, mais uma vez, que só as mulheres trabalhavam para resolver os problemas que outras mulheres enfrentam.

Comecei a sentir-me muito sozinha na minha luta contra a crueldade e a discriminação contra as mulheres. A batalha era já longa e árdua, pois fui uma das primeiras da família real a fazer pressão contra estes crimes. Embora algumas mulheres valorizassem os meus protestos, poucas davam um passo em frente para proteger as do seu sexo. Agora, os homens tomavam decisões irresponsáveis e irrefletidas sobre duas meninas, tirando-as da mãe. Precisávamos urgentemente que os homens da Arábia Saudita confrontassem, em nosso nome, os homens que detinham o poder. Até então, aquilo fora somente um sonho. Embora muitos homens sauditas discordassem das regulamentações severas dos clérigos contra as mulheres e fossem contra as tradições culturais que as mantinham na servidão, estes homens dissidentes

permaneciam silenciosos face aos castigos mais cruéis a que eram sujeitas as nossas raparigas e mulheres. Muitas vezes me perguntei porque é que os homens sauditas não ajudavam as mulheres sauditas. Fossem elas raparigas mortas por ofensas menores ou casadas ainda crianças, nunca ouvi falar de nenhum homem que acesse para proteger uma rapariga ou uma mulher inocente.

Posso apenas constatar que os nossos homens têm demasiado medo de confrontar os poderes estabelecidos e os clérigos ou, mais vergonhoso ainda, permanecem em silêncio porque retiram grande prazer das vantagens do seu estatuto dominante. Mas eu sabia que chegara a altura de insistir que os nossos homens se juntassem a esta batalha.

Continuei sentada, mas a minha mente estava ocupada, pensando no que poderia fazer. – Quando é que os administradores planeiam separar Fatima das filhas? – inquiri.

Nadia olhou para Fatima com preocupação.

– Tenho de saber quanto tempo temos – disse eu.

– Daqui a dois dias – disse Nadia numa voz grave.

– Não! – gritou Fatima angustiada. – Não!

A Dr.^a Meena colocou-se rapidamente ao lado de Fatima. – Não se preocupe. A princesa vai ajudar-nos.

Amani pôs-se ao lado de Fatima, acariciando-lhe a mão. Eu soube naquele momento que, gostasse ou não, o meu marido Kareem ia ter de ajudar a resolver o dilema terrível que enfrentávamos. Era um homem bom e um homem que tinha alguma influência no reino.

– Por favor esperem, vou telefonar ao meu marido – disse eu, saindo apressadamente da sala.

A sorte sorriu-me, pois ouvi a voz do meu marido do outro lado da linha. Expliquei-lhe rapidamente a situação e o impacto que ela teria sobre a pobre Fatima e as suas filhas se não interviéssemos.

Para meu espanto, Kareem não me repreendeu por lhe atirar um problema tão inesperadamente para o colo, como teria feito no passado. Desde que me revelara naquele mesmo ano que nunca mais voltaria a ignorar a luta das mulheres sauditas, que se mostrava um homem mais paciente e não perdia as estribeiras com as minhas respostas a situações calamitosas que afetavam mulheres e crianças. Mostrava-me agora que tencionava manter a promessa que me fizera, e que as palavras que dissera tinham sido sentidas.

– Querida – disse Kareem –, tens razão. Não podemos ficar de braços cruzados e permitir que uma mulher fique sem as filhas. A resposta a este problema é fácil. Vamos levar a Fatima e as filhas dela para uma das nossas casas, no Cairo ou em Londres. Já o fizemos no passado. A Fatima pode viver com as nossas criadas noutra país e ficar com as crianças.

– Tens a certeza, marido?

– Sultana, não voltarás a ser feliz se não fizermos alguma coisa. A verdade é que ela não deve ser separada das filhas. Se deixarmos esta decisão para os funcionários do governo, o resultado será trágico. Não vamos dar-lhes oportunidade de destruir a vida desta mulher. Diz à Dr.^a Meena e à Nadia para avisar os responsáveis de que Fatima foi salva. Os administradores e funcionários vão ficar satisfeitos por lhes tirarem o problema da mulher e das filhas das mãos. Não vão fazer perguntas a ninguém. Se levantarem algum problema, eu falo com eles.

– Tens razão, marido. Não a deixarei voltar àquele sítio.

– Vai e trata disso como sempre fazes, Sultana. Se houver um segundo problema ou alguma novidade, volta a ligar-me.

– Tens a certeza de que temos de a levar para outro país? Não poderia ficar a viver connosco aqui, no nosso palácio, ou em Gidá?

– Podemos discutir os pormenores com a senhora, mas a família dela, pelo que descreveste, não demoraria a vir ter connosco e a tentar levá-la, regateando por ela e aproveitando-se das nossas boas intenções. A família dela iria apenas usá-la. Voltarão a fazer-lhe mal, caso lhes seja dada a oportunidade.

– Tens razão, marido. Não tinha pensado nessa possibilidade. – Seguramente que a última coisa que eu queria nas nossas vidas era que a cruel família da Fatima e o seu cruel marido viessem exigir dinheiro. Aquelas pessoas não merecem nada. Disse adeus, sentindo-me como há muitos anos não me sentia, pois salvei mulheres sozinha durante a maior parte da minha vida e, agora, o meu marido, verdadeiramente interessado em desempenhar o seu papel e ajudar mulheres a conquistar a liberdade, era meu parceiro, sem restrições.

Regressei para junto das nossas convidadas com um sorriso largo no rosto. Todas me olharam com confiante expectativa. – Tudo está bem. Falei com o meu marido. Ele concorda que não devemos deixar que uma decisão tão má seja tomada.

Olhei para Fatima, rodeada por aquelas três mulheres prontas a defender o seu direito de ficar com as filhas, e aquelas mulheres eram a Dr.^a Meena, Nadia e a minha filha querida. Senti-me muitíssimo satisfeita.

– Fatima, gostaria de trabalhar para o meu marido e para mim? Se assim for, trataremos de a colocar num lugar no qual estará segura e as suas filhas ficarão consigo. Terá alojamento e as suas necessidades atendidas, salário, e as suas filhas terão uma boa educação. Não terá nada a recear.

– Princesa, princesa, não sei o que dizer.

– Diz sim, Fatima – disse Amani com uma risada. – Diz sim, só isso.

– Sim, claro. Seria uma honra, princesa. Seria uma honra.

O meu coração batia rapidamente de pura felicidade por o meu marido e eu salvarmos aquela mulher e as suas filhas. Pensava em todas as coisas boas que poderia fazer por Fatima, uma mulher que não conhecera nada mais do que negligência e abuso durante a vida inteira. Uma coisa era certa: nunca seria vítima de abusos em nossa casa.

Enquanto Nadia e Amani estavam aos abraços e gritos de alegria com Fatima, a Dr.^a Meena ostentava uma expressão muito séria. Veio ter comigo de um salto e pediu para me falar em privado. Fomos para outra sala e a boa médica olhou para mim com sincera preocupação.

– Princesa, acredito que devemos resolver os problemas individuais das mulheres de outra forma. Não me parece que possa trazer todas as mulheres que se encontram em situações difíceis ou perigosas para viver em sua casa.

Sorri para a Dr.^a Meena, que estava demasiado séria.

– Doutora – disse-lhe eu –, tem razão. É claro que não poderei trazer todas as raparigas e mulheres sauditas com problemas para o meu palácio. Encontraremos outras soluções para outras mulheres. Mas este caso é único. Há duas meninas gémeas envolvidas, e as dificuldades são mais complicadas do que o habitual. Se forem tiradas à mãe, as meninas podem ser separadas, o que seria aterrorizador para elas. Prometo-lhe que encontraremos respostas diferentes para cada caso. Mas, por agora, vamos celebrar esta oportunidade que me é apresentada de mudar a vida de Fatima e das filhas de uma forma extraordinária.

A Dr.^a Meena sorriu pela primeira vez desde que eu a conhecia. – Tem razão, princesa. O caso de Fatima é distinto de todos os outros.

Agarrou-me no braço e envolveu a minha mão na sua, como se fôssemos amigas de infância. Com uma expressão muito alegre, conduziu-me

novamente à presença de Fatima, dizendo: – Depois, tem de me telefonar e me contar as surpresas maravilhosas que, estou certa, reservou para esta mulher. Ela ganhou a lotaria da princesa Sultana, e por essa razão estou tão feliz como ela ficará.

A pequena Sultana saltou de alegria ao saber que as duas meninas iam ficar com a mãe num lar seguro e que ela ia vê-las de tempos em tempos.

O momento em que me senti mais recompensada foi quando Fatima tomou as duas filhas nos braços e chorou com uma felicidade que eu nunca vira na vida. Olhando para Fatima, que parecia adorável aos meus olhos, apesar dos danos causados ao seu rosto, vi uma mulher que vivia um momento de perfeita felicidade.

A meu ver, não há visão mais gratificante.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DE FATIMA
– E, DEPOIS, DE NOOR

Observar a recuperação física e emocional de uma mulher que conheceu apenas a negligência e a exploração desde o momento em que nasceu provou ser uma das maiores alegrias da minha vida. Fatima entrou no meu palácio a precisar de cuidados médicos; estava, emocionalmente, tão destruída que tinha medo de todos os sauditas. Pressenti que ela tinha medo de mim e da minha família, embora o nosso único desejo fosse garantir o seu bem-estar, salvá-la de ser novamente violentada e trazer alegria à sua vida. Em vinte anos de abusos, as emoções de Fatima tinham sido maltratadas. A alegria de viver nunca despertara nela quando era rapariga, por isso as suas únicas emoções eram o medo e o terror. Nenhuma outra sensação parecia manifestar-se; muito menos dar azo a esperança ou alegria. Durante a vida inteira, nada agradável lhe acontecera, embora ela tirasse muita gratificação do amor que mostrava pelas filhas gémeas. Mas, até então, a enorme devoção que nutria pelas meninas estava minada de preocupação pelo que poderia acontecer-lhes na Arábia Saudita: sendo raparigas pobres de uma família como a dela, seguramente percorreriam o mesmo caminho de dor e sofrimento.

Mas há alturas em que nós, humanos, temos de atravessar, cheios de angústia, um beco escuro para encontrar alegria no outro lado. Felizmente, foi isso que aconteceu a Fatima. Embora tenha sido obrigada a deixar o seu lar e a sofrer duramente, as suas provações haviam-na trazido, com as filhas, à porta do meu palácio; aqui, seriam muitas as oportunidades que se abririam para ela e as filhas.

Antes de a Dr.^a Meena e Nadia se irem embora, naquele dia, pensei em pedir a Fatima para lhes dar informação sobre o antigo marido e a rapariga com quem ele se casara, que por certo se via continuamente sujeita a uma tortura semelhante à que Fatima suportara. Se possível, pensei que podíamos salvar também essa jovem, embora a Dr.^a Meena parecesse inquieta com o meu plano, recordando-me calmamente que existia um vasto número de raparigas e mulheres para salvar sem irmos a aldeias e entrarmos em casas alheias.

A Dr.^a Meena conquistara o meu respeito desde o nosso primeiro encontro, pois eu sabia que ela sempre falaria honestamente quando discordasse dos meus planos. Garanti-lhe que não faria nada que atraísse a atenção do governo nem das autoridades religiosas, mas recordei-lhe que uma jovem estava a ser violada e espancada por um homem brutal. Sei como é que esses homens reagem quando lhes oferecem dinheiro, por isso pensei persuadir o meu marido a enviar um dos seus assistentes para salvar a rapariga e quaisquer filhos que pudesse ter. Embora a Dr.^a Meena não estivesse convencida, concordou que Nadia podia usar a sua posição nos serviços sociais para encontrar a rapariga, se possível.

Depois de a Dr.^a Meena e Nadia se irem embora, com planos para voltarmos a encontrar-nos dentro de algumas semanas, Fatima ficou nervosa, pois eu era uma desconhecida para esta mulher. Disse a Amani que chamasse Selma, uma das nossas cozinheiras do Egito, e Haneen, uma ama da Jordânia de reconhecido talento que vive em minha casa e ajuda quando os meus principezinhos, os meus netos, fazem visitas prolongadas. Eu sabia que ambas as mulheres podiam ajudar a acalmar Fatima, pois esta mostrava-se assustada e não sabia o que esperar daquela nova experiência. Sabia que ela precisava de estar acompanhada por quem pudesse comunicar facilmente com ela.

Quando conheceu as gémeas de Fatima, a pequena Sultana comportara-se como uma pequena mãe. Acalmada a excitação, ficou entusiasmadíssima por saber que as meninas iam ficar algum tempo na casa da avó. Quando chegou a altura de se ir embora com o pai, que viera buscá-la, convenceu calmamente o meu filho de que o seu trabalho não estaria concluído até as gémeas terem comido o jantar e tomado banho para ir para a cama. O meu filho olhou-me comovido e disse: – Mãe, vejo que a minha vida terminará como começou, a viver num palácio com uma mulher determinada a salvar

todos os necessitados.

– Há coisas piores, meu filho – repliquei, com um sorriso.

E, assim, Abdullah telefonou a Zain e a minha nora concordou com a ideia de a pequena Sultana passar a noite na nossa casa.

Embora Fatima tivesse aterrado numa vida que nunca poderia ter imaginado, eu estava muito preocupada com o seu estado de espírito, pois ela apresentava-se mais nervosa a cada minuto que passava. Percebi rapidamente que a presença da Dr.^a Meena e de Nadia a acalmara e desejei ter-lhes pedido para ficar um pouco mais. Tornou-se evidente que eram coisas de mais a acontecer para a jovem mãe, com demasiada rapidez.

Vi que o olho esquerdo de Fatima piscava e as suas mãos tremiam. A sua voz falhava quando respondia a perguntas. Num momento parecia entusiasmada e, no outro, mostrava sinais de terror. Tenho a certeza de que ela nunca tinha estado dentro das paredes de um palácio; vi os seus olhos crescerem de espanto ao varrerem as nossas salas enormes com as suas mobílias e decorações luxuosas. Tive mesmo receio de que ela desmaiasse.

Quando foi apresentada a Selma e a Haneen, Fatima ficou ainda mais perturbada. Olhou para mim, virou-se de costas e falou num sussurro receoso.

Haneen pareceu baralhada por um momento, mas depois sorriu e fez uma festa no ombro de Fatima, dando a resposta alto o suficiente para eu ouvir.

– Claro que não somos escravas neste palácio, Fatima. Trabalhamos para a princesa e a sua família. Eu adoro o meu trabalho e sou livre de ir embora quando quiser.

Pobre Fatima! Receava que fôssemos aprisioná-la. Quis aproximar-me dela e tranquilizá-la, mas não o fiz. Quanto mais cedo estivesse confortável no seu próprio quarto, mas rapidamente Fatima se acalmaria. Temos muitos quartos no nosso palácio de Riade que não estão a ser usados e um destes, de tamanho generoso, passou a ser o de Fatima e das suas filhas.

Selma e Haneen foram instruídas a deixar os seus deveres habituais durante alguns dias e ajudar Fatima e as meninas a instalar-se. Ambas pareceram satisfeitas com as suas novas circunstâncias, pois estão acostumadas à minha maneira de agir; já me disseram que o seu trabalho nunca é aborrecido, pois nunca sabem ao certo o que vão fazer cada dia. Eu sei que Selma gosta da sua função de *chef*, por isso disse-lhe que ficaria encarregada de preparar a comida de que Fatima e as meninas gostavam e

depois ajudar Haneen a acolher as nossas convidadas.

Amani ocupou-se a tirar as medidas de Fatima e das raparigas, porque estavam a precisar de roupa nova. As três trajavam muito simples, e a minha filha reparara que tinham rasgões e buracos na roupa e que as solas das sandálias delas estavam quase rotas. Temos sempre muita roupa e calçado novos num armário grande, numa área próxima do alojamento dos criados, no caso de aqueles que trabalham para nós não terem fundos para comprar o vestuário necessário, particularmente quando começam a trabalhar no palácio. Conservo também uma coleção de roupas e sapatos de criança, assim como bandoletes e outros acessórios, pois há alturas em que sei de crianças necessitadas e nunca me furto a ajudar quando há crianças envolvidas.

Haneen e a pequena Sultana levaram as filhas de Fatima para o quarto de banho grande, o que provocou muitas exclamações excitadas por parte das crianças. Gostaram particularmente dos pequenos camelos de borracha e das pequenas ovelhas que as aguardavam. As suas mãozinhas brincaram com os animaizinhos de brinquedo na água quente do banho. Foi deitada uma água de cheiro no banho que produziu muitas bolhinhas, o que deu azo a ainda mais excitação.

Aquela alegria infantil trouxe grande felicidade à pequena Sultana, assim como aos adultos que observaram aquelas raparigas inocentes, que provavelmente nunca tinham tomado um banho semelhante nem tinham tido brinquedos novos nos seus três anos de vida. Reparei que o vestido da pequena Sultana já estava ensopado antes de me retirar, mas não me importei. A minha neta encontrava-se alegremente dedicada a ajudar os outros, e eu nunca senti tanta certeza de que ela fará da caridade pela humanidade o trabalho da sua vida, como desejo.

Deixei Fatima nas mãos competentes de Selma e agradei a Amani por se responsabilizar por reunir as toalhas e roupas necessárias para a nossa convidada e as suas filhas. Amani tinha o ar de uma mulher compassiva em missão quando a deixei para me retirar para o meu quarto, para descansar durante algumas horas antes de Kareem chegar a casa de um comprido dia no escritório. O meu marido raramente se queixa do meu trabalho de caridade a não ser que eu fique exausta, o que me deixa fisicamente incapaz de relaxar com ele depois de um dia de trabalho e de conversar sobre os assuntos da família. Eu sabia que ele tinha tido várias reuniões importantes naquele dia e

que gostava de partilhar a informação comigo. Também queria saber mais de Fatima e das suas meninas, para podermos discutir várias opções sobre ela e tomar uma decisão final quanto à sua residência permanente.

Regressada aos meus aposentos, relaxei com um banho reconfortante e, depois de vestir uma túnica do tipo quimono confortável que Abdullah me comprara quando estive no Japão, escovei os meus longos cabelos. Concluída esta demorada tarefa, deitei-me na cama, pensando não em dormir mas apenas em descansar os olhos.

Várias horas depois, acordei com pequenos beijos na testa e nas faces e depois nos lábios. Kareem encontrava-se em casa e de excelente bom humor, porque o seu dia tinha sido invulgarmente proveitoso. Também passara algum tempo na companhia de Abdullah, de manhã. O nosso filho é o melhor amigo do meu marido, e Abdullah sente o mesmo pelo pai.

Fiquei ainda mais feliz por ver o meu marido pois, pela primeira vez nas nossas vidas, eu sabia que ele tinha compreendido finalmente a importância do trabalho que eu fazia, que cada mulher salva melhorava o mundo em que vivíamos. Há anos que pregava que cada mulher perdida era um mal para todos, e agora finalmente o meu marido parecia compreender.

Kareem e eu tomámos café juntos e, depois, ele incentivou-me a chamar Amani e a pequena Sultana para passar algum tempo com ele, enquanto eu ia ver como estavam Fatima e as raparigas.

Poucos minutos depois, a pequena Sultana entrava a correr nos nossos aposentos, para partilhar connosco o entusiasmo que sentia com as nossas visitas. Vi com satisfação que Amani lhe vestira roupas secas, embora fossem pequenas de mais e não combinassem. Era óbvio que Amani se limitara a retirar uma roupa dos alojamentos dos empregados, mas a pequena Sultana estava feliz como eu nunca a vira.

A minha neta puxou-me pela mão, dizendo-me: – *Jaddatee*, a Afaf e a Abir não sabiam que a bola de gelado redonda era de comer! Pensaram que as bolas de gelado eram brinquedos. Atiraram com elas à tia Amani. Vês o vestido dela? Ficou sujo.

– Oh, estou a ver – disse eu, examinando o vestido de Amani. Tinha o corpete sujo de manchas de morango e chocolate. Amani está sempre imaculada – não suportava usar roupas com manchas, mesmo em criança –, mas agora sacudia os ombros de indiferença e sorria.

Quando me preparava para sair, ouvi a pequena Sultana, toda

entusiasmada, contar ao avô que estava a ajudar a salvar duas meninas pequenas e que queria que aquelas meninas que tinham o mesmo rosto e o mesmo cabelo saíssem da nossa casa para irem viver no palácio do pai e da mãe dela.

A pequena Sultana ficou muito impressionada com as gémeas. Eu não perguntara os nomes delas, mas agradou-me saber que Fatima chamara Afaf, casta ou pura, e Abir, séria e linda, às suas meninas.

Quando entrei no aposento ocupado por Fatima e as meninas, Haneen veio ter comigo com um dedo pousado nos lábios. – As gémeas adormeceram finalmente – sussurrou. – Ficaram exaustas, depois dos banhos demorados e de um jantar completo.

– Fatima comeu, também?

– Alguma coisa. Ela parece muito abalada, princesa. Julgo que precisa de ir ao médico.

– Claro. A Fatima e as duas filhas farão um exame médico completo amanhã.

– Ela ainda está muito nervosa.

– Não é de admirar. A Fatima teve uma vida horrorosa. Nunca pôde confiar nos seus familiares. A visão de todos estes estranhos a tentar ajudá-la deve ser muito intimidante. Espero que tenha conseguido tranquilizá-la quanto a não ser uma escrava.

– Oh, claro, princesa – garantiu Haneen com um grande sorriso. – Fez-me muitas perguntas. Estava preocupada em saber se a princesa batia nos criados e ficou muito aliviada quando lhe assegurei que nunca a ouvira levantar a voz para nenhum criado, e que não havia a menor indicação de que já tivesse batido em algum de nós.

– Oh, pobrezinha. Tenho pena pela vida que levou. Mas as preocupações dela terminaram, embora ela ainda não acredite nisso.

Fiquei de coração partido por Fatima. Mal sabia ela que ia ser protegida enquanto eu vivesse e que, a seguir, o meu filho e as minhas duas filhas tomariam conta dela depois de eu já não me encontrar nesta terra. Era maravilhoso saber que uma mulher saudita que fora vítima de abusos não teria de viver novamente com medo.

Entre silenciosamente no quarto delas e espreitei. Fatima dormia. Para se sentir segura, imagino, colocara uma filha de cada lado, e na mesma cama. Não a censurava. Fatima estivera muito perto de perder as filhas por conta

da burocracia cega do governo.

No dia seguinte, Amani marcou várias consultas com os seus médicos pessoais. A minha filha tem boas relações com vários dos médicos do palácio, por isso eles marcaram uma consulta especial, para Fatima ver uma médica interna do Egito e para as gémeas serem examinadas por uma das melhores pediatras da Arábia Saudita, uma mulher encantadora de Inglaterra.

Ficámos aliviados ao saber que Fatima não fora diagnosticada com nenhuma doença grave, mas não nos surpreendeu saber que tinha muitas lesões antigas, por ser espancada pelo marido, incluindo costelas, uma mão e o nariz partidos; as fraturas não tinham sido devidamente curadas e os ossos não tinham ficado no sítio. Ela teria dores na mão para sempre, se o osso não voltasse a ser partido e não fosse recolocado. Precisava igualmente de tratamento dentário completo, pois o marido partira-lhe mais de dez dentes.

Disse a Amani para transmitir aos médicos que Fatima sairia em breve do reino e que lhes pedia referências para onde quer que ela fosse. Queria que compusesse o nariz, que os ossos da mão fossem acertados, os dentes reparados e tudo o mais que fosse preciso.

A juventude, graças a Alá, é muito resiliente, e ambas as meninas eram saudáveis, se não contássemos com os parasitas que as infestavam, o que não é incomum nas famílias pobres do meu país. Receberam os remédios adequados e os médicos disseram-me para não me preocupar com a pequena Sultana, pois era improvável ela ter sido infetada. Ainda assim, liguei para Zain, para que a pequena Sultana fosse examinada pelo mesmo pediatra.

Uma das meninas precisava de óculos, enquanto a outra tinha uma visão perfeita. Sempre julguei que as gémeas idênticas eram iguais em tudo, por isso esta informação foi uma novidade para mim.

Ao longo das semanas seguintes, Fatima ficou psicologicamente mais calma, pois foi constatando que se encontrava de facto segura e que Kareem e eu falávamos a sério; não tinha de voltar a recear ficar sem abrigo, ou que lhe tirassem as filhas. Nunca mais teria de se preocupar com a possibilidade de ser abandonada. Podia trabalhar para nós durante o resto da sua vida, embora quiséssemos que ela descansasse o corpo maltratado durante alguns meses antes de se tomarem quaisquer decisões acerca do seu futuro.

Quando se encontrava mais descontraída, perguntei-lhe: – Fatima, gostaria de voltar a pensar em casamento, um dia?

Fatima retraiu-se visivelmente, fixando-me com os olhos arregalados e a boca aberta. Era como se receasse que eu tivesse perdido a cabeça e pudesse tornar-me perigosa. Engoliu em seco com tanta força que lhe ouvi sons a sair da garganta. Por fim, respondeu com uma voz fraca: – Não, princesa. Não, por favor. Já tive um dono. Não quero que mais homem nenhum mande em mim. Não.

– Mas és tão nova, Fatima. E nem todos os homens são como o teu ex-marido.

A pobre Fatima indicou o rosto com um gesto, passando os dedos pelo nariz grande e torto. – Com esta cara feia, princesa, marido nenhum vai gostar de mim como o seu marido gosta de si. Não, princesa, não é possível. Tudo o que eu quero desta vida é não viver com a preocupação de que me batam, de ter fome ou de que alguém me tire as minhas filhas. Serei a mulher mais feliz do mundo se este puder ser o meu futuro.

Aproximei-me de Fatima e abracei-a com ternura. – Tens a minha palavra, Fatima. Se é essa a vida que queres, é o que terás. – Que maravilhoso era saber que uma mulher que já se intitulara a mulher mais infeliz do mundo tinha agora a oportunidade de ser a mulher mais feliz do mundo. Ia certificar-me de que esta seria a nova realidade de Fatima.

– Obrigada, princesa. Obrigada. Salvou-nos a todas – afirmou, olhando para as filhas com um sorriso tão doce e tão cheio de amor que se fez tão bonita quanto uma mulher pode ser, aos meus olhos.

Incentivei Fatima a levar todo o tempo de que precisasse para descansar o corpo maltratado, enquanto dedicava cada momento às suas meninas. Era uma verdadeira recompensa ver uma jovem mãe brincar com as filhas com tanta alegria. Quando contratei um tutor para começar a dar aulas às gémeas, Fatima perguntou se podia acompanhá-las, pois nunca fora à escola e achava que era uma boa oportunidade para aprender a ler e a praticar os números.

Três meses depois de Fatima e as meninas virem viver para a nossa casa, discutimos todas as opções com ela, mas pedimos-lhe que tomasse a decisão sobre onde queria viver. Ela pensou na sua situação durante algumas semanas antes de nos apresentar uma resposta, dizendo que, se fosse possível, gostaria de ficar na Arábia Saudita, pois já conhecia o país e tinha medo de ir para Inglaterra ou para o Egito ou para outra terra estranha.

Por esta altura, já toda a família ganhara afeto a Fatima e às suas preciosas meninas. Depois de várias discussões familiares, convidámos Fatima a viver

no nosso pequeno palácio de Taif, para que conseguíssemos acompanhar o seu estado, assim como o das filhas, para as quais todos desejávamos uma boa educação. Amani mencionara que ambas as raparigas mostravam sinais de grande inteligência apesar da sua juventude, e que acreditava que devíamos prepará-las para um nível alto de educação. Talvez, como acontecera com a Dr.^a Meena, também elas pudessem alcançar um grande nível académico, um dia.

E porque não? A Dr.^a Meena concretizara aquele valoroso objetivo sem o patrocínio de uma princesa. Com o nosso apoio, as gémeas podem perseguir os seus sonhos, sejam eles quais forem.

Por isso, é com satisfação que informo que uma jovem chamada Fatima nos ajuda enquanto a ajudamos, pois é uma das empregadas mais leais e diligentes que tivemos o prazer de contratar. É tão eficiente que passou a ser a supervisora da nossa casa de Taif. Tem boas relações com todos os nossos criados de lá, assim como com os membros da nossa família. Fatima ganha um bom salário e poupa muito do seu dinheiro, pois tem alojamento e comida de graça. As filhas podem ir à escola que desejarem, pois Amani presta apoio financeiro às gémeas.

A pequena Sultana agora gosta mais de Taif do que de qualquer outra das nossas casas de férias, porque afirma ser a responsável pela felicidade de Afaf e Abir, que amam a pequena Sultana como a uma irmã mais velha e não como a neta da patroa da mãe.

Estas interações são boas para os meus filhos e netos, pois foi-nos dado o dom da riqueza sem termos de o conquistar. É nossa boa fortuna Alá ter-nos colocado nesta família. Visto que a riqueza que nos foi dada é imerecida, devemos incumbir-nos de partilhar e de tratar os outros com a mesma dignidade e respeito que nos são dedicados. Estas relações corteses com aqueles que trabalham para nós ajudam a manter os meus filhos e netos com os pés no chão. Afinal, enquanto muçulmanos, é-nos ensinado que não somos melhores do que qualquer outro homem ou mulher, e que nenhum homem ou mulher é melhor do que nós.

É bom seguir estes ensinamentos, e melhor ainda se acreditamos que são verdadeiros. Como eu acredito.

* * *

Alguns dias depois de termos instalado Fatima e as meninas, recebi um telefonema inesperado da Dr.^a Meena. Pediu-me que me dirigisse ao seu gabinete do hospital para poder encontrar-me com mais uma saudita que estava na sua consulta externa.

– Essa pobre mulher tem necessidade de ajuda imediata? – indaguei, pois encontrava-me a meio de uma manhã muito ocupada.

A Dr.^a Meena fez uma pausa longa. – Princesa, acredito que deve conhecê-la pessoalmente e decidir por si própria. Por favor, pode dispensar só uma hora do seu dia para vir ter comigo?

Sabendo que a Dr.^a Meena não era mulher de insistir a não ser que tivessem necessidade de mim, acordei em organizar o meu dia para poder deixar o palácio e ir ao hospital assim que fosse possível.

Adiei os projetos que agendara e, algumas horas depois, regressei ao hospital onde a Dr.^a Meena trabalha. Mais uma vez, dei por mim a caminhar pelo longo corredor, examinando as misteriosas figuras tapadas pelas *abayas* e véus pretos que tratavam dos seus afazeres. Uma mulher caminhava lentamente à minha frente, de pés rugosos enfiados em sandálias de plástico que batiam no chão duro de tijoleira. Outra mulher, beduína, usava um véu de rosto que tinha uma pequena abertura pela qual vi o brilho inflexível dos seus olhos negros.

Tal como eu, quase todas as pessoas à minha volta estavam completamente envolvidas em preto. Esperei sinceramente que a maior parte fossem mulheres felizes que se sentissem como eu, que era uma mulher com uma vida cheia e que tencionava usar o véu apenas até esta tradição acabar em Riade e noutras cidades conservadoras.

Não demorei a avistar Nadia. Trazia a *abaya* e o lenço na cabeça mas estava sem véu. Aquela visão deixou-me feliz. Nadia rebelava-se contra o costume do véu. Caminhou depressa na minha direção, claramente impaciente por me ver chegar. Estava na expectativa de ver a Dr.^a Meena, mas cumprimentei Nadia educadamente antes de perguntar: – A situação da pobre mulher piorou?

Nadia presenteou-me com um sorriso largo, que eu senti ser desadequado àquelas circunstâncias, de emergência. Mas fechei bem os lábios e não apresentei qualquer crítica.

– Não, princesa. A mulher está bem, por agora. – As palavras que Nadia proferiu a seguir pareceram-me estranhas. – Embora a família dela possa

estar em perigo.

– O quê? – Aquela incursão tornava-se um mistério. De que falava Nadia?

– Por favor, princesa, venha comigo até à consulta externa, onde a Dr.^a Meena aguarda com a mulher. O nome dela é Noor.

Segui a indicação de Nadia, embora o caso se tornasse mais intrigante a cada segundo que passava. Eu estava cada vez mais interessada em ouvir a história. Alguns minutos depois, ao aproximarmo-nos da consulta externa do hospital, com todos os gabinetes dispostos em linha a partir do corredor principal, ouvi uma voz forte de mulher a vociferar de raiva.

– É a Noor, princesa – disse-me Nadia.

– Oh? – comentei. Não compreendia exatamente o que estava a ser dito, mas presumi que a pobre mulher, tendo sofrido abusos e vendo-se agora na companhia de pessoas dispostas a protegê-la, ganhara coragem para se defender do marido.

Nadia acompanhou-me ao pequeno gabinete da Dr.^a Meena, despedindo-se em seguida com um gesto apressado. A porta adjacente, que dava para um consultório, estava aberta. Diante da porta do gabinete, eu não estava preparada para o que vi. Um homem de etnia beduína, robusto, vestido com um *thobe* branco sujo e um *shemag* desalinhado (o tradicional lenço de xadrez vermelho e branco usado pelos homens sauditas), estava afundado numa cadeira, com a cabeça a pender sobre o peito, parecendo ter morrido de repente. Teria sido vítima de ataque cardíaco? Inspirei profundamente quando vi fios de sangue a escorrer-lhe pelo pescoço até ao braço. O homem estivera envolvido numa luta, e o mais provável era ter sido num ataque a uma mulher indefesa!

Ele não podia ver o meu rosto, mas eu conseguia ver o dele. Estava marcado por grandes cicatrizes, indicando um caso sério de acne juvenil não tratado. Quando saiu da sua apatia e me deitou um olhar, vi que tinha a parte branca dos olhos vermelha. Parecia cansado, mas encontrou energia para me sorrir, desafiador, sussurrando: – É você a princesa?

Bom, eu não ia honrar a pergunta dele com uma resposta! Tratava-se obviamente de um daqueles homens que se orgulham de maltratar as mulheres da sua família. Devolvi-lhe um olhar duro, mas, devido ao pano que me tapava o rosto, foi-lhe poupado vê-lo.

O ouvido da Dr.^a Meena é com toda a certeza excecional, pois chamou: – Por favor, entre.

Naquela altura, a minha curiosidade já estava no auge. Fiz o que a Dr.^a Meena pediu. Ela estava sentada ao lado de uma paciente cujo rosto se encontrava coberto de rugas. Na Arábia Saudita, estas características não devem ser usadas para adivinhar com certeza a idade de uma mulher, pois muitas das nossas mulheres envelhecem cedo. Pareceu-me que deveria ter cinquenta anos ou mais. Envergava um vestido de algodão vermelho com padrões bordados de cores vivas no corpete. Tinha um lenço preto enrolado à volta do pescoço.

A mulher, sentada com os pés nus a pender da maca, tinha uma expressão amarga. As suas mãos ásperas e castanhas estavam apertadas à frente do peito; parecia segurar um braço magoado e arranhado. Os meus olhos desceram para os seus pés descalços, que precisavam desesperadamente de atenção, pois a pele estava dura e viam-se pedaços em que estava grossa e seca; tinha as unhas dos pés partidas. O seu aspeto geral era de uma mulher magra, seca, com pouca carne nos ossos.

Estava diante de uma beduína. Era seguramente a mulher da besta sentada no corredor. Os meus primeiros pensamentos foram que tinha sido chamada para ajudar a salvar aquela mulher, que provavelmente tinha sido sovada, ou pior ainda, pelo marido, embora eu não visse sinais de agressão. A sua tez avermelhada não ostentava ferimentos nem cicatrizes. Quando os meus olhos lhe examinaram o resto do corpo, vi que tinha sangue seco nas mãos, provavelmente feridas defensivas, pensei.

– Princesa, obrigada por ter vindo.

– Sim, Dr.^a Meena, claro.

A Dr.^a Meena indicou a mulher com a cabeça. – Esta senhora chama-se Noor. O seu marido, Muhammad, está à espera dela na outra sala.

Olhei para a mulher chamada Noor, ergui o véu e sorri.

Ela não devolveu o meu sorriso, pobrezinha. Recuperava sem dúvida da agressão física mais recente.

– Qual é o problema, doutora? – perguntei, sentindo a raiva crescer dentro de mim.

Noor interrompeu-nos com brusquidão e, esticando o dedo para a porta aberta, naquele que é um gesto terrivelmente ofensivo para qualquer saudita, disse alto: – O problema é aquele preguiçoso. Chegou a altura do divórcio.

Não houve resposta da parte do marido, Muhammad.

Noor berrou, arfando de raiva: – Dormes, meu asno?

A Dr.^a Meena interveio. – Noor, por favor, estamos aqui para resolver problemas. Não crie problemas novos.

O olhar de Noor fixou-se na Dr.^a Meena. – Mas ele é um asno! – exclamou.

Ouvi um riso baixo e uma voz masculina, que disse: – Nunca te darei o divórcio, Noor, nunca. Serás minha mulher até ao dia em que eu morrer.

Com um aceno desdenhoso das mãos castanhas, ela gritou uma ordem: – Exijo ter o divórcio!

Eu estava a ficar desorientada com a cena que se desenrolava perante mim, e coleí a mão à testa, perguntando-me o que se passaria. E porque fora chamada.

Uma versão mais jovem de Noor entrou na sala. Acenou com a cabeça e sorriu, mas não falou. Colocou-se mais perto da mãe. Noor não pareceu reparar na filha.

A Dr.^a Meena foi até à porta aberta e disse algumas palavras em voz baixa ao marido de Noor, para depois a fechar.

Com a garantia de privacidade, retirei completamente o véu.

– O que é que ele fez a esta pobre mulher? – interroguei.

– Princesa, por favor, sente-se um momento – instruiu a Dr.^a Meena, indicando uma mesa pequena e duas cadeiras. – Vou sentar-me consigo e, por favor, perdoe-me ter interrompido o seu dia com uma situação incomum.

Encolhi os ombros mas não falei, voltando a mirar o rosto amargo de Noor, que de repente parecia querer sair da maca.

– Por favor, Noor. Fique sentada. Dê-nos um momento.

Noor cessou os seus esforços a contragosto e retomou, relutantemente, a posição anterior, sentada e imóvel.

A Dr.^a Meena parou de falar em árabe, começando a comunicar comigo em inglês, para as nossas palavras serem confidenciais.

– Princesa, por favor perdoe-me por lhe contar a história de mais uma mulher, mas a Noor está muito agitada. A filha dela é muito impetuosa, também. Ambas as mulheres são tão emotivas que, depois de começarem, não conseguem parar de falar.

– Por favor, doutora, pode continuar.

– Princesa, tal como falámos, o nosso objetivo é ajudar as raparigas e mulheres sauditas a escapar de relações abusivas. Também empregamos a nossa energia para salvar meninas do casamento e, muito importante, para as

manter na escola. Esta grande tarefa pode ser deprimente para todas, por tantas histórias trágicas que existem de mulheres sauditas. Embora saudemos as nossas vitórias, com jovens como a Nadia ou a Fatima e as suas filhas, todas sabemos que enfiar os nossos pequenos dedos nos buracos do açude da miséria humana não consegue impedi-lo de transbordar e que há muitos milhares de jovens e mulheres que é impossível salvar.

A Dr.^a Meena franziu os lábios e desviou o olhar, escolhendo as palavras com muito cuidado. – Princesa, embora ambas saibamos que são as raparigas e mulheres que mais precisam, não será que nos devíamos comprometer a ajudar uma mulher que se colocou a si própria numa situação de violência e possivelmente se tornou um perigo para os outros?

– O que diz, Dr.^a Meena? – perguntei, desorientada como nunca me senti na vida.

– Peço desculpa por a confundir, princesa – interveio a Dr.^a Meena. – Chamei-a aqui hoje para me ajudar a resolver um problema muito incomum. Acredito que, juntas, podemos impedir um assassínio.

– Um assassínio?

A Dr.^a Meena olhou para Noor, depois para mim.

– Quem – interroguei – corre o risco de ser assassinado? Esta beduína?

– Talvez – respondeu a Dr.^a Meena. – Ou talvez a vítima seja o marido.

Achei difícil acreditar naquele cenário. O marido beduíno de Noor era um homem enorme que parecia muito musculado, ao passo que Noor era uma mulher pequena.

A Dr.^a Meena dirigiu-me um olhar forte e seguro. – O que se passa é o seguinte. Temos dois abusadores e dois abusados nesta relação. Realmente, não sei quem ajudar, ou quem proteger. Noor não é uma mulher muito agradável, mas é muito trabalhadora e arruinou a saúde a sustentar um marido preguiçoso e os quatro filhos deles. Muhammad é um homem manipulador e é culpado de abusos psicológicos e físicos.

Os meus olhos arregalaram-se de espanto.

A Dr.^a Meena observou Noor e a filha durante um breve período antes de continuar com a sua bizarra história. – Princesa, permita-me que lhe conte a história da Noor.

Acenei levemente com a cabeça.

– A Noor é uma verdadeira viajante do deserto, uma rapariga beduína. Acredito que foi formada pela sua herança genética e por um ambiente rude.

Na sua juventude, a família era nómada, passando apenas a parte mais quente do ano nos oásis e mudando-se para o planalto em busca de erva para os animais na parte final do inverno e no início da primavera. É uma de quatro filhas de nove irmãos. Diz que, quando chegou aos dez anos, o pai fez a observação de que ela era mais forte, mais rápida e mais esperta do que os cinco irmãos.

«Devido às suas diversas capacidades, e por ordens do pai, nunca foi dado trabalho de mulher a Noor, o qual, como sabe, teria consistido em levantar tendas, cozinhar e tratar das colheitas quando se encontravam numa área fértil onde podiam cultivar algum milho-miúdo, alfafa ou trigo. Noor fez trabalho de homem desde pequena, altura em que a fizeram encarregada dos camelos valiosos. Aos irmãos, mandou-se que tratassem das cabras e das ovelhas.

«As consideráveis capacidades de Noor constituíram uma surpresa para a família inteira e para a sua tribo. Mostrou ter uma relação especial com os animais e pressentir instintivamente problemas de saúde ainda antes de aqueles mostrarem sinais de mal-estar. Para surpresa de todos, em breve Noor ajudava a diagnosticar e a tratar animais com o veterinário da aldeia beduína.

«Tal como outras raparigas e mulheres beduínas, Noor usava o véu quando a família vinha a Riade vender alguns artigos para mulheres, mas, quando se encontrava na aldeia, Noor recusava-se a cobrir o rosto. Afirmava que lhe prejudicava a capacidade de reparar carrinhas e de cuidar do gado.

«A filha dela diz que nenhum homem tinha coragem para a confrontar, embora ela fosse mulher e jovem. Aqueles que a conheciam da juventude diziam que só vendo era possível acreditar nos seus acessos de mau-humor. Testemunhas afirmaram à filha de Noor que as reações da mãe eram tão ferozes que se temia a sua violência. Sabe-se lá o que ela seria capaz de fazer.

«Ainda assim, sabemos que as beduínas conseguem ter uma vontade muito forte e algumas delas não usam véu, quando estão nas suas aldeias ou a trabalhar nos campos.

«Segundo o que a filha me contou, quando Noor tinha treze anos o pai começou a tratá-la melhor do que tratava os filhos; na verdade, começou a favorecê-la claramente em detrimento destes.

«Nessa altura, a família já era seminómada, vivendo durante a maior parte

do ano numa pequena aldeia num oásis não muito longe de Riade. Os irmãos eram os filhos mais velhos e encontravam-se já todos casados, com famílias próprias. Todos os irmãos de Noor tinham encontrado emprego na indústria petrolífera e tinham-se mudado para o outro lado do país, onde se situava o trabalho.

«Depois de a família se instalar numa aldeia, a mãe e as irmãs de Noor aprenderam um novo ofício, a arte de fazer joalheria beduína em prata. Nessa altura, já muitos estrangeiros vinham para o reino, para trabalhar nas nossas escolas e hospitais, e, como sabe, as estrangeiras adoram a joalheria beduína. Por isso, a riqueza da família floresceu em comparação com a forma como viviam quando eram nómadas. O pai de Noor usou algum do rendimento da família para comprar uma carrinha *Toyota* branca.

«No início, era o pai de Noor que a conduzia sempre. Depois, ele sofreu um AVC, pouco antes de fazer cinquenta anos. Sem filhos que vivessem perto para assumir a responsabilidade, incentivou Noor a aprender a conduzir. Noor aprendeu sozinha e, apesar de afirmar ser uma condutora exímia desde o momento em que pôs as mãos no volante pela primeira vez, a filha revelou que, durante o período de aprendizagem, Noor atropelou acidentalmente um casal beduíno e duas crianças pequenas. Felizmente, viajava a uma velocidade muito reduzida, por isso ninguém ficou seriamente magoado. Mas matou algumas cabras e um cão.

«A princesa e eu sabemos que não é invulgar estas beduínas determinadas aprenderem a conduzir quando são crianças, e a transportar gado e produtos para as quintas da família nas aldeias pequenas.

Concordei com um aceno de cabeça. Já vira beduínas ou camponesas a conduzir carrinhas e automóveis em várias regiões da Arábia Saudita. Existiam muitas quintas na área de Taif e não era inusitado vê-las a ajudar os maridos ou os pais, transportando produtos em estradas rurais. Devido às localizações remotas, as autoridades governamentais escolhiam ignorar a sua obstinação.

A Dr.^a Meena prosseguiu com a sua história tão interessante: – Noor era diferente das outras raparigas em vários aspetos. Tinha uma capacidade especial para conduzir e rapidamente passou a ser vista como um dos condutores mais capazes da aldeia. Noor também tinha um talento natural para tudo o que era mecânico. Rapidamente se ficou a saber na tribo que ninguém consertava um veículo como a rapariga Noor. Os jovens começaram

a reparar em Noor, que não era uma beldade mas que tinha os seus atrativos e, acima de tudo, a capacidade de resolver qualquer coisa que precisasse. Os jovens compreenderam que uma mulher assim aumentaria a sua capacidade de sucesso. Talvez um homem pobre pudesse tornar-se rico com uma mulher tão prendada.

«Noor ficou tão famosa na sua área que o pai recebeu mais propostas de casamento para ela do que para as suas outras três filhas juntas. Embora aquilo fosse muito bom para a família, tanta atenção fez surgir um lado muito egoísta no caráter de Noor. Depressa passou a sentir-se superior a todas as mulheres e todos os homens. Segundo histórias contadas à filha de Noor pela própria mãe de Noor, esta tornou-se uma rapariga difícil. Acredito que se encontrava esgotada pelo trabalho e tão irritada que abusava verbalmente de todas as pessoas da família. Era tão agressiva, na verdade, que ninguém lhe fazia frente. Bom, o pai levava-a a acreditar que era a pessoa mais inteligente e mais capaz da aldeia.

«A família achou que um marido podia refrear alguns dos maiores excessos de Noor, mas ela gostava da vida dela como era e recusou com arrogância as súplicas da mãe para aceitar uma oferta de casamento. O pai sentia uma satisfação secreta, porque tinha receio de perder aquela filha tão competente que conseguia fazer qualquer coisa que decidisse fazer, incluindo regatear melhores preços pelos produtos, conduzir e reparar a carrinha, tratar dos camelos valiosos, e por aí fora.

«Com os irmãos a viver noutros sítios e as irmãs a aceitar propostas de casamento, Noor era a companhia frequente do pai. Os dois tornaram-se tão próximos que este dependia de Noor para tratar de grande parte das tarefas diárias, da mesma forma que a maioria dos pais depende dos filhos preferidos.

«Por fim, alguns anos antes de o pai de Noor morrer, a filha concordou relutantemente em casar, mas só se o agraciado assinasse um documento no qual consentisse viver com a família dela e aceitasse outros pedidos invulgares, tais como aquiescer à exigência de Noor de não casar com uma segunda mulher nem esperar mais de três filhos da sua união. Todas estas ideias são completamente absurdas para qualquer homem saudita, e ainda mais para os aldeões simples que eram considerados bons partidos para uma rapariga da aldeia. Então, por mais desejosos que estivessem de casar com a diligente Noor, os pretendentes recusavam-se a ver a sua masculinidade

reduzida publicamente, por concordarem com ultimatos tão pouco habituais. Embora quisessem que Noor trabalhasse para eles, que ela lhes facilitasse a vida, não procuravam uma mulher que mandasse em casa.

A Dr.^a Meena encolheu os ombros. – Isto é, salvo um. Um jovem chamado Muhammad, o homem que viu na sala de espera. Muhammad não hesitou em aceder às exigentes condições de casamento.

Lembrando-me do sangue que lhe vi no pescoço, braços e mãos, indaguei: – Então Muhammad não atacou Noor? Foi ela a causadora dos ferimentos que vi?

– Não é assim tão simples, princesa. É verdade que Noor bate no marido, mas Muhammad também bate em Noor. É uma situação terrível e alguém vai ser morto.

A minha mente não conseguia absorver o que eu ouvia. – Como é que ela bate nele? Ele tem o dobro do tamanho dela.

– Oh, a Noor é muito esperta. Ataca-o quando ele está a dormir, batendo-lhe com tábuas e cravando-lhe as unhas com força.

– A sério? – murmurei por fim. – Que razões apresenta ela para lhe bater?

A Dr.^a Meena suspirou. – Noor quer desesperadamente o divórcio, e Muhammad recusa dar-lho. É muito preguiçoso. Casou com Noor pelas piores razões e passou a sua vida adulta com uma mulher escrava que faz todo o trabalho. Agora que Noor está velha e já não é fisicamente capaz de fazer o trabalho que fazia, Muhammad tornou-se muito cruel e mostra-se mais violento a cada dia que passa. Noor acha que, se lhe bater o suficiente, ele se divorcia dela. Ela sente-se muito cansada de ser escrava de um homem que não levanta um dedo para ajudar.

– Então, ele não se divorcia dela porque precisa que ela faça o trabalho todo? – perguntei.

Claro que, se Muhammad quisesse o divórcio, seria muito simples. Qualquer homem saudita pode divorciar-se facilmente da mulher; basta dizer-lhe três vezes que se divorcia dela. Depois, tem de notificar as autoridades do divórcio. Na Arábia Saudita, o divórcio é uma tarefa muito simples para o homem, mas revela-se muito mais difícil para a mulher. A sociedade geralmente volta-se contra uma mulher que procure divorciar-se, e é frequente os clérigos recusarem o seu pedido, dizendo-lhe para ir para casa e tratar de fazer o marido feliz. Obviamente, fora o que acontecera à pobre Noor. Não lhe foi permitido deixar o homem que a usara durante a vida

inteira. Estava a ser forçada a ficar com ele.

Olhei na direção de Noor. Quando a observei mais atentamente, achei que parecia bastante frágil. Estava seguramente demasiado velha para trabalhar numa quinta. Não admira que estivesse de tão mau humor.

– Realmente não sei o que dizer, Dr.^a Meena.

– Compreendo, princesa. Mas estou preocupada porque a violência tem aumentado. Noor já não é assim tão saudável e não consegue ser a «supermulher» que já foi. Isso causa-lhe frustração, porque é incapaz de fazer o trabalho que costumava fazer. Agora, constata que Muhammad nunca gostou dela. Que só queria que ela trabalhasse para o sustentar a ele e aos filhos.

A Dr.^a Meena parecia pensar alto. – Têm um casamento desequilibrado desde o primeiro dia. Muhammad é uma criatura preguiçosa, que facilmente permite que a mulher mande na família e no negócio, enquanto ele anda pelo acampamento a contar histórias beduínas e a recitar poesia.

A Dr.^a Meena ergueu as sobrancelhas. – A filha diz que os irmãos saíram de lá porque já não conseguiam suportar o conflito entre os pais. Todos os filhos sentem pena da mãe e sentem pena do pai.

«Muhammad admira deveras Noor e acredita que a sua dedicação servil ao trabalho aumenta o estatuto que ele detém na aldeia. Uma das suas histórias preferidas tem a ver com uma das princesas Al Saud que visitou a área para um *majilis*.

Um *majilis* é uma reunião de membros do sexo masculino da família real saudita com cidadãos sauditas de tribos ou aldeias específicas, para ouvir as suas queixas, aceitar pedidos de assistência financeira ou gerir disputas de terra. Os *majilis* são muito informais, pois o Alcorão ensina-nos que todos os homens são iguais, por isso nestas reuniões os homens sentem-se à vontade para tratar o príncipe pelo primeiro nome.

– Sim, claro – respondi à Dr.^a Meena.

– Parece que, quando o príncipe estava a tomar café com os homens da aldeia, Noor irrompeu pela assembleia, deixando o príncipe estupefacto quando começou a descompor os líderes da aldeia, acusando-os de beijar o príncipe quando o viam e de o amaldiçoar quando ele virava as costas. Afirmou que o centro de saúde local era tão mal gerido que os médicos que lá trabalhavam eram inexperientes, e tinham tanta falta de saber que os aldeãos morriam sem necessidade. A língua afiada de Noor não poupou o

príncipe; disse-lhe que tinha recebido cuidados de má qualidade a um problema menor e que tinha tido de se curar a si própria. Disse que conseguia gerir melhor a clínica do que qualquer médico enviado pelo governo. Não soube quando fechar a boca e prosseguiu dizendo ao príncipe que pensava que, com tanta riqueza do petróleo, a família real podia pelo menos geri-la suficientemente bem, de modo a conseguir melhorar os serviços médicos simples das aldeias pequenas.

«Não ajudou a situação que o príncipe, que, felizmente para Noor, por sinal era um homem gracioso e afável, parecesse respeitá-la e até dissesse aos anciãos da aldeia que Noor era uma mulher com boa cabeça e que deviam escutar os conselhos que ela desse.

A minha cabeça fervilhava. De repente, lembrei-me de Sara partilhar uma história sobre Assad, o seu cordial marido. Assad passara várias semanas a ir a *majilis* em mais do que uma aldeia perto de Riade, para manter uma relação próxima com elementos de uma certa tribo. Assad havia dito que, durante a visita a uma das aldeias, uma beduína de génio deixara toda a gente espantada ao interromper o encontro para fazer queixas sobre as instalações médicas disponíveis e a falta de organização dos príncipes reais.

O incidente descrito pela Dr.^a Meena era quase idêntico à cena retratada pelo meu cunhado. Hesitei em partilhar a notícia de que o príncipe envolvido por acaso era casado com a minha irmã, por isso sacudi a cabeça sem falar, malgrado o espanto que sentia por o nosso mundo ser tão pequeno e pela forma como os caminhos humanos se cruzam tão inesperadamente.

A Dr.^a Meena e eu olhámos uma para a outra e, depois, para Noor. Ela sabia que falávamos dela. Eu acenei com a cabeça e sorri, mas ela não respondeu.

A comisseração que sentia pela situação dela aumentou. Embora Noor fosse forte em muitos aspetos e capaz de se valer a si própria, a sua vida fora um suplício de trabalho. Agora, estava velha e era incapaz de manter a rotina habitual. Não podia escapar ao marido – na Arábia Saudita, o marido é o guardião da mulher. Não podia simplesmente deixar a aldeia e partir sozinha. Tal coisa não é permitida no meu país.

– O que propõe que façamos? – quis saber.

– Queria perguntar-lhe a si, princesa, se julgava que o seu marido poderia enviar alguém do governo falar com Muhammad e incentivá-lo a concordar com um divórcio. Se a situação continua a piorar, acredito que Noor ou

Muhammad irão longe de mais na sua violência. Neste momento, Noor usa tábuas e Muhammad usa os punhos. Mas, a certa altura, um dos dois usará algo mais letal, talvez um instrumento afiado, como um punhal. Embora nem tudo neles me agrada, não quero ver nenhum dos dois de mortalha. Se eu não fizer alguma coisa, acredito que ocorrerá um homicídio e quero evitar que tal aconteça.

Hesitei. Nunca um homem saudita que eu conhecesse interviera entre um homem e a sua mulher. A privacidade dos homens relativa aos elementos femininos da sua família é considerada sacrossanta.

– Falarei com Kareem hoje à noite, mas não estou esperançosa, doutora.

– Acredite, eu compreendo – respondeu a Dr.^a Meena.

– Por agora, o que fará?

– Vou admitir Noor durante uns dias, para dar a ambos tempo para se acalmarem. Se o seu marido conseguir pensar em algo que possa fazer para convencer Muhammad a divorciar-se de Noor, então Noor irá viver com um dos filhos. Todos acederam a oferecer-lhe uma cama.

Suspirei e disse: – Então vou, doutora. Obrigada por me chamar. Falarei com Kareem esta noite. Ligo-lhe amanhã a dizer o que ele pensa da sua ideia.
– Quando me preparava para sair, olhei a Dr.^a Meena com empatia, pois sentia que aquela mulher me compreendia melhor do que a maioria das mulheres e eu acreditava que a compreendia a ela. Levantei-me e voltei a colocar o véu e, depois, compus a minha capa exterior.

Saí sem dizer nada a Noor nem à filha, embora sentisse pena das duas.

Quando me preparava para sair da sala, tive um último choque. Todas ouvimos Muhammad gritar a Noor, dizendo-lhe mais uma vez que nunca se divorciaria dela. Noor pareceu acordar de repente e saltou da maca, abrindo a porta de um lance e correndo para o marido. Pôs-se a saltar batendo na cabeça de Muhammad com os punhos fechados. Quando vi que os olhos dela estavam negros e sinistros de ódio pelo marido, compreendi que a Dr.^a Meena estava certa: Noor poderia ser capaz de cometer um assassinio.

Muhammad levantou-se e olhou Noor com desdém – então, acreditei que também ele era capaz de assassinar Noor!

Felizmente, dois dos assistentes da Dr.^a Meena intervieram antes de alguém ficar seriamente magoado. Olhei para trás e deparei com a Dr.^a Meena levantada, de lábios cerrados, a abanar a cabeça de desânimo.

Saí rapidamente da sala, sentindo-me mais confusa do que há muitos anos

me sentia.

Percorrendo o corredor para sair do hospital, o meu coração pesava-me com pensamentos dispersos. Queria gritar com alguém, mas não abri os lábios. O ar do hospital estava parado e quente e, ao fim de alguns passos, comecei a sentir suor a escorrer-me pelo pescoço e pelas costas, pequenos ribeiros que pareciam insetos rastejantes.

Eram tantas as perguntas e os pensamentos que me atravessavam o espírito. Todos os casamentos eram complicados. Até onde deveria ir na minha demanda de salvar mulheres vítimas de abusos? Embora Noor tivesse sofrido abusos psicológicos e agora sofresse abusos físicos, também era culpada de abusos sobre Muhammad.

E se eu tivesse cometido erros no passado? E se tivesse condenado homens que não eram culpados, permitindo a mulheres calculistas refazer ardilosamente a realidade das suas vidas? Toda a minha vida assentou na luta contra homens implacáveis para proteger mulheres inocentes. As mulheres sempre tinham sido a parte isenta de culpa e os homens, os abusadores.

Todos estes pensamentos giravam na minha mente à medida que caminhava. Multiplicavam-se as dúvidas sobre a minha capacidade de avaliar situações abusivas. Lágrimas de raiva toldaram-me a visão e, antes de conseguir sair do hospital para ir para o meu carro, esbarrei com outra mulher de véu, que gritou como se alguém lhe espetasse um punhal no coração. Foi tal o sobressalto, que vacilei. Várias mulheres estrangeiras tentaram impedir que caísse, mas escorreguei-lhes das mãos e embati uma segunda vez na mesma mulher de véu. Caímos ambas no duro chão de tijoleira. O véu e o lenço dela ficaram desalinhados e, quando ela levantou a cabeça, o movimento revelou um pescoço longo e suave. A *abaya* estava-lhe pelos joelhos, expondo pernas escuras musculadas que pertenciam claramente a uma mulher muito jovem. Quem era ela? Qual era a sua história de vida? Fosse quem fosse, era muito poderosa fisicamente, o que deixou bem claro quando, estando de bruços, se levantou de um salto sem esforço. Seria, secretamente, uma atleta? As mulheres da Arábia Saudita são desencorajadas de participar em desportos, por isso algumas raparigas treinam clandestinamente em casa, para ninguém do governo ficar a saber dos seus interesses desportivos.

Fiquei profundamente embaraçada por estar a rebolar no chão; foi uma das poucas vezes na minha vida que fiquei satisfeita por usar o véu. Fiquei tão

espantada com tudo o que estava a acontecer, que precisei de alguns momentos para voltar a pôr-me de pé. Várias pessoas começaram a questionar-me, perguntando se estava bem, mas eu sentia-me à beira das lágrimas, por isso afastei-as e corri pelo corredor, ofegante e aos tropeções. Felizmente, ninguém veio atrás de mim e consegui chegar ao carro e ao meu surpreendido motorista.

Nunca me senti tão aliviada por chegar a casa e me retirar para os meus aposentos. Mais tarde, revelei a Kareem, preocupado, a razão pela qual fora para a cama sem uma palavra e me sentia tão pessimista; sentia uma depressão grave a instalar-se dentro de mim.

Sentia temor de pedir sequer a Kareem que interviesse naquele casamento, pois já sabia qual seria a resposta do meu marido. Encontrei finalmente coragem e descrevi com detalhe os acontecimentos do dia, incluindo os medos da Dr.^a Meena de um possível assassinio, o que, por sua vez, originara a sua ideia de eu pedir ao meu marido para interceder e incentivar Muhammad a dar o divórcio à mulher.

Kareem não teve de pensar na resposta: foi um «não» imediato. Ele, tal como todos os homens da Arábia Saudita, não acredita que um homem possa intrometer-se na vida de outro homem com a sua mulher. O assunto é privado.

Kareem ficou igualmente surpreendido, desde logo, por eu ter sido chamada pela Dr.^a Meena. – Não é o tipo de problema que possa ser resolvido, Sultana. Embora a médica deva medicá-los aos dois, têm de ir para casa e resolver esses problemas como marido e mulher. Tu consegues fazer milagres, Sultana, mas não podes colocar-te entre duas pessoas que vivem como marido e mulher.

– Mas e se um deles assassina o outro? Nunca me perdoarei. Se Muhammad for morto, Noor será executada. Se Noor for morta, Muhammad continuará a sentar-se à lareira e a distrair os amigos com as suas histórias. Isto não pode estar certo. Como é que vou encarar a Dr.^a Meena?

– Sultana, não podes moldar a vida de todas as mulheres. Se um matar o outro, era esse o seu destino. O destino deles está nas mãos de Deus.

Senti-me frustrada com o fracasso, pois desejo sempre intervir e acredito que qualquer situação em que uma mulher seja vítima de abusos é assunto meu, mesmo se a mulher também abusa do marido.

Quando se formaram lágrimas nos meus olhos, Kareem disse-me: – Não

penses em tentar fazer-me sentir culpado, Sultana. Desta vez não conseguirei obter os resultados que procuras.

– Não é nenhum estratagema, Kareem. Sinto-me simplesmente deprimida. Prefiro problemas que são claramente preto no branco. Quando os problemas estão ensombrados por ambiguidades, não sei o que fazer. Este episódio levou-me a questionar muitas decisões que tomei no passado. Agora, receio ter cometido erros infundáveis no trabalho da minha vida. Erros, erros, erros... um erro atrás do outro.

O meu marido foi o contraste perfeito para o dia traumatizante que eu tivera. Primeiro, olhou-me solenemente, antes de me beijar as mãos e exprimir o amor que sentia por mim. Depois, saiu dos nossos aposentos por um momento, para ir à cozinha e trazer-me um copo do meu sumo de ananás fresco preferido. Kareem passou-me a bebida antes de se sentar na beira da minha cama. Quando falou, por fim, disse: – Sultana, confias em mim, querida?

Acenei com a cabeça, falando em voz baixa: – Sim, confio em ti.

– Ótimo. Então ouve-me. Sultana, há muitos anos que vivo todos os meus dias contigo. Querida – inclinou-se então para me afagar o rosto e me olhar nos olhos. – Querida, conheço-te melhor do que te conheces a ti própria.

Eu mexi ligeiramente a cabeça.

– Sultana – principiou ele com completa seriedade –, tu, Sultana, és a única pessoa que conheço que nunca cometeu um único erro.

Fiquei tão perplexa com as palavras do meu marido que me engasguei com o sumo e tossi durante muito tempo antes de recuperar o fôlego.

Fitei Kareem. Observei os inícios de um sorriso transformarem os seus lábios numa curva e, compreendendo que o meu marido estava a brincar, a minha tristeza transformou-se de repente em alegria e não consegui reprimir o riso. Ele riu comigo. Rimo-nos alto como crianças, até eu sentir que as nossas gargalhadas combinadas haviam erradicado os venenos que se acumulavam no meu espírito e no meu coração. Kareem fez-me compreender naquele momento que todos cometemos erros e que, basicamente, tentamos fazer o melhor que conseguimos nesta vida.

Desde aquele momento que decidi avançar na minha demanda de ajudar as mulheres, embora tenha os olhos abertos para alguma situação em que um homem seja maltratado e, se assim for, intervenho. Sempre que tenho dúvidas quanto às minhas ações, o meu marido sorri, dizendo-me: – Mas tu és uma

mulher perfeita que nunca cometeu um erro, por isso vai em frente, querida.

Há alturas em que os nossos filhos presenciam estas trocas e são eles que trocam olhares que parecem indicar que acham os pais ligeiramente loucos.

Algumas pessoas têm aversão à alegria, suponho.

É nestas ocasiões que Kareem e eu nos rimos mais livremente, pois as palavras do meu marido nunca cessam de me lembrar que sou apenas humana e que cometerei erros na vida. Apesar disto, devo lembrar-me de retirar a maior alegria das minhas vitórias.

Quanto a Noor e Muhammad, foi encontrada uma boa solução sem a ajuda de Kareem, ou a minha, para meu grande alívio. A Dr.^a Meena sentiu, seguramente que a curto prazo, que a medicação poderia ajudar a acalmar a situação e propôs-se dar aos dois medicamentos que combatem a ansiedade. A solução revelou-se excelente e teve um efeito miraculoso. Segundo as últimas notícias que a Dr.^a Meena obteve da filha de Noor, o casal parara de se agredir fisicamente, embora acontecesse praticarem os seus dotes verbais um no outro quando se envolviam numa discussão. Como resultado desta abordagem mais plácida à vida, o casal passou a ser mais capaz de conversar e de resolver as suas discórdias sem recorrer a violência física; também negociaram uma distribuição mais equitativa do trabalho. O senso comum e a justiça para ambas as partes prevalecem!

O episódio foi uma boa lição para mim, e para a Dr.^a Meena, pois agora recordamo-nos mutuamente que devemos usar o nosso tempo, energia, capacidades e dinheiro para resolver os problemas mais sérios de abuso contra as mulheres da Arábia Saudita.

*FARIA E SHADA***Faria e MGF**

Não muito depois de ajudar Noor, o meu auxílio foi novamente necessário, desta feita com uma jovem chamada Faria, que passara por uma experiência terrível e traumática, e se encontrava desesperada por escapar à sua situação. Faria é membro de uma das tribos mais conservadoras do reino, a qual não posso identificar por receio de represálias contra a sua família. Seria esta a ficar em perigo, embora não tivesse desempenhado papel algum na luta de Faria pela liberdade; na verdade, o mais certo era punirem Faria, se tivessem oportunidade, pois o seu desejo de mudar de vida constitui uma afronta para as mulheres da tribo. Há um contexto interessante na história de Faria, também, pois os homens da sua família e tribo não respeitam a minha família nem gostam dela, dos governantes Al Saud. Faria seria certamente condenada à morte por procurar ajuda junto da família que esses homens consideram a mais desprezível do reino.

A família do meu pai, o clã Al Saud, descende da tribo Anazah, que é uma das maiores e mais antigas tribos da região. Contudo, ao contrário de muitas outras tribos, que haviam determinado há muito manter a pureza do seu clã, os Al Saud fraternizaram com muitas tribos desde o início dos anos 1930, quando o meu avô, o rei Abdul Aziz, na alvorada do seu reinado, planeou cimentar alianças políticas casando com uma filha de cada tribo da região. Houve algumas tribos que recusaram a união com a minha família – os laços tribais são profundos na Arábia Saudita, e muitos homens são leais, primeiro, à sua tribo, e depois ao país, daí hoje em dia existirem tribos na

Arábia Saudita que não sentem lealdade pelos seus soberanos; ficariam satisfeitas se a nossa família fosse deposta e novos governantes tomassem o poder e, se possível, que os soberanos fossem da sua própria tribo.

A ideia do meu avô, porém, foi brilhante, pois o casamento e os filhos habitualmente dão azo a sentimentos corteses até entre as tribos mais antagónicas. Os anos comprovaram o seu génio a este respeito, pois o sucesso e a riqueza de muitas das tribos da Arábia Saudita estão intimamente ligados aos dos seus líderes. A maior parte das discórdias com a família Al Saud ocorreu com as tribos que rejeitaram aquele laço inicial com o meu avô.

Os homens da tribo de Faria, na verdade, nunca se misturaram com outras tribos pelo casamento e consideram-se a mais pura de todas as tribos regionais. Como não sentem nenhuma afinidade com outras tribos, acreditam que têm o direito, ou até a obrigação, de menosprezar as proibições e leis das quais discordam. A proibição da mutilação genital feminina é uma das que ignoram.

O meu avô banuiu as formas mais extremas de circuncisão masculina durante os primeiros tempos do seu reinado, assim como a circuncisão feminina, mais conhecida nos dias de hoje como mutilação genital feminina (MGF). A tribo de Faria ainda aplica este ritual medonho às suas mulheres.

Embora existam vinte e nove países listados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em que a MGF é comum, há outras áreas em que a prática existe mas afeta um número tão pequeno de indivíduos que os países em questão não figuram nessas listas. Li muitos relatórios escritos por ocidentais que dizem que a MGF já não ocorre na Arábia Saudita, mas isto não é verdade. Embora a prática tenha sido ilegalizada e o número de mulheres afetadas seja pequeno – apenas duas tribos sauditas e várias populações que estão imigradas no nosso país mantêm o costume –, cada caso de MGF é uma tragédia pessoal que exige a nossa atenção.

Tal como disse, no meu país há duas tribos cujas raparigas correm o perigo de serem mutiladas. Este facto é desconhecido da maior parte do mundo, mas quem pode imiscuir-se nas decisões que os homens sauditas tomam acerca das suas mulheres? Ninguém tem capacidade para forçar o cumprimento de leis relacionadas com mulheres de uma tribo opositora, nem mesmo os homens que governam a Arábia Saudita. Porquê? A razão é simples. Primeiro, e acima de tudo, as relações entre homens e mulheres na Arábia

Saudita são consideradas privadas e privilegiadas. Segundo, a felicidade da vida de uma mulher nunca é tida em consideração. Na verdade, a vida da mulher não é de todo particularmente importante. Os homens da minha família nunca entrariam em guerra com nenhuma tribo para garantir a proteção de mulheres. As questões respeitantes a mulheres são consideradas exclusivas da família, mesmo aos olhos do nosso governo central. E assim continuam a acontecer tantas coisas graves às mulheres, por tantos governos do planeta inteiro não se preocuparem com a segurança e o bem-estar das mulheres.

Para quem não sabe, a OMS descreve a MGF como procedimentos que alteram os órgãos genitais femininos ou lhes causam lesões, levados a cabo por motivos não médicos. A OMS informa ainda que:

- os procedimentos não têm quaisquer benefícios para a saúde das raparigas ou mulheres;
- os procedimentos podem provocar hemorragias graves e problemas urinários e, posteriormente, quistos, infeções e infertilidade, assim como complicações no parto e risco acrescido de dar à luz um nado-morto;
- mais de 125 milhões de raparigas e mulheres atualmente vivas foram mutiladas nos vinte e nove países de África e do Médio Oriente onde se concentra a MGF;
- a MGF é praticada em raparigas algures entre a infância e os quinze anos;
- a MGF é uma violação dos direitos humanos das raparigas e mulheres.

Embora muitas pessoas desinformadas acreditem que a MGF opera apenas um pequeno corte, não é essa a realidade. Na maior parte dos casos, a MGF compreende a remoção total ou parcial dos órgãos genitais externos da mulher, provocando lesões graves e mesmo a morte de raparigas e mulheres. Trata-se de uma prática bárbara que não encontra sustentáculo em nenhuma religião, embora muitas das raparigas submetidas a este procedimento brutal pertençam à fé islâmica.

Muitas vezes são as mães que insistem na mutilação das filhas, por várias razões. Muitas mães que foram mutiladas enquanto crianças acreditam que o

que foi bom para elas também é o melhor para as filhas. Desejando que as filhas sejam castas, acreditam, erradamente, que a mutilação genital é limitativa do comportamento sexual. Outras mulheres das suas tribos fazem as mães sentir-se desleais à sua cultura se escolherem não mutilar as filhas.

Tanto são mutilados bebês de apenas duas semanas como raparigas de dezasseis anos. A maioria não recebe qualquer anestesia. Escandalosamente, os seus genitais são cortados por uma mulher ou homem sem preparação, que se serve de tesouras sujas ou lâminas rombas. Os instrumentos utilizados para efetuar os procedimentos são usados em diversas vítimas sem qualquer esterilização.

Foi isto que aconteceu a Faria. A jovem chegou a Nadia depois de ser admitida no hospital com uma hemorragia e infeção. Faria fora lá levada pela família apenas quando se encontrava às portas da morte; o medo incitara-os a procurar cuidado médico. Nessa altura, a infeção era tão generalizada e grave que a equipa do hospital previu que ela não sobreviveria à noite. Contudo, Faria superou as expectativas dos médicos. Estes anunciavam todas as noites que Faria não sobreviveria até de manhã, mas deparavam com ela ainda entre os vivos quando regressavam aos seus turnos. Contra todas as probabilidades, Faria sobrevivia e agarrava-se à vida.

A sua vontade de viver não demorou a despertar o interesse dos médicos e das enfermeiras ocidentais, que começaram a dedicar muitas horas extra a cuidar dela. Depois de uma semana de atenção médica intensa, Faria acordou na UCI do hospital, descobrindo, surpresa, que ainda se encontrava viva.

Um dos médicos britânicos responsáveis por Faria conhecia a história do nosso país. Embora soubesse que se admitiam frequentemente imigrantes de outras nações, incluindo mulheres da Indonésia e do Egito, por exemplo, em hospitais para a prestação dos cuidados médicos necessários aos problemas de saúde recorrentes provocados pela MGF, raramente via raparigas ou mulheres sauditas que tivessem sido circuncidadas. Faria era uma das primeiras. Consciente de que a prática tinha sido proibida há muitos anos, preocuparam-no as outras meninas da região. Devido à sua preocupação, avisou Nadia e mencionou que podia ser pertinente uma intervenção dos serviços sociais.

Nadia disse depois que ficou interessadíssima, pois nunca trabalhara num caso de MGF, embora tivesse ouvido uma série de histórias sobre mulheres

admitidas devido a complicações a longo prazo, resultantes das mutilações de infância; são muitíssimas as mulheres que sofrem horivelmente durante a vida inteira, depois de terem sido sujeitas a MGF.

Há infecções constantes devido ao fluxo anormal de urina. A maior parte das vítimas de MGF desenvolve cicatrizes que tapam a vagina, tornando as relações sexuais extremamente dolorosas. Há problemas substanciais durante a gravidez e o parto. As mulheres com cicatrizes têm partos mais longos, rompimento de tecidos e hemorragias graves. Todos estes problemas causam *stress* à mãe e ao bebé. Aos problemas físicos acrescem os psicológicos e emocionais, pois o procedimento geralmente é executado em raparigas muito novas que não fazem qualquer ideia da razão pela qual estão a ser agarradas e violenta e dolorosamente cortadas.

Sabendo que o assunto é tabu na Arábia Saudita, Nadia escolheu cuidadosamente a altura de visitar Faria no hospital, quando esta se encontrava sozinha. Quando Nadia veio falar-me, contou: – Foi fácil fazer com que Faria comesse a falar, mas, depois de começar, descreveu com grande pormenor o que lhe acontecera. Não me atrevi a interromper.

Faria contara-lhe entre lágrimas a história da sua mutilação.

– Fui estúpida. Devia ter-lhes resistido. Devia ter fugido para o deserto. O destino que teria sozinha no deserto teria sido menos traumático do que aquele que sofri sob a proteção dos meus pais.

«Tinha ouvido falar dos cortes, a altura maravilhosa em que me tornaria mulher, por isso aceitei relutantemente que teria de ir. Uma vez, quando mostrei dúvidas, a minha mãe disse, zangada, que, se recusasse, ficaria a ser uma anormal. Afirmou que as minhas partes íntimas, o meu clítoris, continuaria a crescer até ficar enorme, do tamanho de um pénis masculino. Seria ridicularizada. Seria considerada impura. Homem nenhum concordaria em casar comigo. A minha mãe e irmãs mais novas seriam ridicularizadas.

«A ideia de ter um clítoris tão grande como um pénis convenceu-me e aceitei que devia fazer tudo para evitar um tal destino. Com a aproximação da altura de ser cortada, até me senti um bocadinho entusiasmada. Fora planeada uma festa grande para as raparigas que se sujeitassem ao procedimento. Os nossos pais compraram presentes especiais para a memorável ocasião. Algumas das raparigas que iam ser cortadas à mesma hora eram minhas amigas. Íamos ser felicitadas, introduzidas na sociedade das mulheres, ou assim nos disseram.

«Também nos contaram um conto de fadas. Prometeram-nos felicidade sem fim. Depois de o corte e a cura serem bem-sucedidos, seríamos tomadas como noivas. Dentro de um ano casaríamos com um homem atraente e seríamos esposas e mães felizes. Que mulher não quer casamento e filhos?

«A festa correu bem, embora tenha começado a sentir-me nervosa quando várias das minhas amigas que iam ser cortadas começaram a tremer e a fungar. Aquelas meninas estavam mais bem informadas, pois tinham irmãs mais velhas que as avisaram da dor e do sangue. Estavam aterrorizadas, pois sabiam parte do que as esperava.

«Eu era a rapariga mais velha da família, por isso não havia ninguém para me avisar. Embora a minha mãe tivesse sido cortada quando era rapariga, isso fora há muitos anos e a memória escapara-lhe. Parecia ter esquecido o horror por que passara. De qualquer maneira, a minha mãe não era do tipo de falar de assuntos íntimos. Embora eu tivesse a impressão de que o procedimento poderia ser ligeiramente doloroso, a minha mãe garantira-me que o corte e a dor passariam rapidamente, como um beliscão forte no braço. Dissera-me que as recompensas valeriam qualquer desconforto. A minha mãe mentiu.

«Quando chegou a altura, fomos as seis levadas do salão da festa para um quarto contíguo, por mulheres que não conhecíamos bem. Duas outras mulheres aguardavam-nos. Havia seis colchões colocados lado a lado no chão e foi-nos dito a todas para tirarmos a roupa interior e nos deitarmos. Seguimos as instruções sem questionar.

«Eu deitei-me num colchão localizado no centro, querendo ver o que se seguiria, pois achei que as mulheres iam começar por uma rapariga de uma das pontas. Sentia-me mais assustada a cada minuto que passava, pois sentia o medo no ar, o medo das minhas amigas, as que tinham sido avisadas pelas irmãs.

«Disseram-me para levantar o vestido para cima da cabeça e deixar a parte de baixo à mostra. Também me disseram para levantar as pernas e as afastar. Fiz o que me mandaram, embora o meu coração se encolhesse de medo; só queria saltar daquele colchão e fugir. Mas estava uma mulher sentada atrás de mim, com as mãos nos meus ombros, pronta para me desencorajar.

«As duas mulheres que estavam à nossa espera tinham sido contratadas para nos cortar os órgãos sexuais.

«Estavam prontas, com tesouras grandes na mão. Os cortes começaram quase imediatamente. Gritos agudos misturados com gemidos vinham dos meus lados. Ao ver que os gritos histéricos não paravam, decidi que estava na altura de me ir embora. Sentei-me. A mulher que me acompanhara à sala agarrou-me os ombros e empurrou-me para o colchão. Não reparara até àquele momento que todas as mulheres que estavam com as adolescentes eram muito grandes, mulheres fortes, que tinham sido escolhidas para dominar meninas.

«E foi assim que chegou a minha altura. Primeiro, senti mãos entre as pernas, e dedos fortes a agarrar uma parte dos meus órgãos genitais. Essa parte do meu corpo foi dolorosamente puxada e esticada, depois senti o metal das tesouras. Foi aí que senti uma dor atroz. Imagine-se, se conseguir, a ser operada sem anestesia. A minha carne estava a ser cortada sem a ajuda de um agente entorpecedor para atenuar a dor. Comecei a gritar. Não conseguia falar. O sofrimento intensificou-se quando aqueles dedos invasivos agarraram mais pele solta da minha zona privada. Toda a pele daquela zona foi cortada até eu ficar lisa. Senti que estava a ser cortada aos pedaços! Alguém começou a coser-me com uma agulha grande e fio. Também aquilo foi terrivelmente doloroso e eu estava na iminência de desmaiar.

«Os pontos não travaram a hemorragia. Por mais que fizessem, não conseguiam impedir o sangue quente de escorrer. Senti o líquido acumular-se por baixo do meu corpo. Alguém começou a pedir gaze, que foi empurrada e enfiada no meu corpo. Tenho memória de ser levada para uma sala pequena onde punham os bebés e as crianças que sofriam os efeitos secundários mais graves, como hemorragia descontrolada. Lembro-me vagamente de ouvir os berros ensurdecedores de bebés e meninas. Tenho a certeza de que os meus gritos se misturaram com os gritos deles.

«Acreditei verdadeiramente que estava a morrer, mas a dor era tão aguda que vi a morte como uma libertação. Perdi a consciência pouco tempo depois de me levarem para aquela sala, e quando a recuperei estava num sítio diferente, a ser tratada por enfermeiras e médicas que falavam muito baixinho. Ainda delirava de dor, mas ouvi fragmentos de conversas. Compreendi que quase morrera por perda de sangue. Ouvi duas enfermeiras sussurrar que eu já não parecia uma rapariga, pois tudo o que Deus dá às mulheres nas suas partes íntimas tinha sido cortado do meu corpo.

«A minha mãe fizera-me acreditar em sonhos de maturidade e casamento e

filhos, mas em vez disso pagara para fazer de mim uma aleijada, sem as partes do corpo que eram essenciais para viver a vida de uma esposa e mãe satisfeita.

Neste ponto, as lágrimas de Nadia interromperam a história de Faria. Eu combati as lágrimas, também. Nadia era desconhecedora da mutilação genital das mulheres, mas eu tinha consciência de muitos aspetos desse ritual bárbaro, pois várias das minhas irmãs mais velhas tinham sido submetidas ao procedimento poucos dias depois de a prática ter sido banida, quando as notícias da proibição ainda não tinham chegado aos ouvidos de todas as mães do reino.

A minha mãe e o meu pai nasceram em tribos diferentes. A família do meu pai vivia na região Nadj, onde nunca praticaram a tradição primitiva de cortar os órgãos genitais femininos. Contudo, não era isso que se passava na tribo da minha mãe. Nos tempos antigos, a tribo da minha mãe seguia ainda a tradição do corte ritual, embora isto tenha parado completamente durante os anos 1950. Tragicamente, as minhas irmãs que nasceram antes de 1955 foram sujeitas ao pesadelo da mutilação genital; as filhas mais novas, incluindo Sara e eu, foram poupadas.

A minha irmã mais velha contara-me uma vez os pormenores da sua mutilação genital. Fiquei completamente horrorizada, mas também encantada por o meu avô ter considerado apropriado proibir a prática durante o início do seu reinado, depois de ter testemunhado pessoalmente a circuncisão de um rapazinho cuja pele foi esfolada do pénis aos joelhos. Disseram-lhe então que algumas tribos seguiam a tradição de fazer cortes semelhantes também às mulheres. O meu sábio avô banuiu imediatamente ambas as práticas odiosas, embora algumas tribos tenham escolhido ignorar a sua deliberação, e, assim, meninas como Faria são forçadas a submeter-se ao inaceitável ainda nos dias de hoje.

Nadia mostrou-se muito perturbada e emocionada ao contar a história de Faria, e eu dei-lhe palmadinhas nas mãos, proporcionando o reconforto que podia. Recordando os pesadelos que tive depois de ficar a saber da mutilação feminina pela primeira vez, compreendi a sua emoção. Mas, regressando à importante tarefa que tínhamos entre mãos, perguntei: – O que vai acontecer a Faria, Nadia? Sabe?

– Princesa, quando informei Faria de que era dos serviços sociais e que estava ali para a orientar nos seus planos futuros, ela falou sem sequer

pensar, dizendo que tinha de fugir à família. Espuma de raiva por a própria mãe a ter empurrado para uma tal tortura. Diz que, se for obrigada a voltar para casa, será obrigada a aceitar um casamento combinado. Agora, tem muito medo e opõe-se ao casamento precoce. O seu medo deriva de os médicos lhe terem dito que seria confrontada com diversos problemas, provocados por aquilo que lhe acontecera, sendo que relações sexuais dolorosas eram o mais perturbador.

«O seu único desejo agora é acabar com a mutilação das mulheres. Ela sabe que deve concluir os estudos, para se tornar jurista, talvez advogada, e trabalhar incansavelmente para evitar que este tipo de abuso continue.

– Diz isso pela emoção provocada por este acontecimento importante, ou acreditas que está calma de cabeça e coração? – inquiri.

Nadia deteve-se, recordando a conversa que tivera com Faria. – Princesa, encontrei-me com Faria três vezes e tenho a certeza de que fala por preparação e não por um qualquer estado emotivo.

Nadia fitou o nada, relembrando o que a jovem vítima lhe dissera, para depois me olhar nos olhos. – Se ela de facto está segura da sua decisão, o que pensa ser necessário para ela atingir o objetivo? Se eu for ter com ela com um plano, talvez ela me revele mais de si própria.

– Tem toda a razão, Nadia. Está tudo muito fresco para Faria. Talvez daqui a uma semana queira o colo da mãe. Não vamos apressá-la, evidentemente. Por favor ligue à minha filha Amani para combinar um encontro privado entre a minha filha e essa jovem. A minha filha, agora, está envolvida em todos os aspetos do meu trabalho e tem um espírito perspicaz. Depois de Amani se encontrar com Faria, falará comigo, e então pensaremos numa solução exequível, ajustada às emoções e desejos verdadeiros dela.

Nadia ficou contente, pois ela e Amani tinham-se dado bem e havia confiança mútua entre as jovens. Eu queria muito que Amani assumisse verdadeira responsabilidade e não se limitasse a seguir as minhas instruções. Sentia-me mais do que satisfeita por poder abdicar do controlo total do meu trabalho, para que a minha filha se sentisse uma verdadeira participante.

Por isso, esforcei-me por tirar da cabeça os horrores que Faria vivera. Não tive muito tempo para ficar a pensar nos problemas daquela jovem, porque o meu marido entrou a correr em nossa casa para me falar de uma jovem saudita, filha de um dos seus empregados. A pobre rapariga tinha sido detida por um crime muito sério.

Shada e as Brigadas Antibruxaria e Antifeitiçaria

Embora saiba que muitas sauditas enfrentam situações graves, cada desgraça que me é apresentada parece sempre a mais urgente. Mas, no caso bizarro de Shada, senti verdadeiramente que não ia ser capaz de a salvar da execução certa.

Shada é filha de um dos fiéis empregados de Kareem, que trabalha como assistente de mecânico na garagem da nossa família, localizada na nossa extensa propriedade de Riade. Embora a maior parte das propriedades reais do reino estejam equipadas com todas as conveniências necessárias ao funcionamento de uma pequena cidade, incluindo clínicas médicas, estábulos, grandes parques para as crianças, oficinas, restaurantes e mesquitas, Kareem atendera especialmente à nossa oficina de reparação automóvel. Organizou a construção de uma garagem depois de Abdullah ter idade de possuir e conduzir o seu próprio veículo. Com efeito, a construção da nossa garagem ainda não estava concluída quando o nosso filho Abdullah se dirigiu a um prestador de serviços local para reparar o seu carro. Foi aqui que se envolveu num incidente muito desagradável, que relatarei aqui como um breve aparte.

Pouco depois de chegar ao estabelecimento, o nosso filho deparou com um mecânico enraivecido a atacar fisicamente o patrão saudita com uma grande chave-inglesa de aço. Quando Abdullah viu o mecânico, empunhando a chave-inglesa, atacar o dono da loja, tentou tirá-la da mão do homem. Mas o mecânico era forte e segurou a arma. Na luta, a chave-inglesa caiu na cabeça do meu filho. Embora Abdullah não tenha desmaiado, sofreu um corte. Naquele momento, vários outros clientes intervieram e o meu filho foi salvo de agressões mais graves. Era evidente que o mecânico estava muito zangado e que se encontrava determinado a agredir o patrão ou qualquer outra pessoa que se atravessasse no seu caminho.

Descobrimos posteriormente que existia uma razão para a raiva do homem. O empregador saudita recusava-se a pagar-lhe o salário há mais de um ano e a mulher e filhos do homem estavam a sofrer no seu país de origem, pois não tinham dinheiro para comprar bens essenciais. Para piorar a situação, o

patrão saudita recusava-se a permitir que qualquer um dos seus empregados deixasse o trabalho e regressasse ao país de origem até cumprir os dois anos de contrato.

É triste que no nosso país exista uma série de sauditas muito ricos que ainda ficam mais ricos ao contratar pessoas pobres de todos os países do mundo, obrigando-as a deixar o lar e a viajar para o reino para trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família. Os empregadores sauditas não têm de pagar quaisquer despesas, pois as pobres pessoas pedem dinheiro emprestado para pagar aos agentes que, no seu país, lhes arranjam emprego no estrangeiro. Geralmente, têm também de pagar as despesas de viagem para o reino. Uma vez no reino, os passaportes dessas pessoas são-lhes retirados pelos empregadores sauditas. Daquele momento em diante, os empregados estrangeiros ficam à mercê de empregadores sem escrúpulos, que não têm a mínima intenção de lhes pagar salário. Embora disponham de alojamento básico e comida para alimentar os trabalhadores, muitos empregadores não pagam os salários mensais acordados no contrato. Uma vez no reino, um empregador pode alegar que está a reter os salários até ao fim dos contratos; no entanto, os trabalhadores não têm fundos para enviar para casa para as famílias.

É um escândalo vergonhoso estes abusos serem comuns no meu país. Conheço até membros da família real que agem desta forma com os seus empregados, e trata-se de pessoas com mais dinheiro do que um banco cheio de empregados consegue contar. Não sei o que dizer, além de que é cruel e antiético. Como desejo que houvesse leis para proteger estas pessoas tão trabalhadoras, mas no meu país os pobres não têm voz. É por isso que os elementos da realeza de coração sensível tantas vezes se tornam a voz dos indigentes e dos impotentes.

Claro que a raiva do mecânico estrangeiro não lhe trouxe nada de bom; aliás, trouxe-lhe uma longa pena de prisão. Só Alá sabe o que teria acontecido à família daquele homem se não fosse a ação caridosa do meu filho. Quando ouviu os pormenores do caso e soube que o dono da oficina abusava dos empregados e lhes retinha os salários, Abdullah ficou descontente com o patrão e condeceu-se dos empregados. O meu filho contratou um advogado saudita para que pudesse ter autorização para interrogar o homem que fora enviado para a prisão. Conquistada a confiança do homem e reunida informação de contacto da sua família, Abdullah fez

com que esta recebesse o dobro do salário durante o tempo em que aquele estivesse preso.

Agora, o estrangeiro enraivecido que detestara todos os sauditas, e até tentara ferir Abdullah, dera o seu respeito e amizade a um saudita, o meu filho.

Alá abençoou o meu filho com um coração bom, e Abdullah nunca conseguiu suportar a exploração de outro ser humano, muito menos quando o abuso é tão danoso que a pessoa enlouquece e parte para a violência, mesmo sabendo que o ato a conduzirá à prisão ou mesmo a uma sentença de morte. Uma coisa assim é o comportamento de alguém que está desesperado e não tem para onde se virar.

Felizmente, Abdullah não ficou seriamente ferido no ataque, mas Kareem quase enlouqueceu a pensar no que poderia ter ocorrido. A voz de Kareem era alta e aguda quando me contou a história, dizendo: – O nosso filho podia ter sido morto, Sultana. É um assunto sério, ser agredido na cabeça com uma chave-inglesa.

Agora, temos a nossa própria garagem e trabalhadores altamente qualificados da Alemanha e dos Estados Unidos, que são bem pagos e estão muito felizes com esta família saudita. Há cinco ou seis sauditas a assistir esses mecânicos especializados.

Regressarei agora à bizarra história da pobre Shada, que é filha de um dos assistentes de mecânico de Kareem. Embora não a conhecesse pessoalmente antes do incidente que lhe pôs a vida em risco, já a vira algumas vezes de longe e disseram-me que era uma rapariga muito tímida. Visto que ainda era estudante e não trabalhava para a nossa família, não se me apresentou a ocasião de conversar com ela. Ouvira falar mais do pai, pois o meu marido elogiava-o pela sua atenção aos detalhes e os seus modos discretos.

Não obstante, tudo isto mudou quando Kareem irrompeu pela porta naquele dia, dizendo-me que havia uma emergência grave que tinha de ser atendida – e uma emergência que envolvia Shada.

Para afastar a mente dos problemas de Faria, eu começara a ler um relatório interessante sobre os acontecimentos recentes na Índia, onde alguns homens pareciam ter perdido a cabeça e acreditar que qualquer mulher que lhes aparecesse na rua podia ser violada. O rosto ansioso de Kareem chamou-me a atenção, porém, por isso endireitei-me e ouvi cuidadosamente o que ele tinha para me dizer, pousando os papéis na secretária para uma

leitura mais tardia.

– O que aconteceu? – perguntei.

Kareem tinha um discurso quase incoerente, mas disse-me por fim que a filha de um dos seus empregados preferidos estava na prisão, que os clérigos diziam que o crime que ela cometera lhe custaria a vida. Shada fora acusada de ser bruxa.

Isto era muito alarmante, mas, antes de relatar a história que Kareem me contou, sinto que é importante fornecer um pouco mais de informação sobre a vida de Shada e também explicar alguns desenvolvimentos recentes muito perturbadores relacionados com bruxaria e feitiçaria que dominam cada vez mais certas partes da sociedade saudita.

A mãe de Shada é dona de casa. Sendo mãe de cinco filhos, está ocupada desde o nascer do Sol até à hora de se deitar à noite. O pai de Shada parece ocupado com o trabalho e poupa tudo o que pode; Kareem contou que ele gosta de dizer que os anos estão a passar e que não demorará a ser velho.

Aqueles que trabalham para nós têm bom alojamento na nossa propriedade e não têm despesas com bens essenciais nem transportes. Kareem fornece a alimentação básica, como arroz, batatas, feijões, chá, café e galinhas. Várias vezes por ano também se dão ovelhas e camelos aos empregados, para banquetes. Há um bom talhão onde podem cultivar legumes para complementar a dieta. Todos podem escolher das roupas que fornecemos, mas, se querem alguma coisa especial, aí gastam do seu próprio dinheiro. Temos instalações de primeiros socorros na nossa clínica e, a não ser que haja algum problema de saúde grave, todas as necessidades em termos de saúde são colmatadas no próprio palácio. Há dois anos, Kareem mandou construir uma clínica dentária, que abriu recentemente, por isso agora contamos com dois dentistas entre os funcionários.

Com praticamente todas as necessidades atendidas, o pai de Shada poupava a maior parte do salário para um dia poder reformar-se. O seu sonho era voltar à aldeia onde nascera e construir uma casa modesta, com fundos abundantes para garantir os bens essenciais na velhice.

A família sentia que, no entanto, tinha a melhor das sortes em viver ali, a trabalhar para um príncipe. E estava duplamente satisfeita por trabalhar para um príncipe que nem uma única vez os enganara no pagamento do dinheiro que tanto lhes custava a ganhar. Sabem que muitos cidadãos pobres que trabalham para a realeza não são tão afortunados.

O bizarro incidente que conduziu à detenção de Shada ocorreu quando esta visitava um dos mais recentes centros comerciais de Riade, um lugar repleto de pessoas de todas as proveniências, desde os sauditas mais ricos até aos estrangeiros mais pobres, oriundos de vários países em desenvolvimento. Estas pessoas de diferentes classes socioeconómicas cruzam-se enquanto se passeiam diante de montras de lojas exclusivas, compostas pelas roupas e joalharias mais caras do mundo, embora raramente tenham oportunidade de se misturar ou começar a conversar umas com as outras.

Shada nunca estivera em nenhum centro comercial – não é rapariga que tenha dinheiro para ir às compras, por isso não havia nenhuma razão para ir deambular num mundo de sonhos. Aparentemente, daquela vez, os pais de Shada tinham-na autorizado a ir ao centro comercial com outra família conhecida. Como disse, tratava-se da primeira visita que fazia àquele sítio, e foi a sua ingenuidade que desencadeou a crise.

Disseram-me que Shada ficou tão impressionada que não conseguiu parar de olhar para tudo e todos, o que é um hábito muito mau na Arábia Saudita, pois as pessoas são muito zelosas da sua privacidade, muito particularmente da privacidade das mulheres.

Quando entrou numa loja de roupa interior e viu aquela que disse ser a mulher mais bela do mundo – uma jovem saudita que tirara o véu quando se encontrara na privacidade da loja –, caminhou até perto da mulher e ficou a olhar embasbacada para o rosto dela. Ficou igualmente parada a observar a capa que ela envergava, e chegou ao ponto de se curvar para examinar os seus dispendiosos sapatos de marca.

A mulher saudita ficou muito ofendida, perturbada até, e, cobrindo rapidamente o rosto, saiu a correr da loja para localizar os pais, que tomavam café ali perto. O pai, alarmado, chamou a polícia, e quando Shada saiu da loja de roupa interior foi cercada e detida. Primeiro, a polícia disse que Shada estava a perseguir a jovem e que ia ser acusada de perseguição, o que é um crime grave no meu país.

Infelizmente, a beldade saudita disse que tinha ficado maldisposta e vomitou no chão. Nessa altura, Shada, cuja falta de sofisticação quase roçava a estupidez, baixou-se para limpar a sujidade com um lenço de mão que segurava, que tinha alguns pontos bordados. Shada chegou mesmo a esticar o braço para tocar na beldade, tentando dizer-lhe que lamentava, mas que ela era tão bela que não tinha conseguido tirar os olhos do seu rosto, que não

sabia que existia tamanha beleza.

A mãe da beldade, então, ficou histérica e gritou à polícia que Shada segurava um lenço com um cântico bordado, dizendo que esta na verdade era uma bruxa que tentava apanhar o vômito da filha para fazer um feitiço. A mãe alegou que todas as mulheres ficavam com inveja da beleza da filha e que obviamente aquela bruxa planeava matá-la usando um cântico ou um feitiço.

Eu não soube o que dizer. Nos últimos anos, ouvira falar muito daquela tendência nova, e assustadora, na Arábia Saudita mas era a primeira ocasião em que alguém que trabalhava para a nossa família tinha sido enredado naquele disparate.

– E onde está Shada agora? – perguntei a Kareem.

– Na prisão. Quando o pai foi notificado, ela já tinha sido detida e acusada.

– Qual é a acusação?

Kareem quase gritou. – Bruxaria! A tonta da rapariga está a ser acusada de ser bruxa!

– O que podemos fazer?

– Não sei, Sultana. É um assunto delicado.

– Sim.

Kareem deixou-se cair numa poltrona. Não via o meu marido tão perturbado há muito tempo. Olhou-me com sofrimento.

– Os pais de Shada estão inconsoláveis. E o que é mais perturbador, acreditam que basta eu fazer um telefonema para tudo se resolver. Realmente não sei o que posso fazer.

Olhei para o relógio. – Não podes fazer nada hoje à noite, marido. É tarde.

Kareem suspirou profundamente. – Detesto o que está a passar-se no nosso país. A loucura espalha-se por todo o lado. Não sei o que terá de acontecer para não nos afundarmos nesta loucura total. Bruxas e bruxaria! Estes homens selvagens estão a lançar uma sombra sobre o nosso país, e sobre nós!

Embora a maior parte das pessoas acredite que a família real consegue resolver estes problemas com um estalar de dedos, isso não é verdade. As autoridades religiosas são tão poderosas na Arábia Saudita que até o nosso rei tem de ter cuidado. Embora ele tenha mais influência do que elas, ainda assim deve escolher as suas batalhas com cuidado. Nem Kareem nem eu podíamos sair vitoriosos de um tal confronto com os homens da religião, nem

sequer para salvar a vida de Shada.

Kareem deu ordens a um dos seus encarregados para ficar durante aquela noite na casa de Shada, confortando os pais dela. Mandou avisar que faria o que pudesse na manhã seguinte.

O nosso sono foi intermitente e, quando a manhã chegou, não estávamos repousados.

Quando Kareem saiu de casa, era um homem com um propósito. Reuniria vários dos seus primos mais influentes para ouvir os conselhos deles. Afinal, os primos não queriam ser associados ao caso, pois também eles sabiam que tudo o que se relacionasse com bruxas e feitiçaria é um assunto muito ofensivo na Arábia Saudita, a não ser que o objetivo fosse juntar-se à loucura de fornecer novas vítimas para as autoridades religiosas torturarem. Neste caso, os religiosos seriam solícitos e amistosos.

Kareem não demorou a constatar a necessidade de contratar um dos advogados mais respeitados do país para arguir o caso de Shada – um homem cuja própria segurança não estava garantida, mesmo com o apoio da família real. Este receava cada vez mais pela sua segurança – os religiosos lançavam-lhe olhares furiosos no tribunal e o juiz ameaçou-o com uma longa pena de prisão por representar uma bruxa! É horrendo para todos os sauditas que os advogados que representam vítimas muitas vezes sejam postos na prisão com os seus clientes.

Aguardava-nos um pesadelo terrível. Tudo no nosso país se move com vagar – principalmente o sistema legal. Kareem e eu demos por nós encurralados numa lama de apreensão e tormento. Fomos informados pelo advogado que o meu marido contratara de que Shada fora considerada culpada e ia ser executada por decapitação.

Poucas pessoas do Ocidente sabem que a maioria dos muçulmanos é muito supersticiosa e acredita em mágicos, magia negra, mau-olhado e génios demoníacos, que são seres sobrenaturais que tentam assustar, ou até prejudicar, bons muçulmanos.

Desde criança que me avisaram sobre o mau-olhado e os seres sobrenaturais, embora o meu pai se irritasse quando alguém falava de génios na sua presença. Apesar de não ter muitos estudos, era inteligente e afirmava que os génios existiam apenas na mente, não na vida física.

Eu não sabia nada pormenorizado sobre bruxaria ou feitiçaria até me ter casado e descoberto que a minha sogra tinha uma crença inabalável no poder

da magia negra. Ela, como muitas sauditas que têm demasiado tempo para gastar, distrai-se com o sobrenatural. A minha sogra chegou a influenciar Maha, que passou um período a praticar magia negra, mas Kareem e eu desencorajámo-la tanto que ela não demorou a desinteressar-se.

Há ocasiões em que as histórias de feitiçaria e de magia negra provocam sorrisos, como aquela altura, em meados dos anos 1980, em que uma amiga minha americana que vivia no meu país me contou uma história divertida. Ela era uma leitora ávida e seguia as notícias mais de perto do que a maioria. Soube de um anúncio de rádio de Gidá, sobre um génio maléfico que um homem saudita dissera estar escondido numa comunidade específica da cidade. Muitos cidadãos ficaram alarmados com o avistamento e as pessoas não demoram a espalhar boatos de avistamentos de um génio particularmente mau a deambular pelos seus bairros. Um jornal disse que o génio fora visto por um dos seus repórteres. Segundo o jornalista, o génio tinha uma aparência física tão desagradável que não havia palavras apropriadas para o descrever. Num dos artigos, os leitores foram informados de que um dos sauditas do bairro, obcecado com o génio, chegara a obter uma fotografia do horrendo ser. O jornal prometeu divulgar a fotografia, embora, por alguma razão inexplicável, tenha retido a imagem durante uma semana. Entretanto, os cidadãos de Gidá foram instruídos a ficar em casa à noite e a ter as portas sempre trancadas. A histeria generalizou-se pois, todos os dias, os editores publicavam histórias sobre os vários avistamentos do génio, que estava a ficar cada vez mais perigoso, ou pelo menos assim afirmava o jornal.

Todos seguiram a história com uma excitação nervosa, desesperados por ver por si próprios a imagem do génio.

Quando o dia finalmente chegou, o jornal publicou a fotografia. A minha amiga americana foi uma das primeiras a abrir o jornal. Confessou mais tarde que se riu bem alto. O terrível «génio» era nada mais nada menos do que uma fotografia do E.T., o pequeno extraterrestre do popular filme de Steven Spielberg *E.T., o Extraterrestre*, lançado em 1982.

Naquele tempo, poucos sauditas viajavam para fora do país e, com o *E.T.* proibido no nosso país, só um número limitado de cidadãos sauditas vira o filme.

Eu própria vi posteriormente a edição impressa do jornal e, embora também eu tinha rido do absurdo medo criado por uma fantasia produzida em Hollywood, lembro-me igualmente de me ter sentido ligeiramente

envergonhada por tantos dos meus conterrâneos terem acreditado na história. Soubemos que a histeria foi generalizada em Gidá quando surgiu a imagem da criatura. Muitos acreditaram que era verdade, que o E.T. era um ser real que rondava pelos seus bairros, aguardando no escuro o momento de os atacar a si ou aos seus filhos.

Embora os sauditas sempre tivessem temido o lado mais negro da vida, por alguma razão, não sei porquê, nos últimos dez anos este lado escondido da vida tem alastrado pela nação, por isso há hoje uma enorme paranoia em muitas mentes sauditas. As autoridades da Arábia Saudita chegaram mesmo a banir a série de Harry Potter, da autora britânica J. K. Rowling, acreditando que os livros e os filmes podiam conduzir cidadãos sauditas a praticar feitiçaria e magia.

Para alarme dos cidadãos sauditas e de outros que vivem na nossa terra, a Comissão para a Promoção da Virtude e Prevenção da Imoralidade – a polícia religiosa, os homens de olhar raivosos que se veem tantas vezes nas nossas ruas, com as suas longas barbas e túnicas até ao tornozelo – sofre de uma preocupação obsessiva em eliminar a feitiçaria e em caçar bruxas, o que se encontra estranhamente enredado com o seu entusiasmo pela promoção da nossa fé conservadora. O mais alarmante é que esta comissão agora criou uma Brigada Antibruxaria especial, para educar todos os que vivem na Arábia Saudita acerca dos males da feitiçaria e da bruxaria. A Brigada Antibruxaria tem um orçamento enorme do governo para perseguir qualquer pessoa que lance feitiços contra inocentes. Permeiam a nossa sociedade de medo, pois distribuem panfletos, detêm serviços de atendimento telefónico e montam operações antibruxaria, nas quais tentam levar alguma pobre alma a fazer uma afirmação que levante suspeitas sobre si. Incentivam as pessoas normais a denunciar qualquer comportamento que lhes pareça estranho. Alguém ficou a olhar para si durante tempo de mais? Ficou doente depois de um vizinho lhe ter feito uma visita? Um homem ficou impotente? Se for esse o caso, deve lembrar-se da pessoa com a qual esteve antes de perder a sua «virilidade». Alguém tentou comprar uma ovelha ou um camelo e descreveu características específicas que gostaria que o animal tivesse? Se assim for, a pessoa deve ligar para o serviço de atendimento telefónico antibruxaria e fornecer às autoridades o nome do culpado. Tendo como base provas tão vagas e disparatadas, os cidadãos sauditas ou outros que estejam no nosso país correm o perigo de ser detidos e alvo de acusações graves.

Estes homens, que considero do mais ignorante que um ser humano pode ser, estão a criar um campo fértil para a caça às bruxas, pois houve uma série de casos em que pessoas que procuravam vingança fizeram alegações falsas de feitiçaria e bruxaria contra pessoas inocentes. Talvez uma rapariga informe sobre uma violação ou um motorista, o não-pagamento do salário. Os empregadores revoltados podem apresentar uma contra-acusação, acusando essas pessoas de serem bruxas ou de fazer feitiçaria. Se tais alegações forem feitas, os visados são detidos, julgados e muitas vezes executados, apesar da sua inocência.

Acho impossível acreditar que alguém, mesmo moderadamente educado, ou parcialmente racional, possa aceitar como verdade uma semelhante algaraviada! Mas é esta a realidade da vida da Arábia Saudita para algumas pessoas no ano de 2014.

Desde 2012 já houve quase mil casos de detenção, julgamento, prisão e, para alguns, execução, por bruxaria e feitiçaria.

No momento em que escrevo, há mais de duzentas pessoas encarceradas na Arábia Saudita por feitiçaria ou bruxaria. Deste número, mais de vinte perderam os recursos e a sua execução por decapitação encontra-se marcada.

Seguem-se então exemplos de factos conhecidos sobre alguns casos ocorridos na Arábia Saudita ao longo dos últimos anos.

- 1) Um trabalhador doméstico do Sri Lanka foi condenado a um ano de prisão e a cem chicotadas por praticar magia negra, embora ninguém tenha apresentado nenhum exemplo específico do tipo de magia negra que ele praticava.
- 2) Uma cidadã do Sri Lanka foi presa por suspeita de praticar bruxaria, depois de ter ficado tempo de mais a olhar para uma criança num centro comercial. Trazia um cordão preto à volta do pulso, o que levou o juiz a considerar que devia ser bruxa. A sua punição é desconhecida no momento em que escrevo.
- 3) Uma saudita chamada Amina bint Abdul Halim bin Salem Nasser foi executada por cometer feitiçaria e bruxaria, embora os atos específicos não tenham sido tornado públicos. Os membros da comissão apresentaram a simples declaração de que a senhora era uma ameaça para o islão.

- 4) Um saudita chamado Muree bin Ali bin Issa al-Asira foi falsamente acusado de praticar bruxaria. Como vários livros e talismãs foram encontrados em sua casa, foi detido, julgado e decapitado na província meridional de Najran.
- 5) Uma saudita, de sessenta anos, foi decapitada por bruxaria, por «convencer pessoas a dar-lhe dinheiro», depois de afirmar que conseguia curá-las de doenças.
- 6) Mustafa Ibrahim, egípcio, foi decapitado depois de ser acusado de lançar feitiços para separar um homem e uma mulher casados. O juiz disse que ficara convencido da culpa de Mustafa depois de terem sido descobertas em sua casa velas, ervas de cheiro nauseabundo e livros.
- 7) Um caso famoso envolvendo um cidadão muçulmano libanês foi tornado conhecido no mundo inteiro apenas porque o governo libanês lutou pela sua libertação e a história chegou aos noticiários. O homem, chamado Ali Hussain Sibat, era apresentador de um programa de televisão popular do Líbano intitulado «O Oculto». O programa era, na verdade, um serviço de atendimento psíquico. Sibat dava aconselhamento ao público e por vezes lançava alguns feitiços. Como seria de esperar, o programa captou a atenção da polícia religiosa saudita e, quando Sibat viajou à Arábia Saudita em peregrinação, foi detido sob acusação de feitiçaria. Embora não se tratasse de um cidadão saudita, e os seus «crimes» tivessem ocorrido noutro país, a Brigada Antibruxaria não se deteve. Sentindo os seus membros ser os guardiões da fé, não só na Arábia Saudita mas também no mundo inteiro, levaram Sibat a julgamento e obtiveram do juiz o veredito de culpado. Sibat foi condenado a decapitação. A data foi marcada várias vezes ao longo de vários anos, mas, de cada vez que a altura chegava, o governo libanês conseguia deter a execução. Embora se acredite que Sibat não tenha sido decapitado, as autoridades sauditas não informam se foi libertado, se ainda se encontra na prisão ou se regressou a sua casa, no Líbano. Se tiver sido libertado, manteve-se discreto, embora eu tenha certeza de que, em privado, ele fale sem contemplações da barbaridade do meu país. Kareem promete saber do seu destino e, assim que o fizer, eu dá-lo-ei a conhecer.
- 8) Um eritreu foi detido e encarcerado depois de a sua agenda telefónica em pele ter sido confiscada e apresentada ao tribunal como um talismã, porque a polícia religiosa não conseguia ler a caligrafia estrangeira do

homem e acreditava que o livrinho se encontrava cheio de cânticos que faziam com que os homens deixassem as suas mulheres e as mulheres deixassem os maridos. O pobre homem deve ter ficado confuso e aterrorizado, pois não lhe foi atribuído nenhum advogado e todos os procedimentos foram feitos numa língua que não compreendia, embora a sua agenda tivesse sido apresentada e atirada para cima da mesa de interrogatório e a causa da sua detenção e de uma punição de centenas de chicotadas.

9) O sudanês Abdul Hamid bin Hussein Moustafa al-Fakki foi vítima de uma operação antibruxaria, na qual um agente à paisana que trabalhava para a comissão lhe pediu para criar um feitiço que fizesse o pai deixar a segunda mulher. O agente jurou que al-Fakki disse que poderia fazê-lo, mas por um preço de mil e quinhentos dólares. Ninguém sabe, claro, se foi isso que aconteceu, tal é a ânsia das autoridades religiosas em deter, chicotear e mesmo decapitar pessoas. Quem pode confiar no seu testemunho?

10) Por último, uma pobre mulher foi apanhada por uma agente infiltrada, que lhe pediu para transformar o marido num homem obediente. A mulher terá dito que podia fazê-lo, tendo sido imediatamente detida e posteriormente condenada à morte.

* * *

Faria e Shada – duas raparigas inocentes, ambas vítimas de rituais bárbaros e superstições que arruinarão a sua vida para sempre. Não consegui tirá-las da cabeça durante meses. Fui informada por Nadia de que nunca mais se ouvira nada de Faria depois de os pais aparecerem no hospital e insistirem que a filha voltasse para casa com eles. Nadia disse que Faria chorava lágrimas amargas ao sair do quarto.

Tive pesadelos de Faria a ser casada contra a sua vontade com um bruto, um homem que não se condoeria da sua condição de mutilada e que voltaria muitas vezes a romper a sua zona genital, causando angústia e dor repetidas àquela jovem.

E Shada? Como é que a pobre Shada estaria a reagir ao facto de se encontrar encerrada numa prisão de Riade? Seria capaz de se preparar psicologicamente para o destino terrível que a aguardava? Perderia a vida

simplesmente por admirar uma mulher bela?

Passei tantas noites a rever aquilo que acreditava ser o destino de Faria e Shada que eu própria me senti no limiar da sanidade. Na verdade, foram precisos meses até os seus destinos serem finalmente determinados.

Vi que o meu marido também sofria. Tinha o rosto cansado e reparei em novas rugas; o seu cabelo escuro começou a ficar grisalho. Sabia que o meu marido sentia que era um príncipe sem poder, algo muito difícil de aceitar para um homem orgulhoso e digno.

Numa noite longa em que deambulava pelos nossos aposentos, Kareem sentou-se à sua secretária, pegando na caneta e escrevendo palavras que lhe saíam do coração. O meu marido é poeta e captura o sofrimento e a alegria de uma maneira que eu não consigo. Na manhã seguinte, depois de Kareem ter saído dos aposentos para tomar café, sentei-me na sua cadeira e li as palavras tristes que ele compusera:

*Quando nasci, a minha terra natal enchia-me o olhar.
Os anéis e as curvas da areia de Riade apresentavam-se,
aguardando um par de sandálias.
As montanhas de Taif ofereciam uma sombra preciosa.
As águas azuis do mar Vermelho refrescavam-me o corpo.
Mas agora vejo a minha terra com outros olhos,
e é esta visão que destrói o meu sonho.
As areias escaldantes queimam-me agora os pés.
As enchentes das montanhas arrasam as árvores clementes.
As águas do mar Vermelho asfixiam-me até não conseguir respirar.
Levem daqui estes homens revoltados que dizem falar com Alá.
Não conhecem sequer a Sua língua.
Balbuciam numa voz estranha, destruindo a minha terra.
E sento-me, impotente, sem conseguir salvar a terra que amo.*

Nunca como naquele momento amei tanto Kareem.

AINDA CHORO

Para meu desespero, são tantos os fracassos como os sucessos quando se trata de ajudar mulheres vulneráveis da Arábia Saudita. E, assim, meses depois de ter sido retirada à força do hospital, a pobre Faria regressou como paciente. Nadia estava muito perturbada quando telefonou a Amani para lhe dar a notícia preocupante de que Faria fora de facto forçada a um casamento que não desejava.

Faria nunca recuperara totalmente dos ferimentos e da infeção que sofrera com a mutilação genital feminina que lhe foi imposta. Lamentavelmente, o seu marido era um bruto a quem só o seu próprio prazer sexual interessava e ficou irritado por Faria não se mostrar uma parceira disponível. Faria escondia-se quando ele lhe ordenava que fosse para o leito conjugal.

Após a segunda admissão no hospital, ela recuperara e voltara para o marido. Mas a pobre mulher ainda era desesperadamente infeliz e chorou e suplicou que alguém a ajudasse a escapar de um casamento e de um marido que lhe eram repulsivos.

Nadia mantivera-se em contacto com Faria o melhor que conseguira e, da última vez que falaram ao telefone, esta confidenciara que o marido começara a agredi-la apesar de ela se encontrar grávida. Pensar na dor que teria de suportar para dar à luz, com os ferimentos e cicatrizes resultantes da MGF, deixava Faria aterrorizada. Mas depois, subitamente, não houve mais nenhuma comunicação da sua parte. Parecia ter desaparecido.

Faria não voltou a responder aos telefonemas de Nadia, nem a ser admitida no hospital. É possível, embora improvável, que a família se tenha mudado, mas talvez nunca descubramos o que aconteceu à pobre rapariga e todas tememos o pior.

A pobre Amani derrama lágrimas de dor cada vez que fala de Faria, por isso pelo menos a minha filha mais nova agora compreende que, para as mulheres da Arábia Saudita, a vida é muitas vezes cruel e brutal. Embora Amani tenha grande paixão pelo nosso trabalho, sei agora que a minha filha está a abrir os olhos para a realidade do nosso mundo.

Quanto a Shada, a ingénua rapariga que foi tão duramente castigada por olhar inocentemente para outra mulher, e acusada de ser bruxa, a sua história tem um final muito mais feliz. Isto porque o meu marido fez algo que disse que nunca faria. Depois de o advogado que representava Shada lhe ter dito que os clérigos responsáveis pelos tribunais nunca se pronunciariam a favor de uma mulher acusada de ser bruxa, pois a hierarquia religiosa da Arábia Saudita gosta especialmente de punir pessoas por bruxaria ou feitiçaria, Kareem subornou três clérigos com grandes somas de dinheiro, homens que estavam encarregados do caso de Shada. Não se sente orgulhoso de ter adotado tais táticas, mas eu nunca fiquei tão orgulhosa de Kareem. É preciso ser-se uma pessoa excecional para se ir contra tudo aquilo em que se acredita, não para seu próprio benefício, mas para ajudar outra pessoa. Kareem racionalizou que era apenas um pequeno pecado subornar alguém, comparado com o pecado muito maior de permitir que uma rapariga inocente como Shada fosse executada por ser ingénua. O seu único pecado fora ficar enfeitiçada por uma mulher bela e proclamar a sua admiração.

E foi assim que enfrentámos a derrota e saboreámos a vitória. Mas pouco prazer retirámos do nosso triunfo, pois chorávamos a perda de Faria.

É minha súplica e esperança que chegue o dia em que as mulheres não tenham de passar pela tortura da mutilação genital – ou a agonia de serem forçadas a casarem-se com um homem, novo ou velho, que lhes é desconhecido.

* * *

Seguramente agora já sabem que sou uma mulher de paixões – uma mulher que ama profundamente. A emoção intensa que sinto produz o desejo de proteger aqueles que amo. Quando era nova, o meu desejo de proteger tinha também o efeito colateral negativo de necessitar igualmente de controlar quem amava. Esta necessidade tem um impacto indesejado tanto naquele que ama como naquele que é amado.

Com a maturidade, constatei que o amor que os homens sauditas dizem sentir pelas mulheres na verdade tem a ver com controlo. Ouvi muitas vezes dos homens sauditas que o seu amor significava que tinham de proteger, ainda que negassem a sua necessidade de dar ordens, restringir e controlar.

Por isso, resguardo o amor que sinto, amando com gentileza e cuidado, sem tentar controlar.

Sou uma filha que amou intensamente a mãe desde o momento do seu nascimento. O meu amor por ela continua a crescer com cada ano que passa e nunca se esvairá enquanto o meu coração bombear sangue pelo corpo. Gostaria de poder dizer o mesmo do meu pai. Enquanto criança, o medo levou a melhor sobre o desejo de amar o meu pai tal como amava a minha mãe. Foi com tremenda tristeza que acreditei durante muito tempo que, até ao momento em que uma mortalha me viesse cobrir o corpo e este fosse sepultado no deserto, nunca sentiria verdadeiro amor pelo meu pai. Não conseguia perdoar-lhe o favoritismo que mostrava pelo meu irmão, em detrimento de mim e das minhas irmãs, o que alimentou o mau sentimento que ainda hoje persiste entre o meu irmão e eu. Mas, depois de chegar a uma certa idade, o amor pelo homem imperfeito que me deu a vida começou a crescer. Agora, pela primeira vez, posso dizer que sou uma filha que ama o seu pai.

Sou uma irmã que ama cada uma das suas nove irmãs, embora o meu amor seja mais forte pela minha irmã Sara. Não posso dizer o mesmo sobre o meu irmão, Ali. No passado, senti momentos de afeto por Ali, mas o meu amor diminuía com cada ato cruel que ele cometia contra as mulheres, os filhos, os irmãos, as sobrinhas e os sobrinhos. Agora, quando penso em Ali, o meu coração sente apenas mágoa.

Sou uma mulher que ama o marido. Tal como acontece com a maioria das mulheres da Arábia Saudita, o meu casamento foi combinado. Eu era uma simples adolescente quando me disseram que ia casar, mas fui uma das sauditas que tiveram sorte, pois permitiram-me que tivesse um encontro supervisionado e telefonemas com o meu noivo antes do casamento. O encontro e os telefonemas serviram para me tranquilizar de que Kareem era um homem bom. Na verdade, o belo rosto de Kareem trouxe-me felicidade desde o nosso primeiro encontro. O meu coração sussurrou uma mensagem de amor assim que olhámos para os olhos um do outro. Amei-o em quase todos os momentos desde então. O meu amor fraquejou apenas uma vez, na

altura em que ele exprimiu o desejo de ter uma segunda esposa. A minha reação violenta não foi o que ele esperava e consegui gorar os seus planos diabólicos quando fugi dele, para fora do nosso país. Graças a Alá, aquela altura terrível revelou ser um momento fugaz e o meu marido nunca mexeu no ninho de vespa que seria mencionar a possibilidade de ter uma segunda mulher. Sou parceira de pleno direito no nosso casamento e sei que Kareem e eu temos um dos casamentos mais felizes da Arábia Saudita. O meu marido exprime diariamente o amor que sente por mim e a sua satisfação por estarmos casados, sentimentos que são recíprocos.

Considero um grande tesouro, o amor que sinto pelos outros. Mas não há amor tão importante como aquele que sinto pelos meus filhos.

Sou uma avó que ama intensamente os netos. Casei-me nova, e tive os meus filhos quando era jovem. Por isso, agora sou uma avó jovem que ama os seus três netos tanto quanto é possível amar-se. Sem hesitação, sacrificaria a minha vida pela pequena Sultana, pelo príncipe Khalid e pelo príncipe Faisal.

Sou uma mãe que ama os seus três filhos com uma paixão indefinível. Embora tenha sido uma criança rebelde que criou muitos problemas para a nossa vida familiar, no momento em que me tornei uma jovem mãe toda a minha atenção passou a estar no abrigo e proteção dos meus filhos. Apesar desta necessidade de proteger, porém, sempre estive determinada a criar filhos fortes e independentes que se tornassem adultos confiantes – pessoas que fossem livres de se exprimir e de defender aquilo em que acreditam.

Lembro-me do parto de cada filho como se tivesse sido ontem.

No nascimento de Abdullah, fiquei entusiasmadíssima ao sentir as contrações do parto, pois sabia que, se fosse a vontade de Deus, em breve teria um bebé nos braços. Embora a experiência de viver a minha infância de rapariga no reino da Arábia Saudita me tenha ensinado que uma criança do sexo masculino teria uma vida mais fácil, estava enamorada de meninas e o meu coração estava desejoso de ter uma. Todos à minha volta exceto a minha irmã Sara exprimiam desejo de um menino, pois na Arábia Saudita as pessoas celebram o nascimento de filhos e choram o nascimento de filhas. A simples ideia enlouquecia-me. Deplorava a injustiça desta tradição cultural e, embora me contorcesse com as dores do parto, a minha via rebelde incendiou-se novamente quando tentei que o meu corpo desse à luz uma filha.

Mas Alá decidiu que o meu primogénito seria um rapaz; era o meu destino, e o destino do meu filho.

Encontrava-me preparada para me sentir triste com a visão de um bebé do sexo masculino, mas fiquei estarecida com as emoções de ternura que senti ao olhar aquele belo rapaz. Segue-se a memória do parto do meu filho Abdullah, como foi escrita no primeiro livro sobre a minha vida.

Quando me colocaram o meu filho sonolento nos braços, nunca mais pensei no meu desejo de uma menina. Essa viria mais tarde. Aquele varão receberia uma educação mais correta que os da geração que o havia precedido. Senti o poder das minhas intenções a criarem o seu futuro. Não teria ideias retrógradas, as suas irmãs seriam respeitadas e poderiam expor livremente ideias, e ele conheceria a sua companheira e apaixonar-se-ia por ela antes de a desposar. As possibilidades imensas que o esperavam brilhavam esplendorosamente. Disse a mim mesma que já muitas vezes, ao longo da História, aparecera um homem que criara a mudança e influenciara milhões. Enchi-me de orgulho só de pensar no bem que aquele corpo minúsculo que tinha nos braços poderia trazer à humanidade. Uma nova era para as mulheres na Arábia poderia, sem dúvida, começar com alguém do meu próprio sangue.

É maravilhoso voltar atrás, ver o meu lindo menino com os olhos da memória, e comparar os sonhos que tinha para ele com a realidade dos dias de hoje. Fico espantada pela precisão dos meus pensamentos e dos desejos que alimentei para o meu filho, pois o minúsculo bebé veio a tornar-se um homem de carácter impecável e grandes conquistas. O meu filho é um homem esclarecido que sempre honrou e respeitou as irmãs e, depois, amou e honrou a mulher e a filha. É igualmente um filho perfeito para a mãe e o pai. Abdullah é um homem muito inteligente e opera verdadeiros milagres nos negócios, segundo o meu marido. É também um humanista e por inúmeras vezes provou a sua devoção para com o bem, pois ajuda sempre os necessitados, aqueles que são menos afortunados do que ele.

Se me fosse dada a oportunidade de usar uma varinha mágica que produzisse mudanças imediatas, não alteraria nem o seu aspeto, nem a sua

personalidade, nem o seu caráter.

Recordando o nascimento de Abdullah, recordo também todos os momentos do dia em que a minha filha mais velha nasceu. Ainda não contei ao mundo o que aconteceu, pois Maha chegou-nos antes do tempo previsto e Kareem e eu não estávamos preparados, pois acreditávamos dispor ainda de várias semanas antes de o nosso segundo filho se juntar à família. Mas Maha foi sempre uma criança impaciente, que reage inesperadamente a todas as coisas da vida. A sua chegada a este mundo não foi diferente.

Lembro-me de desejar uma noite sossegada no nosso palácio de Riade com o meu marido, pois a gravidez ia já avançada. Mas Kareem estava desejoso de passar a noite com o irmão, Assad, e, apesar da minha vontade, falou da necessidade de discutir um assunto de negócios relacionado com uma importante empresa multinacional que procurava fazer negócios no reino. Ele sabia que aquele tipo de reunião de trabalho não tinha qualquer interesse para mim, e que não ia pô-la em causa, e também deixou bem claro que não queria deixar-me em casa. Kareem disse que, enquanto ele e o irmão falavam de negócios, Sara e eu podíamos aproveitar a companhia uma da outra. Kareem mencionou que eles deviam vir a nossa casa, mas uma das filhas de Sara tinha comido peixe que não estava bom e sentia-se doente. Nada deixa uma pessoa tão maldisposta como peixe estragado. Sara, claro, recusou deixar a filha doente, o que não foi nenhuma surpresa, pois a minha irmã é uma mãe dedicada.

E, assim, acedi a acompanhar o meu marido, embora a sua persistência me tenha deixado de mau humor, pois sempre acreditei que, quando a gravidez vai muito avançada, uma mulher deve ser recompensada com a concretização de todos os seus desejos.

A viagem de carro até ao palácio da minha irmã não teve nada a assinalar e foi apenas quando chegámos que tudo pareceu transformar-se numa espécie de rábula, uma farsa que correu terrivelmente mal. Ao que parecia, toda a família comera do mesmo peixe estragado, pois Assad ficou maldisposto no momento em que nos recebeu. Com a mão à frente da boca, correu à procura de uma casa de banho onde pudesse vomitar. Nesse mesmo momento, quando Sara nos convidava a acompanhá-la à sala de estar, a filha doente veio à procura da mãe. Muito querida, tentou cumprimentar-me com beijos, até eu lhe dizer gentilmente: – Deixa os beijinhos, querida. Vai descansar para ficares boa.

A filha de Sara sorriu com bravura, mas depois ficou pálida e voltou a sentir-se mal – vomitando em cima de mim!

Sara pegou na filha envergonhada pelos ombros e tirou-a de cima de mim, dizendo: – Não te preocupes, querida. Volta para a cama. Eu trato da Sultana.

Eu estava atordoada e era incapaz de me mexer. Sentia o vômito húmido e o odor repelente. Kareem sobressaltou-se e gritou aos criados que trouxessem toalhas. Senti-me tonta e, depois de tentar reter o vômito uma ou duas vezes, acabei por sujar um dos tapetes valiosíssimos da minha irmã. Parecia um pesadelo!

Kareem entrou em pânico, porque estava muito preocupado comigo. Pegou em mim e começou a andar às voltas e a gritar: – Onde é que a levo? Onde é que a levo?

Aquele carrossel fez-me sentir ainda pior. Senti-me tonta e novamente com vontade de vomitar. Aqui, o meu bebé já tinha sido contagiado pela animação – dizem que os bebés conseguem ouvir tudo enquanto estão no útero e sentir as emoções da mãe, que os traz no corpo.

Maha começou a dar-me pontapés na mesma altura em que comecei a sentir as contrações do parto. Mesmo antes de nascer, Maha era já muito determinada e forte, e os seus pés, juntamente com o início das dores, fizeram com que gritasse tão alto que Kareem, perfeitamente alarmado, perdeu a força e eu escorreguei-lhe dos braços e caí ao chão, embora, abençoadamente tenha conseguido aterrar sentada.

Não me magoei, mas Kareem não o sabia e por isso pôs-se novamente muito agitado, sentindo que magoara a mulher, grávida. Gritou que trouxessem uma cadeira de rodas e, ao ver que ninguém vinha imediatamente, começou a correr, mas escorregou no chão molhado e caiu.

Com as contrações fortes a tomar-me o fôlego, não consegui fazer outra coisa senão sentar-me e gritar por ajuda, pois as contrações tornavam-se mais próximas do que deveriam estar. Sabia do meu primeiro parto que, quanto mais seguidas as contrações, mais próximo o nascimento. Assad já recuperara do ataque de vômito e, ouvindo os meus gritos, veio a correr. Espantado por ver o irmão e a cunhada no chão, ficou confuso. Devo dizer que a confusão foi aumentada por Kareem, que, ainda tomado pelo pânico, insistia que eu me magoara quando ele me largara.

Eu consegui falar, para lhes dizer a ambos: – Não, não estou magoada, mas

tenho a certeza de que o nosso bebé está para breve. Preciso de ir ao hospital.

O rosto de Kareem era uma máscara de terror, pois sabia que o bebé só deveria nascer dali a um mês e receou ter-me magoado a mim e ao nosso filho. Assad parecia ter dificuldade em mexer os pés, mas Kareem já se tinha levantado. Abanou o irmão e disse: – Temos de ir.

Sara e os dois criados regressaram à sala com as toalhas e todos ficaram perplexos com a cena, e os meus gemidos, que cresciam de intensidade. Kareem tirou algumas toalhas das mãos de Sara e disse-lhe: – A Sultana vai ter o bebé.

– Sultana! – gritou Sara, mas não se mexeu, pois também ela estava em choque.

O meu marido limpou-me o melhor que conseguiu, depois passou rapidamente o pano pela sua própria roupa, para depois se baixar e me erguer nos braços.

Assad insistiu em nos levar ao hospital: a minha última lembrança foi de Sara em pé na entrada, chocada e confusa com a direção que os acontecimentos tinham tomado em sua casa.

Nunca esquecerei aquela viagem de carro; Assad estava excitado e não conseguia lembrar-se de onde devia virar. Não ajudou à situação que o meu marido gritasse com o irmão nervoso; certa altura, chegou a esticar o braço e bater ligeiramente na cabeça de Assad com a mão aberta, depois de o irmão ter virado no sítio errado. – Presta atenção, Assad! – gritou. – Queres ter o bebé no carro?

Finalmente, chegámos. Estávamos onde devíamos estar e rapidamente fui levada para a sala de partos. As enfermeiras não demoraram a saber que o meu bebé estava com pressa de chegar ao mundo. Na verdade, se Assad não tivesse virado corretamente da última vez, receio o que pudesse ter acontecido.

O meu sofrimento com Maha foi curto, mas o serão foi um frenesim tão grande que, dos meus três filhos, a sua chegada foi talvez a mais memorável e caótica!

Sentia-me muito instável depois do choque daquela noite, mas fiquei aliviada quando me garantiram que a nossa filha era saudável. Lentamente, as minhas emoções acalmaram e, assim, segurei a minha filha preciosa nos braços e contemplei a sua perfeição e agradei a Alá o nascimento de uma

filha que proporcionaria à sua família muitas horas de doçura. Agora, todos sabemos que, embora seja uma pessoa boa e meritória que ajuda muitas pessoas, Maha não tem uma personalidade fácil como o irmão. A nossa filha trouxe mais tensão para a nossa família do que a que podíamos sequer imaginar quando recebemos aquele bebê lindo e minúsculo na nossa família. Mas eu nunca trocaria a minha filha por outra, pois amo-a e respeito-a por aquilo que é.

Vários anos depois, a nossa família foi abençoada com uma segunda filha, Amani. Depois do tumulto ocorrido no nascimento de Maha, quando estava grávida de sete meses do nosso terceiro bebê, o meu marido comunicou que devíamos ficar perto de casa, sem visitas sociais para fora do palácio. Não discordei. Então, quando sentíamos necessidade de ver familiares nossos, eles vinham até nós, embora com o meu terceiro bebê eu me sentisse sonolenta, até cansada, praticamente em todas as alturas do dia. Tinha vontade de fazer pouca coisa e passava a maior parte do tempo deitada com um livro ou a jogar jogos de tabuleiro com Kareem e outros familiares próximos.

Na semana antes do previsto para o parto, senti uma tensão no corpo e fiquei preocupada. Foi aqui que Kareem, nervoso, insistiu que eu desse entrada na ala de partos da realeza e ficasse lá até o nosso bebê nascer. Não fiquei muito satisfeita com esse desenrolar dos acontecimentos, mas fiz a vontade a Kareem, pois ele tinha o rosto consternado de preocupação e não deixava de me atazanar. No hospital, as minhas irmãs revezaram-se para ficar comigo e, embora me tenha sentido em paz com Nura, a mais velha das minhas irmãs, e com Sara, com quem tenho uma relação muito próxima e de grande amor, as minhas outras irmãs esgotavam-me porque tentavam distrair-me contando incessantemente histórias de família que consideravam hilariantes mas que na verdade eram apenas moderadamente divertidas. Gargalhadas incessantes podem tornar-se cansativas, incrivelmente entediantes e aborrecidas quando são a única coisa que se ouve.

E foi assim que a criança que mais dificuldades e tribulações traria à nossa vida chegaria ao mundo quase sem esforço. Embora eu estivesse felicíssima por ter uma segunda filha, pois julgava incorretamente que as duas raparigas seriam amigas inseparáveis, a maioria dos familiares de Kareem estava infeliz, pois não conseguiam falar de mais nada a não ser da importância de se ter muitos filhos rapazes. Como aquilo acabou por me desesperar ao ponto

de ficar com raiva, Kareem repreendeu os familiares que me perturbaram e eles não voltaram a dizer mais nada – a não ser comentar o tamanho invulgarmente pequeno de Amani; ela era apenas ligeiramente maior do que o que se designa por bebé prematuro. Claro que o seu tamanho pequeno também foi alvo de críticas, pois os sauditas preferem raparigas robustas, na crença de que uma mulher maior dará à luz filhos maiores e mais fortes. Tudo o que é considerado importante para a sociedade saudita gira à volta do bem-estar dos homens.

Embora eu nunca tivesse pensado muito no número de filhos que Kareem e eu teríamos, na minha cultura a maior parte das mulheres têm filhos até serem fisicamente incapazes de gerar mais. Somos um país e uma cultura onde é dada muita ênfase às famílias grandes, e aqueles que não têm filhos ou têm poucos são olhados com pena. Contudo, quando me diagnosticaram cancro da mama, o meu tempo de ter filhos chegou ao fim e a nossa pequena família não cresceu mais. Embora tenha sido uma das piores alturas da minha vida, pois receei não sobreviver para criar os meus filhos pequenos, deixando-os sem mãe, como a minha mãe me deixara, esses dias passaram há muito. Agora, com três filhos adultos, já não sofro desses pesadelos.

Portanto, a minha felicidade está completa. O amor que sinto pelos meus três filhos e os meus três netos é tão imenso que basta um único sorriso de um deles para me deixar sem respiração. O amor eterno que sinto pelos meus filhos e netos, e o meu conhecimento da inocência e da doçura de uma criança são as razões pelas quais desabo de incredulidade e completa infelicidade, quando fico a saber da crueldade que alguns sauditas infligem àqueles que são do seu próprio sangue. Um segundo e odioso crime junta-se ao primeiro quando as agências governamentais que foram criadas para dar seguimento a essas histórias e proteger os inocentes fecham os olhos aos abusos.

Quando as histórias que leram foram compiladas para este quarto volume sobre a minha vida, as grandes crueldades infligidas a algumas crianças sauditas impressionaram-me profundamente. Sabia que não podia esquecê-las, que devia revelar as suas histórias. Temi imenso o momento de levantar esta questão; de facto, é apenas no capítulo final deste livro que consigo ter ânimo para reviver o horror e o sofrimento que outros fizeram recair em crianças inocentes.

Não adiarei mais o inevitável. Relatarei apenas a história de algumas

dessas crianças torturadas e violentadas, pois nada é mais trágico do que o abuso e a morte de crianças. O meu único desejo é que o mundo inteiro se una para fazer da brutalidade dos adultos sobre as crianças o tópico mais importante do nosso tempo. Um grande movimento deve tomar conta do mundo inteiro, da Arábia Saudita a todos os países e sociedades do momento, para garantir que todas as crianças inocentes vivam livres de crueldade e abusos contra os seus pequenos corpos e contra o seu espírito.

Por isso peço ao leitor que me acompanhe na jornada mais negra a que pode votar-se um coração, pelos corações e mentes das crianças que foram torturadas e nalguns casos assassinadas por aqueles que deviam protegê-las de todo o mal.

As Histórias mais Tristes de Todas

Na Arábia Saudita, a cidade costeira de Gidá é uma povoação antiga de exótica beleza. Esta cidade eterna acompanha o traçado das águas azuis e quentes do mar Vermelho, com as suas marginais repletas de gente. A parte antiga de Gidá é composta por um manancial de edifícios antigos, com imaginativas portadas de madeira do estilo arquitetónico Hejazi, especialmente construídas para permitir a entrada da fresca brisa mas igualmente a privacidade das raparigas e mulheres, que não podiam ser vistas pelos homens que perambulassem pelas ruas.

Sempre que visito Gidá, faço questão de pedir ao motorista que me leve à parte mais antiga da cidade e, às vezes, paramos um momento para eu olhar para as portadas de madeira, recordando as muitas histórias que a minha mãe e tias mais velhas contavam sobre algumas mulheres locais que nunca saíam daqueles prédios antigos. Havia mulheres que entravam naquelas bonitas casas como jovens noivas e saíam envolvidas em mortalhas, do leito conjugal para o cemitério, segundo a minha mãe.

Anima-me pensar que tanto mudou no meu país e, acima de tudo, em apenas algumas gerações. Mas, antes de me permitir demasiada alegria nas minhas memórias, evoco as vidas desoladas dessas mesmas mulheres que sempre viveram atrás de paredes, mulheres escondidas do mundo, impotentes contra aqueles que talvez lhes dirigissem abusos.

A tristeza invade-me o coração quando reconheço que, embora no meu país a esmagadora maioria das vítimas seja do sexo feminino, há alturas em que também os rapazes sofrem abusos horríveis.

A história seguinte é sobre um rapaz de Gidá que foi mantido em isolamento em casa, vítima de abusos e esquecido. É uma história que deve ser contada, pois serve para demonstrar que, no mundo inteiro, crianças vulneráveis são vítimas de abusos horrendos. Não devemos virar a cara e ignorar estas duras realidades. É nosso dever, a bem das crianças inocentes, sermos vigilantes e ter sempre presente que estes crimes acontecem à nossa volta. Temos de fazer o melhor que sabemos para os evitar quando podemos.

A história foi-me dada a conhecer por uma prima princesa que vive em Gidá durante o ano inteiro. A minha prima mostrou-se terrivelmente perturbada quando me contou a história deste rapaz saudita de nove anos que foi vítima de abusos durante anos. Aqui está a história, como foi contada à minha prima princesa por uma assistente social de Gidá que teve acesso ao ficheiro clínico dele e lhe leu as palavras do menino.

«Tenho três irmãos e uma irmã. Os meus pais quiseram os meus irmãos e a minha irmã, mas por alguma razão não me quiseram e disseram-mo. Na verdade, achavam melhor que eu morresse. Não os chateava mais, se estivesse morto. Não sei porque é que não me amavam. Eu era um bom rapaz. Amava-os. Queria que me amassem também.

«Acredito que deixaram de amar-me quando comecei a molhar a cama à noite. A minha mãe ficava louca e gritava e batia-me com as mãos sempre que eu molhava a cama. O meu pai ouvia os gritos dela e vinha ajudar, dando-me pontapés. Quando me batiam, eu ficava com medo, porque era apenas um rapazinho. Fiquei tão nervoso que comecei a fazer chichi na cama todas as noites.

«Os meus pais ficavam zangadíssimos e fechavam-me num quarto pequeno sem nenhuma comida. Ficava com tanta fome que me sentia tonto e tropeçava quando tentava andar. Tinha tanta sede que a minha língua parecia não caber na boca. Era como se estivesse a sufocar. Os meus lábios rachavam. Achava que ia morrer. Havia um quarto pequeno com uma casa de banho, mas eles desligavam a água para lá. Mas esqueciam-se de que ainda havia alguma água. Por isso, bebia a água e salvava a vida.

«Uma vez, encostei muito a orelha à porta para ouvir o que se passava. Ouvi um barulhinho e percebi que a minha mãe estava a ouvir do outro lado

da porta. Fiquei muito quieto porque senti muito medo. Quando ela viu que não havia barulho a vir da casa de banho, ouvi-a dizer ao meu pai que achava que eu estava morto e, quando a noite chegasse, podiam levar-me pela estrada para Medina e enterrar-me no deserto. Ninguém iria saber e ninguém sentiria a minha falta. Parece-me que já era uma criança esquecida de todos.

«Mas eu recusei-me a morrer, apesar de ser tão maltratado e de ter muito medo do escuro. Passei o tempo todo a chorar baixinho e a suplicar que me tirassem do quarto. Ouvia os meus irmãos a brincar e divertir-se, mas eles não estavam autorizados a falar comigo.

«Queria ir à escola, porque os meus irmãos também iam e eu sabia que eles se divertiam com os amigos. Os meus pais deixavam os meus irmãos ir à escola, mas diziam que eu era estúpido de mais para aprender o que quer que fosse.

«Uma vez, adoeci e fiquei tão quente que a minha mãe disse que eu tinha febre muito alta. Os meus pais riram-se à gargalhada e lembro-me de o meu pai dizer que aquilo poderia matar-me. Como me recusei a morrer, eles ficaram ainda mais zangados comigo. Foi então que começaram a ferver água numa panela grande. O meu pai segurava-me e a minha mãe vertia-me a água a ferver no corpo. Eu gritava e gritava, porque magoava tanto. Gritava também porque pensava que ia mesmo morrer e eu não queria morrer. Queria viver.

«Soube mais tarde que os meus gritos foram ouvidos por um vizinho de bom coração que soube que uma criança estava a ser maltratada. O vizinho chamou a polícia e informou que estavam a matar uma criança; ficou muito alarmado e pediu ajuda.

«Então, vieram umas pessoas boas e levaram-me. Ficaram chocadas ao ver o meu corpo. Olharam para mim com olhos arregalados e disseram-me que estava muito magro e que tinha sido queimado.

«Não sei o que me acontecerá agora, mas ainda tenho medo. Não sei o que acontecerá aos meus pais. Sinto-me muito triste. Se eles me tivessem amado e me tivessem querido, tudo teria corrido muito melhor. Teria dormido no chão para não molhar a cama. Podia estar em casa a viver com os meus irmãos e a minha irmã, se ao menos não tivesse molhado a cama.

Os maus-tratos infligidos a esta criança deram-me muitas noites de insónia. Agradeço a Deus que um vizinho tenha ouvido os gritos do rapaz e tenha

decidido agir. Na Arábia Saudita, esse vizinho devia ser celebrado como um herói. Infelizmente, poucas pessoas se envolvem em assuntos de família, mesmo que se ouçam gritos. A maioria dos sauditas acredita que a privacidade familiar é mais preciosa e mais importante do que a vida humana.

Todos os que trabalham para a comissão designada pelo governo para a proteção de mulheres e crianças são também heróis. Tragicamente, a maior parte das organizações governamentais assobia para o lado quando um homem abusa da mulher, ou um pai abusa dos filhos. No caso do rapazinho que relatei, os especialistas foram inteligentes e corajosos o bastante para contrariar o sistema que protege os homens sauditas de serem punidos pelos violentos crimes que praticam contra mulheres e crianças.

Disseram-me que estes incidentes terríveis estão a tornar-se mais frequentes no meu país; no entanto, sou da opinião que o número de casos de abuso não está de facto a subir; as estatísticas estão a aumentar apenas porque os casos se tornam do conhecimento público. Há mais consciência daquilo que se passa em alguns lares sauditas. No nosso passado recente, as situações de abuso estavam todas escondidas. Hoje em dia, pela primeira vez, alguns casos de abuso chegam aos olhos e ouvidos sauditas – e fico contente por isso.

O abuso contra crianças acontece no mundo inteiro. Até em lugares onde se julgaria que as pessoas têm uma vida calma e boa, como é o caso de Abha.

Se se sair de Gidá e conduzir para sul, chegar-se-á a Abha, que é uma cidade invulgar para um reino desértico. Há aproximadamente quinhentos mil cidadãos a viver nesse lugar maravilhoso. Rodeada de montanhas férteis, com um clima moderado e mais chuva do que é habitual na Arábia Saudita, Abha tem muitos jardins, parques e ribeiros, e ao longo dos anos tornou-se um destino preferido de muitos sauditas. Para onde quer que se olhe em Abha, só se vê esplendor ecológico, mas, tristemente, a beleza física dessa terra não se vê refletida na natureza humana.

Há um lar em Abha em que nada que fosse belo conseguiria sobreviver. A sombra do mal encobriu uma família inteira que vivia naquela casa, levando à horrível tortura de três meninas, uma das quais morreu: Dalal, de treze anos. As três irmãs foram deixadas à mercê do pai depois de os pais se separarem.

O caso de Dalal conduz-nos ao tópico da custódia dos filhos. Na Arábia

Saudita, que se rege pela lei da *sharia*, os pais são os detentores únicos da custódia legal dos filhos em caso de divórcio. Durante a separação, o destino das crianças ficará dependente da relação entre os pais ou do caráter do pai. Embora uma pessoa isenta compreenda que uma mãe não deve ser separada dos filhos, durante a separação a mãe não tem qualquer poder sobre os filhos. Mais tarde, depois do divórcio, a *sharia* diz que as mães devem ter a custódia física dos filhos: das filhas, até estas atingirem a puberdade (que será aos sete ou aos nove anos, segundo o país muçulmano no qual se viva), e dos rapazes, até aos sete anos. Embora esta seja a lei, se o pai se opuser e exigir a custódia física, torna-se quase impossível para a mãe ver os filhos; poucos tribunais decidirão a favor de uma mulher contra o marido nesta minha terra obcecada pelos homens.

No triste caso de Dalal e das suas duas irmãs, o pai recusou qualquer visita da mãe das crianças. Três meninas ficaram então à mercê do pai, um homem cujo coração estava inquinado pela raiva mais malevolente.

Desde o início da separação que o pai de Dalal tirara as três filhas da escola e as forçara a ficar isoladas em casa. Quando os administradores da escola contactaram o pai das crianças e lhe pediram que as deixasse voltar à escola, a sua resposta foi negativa. Não acreditava que elas retirassem benefício dos estudos.

Ninguém viu as raparigas durante muitos meses. Não iam à escola. Não eram vistas no jardim da família, não eram vistas a espreitar das janelas.

Não eram vistas porque se encontravam acorrentadas.

Depois da morte de Dalal, descobriu-se que, quando o pai saía para o trabalho ou para tratar de assuntos, acorrentava as filhas, como animais. Duas ficavam presas a janelas, enquanto Dalal era acorrentada à porta. As raparigas eram deixadas penduradas, com correntes à volta dos braços e pescoço, até o pai decidir voltar a casa. Assim, reféns e em sofrimento, não eram alimentadas, não podiam ir ao quarto de banho, não podiam sentar-se.

Então, chegou o dia em que o pai perdeu a paciência com Dalal e colocou as correntes de uma forma específica, para a fazer asfixiar lentamente até à morte. Quando o pai regressou ao final do dia, Dalal, de treze anos, ainda se encontrava pendurada, mas estava morta.

Este pai saudita cruel, primeiro, mentiu, dizendo que Dalal estava a brincar num baloiço e que fora asfixiada pelas cordas, mas rapidamente admitiu ter matado a filha. Parecia orgulhoso do seu feito. Não receava o

governo porque, na Arábia Saudita, os homens podem matar as mulheres e filhas sem qualquer castigo sério. Talvez passasse alguns meses na prisão, ou talvez não. Tudo o que um homem tem a fazer é dizer que a filha desonrou o nome da família, e não será punido, pois acredita-se que um homem tem o direito de proteger a honra da família, que não tem preço, enquanto uma criança do sexo feminino não tem qualquer valor. Uma criança do sexo feminino como Dalal.

* * *

A frase «Ana Amal – Sou Amal», relativa a uma menina chamada Amal, tornou-se palavra de ordem na nossa casa e serve para nos lembrar tanto do perigo que ameaça muitas crianças, como da dificuldade que as vítimas do sexo feminino têm de que lhes seja feita justiça.

De todos os casos trágicos da Arábia Saudita, nenhum é mais horripilante do que o pesadelo da tortura e abusos sofridos pela pequena Amal, uma criança de cinco anos de quem se dizia ser um espírito alegre e que, como a maioria das crianças da sua idade, adorava brincar. Era também uma menina que amava de coração a mãe e o pai.

A trágica história de Amal demonstra que uma rapariga de cinco anos se encontra mais vulnerável do que a maioria. Em caso de divórcio, a mãe não pode estar sempre com os filhos. A maior parte dos filhos de pais divorciados passa, necessariamente, períodos em que estão sozinhos com os pais. Apesar de a maioria dos pais sauditas amar e proteger os filhos, há homens que são sádicos violentos, como o pai de Amal. Quando um homem assim bate na filha e a viola, é impossível para a criança defender-se. Com apenas cinco anos, a pequena Amal era uma criança pequena de mais para se proteger de um homem adulto.

A mãe de Amal casou-se com Fahim, um saudita que passara grande parte da vida dependente de drogas. Era um homem grande e tão violento e brutal que a mãe de Amal deu entrada com um pedido de divórcio num tribunal de Dammam, na província ocidental. Foi dado o divórcio à mãe de Amal, o que, só por si, é um pequeno milagre no meu país. Embora o pai de Amal tenha permanecido com a guarda da filha, assim como com a sua custódia legal, procedimento de rotina na Arábia Saudita, a custódia física foi concedida à mãe até ao sétimo aniversário de Amal.

Segundo a lei da *sharia*, as raparigas devem ficar com a mãe até terem sete anos, embora haja muitos casos em que o pai se recusa a ceder a custódia, até de bebés, e os tribunais geralmente não procuram obter justiça para a mãe ou a criança.

As visitas concedidas ao pai de Amal foram generosas, de duas semanas de duração até Amal atingir o sétimo aniversário, altura em que o pai ficaria com a custódia física. Tragicamente, a pequena Amal não chegou a celebrar o seu sétimo aniversário.

Depois de algum tempo, Fahim arrependeu-se da sua toxicodependência e convenceu a mãe de Amal a casar-se novamente com ele. A sua conversa de se ter tornado um homem novo, alguém que mudara, era um engodo. E, mais uma vez, a mãe de Amal pediu o divórcio, tendo ficado novamente com a custódia física da filha, enquanto o pai de Amal continuava a ter a sua guarda e a sua custódia legal.

Não demorou até Fahim aparecer em várias estações televisivas muçulmanas, afirmando ser um clérigo islâmico e apresentando o testemunho emotivo de como tinha deixado a sua vida de toxicodependência e tornado um novo homem. Havia um grupo devoto de seguidores seus, que pensavam que Fahim era, de facto, um homem digno de confiança e admiração.

Embora ele não exprimisse muita vontade de ver a filha, a mãe de Amal é uma mulher cumpridora e tratou de fazer com que a filha respeitasse o acordo das visitas e passasse tempo com o pai e a sua nova mulher, a madrasta de Amal.

Decorreram três visitas sem incidentes. Segundo a mãe de Amal, a menina sentia-se segura com o pai e a sua nova família e desejava passar tempo com ele.

Depois de o pai de Amal se mudar para Riade, deixou de haver comunicação durante muito tempo. Então, quando chegou a altura da visita de duas semanas, a mãe de Amal obedeceu à decisão do tribunal e levou a filha a Riade para ver o pai.

Mas algo correu terrivelmente mal durante a visita a Riade. Talvez Fahim tenha sucumbido ao anterior vício das drogas ou talvez simplesmente se tenha visto dominado pela sua natureza cruel. No final da visita de duas semanas, quando a mãe de Amal contactou o ex-marido para combinar o regresso da criança, Fahim disse que não, que ela não podia voltar a ter a filha. Disse-lhe que faria Amal esquecer a mãe. A pequena Amal veio ao

telefone e, na sua vozinha doce, disse à mãe: – Amo-te, mamã. Amo-te e rezarei por ti sempre.

A mãe de Amal não podia saber que o ex-marido tinha entrado num estado perigoso de paranoia – acreditando, entre outras coisas, que a filha de cinco anos tinha perdido a virgindade! A coisa mais desonrosa que pode acontecer a um pai saudita é a filha perder a virgindade, portanto o pai de Amal sentiu-se impelido a puni-la pelo seu crime. Por isso, começou a torturar a menina, violando-a em todos os orifícios do corpo. Chicoteou-a com cabos. Esmagou-lhe o crânio. Partiu-lhe as costelas. Partiu-lhe um braço. Abriu-lhe o reto durante uma violação violenta e, para travar a hemorragia, tentou queimar o tecido retal para este fechar.

Com as violações sucessivas, Fahim partiu as costas à pequena Amal.

E ainda assim Amal viveu.

Onde se encontrava a madrasta de Amal durante os crimes? Estaria a ver? Acompanharia Fahim na tortura à menina? Porque não chamou a polícia e salvou a criança? São tudo perguntas que permanecem sem resposta.

A tortura continuou, até finalmente se tornar claro que Amal estava a morrer.

O pai levou-a a um hospital de Riade, onde não mostrou quaisquer remorsos ou vergonha pelo que tinha feito à filha, apesar do horror manifestado pela equipa médica. Esta sabia que nenhum tribunal da Arábia Saudita decretaria um castigo adequado, pois ele era o pai da rapariga, e as deliberações para estes crimes baseiam-se, por rotina, nas leis sauditas que ditam que um pai não pode ser executado por assassinar os filhos, nem os maridos podem ser executados por assassinar as mulheres.

Amal não teria qualquer valor aos olhos dos tribunais sauditas – era apenas uma rapariga.

A pequena Amal ficou em coma durante meses, antes de sucumbir finalmente a uma tortura tão horrenda que não há uma palavra em nenhuma língua que possa descrevê-la.

Houve reviravoltas nos procedimentos judiciais. O caso era tão odioso que os cidadãos sauditas exprimiram indignação pela tortura e morte da criança e, mais revelador, pela reação do tribunal no julgamento do pai e pela sentença subsequente.

Fahim foi condenado a pagar uma indemnização à mãe, depois de cumprir uma pena de prisão muito curta de poucos meses. O juiz do caso decretou

que o dinheiro constituía a punição adequada e que os meses passados na prisão a aguardar julgamento eram castigo suficiente para o crime de Fahim, de violar e matar a filha. O juiz fez uma declaração escandalosa, afirmando que, a seu ver, Fahim não tivera intenção de matar a filha, o que em essência significa que as violações e as agressões brutais não eram crime aos olhos do sistema legal!

Houve um movimento de protesto no reino, pois a maioria percebia que uma sentença tão leve encorajaria alguns pais a abusar das filhas. Sem leis adequadas para deter aquele nível de violência doméstica, dita o senso comum que esta aumentaria.

Devido à pressão pública, Fahim voltou a tribunal, para se apresentar perante mais um juiz; este tribunal, localizado em Hawtat Bani Tamim, a sul de Riade, teve uma postura diferente e mais séria. Nesta audição, o juiz decretou que a sentença anterior tinha sido demasiado permissiva, e Fahim recebeu uma sentença de oito anos de prisão e oitocentas chicotadas por torturar a filha até à morte. A madrasta de Amal recebeu uma sentença de dez meses de prisão e cento e cinquenta chicotadas, porque não denunciou as violações e a tortura a que Amal foi sujeita.

Depois dessa sentença, a mãe de Amal decidiu aceitar a indemnização. Os tribunais decretaram, então, que a indemnização e os quatro meses que Fahim cumprira eram castigo suficiente para o crime.

Devido a um segundo protesto da opinião pública, os tribunais estão a rever o caso. Ainda não conhecemos o resultado final, embora a maioria acredite que o pai será discretamente libertado da prisão sem punição adequada por este odioso crime.

Se assim for, saberemos que a injustiça persiste, inamovível como granito, sob a cabeça das raparigas e das mulheres sauditas, mesmo quando os cidadãos sauditas exigem a mudança.

Como tantas mulheres da Arábia Saudita, nunca esquecerei a pequena Amal nem os abusos que uma rapariga pode sofrer no meu país. Há um ditado egípcio que declara: «Dizer o nome dos mortos trá-los novamente à vida.» Todos os dias da minha vida olho para o espelho e penso em Amal e na menina doce que era, e na mulher maravilhosa que, tenho a certeza, se teria tornado, e digo: «Ana Amal – sou Amal.»

Peço-lhe que faça o mesmo.

«Ana Amal – Sou Amal.»

Direi o nome de Amal todos os dias da minha vida, e ela viverá no meu espírito e no meu coração enquanto eu viver.

* * *

Com crimes destes a serem cometidos contra as mulheres e crianças – crimes que não são punidos na nossa sociedade –, não admira que eu por vezes sinta desespero e mágoa pelo destino de tantas pessoas vulneráveis na Arábia Saudita. Os meus esforços para ajudar os outros por vezes parecem-me ínfimos, insignificantes, por mais que eu me esforce. Como disse anteriormente, são tantos os sucessos como os fracassos.

É desesperadamente necessária e sempre bem-vinda uma mudança nas nossas leis e nas tradições culturais que nos acorrentam a práticas medievais – mesmo que tais mudanças muitas vezes sejam ineficazes e a sua implementação dolorosamente lenta. Mas é por esta razão que recuso desistir da luta pela justiça e pela igualdade.

Ainda há muito a fazer – e é por esta razão, caro leitor, que ainda choro.

Apêndices

Apêndice A

Factos sobre a Arábia Saudita

Informações gerais

Chefe de Estado: Sua Majestade o Rei Abdullah ibn Abdul Aziz Al Saud

Título oficial: Guardião das Duas Mesquitas Sagradas

Cidades principais

Riade – capital

Gidá – cidade portuária

Meca – cidade mais sagrada do islão, para a qual se voltam os muçulmanos para rezar

Medina – cidade onde se encontra sepultado o profeta Maomé

Taif – capital durante a época de verão e estância balnear

Dammam – cidade portuária e centro de comércio

Dhahran – centro petrolífero

Al Khobar – centro de comércio

Iambo – terminal de expedição de gás natural

Hail – centro de negócios

Jubail – cidade industrial

Ras Tanura – complexo petrolífero

Hofuf – cidade principal do oásis Al Hasa

Religião

Islamismo; é crime professar outras religiões na Arábia Saudita.

Feriados

Eid al-Fitr – cinco dias

Eid ul-Adha – oito dias

Introdução histórica

A Arábia Saudita é uma nação constituída por tribos cujas origens remontam às primeiras civilizações da Península Arábica. Os antepassados dos sauditas modernos viviam ao longo de antigas e importantes rotas comerciais e grande parte dos seus rendimentos provinha de ataques a expedições. Espalhadas por diferentes regiões e governadas por chefes tribais independentes, as diversas tribos de guerreiros unificaram-se no século VII numa religião, o islão, que tinha como líder o profeta Maomé. Aquando da morte do Profeta, aos sessenta e três anos, a maior parte da Arábia já era muçulmana.

Os antepassados dos atuais governantes da Arábia Saudita tiveram grande parte da Península Arábica sob o seu domínio durante o século XIX. Depois de perderem a maioria do território saudita para os turcos, foram expulsos de Riade e buscaram refúgio no Kuwait. O rei Abdul Aziz Al Saud, pai do atual rei, regressou a Riade e lutou para resgatar o país. Foi bem-sucedido, tendo fundado a moderna Arábia Saudita em 1932. Em 1938, foi descoberto petróleo e a Arábia Saudita rapidamente se converteu numa das nações mais ricas e influentes do mundo.

Geografia

A Arábia Saudita, com uma área de 2 240 000 km², tem um terço do tamanho dos Estados Unidos da América e o mesmo tamanho da Europa Ocidental. Fica na confluência de três continentes: África, Ásia e Europa. Estende-se do mar Vermelho, a oeste, ao golfo Pérsico, a leste, e faz fronteira

a norte com a Jordânia, o Iraque e o Kuwait e a sul com o Iémen e Omã. Os Emirados Árabes Unidos, Catar e Bahrain ficam a leste.

Caracterizada pelo deserto árido onde, à falta de rios, existem apenas alguns ribeiros permanentes, é a Arábia Saudita que alberga o Rub-al-Khali (Quadrante Vazio), o maior deserto de areia do mundo. A sudoeste, as cordilheiras da província de Asir elevam-se a mais de 2700 metros.

Calendário

A Arábia Saudita utiliza o calendário islâmico, baseado no ano lunar, em detrimento do calendário gregoriano, baseado no ano solar. O mês lunar é o tempo que medeia entre duas luas novas consecutivas. O ano lunar tem doze meses, mas é onze dias mais pequeno do que o ano solar. Por esta razão, os dias santos deslocam-se gradualmente de estação em estação.

A contagem dos anos lunares iniciou-se em 622 d.C., o ano da emigração, ou Hégira, do Profeta, de Meca para Medina. O dia santo islâmico é a sexta-feira. Na Arábia Saudita, a semana de trabalho começa no sábado e termina na quinta-feira.

Economia

Mais de um quarto das reservas mundiais de petróleo de que há conhecimento jazem sob as areias da Arábia Saudita. Em 1933, a Standard Oil Company of California ganhou o direito de encetar a prospeção do petróleo do país. Em 1938, foi descoberto petróleo no sétimo furo de Dammam, que ainda hoje continua a produzir. A Arabian American Oil Company (Aramco) foi fundada em 1944 e detinha o direito de prosseguir a procura de petróleo no reino. Em 1980, o governo saudita tornou-se proprietário da Aramco.

A riqueza proveniente do petróleo possibilitou que os cidadãos da Arábia Saudita vivessem um estilo de vida opulento a que poucos conseguem aceder. Com educação gratuita e empréstimos sem juros, a maioria dos sauditas prospera. Todos os cidadãos sauditas, assim como os peregrinos muçulmanos, têm cuidados de saúde gratuitos. Programas estatais conferem apoio aos cidadãos em caso de invalidez, morte ou reforma. O país constitui um impressionante Estado socialista. A nível económico, a Arábia Saudita

tornou-se uma nação moderna e tecnologicamente avançada.

Moeda

A unidade monetária da Arábia Saudita é o rial. Divide-se em 100 halalas e existe em notas e moedas de diferentes valores faciais. Um euro corresponde a 4,7 riais sauditas.

Leis e governo

A Arábia Saudita é um Estado islâmico e a lei tem por base a *sharia*, as leis islâmicas retiradas das páginas do Alcorão, e na *Suna*, as tradições veiculadas pelo profeta Maomé. O Alcorão é a constituição do país e o livro que orienta as decisões judiciais.

O rei e o Conselho de Ministros detêm os poderes executivo e legislativo. As suas decisões baseiam-se na *sharia*. Todos os ministérios e organismos públicos respondem perante o rei.

Religião

A Arábia Saudita é o berço do islão, uma das três religiões monoteístas. Os muçulmanos acreditam num só Deus e que Maomé é o seu profeta. Como centro nevrálgico do islão, a Arábia Saudita ocupa um lugar especial no mundo muçulmano. Todos os anos, milhões de peregrinos muçulmanos rumam a Meca para prestar homenagem a Deus. Por esta razão, a Arábia Saudita é um dos países muçulmanos mais tradicionais e os seus cidadãos pautam-se por uma interpretação rigorosa do Alcorão.

Um muçulmano tem cinco obrigações, designadas «Cinco Pilares do Islão», que são:

- 1) A profissão de fé: «Não há senão um Deus, que é Alá, e Maomé é o Seu profeta»;
- 2) Todo o muçulmano deve rezar cinco vezes por dia, voltado para a cidade de Meca;
- 3) Todo o muçulmano é obrigado a doar uma proporção fixa do seu rendimento, designada *zakat*, aos pobres;

- 4) Durante o nono mês do calendário islâmico todo o muçulmano é obrigado a jejuar. Durante esse período, chamado Ramadão, os muçulmanos têm a obrigação de se abster de comer e beber do alvorecer ao pôr-do-sol;
- 5) Todo o muçulmano tem a obrigação de cumprir a *hajj*, ou peregrinação, pelo menos uma vez na vida (se dispuser de meios económicos).

Apêndice B

Glossário

abaya – túnica comprida e preta que as mulheres da Arábia Saudita usam por cima da roupa.

abu – pai.

Al Saud – a família que governa a Arábia Saudita.

Alcorão – o livro sagrado de todos os muçulmanos, que contém a palavra de Deus tal como foi transmitida ao profeta Maomé.

beduínos – os árabes originários, um povo nómada do deserto.

Caaba – o mais importante santuário do mundo islâmico, um lugar sagrado para todos os muçulmanos. A Caaba é um pequeno edifício situado na mesquita sagrada de Meca, de forma praticamente cúbica, construído para albergar a Pedra Negra, que é o objeto mais venerado do mundo islâmico.

Dhu al Hijjah – décimo segundo mês do calendário islâmico.

Dhu al Qi'dah – décimo primeiro mês do calendário islâmico.

haji – pessoa que cumpre a peregrinação anual a Meca (título que confere reconhecimento).

hajj – peregrinação anual a Meca dos fiéis muçulmanos.

Hégira – calendário islâmico, que começa no ano em que o profeta Maomé partiu de Meca para se refugiar em Medina (622).

ibn – significa «filho de» (Khalid ibn Faisal, filho de Faisal).

ihram – estado inerente à *hajj* em que todos os muçulmanos abdicam da vida normal para se concentrarem apenas em assuntos religiosos.

imã – pessoa que dirige as orações comunitárias e/ou profere o sermão à

sexta-feira.

infanticídio – ato de matar uma criança. Nos tempos pré-islâmicos, era uma prática comum na Península Arábica, aliviando a família de meninas indesejadas.

islamismo – a fé religiosa dos muçulmanos, cujo profeta é Maomé. O islamismo foi a última das três grandes religiões monoteístas a surgir.

kohl – pó preto usado pelas mulheres da Arábia Saudita para maquilhar os olhos.

la – palavra árabe que significa «não».

mahram – parente do sexo masculino com o qual a mulher não pode casar-se, como o pai, irmão ou tio, que pode desempenhar o papel de guardião quando esta viaja. Deve ser um parente próximo.

Meca – a cidade mais sagrada do islão. É para ela que, todos os anos, convergem milhões de muçulmanos na sua peregrinação anual.

Medina – a segunda cidade mais sagrada do islão, onde se encontra sepultado o profeta Maomé.

monoteísmo – crença num Deus único.

muçulmano – aquele que professa a religião fundada pelo profeta Maomé no ano 610.

muezim – aquele que, cinco vezes ao dia, chama os fiéis para a oração.

mut'a – casamento temporário permitido dentro da fé islâmica.

Mutawwa – polícia religiosa, também conhecida por «polícia da moral», constituída por homens que investigam, prendem e castigam todos os que não respeitam a lei religiosa saudita.

Najd – nome pelo qual é tradicionalmente designado o centro da Península Arábica. Os habitantes desta área são conhecidos pelo seu comportamento conservador. A família real saudita provém desta região.

Polícia Religiosa, também conhecida como Comissão para

a Promoção da Virtude e Prevenção da Imoralidade – autoridades religiosas da Arábia Saudita com poder de deter todos aqueles que, no seu entender, cometem atos imorais ou crimes contra o islão ou que desafiam os ensinamentos islâmicos.

poligamia – casamento com mais de um cônjuge ao mesmo tempo. Os homens de fé muçulmana são autorizados pela lei a ter quatro esposas simultaneamente.

pardah – costume de manter as mulheres confinadas à sua casa. Em alguns países muçulmanos, esta reclusão pode ser total.

purificação – o ritual de ablução praticado pelos muçulmanos antes de orar a Deus.

«quarto da mulher» – divisão na casa de um homem utilizada para o confinamento das mulheres sauditas que desafiem as vontades dos maridos, pais ou irmãos. O castigo pode durar alguns dias ou a vida inteira.

rial – moeda da Arábia Saudita.

secular – não religioso.

Suna – tradições da fé islâmica tal como foram veiculadas pelo profeta Maomé.

sunita – referente ao ramo ortodoxo, maioritário, do islamismo. Noventa e cinco por cento da população da Arábia Saudita pertence a este ramo. A palavra «sunita» significa «tradicionalista». É um dos dois ramos principais.

thobe – vestimenta comprida, parecida com uma túnica, usada pelos homens sauditas. Habitualmente, é feita de algodão branco mas pode ser confeccionada com um tecido mais grosso e escuro para os meses de inverno.

Umm Al Qura – Meca, a «Mãe de Todas as Cidades» ou «a Cidade Sagrada».

umrah – a «peregrinação menor» (a Meca), que pode ser cumprida por todos os muçulmanos a qualquer altura do ano.

zakat – esmola que constitui obrigação de todo o muçulmano, sendo o terceiro pilar do islamismo.

xiita – referente ao ramo do islamismo que se destacou da maioria sunita devido ao problema do sucessor do profeta Maomé.

Apêndice C

Arábia Saudita – Cronologia

570

19 de janeiro. O profeta Maomé, fundador do islamismo, nasce em Meca.

632

8 de junho. O profeta Maomé morre em Medina. Após a morte, os seus seguidores reúnem as suas palavras e feitos numa obra chamada *Suna*, que contém os princípios do islão. Os princípios basilares denominam-se «Cinco Pilares do Islão» e são: 1) a profissão de fé; 2) a oração diária; 3) a esmola; 4) a observância do jejum no Ramadão; e 5) a *hajj*, a peregrinação a Meca.

séc. XV

Fundação da dinastia de Saud, próximo de Riade.

1703

Muhammad ibn Abd al-Wahhab (f. 1772), teólogo islâmico e fundador do wahabismo, nasce na Arábia.

1710

Nasce Muhammad ibn Al Saud.

1742-65

Muhammad bin Saud Al Saud associa-se aos wahabitas.

1744

Muhammad ibn Al Saud concretiza uma aliança política e familiar com Muhammad ibn Abd al-Wahhab, estudioso e reformista muçulmano. O filho de Ibn Saud desposa a filha do imã Muhammad.

1804

Os wahabitas tomam Medina.

1811

O vice-rei egípcio Muhammad Ali derrota os wahabitas e restabelece a soberania otomana na Arábia.

1813

Os wahabitas são expulsos de Meca.

1824

A família Al Saud estabelece uma nova capital em Riade.
décadas de

1860 a 1890

A família Al Saud exila-se no Kuwait quando o Império Otomano conquista o território que esta ocupa na Arábia.

1876

Nasce o avô de Sultana, Abdul Aziz ibn Saud, fundador do reino.

1883

20 de maio. Nasce Faisal ibn Hussein, em Meca. Virá a tornar-se o primeiro rei da Síria (1920) e do Iraque (1921).

1901

Muhammad bin Rasheed captura Riade, forçando a família Al Saud a sair.

Abdul Aziz deixa o Kuwait e regressa à Arábia com família e amigos, planeando atacar Riade.

1902

Janeiro. Abdul Aziz ataca a fortaleza de Mismaak e resgata Riade. Nasce Saud ibn Abdul Aziz, filho de Ibn Saud. Quando o pai morrer, será ele a governar a Arábia Saudita, de 1953 a 1964.

1904

Nasce Faisal ibn Abd al-Aziz, que virá a ser rei da Arábia Saudita.

1906

Abdul Aziz Al Saud volta a ter controlo completo sobre a região Najd.

1906-26

Abdul Aziz Al Saud e as suas forças conquistam vastas áreas e unificam grande parte da Arábia.

1916

Meca, que estava sob o domínio turco, cai nas mãos dos árabes durante a Grande Revolta Árabe. O oficial britânico T. E. Lawrence trava conhecimento com o príncipe árabe Faisal Hussein, com o qual forja uma amizade. T. E. Lawrence é nomeado oficial britânico de ligação junto de Faisal Hussein.

1917

6 de julho. As forças árabes conduzidas por T. E. Lawrence e Abu Tayi conquistam o porto de Aqaba aos turcos.

1918

1 de outubro. O príncipe Faisal ocupa a Síria quando as forças árabes principais entram em Damasco. No território da atual Arábia Saudita, Lawrence da Arábia faz explodir a linha ferroviária de Hejaz.

1921

Na Conferência do Cairo, a Grã-Bretanha e a França dividem entre si a Arábia, criando a Jordânia e o Iraque e proclamando Faisal e Abdullah reis. A Síria e o Líbano ficam sob influência francesa.

1923

Fahd, filho de Abdul Aziz, nasce em Riade. Virá a ser rei da Arábia Saudita.

1924

Ibn Saud, rei de Nadj, conquista o reino de Hejaz, que pertencia a Hussein. Torna-se soberano da

Arábia Saudita e, posteriormente, de Meca e Medina.

1926

Janeiro. Abdul Aziz é proclamado rei de Hejaz e sultão de Nadj.

1927

A Arábia Saudita assina o Tratado de Gidá e torna-se independente da Grã-Bretanha.

1927-28

O rei Abdul Aziz impõe uma derrota esmagadora às tribos islâmicas fanáticas da Arábia central.

1931

Muhammad bin Laden (que virá a ser pai de Osama bin Laden) emigra do Iémen para a Arábia Saudita. Trabalha afincadamente para estabelecer o seu negócio e acaba por ter uma relação próxima com o rei Abdul Aziz e o rei Faisal.

1932

Os reinos de Nadj e Hejaz são unificados para criar o reino da Arábia Saudita, tendo como soberano Abdul Aziz ibn Saud. A Arábia Saudita recebeu o nome do rei Ibn Saud, fundador da dinastia Saud, cujos quarenta e quatro filhos continuam a liderar os destinos do reino petrolífero.

1933

A Arábia Saudita confere à Standard Oil of California direitos exclusivos para a exploração do petróleo.

1938

A Standard Oil of California descobre petróleo no sétimo furo de Dammam.

1945

14 de fevereiro. O soberano saudita Abdul al-Aziz e o presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt encontram-se num navio no canal do Suez, chegando a um entendimento no qual os Estados Unidos se comprometem a proteger a família real saudita em troca de acesso ao petróleo do país.

22 de março. Formação da Liga Árabe no Cairo, Egito. A Arábia Saudita torna-se membro fundador das Nações Unidas e da Liga Árabe.

1953

Morre o rei Abdul Aziz, avô de Sultana, aos setenta e sete anos. É sucedido pelo filho Saud.

1953-64

Reinado do rei Saud.

1957

Sexta-feira, 15 de fevereiro. Osama bin Laden nasce de madrugada em Riade, Arábia Saudita. Os seus pais são o iemenita Muhammad Awad bin Laden e a síria Alia Ghanem.

1962

A Arábia Saudita abole a escravatura.

1964

2 de novembro. Faisal ibn Abdul Aziz Al Saud (1904-1975) sucede ao irmão mais velho, Saud bin Abdul Aziz, como rei da Arábia Saudita.

1964-75

Reinado do rei Faisal.

1965

O rei Faisal desafia a oposição islâmica fundamentalista ao introduzir a televisão e, posteriormente, a educação para as mulheres. Seguem-se motins. Os clérigos mais preeminentes são convencidos pelo governo de que a televisão pode ser utilizada para promover a fé.

1967

6 de junho. É iniciado um embargo ao petróleo árabe no seguimento da guerra israelo-árabe dos seis dias.

3 de setembro. Muhammad bin Laden, o pai milionário de Osama bin Laden, morre num acidente de avião, deixando o bem-estar dos filhos nas mãos do rei Faisal.

1973

É anunciado um embargo petrolífero às nações ocidentais, que se prolonga até 1974. Os preços da gasolina disparam de 25 centavos para 1 dólar por barril. Como resultado, as ações da bolsa de valores de Nova Iorque descem.

1975

25 de março. O rei Faisal da Arábia Saudita é assassinado pelo sobrinho.

18 de junho. O príncipe saudita Faisal ibn Musaid é decapitado em Riade por ter matado o tio, o rei Faisal. O príncipe herdeiro Khalid é proclamado rei.

Novembro. Homens e mulheres armados ocupam a Grande Mesquita de Meca. Pronunciam-se contra os governantes da família Al Saud, exigindo o fim da influência estrangeira. Os radicais são liderados pelo pregador saudita Juhayman al Utaybi. A ocupação continua até à chegada de forças especiais francesas, vindas de Meca. Os extremistas são alvejados e mortos ou capturados, sendo depois decapitados.

1980

Osama bin Laden dá início à luta contra as forças soviéticas, no Afeganistão. Aqui virá a fundar a sua rede al-Qaeda.

A Arábia Saudita executa em várias cidades do país, por decapitação, os restantes radicais que participaram na ocupação da Grande Mesquita.

1982

13 de junho. Morre o rei Khalid. Quem o sucede é o meio-irmão, o príncipe herdeiro Fahd.

1983-2005

O príncipe Bandar bin Sultan Al Saud, um dos sobrinhos preferidos do rei Fahd, assume a função de embaixador da Arábia Saudita em Washington.

1985

A Grã-Bretanha assina um contrato de oitenta mil milhões de dólares com a Arábia Saudita para o fornecimento de caças de combate e outros equipamentos militares durante um período de vinte anos.

1987

31 de julho. Peregrinos iranianos e a polícia de intervenção entram em confronto na cidade sagrada de Meca. Os iranianos são considerados responsáveis pela morte de 402 pessoas.

1988

Osama bin Laden, natural da Arábia Saudita, funda a al-Qaeda («a base»), um grupo fundamentalista sunita que tem como objetivo constituir um califado islâmico como governo mundial.

1990

Julho. Ocorre a maior tragédia da Arábia Saudita na *hajj*, em Meca, com a morte de 1402 peregrinos muçulmanos esmagados pela multidão dentro de um túnel.

6 de novembro. Um grupo de mulheres sauditas conduz nas ruas de Riade, desafiando uma proibição do governo. O protesto cria problemas enormes a estas mulheres, que são detidas e despedidas, proibidas de viajar e identificadas como prostitutas. A ocorrência levou a que as mulheres fossem formalmente proibidas de conduzir.

A Arábia Saudita e o Kuwait expulsam um milhão de trabalhadores iemenitas, quando o Iémen toma o partido de Saddam Hussein na primeira Guerra do Golfo.

1991

Janeiro. As forças lideradas pelos EUA atacam o exército do Iraque no Kuwait. Tem início a guerra no terreno entre o Iraque e as forças da coligação. As forças iraquianas são expulsas do Kuwait e deixam de constituir perigo para a Arábia Saudita.

1992

O rei Fahd esboça uma estrutura institucional para o país. É aprovada uma lei que permite ao rei nomear os irmãos ou sobrinhos como sucessores e substituir o sucessor designado como desejar.

1994

23 de maio. Duzentos e setenta peregrinos morrem esmagados pela multidão em Meca, quando os fiéis se reuniam para o ritual simbólico do «apedrejamento do diabo».

Osama bin Laden é deserddado pela família saudita e o estatuto de cidadão daquele país é-lhe retirado. A sua fortuna é estimada em 250 milhões de dólares.

1995

Durante este ano, 192 pessoas são decapitadas na Arábia Saudita, o que constitui um número recorde.

1996

Osama bin Laden é incentivado a sair do Sudão devido à pressão efetuada pela administração Clinton sobre o governo do país. Osama leva consigo o filho Omar quando regressa ao Afeganistão. Não demoram a seguir-se a restante família e colaboradores próximos.

Um sobrinho do rei Fahd profere acusações falsas de bruxaria contra um dos seus empregados. O empregado, Abdul-Karim Naqshabandi, é executado.

O rei Fahd, debilitado, cede o poder ao meio-irmão, o príncipe herdeiro Abdullah.

1997

Morte de 343 peregrinos muçulmanos num incêndio nas imediações da cidade sagrada de Meca. Mais de um milhar ficam feridos.

1998

Morte de 150 peregrinos esmagados pela multidão no decorrer do ritual do «apedrejamento do diabo», no último dia da peregrinação anual à cidade sagrada de Meca.

1999

O governo da Arábia Saudita comunica a intenção de emitir vistos de circulação para grupos de turismo

de alto nível.

21 de agosto. Membros da família real ficam chocados quando o príncipe Faisal bin Fahd, o filho mais velho do rei Fahd, morre de ataque cardíaco, aos 54 anos. Na qualidade de presidente da Federação de Desporto Árabe, acabava de regressar dos Jogos Árabes, na Jordânia.

17 de novembro. Uma viatura armadilhada explode em Riade, matando Christopher Rodway, um técnico britânico. Em 2001, três ocidentais são acusados do atentado.

2001

26 de janeiro. Um painel da ONU desperta a raiva do governo e dos cidadãos sauditas ao criticar a Arábia Saudita por discriminação contra as mulheres, assédio a menores e por punições como o açoitamento e o apedrejamento.

5 de março. Trinta e cinco peregrinos muçulmanos morrem sufocados durante o ritual de «apedrejamento do diabo» na *hajj* anual a Meca.

Março. O Comité Supremo para a Investigação Científica e a Lei Islâmica da Arábia Saudita informa que os jogos e cartas *Pokémon* «haviam possuído as mentes» das crianças sauditas.

2002

17 de fevereiro. Abdullah, o príncipe herdeiro saudita, apresenta um plano de paz para o Médio Oriente a Thomas Friedman, colunista do *New York Times*. O plano inclui o reconhecimento pelo mundo árabe do direito de Israel à existência, se Israel desocupar os territórios que haviam pertencido à Jordânia, incluindo Jerusalém Oriental e a Margem Ocidental.

Setembro. Depois do 11 de Setembro, seis voos *charter* com cidadãos sauditas a bordo saem dos EUA. Alguns dias depois, outro voo fretado, com 26 membros da família bin Laden, sai igualmente dos EUA.

Março. Ocorre um incêndio numa escola para raparigas, em Meca, mas a polícia impede a saída das crianças do edifício, por não estarem com o véu posto. Uma onda de raiva espalha-se pela Arábia Saudita por conta da morte das estudantes.

13 de abril. O poeta saudita Ghazi Al Gosaibi, embaixador do país no Reino Unido, publica o poema «Os Mártires» no diário saudita *Al Hayat*, enaltecendo um bombista suicida palestino.

25 de abril. O presidente dos EUA, George W. Bush, encontra-se com Abdullah, o príncipe herdeiro, que lhe comunica que os EUA devem reconsiderar o apoio total que têm concedido a Israel. Abdullah entrega a Bush a sua proposta de oito itens para a paz no Médio Oriente.

Abril. O governo da Arábia Saudita fecha várias fábricas que produzem véus e *abayas* de senhora que alegadamente violavam as leis religiosas. Alguns dos mantos, que tinham os ombros ornados com joias, foram considerados demasiado luxuosos.

Maior. Dá-se um desentendimento entre diplomatas sauditas e membros do Comité contra a Tortura da ONU relativamente à designação do açoitamento e da amputação de membros como violações da convenção de 1987 contra a tortura.

Dezembro. Dissidentes sauditas comunicam o lançamento de uma nova estação de rádio, a Sawt al-Islah («a voz da reforma»), com emissão a partir da Europa. A nova estação foi formada com o objetivo explícito de promover reformas na Arábia Saudita.

2003

Fevereiro. Em Mina, na Arábia Saudita, 14 peregrinos muçulmanos morrem esmagados quando um fiel se desequilibra e cai durante a peregrinação anual.

29 de abril. O governo dos EUA anuncia a retirada da Arábia Saudita de todas as suas tropas de combate.

12 de maio. Ocorrência de múltiplos e simultâneos atentados suicidas com viaturas armadilhadas em três complexos estrangeiros em Riade, causando a morte de 26 pessoas, incluindo nove cidadãos norte-

americanos.

14 de setembro. Dhaher bin Thamer al-Shimry, cidadão saudita e traficante de marijuana, é decapitado; 41 pessoas foram decapitadas até setembro.

14 de outubro. Centenas de sauditas saem para as ruas, exigindo reformas. Trata-se do primeiro movimento de protesto de grande escala da Arábia Saudita, uma vez que as manifestações são ilegais no país.

A criada indonésia Ati Bt Abbeh Inan é acusada pelo empregador saudita de ter lançado um feitiço sobre ele e a família, sendo condenada à morte. Depois de passar dez anos na prisão, é perdoada e repatriada para Java ocidental.

Descobre-se que a Líbia planeava uma operação secreta para assassinar Abdullah, o príncipe herdeiro.

2004

1 de fevereiro. Durante a *hajj*, 251 fiéis muçulmanos morrem esmagados pela multidão.

10 de abril. Rania al-Baz, popular apresentadora de televisão saudita, foi violentamente agredida pelo marido, que julgou tê-la matado. Ela sobreviveu, tendo sofrido fraturas faciais graves e sido submetida a 12 operações. Rania permitiu que fossem divulgadas fotografias na televisão, o que deu azo a discussões sobre a violência incessante contra as mulheres na Arábia Saudita. Rania viajou para França, onde escreveu a sua história. Foi-lhe comunicado que perdera a custódia dos filhos depois de o seu livro ser publicado.

Maio. Em Iambo, na Arábia Saudita, militantes suspeitos abrem fogo dentro dos escritórios de uma empresa petrolífera, a ABB Ltd., sediada em Houston. Seis pessoas são mortas. Muitas são feridas. A polícia mata quatro irmãos num tiroteio, depois de uma perseguição de carro, na qual os fugitivos alegadamente arrastaram o corpo nu de uma das vítimas preso à traseira do carro.

6 de junho. Simon Chambers, de 36 anos, operador de câmara irlandês a trabalhar para a BBC, é morto num tiroteio em Riade. Um correspondente da BBC é ferido.

8 de junho. Um cidadão norte-americano, trabalhador de uma empresa de armamento, é alvejado e morto em Riade.

12 de junho. Um norte-americano é raptado em Riade. A al-Qaeda publica a sua fotografia numa página islâmica da Internet. É identificado como Paul M. Johnson Jr., empresário da Lockheed Martin. Militantes islâmicos alvejam e matam Kenneth Scroggs, norte-americano, na sua garagem, em Riade.

13 de junho. A Arábia Saudita promove um «diálogo nacional» de três dias em Medina sobre a forma de melhorar a vida das mulheres, e as recomendações são transmitidas ao príncipe herdeiro, Abdullah.

15 de junho. A al-Qaeda ameaça executar Paul M. Johnson Jr. no prazo de 72 horas, a não ser que os militantes jihadistas fossem libertados das prisões sauditas.

18 de junho. A al-Qaeda afirma ter matado o refém norte-americano Paul M. Johnson Jr. Publica fotos na Internet mostrando o corpo e a cabeça cortada do empresário.

Junho. O parlamento saudita aprova legislação que anula a lei que proíbe raparigas e mulheres de participar em atividades de educação física e desporto. Em agosto, o Ministério da Educação anuncia que não respeitará a legislação.

20 de julho. A cabeça do refém norte-americano assassinado é encontrada durante um ataque-surpresa levado a cabo por forças de segurança sauditas.

30 de julho. Nos EUA, num tribunal da Virgínia, Abdurahman Alamoudi declara-se culpado de movimentar dinheiro a partir da Líbia para pagamento de despesas relacionadas com a tentativa de assassinato do príncipe saudita Abdullah.

28 de setembro. A utilização de telemóveis com câmaras de filmar é banida pela autoridade religiosa suprema da Arábia Saudita. O édito proclama que os telemóveis «espalham obscenidades» por toda a Arábia Saudita.

6 de dezembro. Nove pessoas morrem no consulado dos EUA em Gidá quando militantes islâmicos

atiram explosivos para o portão do edifício, que se encontrava altamente protegido. Forçam a entrada e segue-se um tiroteio.

2005

13 de janeiro. Funcionários judiciais sauditas comunicam que um tribunal religioso sentenciou, pela participação numa manifestação contra a monarquia, 15 sauditas, incluindo uma mulher, a receber até 250 chicotadas e cumprir até seis meses de prisão.

10 de fevereiro. Enquanto as mulheres estão proibidas de votar, os eleitores sauditas acorrem às assembleias eleitorais de Riade para participar em eleições municipais. É a primeira vez na história do país que os sauditas participam numa votação conforme às normas internacionais.

3 de março. Homens do Leste e Sul da Arábia Saudita acorrem aos milhares à votação para as eleições municipais. É a primeira oportunidade que têm dentro da monarquia absoluta saudita de participar num processo de tomada de decisão.

1 de abril. A Arábia Saudita decapita três homens em público na cidade de Al Jawf, a norte; em 2003 os três homens tinham matado um vice-governador, o juiz de um tribunal religioso e um tenente da polícia.

8 de maio. Um paquistanês é decapitado por tentar contrabandear heroína para o reino.

15 de maio. Três ativistas pró-reformas são condenados a penas de prisão que vão dos seis aos nove anos. Os ativistas pelos direitos humanos classificam o julgamento de «farsa».

15 de maio. Ali al-Dimeeni, autor e poeta saudita, é condenado a nove anos de prisão por semear a discórdia, desobedecer aos soberanos e conspirar. O seu romance de 1998, *A Gray Cloud*, centra-se num dissidente que há anos se encontra encarcerado numa prisão nacional situada no deserto, onde muitos outros cumpriram pena pelas suas opiniões políticas.

27 de maio. O rei Fahd, monarca da Arábia Saudita há 23 anos, é hospitalizado por razões desconhecidas.

1 de agosto. O rei Fahd morre no Hospital Especializado Rei Faisal. O meio-irmão príncipe herdeiro Abdullah é nomeado para o substituir.

8 de agosto. Há uma onda de esperança na Arábia Saudita depois de o novo rei, Abdullah, perdoar quatro ativistas preeminentes que tinham sido presos por criticarem o ambiente religioso rígido do país e o ritmo lento da reforma democrática.

15 de setembro. O governo saudita ordena à Câmara de Comércio de Gidá que autorize eleitores e candidatos do sexo feminino.

21 de setembro. Dois homens são decapitados em Riade depois de serem condenados por rapto e violação de uma mulher.

17 de novembro. Uma professora de Química de escola secundária é acusada de discutir religião com os alunos e condenada a 750 chicotadas e 40 meses de prisão, por blasfémia, após julgamento a 12 de novembro.

27 de novembro. Para gáudio das sauditas, duas mulheres são eleitas para uma câmara de comércio de Gidá. É a primeira vez que as mulheres acedem a uma posição deste tipo no país, já que a vida política lhes está globalmente interdita.

8 de dezembro. Líderes de 50 países muçulmanos prometem combater a ideologia extremista. Comunicam que irão proceder à reforma de livros escolares, restringir éditos religiosos e punir o financiamento do terrorismo.

A Arábia Saudita aprova uma lei que proíbe os funcionários do governo de fazer declarações públicas que possam entrar em conflito com a política oficial.

2006

12 de janeiro. Milhares de peregrinos muçulmanos tropeçam em bagagens durante a *hajj*, provocando

um acidente no qual morrem 363 pessoas.

26 de janeiro. A Arábia Saudita ordena o regresso do seu embaixador na Dinamarca como protesto por uma série de caricaturas do profeta Maomé publicadas no jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*. Grassa o descontentamento no mundo muçulmano durante semanas, causando dúzias de mortes.

19 de fevereiro. No seguimento da publicação das 12 caricaturas do Profeta – e naquilo que descreve como «autocensura» –, o *Jyllands-Posten* publica uma página inteira com um pedido de desculpas num jornal de origem saudita.

6 de abril. O queijo e a manteiga da *Arla*, empresa dinamarquesa, regressam às prateleiras dos supermercados sauditas, após o boicote desencadeado pela publicação de caricaturas ofensivas num jornal da Dinamarca.

Abril. O governo da Arábia Saudita informa que tem planos para construir uma vedação eletrificada ao longo da fronteira com o Iraque, com uma extensão de 900 quilómetros.

16 de maio. Jornais da Arábia Saudita relatam ter recebido ordens do rei Abdullah para deixar de publicar fotografias de mulheres. O rei defende que aquele tipo de fotografia desencaminha os jovens sauditas.

18 de agosto. Segundo o *Financial Times*, a Grã-Bretanha fecha um negócio multimilionário no âmbito do qual fornecerá 72 caças *Eurofighter Typhoon* à Arábia Saudita.

20 de outubro. Numa tentativa de dissipar lutas de poder internas, o rei Abdullah atribui novos poderes aos irmãos e sobrinhos. No futuro, será um concelho de 30 príncipes que escolherá o príncipe herdeiro. O reino decapitou 83 pessoas em 2005 e 35 pessoas em 2004.

2007

4 de fevereiro. Um juiz da Arábia Saudita pune 20 estrangeiros com açoitamento e pena de prisão, depois de os dar como culpados de participação numa festa mista onde foi servido álcool e onde homens e mulheres dançaram.

17 de fevereiro. Um relatório publicado por uma organização de defesa dos direitos humanos norte-americana revela que o governo saudita mantém milhares de prisioneiros encarcerados sem acusação formal, condena crianças à morte e oprime as mulheres.

19 de fevereiro. Um tribunal saudita ordena que os corpos de quatro cidadãos do Sri Lanka sejam expostos em praça pública depois de estes serem decapitados por assalto à mão armada.

26 de fevereiro. Quatro franceses são mortos por atiradores na berma de uma estrada situada no deserto que conduz à cidade sagrada de Medina, numa área reservada a muçulmanos.

Fevereiro. Dez intelectuais sauditas são detidos por terem assinado uma petição moderada sugerindo que estava na altura de o reino ponderar a transição para uma monarquia constitucional.

27 de abril. Naquela que foi uma das maiores operações de limpeza de células terroristas da Arábia Saudita, o Ministério do Interior comunica que a polícia deteve 172 militantes islâmicos. Os militantes tinham feito formação para pilotos no estrangeiro, com o objetivo de serem capazes de replicar os ataques do 11 de Setembro nos campos petrolíferos sauditas.

5 de maio. Morre, com 65 anos, o príncipe Abdul-Majid bin Abdul Aziz, governador de Meca, no seguimento de doença prolongada.

9 de maio. Uma etíope condenada por ter matado um egípcio por conta de um desentendimento é decapitada. Khadija bint Ibrahim Moussa é a segunda mulher a ser executada durante este ano. As decapitações são efetuadas em praça pública, com uma espada.

9 de maio. Nayef al-Shaalan, príncipe saudita, é condenado à revelia em França a dez anos de prisão, por envolvimento em gangue de contrabando de cocaína.

23 de junho. Um juiz saudita adia o julgamento de três membros da polícia religiosa pelo envolvimento na morte de um homem que fora preso por ter sido visto com uma mulher que não era sua familiar.

9 de novembro. As autoridades sauditas decapitam o cidadão saudita Khalaf al-Anzi em Riade, por

rapto e violação de uma adolescente.

As autoridades sauditas decapitam um paquistanês por tráfico de droga. A execução eleva para 131 o número de pessoas decapitadas no reino durante 2007.

14 de novembro. Um tribunal saudita condena a seis meses de prisão e a 200 chicotadas uma menina de nove anos que fora vítima de uma violação coletiva. O tribunal proibiu igualmente o advogado da menina de a defender, tendo-lhe confiscado a cédula profissional e convocado para uma audiência disciplinar.

17 de dezembro. Uma vítima de violação coletiva que fora condenada a seis meses de prisão e a 200 chicotadas, por estar sozinha com um homem que não era seu familiar, foi perdoada pelo rei da Arábia Saudita, depois de o caso ter suscitado invulgares críticas nos EUA.

2008

21 de janeiro. O jornal *Al-Watan* comunica que o Ministério do Interior emitiu uma circular destinada aos hotéis, a solicitar que estes admitam mulheres desacompanhadas, com a condição de que a informação a elas respeitante seja enviada a uma esquadra local.

14 de fevereiro. Uma reconhecida organização de defesa dos direitos humanos apela ao rei Abdullah da Arábia Saudita para que este detenha a execução de uma mulher acusada de bruxaria e de atos sobrenaturais.

19 de maio. O professor Matrook al-Faleh é detido na Universidade Rei Saud, em Riade, por criticar publicamente as condições de uma prisão onde dois outros ativistas dos direitos humanos cumpriam pena.

24 de maio. As autoridades sauditas decapitam um saudita que fora condenado por assalto à mão armada e por violação de uma mulher. A execução eleva para 55 o número de pessoas decapitadas em 2008.

20 de junho. A polícia religiosa detém 21 homens alegadamente homossexuais e confisca grandes quantidades de álcool numa pousada de Qatif, onde um grande grupo de homens jovens se encontrava reunido.

8 de julho. Uma organização de defesa dos direitos humanos comunica que as trabalhadoras domésticas da Arábia Saudita são frequentemente alvo de abusos, os quais, em alguns casos, se equiparam à escravatura, bem como de violência sexual e de açoitamentos devido a falsas alegações de roubo e bruxaria.

30 de julho. A polícia religiosa islâmica nacional proíbe a venda de cães e gatos como animais de estimação. Proíbe igualmente os donos de passear os animais em público, porque os homens utilizam os gatos e cães para se atirarem às mulheres.

11 de setembro. O xeque Saleh al-Lihedan, o mais preeminente magistrado da Arábia Saudita, emite um decreto religioso no qual afirma que é aceitável matar proprietários de estações de televisão por satélite que emitam conteúdo imoral. Depois, altera ligeiramente o seu comentário, dizendo que os proprietários que emitam conteúdo imoral devem ser apresentados a julgamento e condenados à morte se outras sanções não forem suficientemente dissuasoras.

Novembro. Um telegrama diplomático dos EUA comunica que doadores da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos enviam anualmente um montante estimado em 100 milhões de dólares para escolas radicais islâmicas do Paquistão que promovem a militância.

10 de dezembro. A Comissão Europeia atribui o primeiro Prémio Chaillot à Sociedade Filantrópica de Al-Nahada a Favor das Mulheres, uma organização sem fins lucrativos que apoia mulheres divorciadas e desfavorecidas.

2009

14 de janeiro. O mais preeminente clérigo da Arábia Saudita terá afirmado que é aceitável as raparigas

de dez anos casarem-se. Acrescenta que qualquer pessoa que seja da opinião de que elas são demasiado jovens para casar não lhes faz justiça.

14 de fevereiro. O rei Abdullah, de 86 anos, dispensa o xeque Saleh al-Lihedan. Também nomeia Nora al-Fayez como ministra-adjunta para a Educação das Mulheres, tornando-a a primeira mulher da Arábia Saudita a deter um lugar ministerial.

3 de março. Khamisa Sawadi, uma viúva de 75 anos, é sentenciada a 40 chicotadas e a quatro meses de prisão, por falar com dois jovens do sexo masculino que não são seus familiares próximos.

22 de março. Um grupo de clérigos sauditas apela ao novo ministro da Informação que proíba as mulheres de aparecer na televisão, jornais e revistas.

27 de março. O rei Abdullah nomeia o meio-irmão príncipe Naif como segundo vice-presidente.

30 de abril. Uma menina de oito anos divorcia-se do marido de meia-idade, depois de o pai a forçar a casar-se com ele em troca de treze mil dólares. Na Arábia Saudita, é permitido o casamento infantil.

29 de maio. Um homem é decapitado e crucificado pelo assassinato de um rapaz de 11 anos e do pai deste.

6 de junho. O filme saudita *Menahi* é exibido em Riade, mais de 30 anos depois de o governo começar a encerrar as salas de espetáculos. Não foi permitida a entrada a mulheres, apenas a homens e crianças, incluindo raparigas até 10 anos.

15 de julho. O cidadão saudita Mazen Abdul-Jawad entra no programa *Bold Red Line* da estação LBC, da televisão por satélite libanesa, e deixa os sauditas em estado de choque ao falar publicamente das suas proezas sexuais. Mais de 200 sauditas queixam-se formalmente de Abdul-Jawad, que foi apelidado de «exibicionista sexual» pelos meios de comunicação social. Muitos manifestam a vontade de o ver duramente punido. Abdul-Jawad é condenado por um tribunal saudita em outubro de 2009, tendo sido sentenciado a cinco anos de prisão e a mil chicotadas.

9 de agosto. Agências noticiosas italianas comunicam que joias e dinheiro no valor de 11 milhões de euros foram roubados do quarto de um hotel da Sardenha onde se encontrava alojada uma princesa saudita, desencadeando um incidente diplomático.

27 de agosto. Um bombista suicida que tem como alvo o vice-ministro para Assuntos de Segurança do Ministério do Interior, o príncipe Muhammad bin Naif, faz-se explodir momentos antes de este receber um grupo de cidadãos, para os felicitar, pelo mês sagrado do Ramadão, em Gidá. O príncipe Naif, o alvo, sofre apenas ferimentos ligeiros.

23 de setembro. Abre nos arredores da cidade costeira de Gidá uma nova universidade mista, no valor de vários milhões de dólares. A Universidade Rei Abdullah para a Ciência e a Tecnologia (KAUST) orgulha-se de possuir laboratórios ultramodernos, o décimo quarto supercomputador mais rápido do mundo e um dos maiores orçamentos mundiais. Estão atualmente inscritos 817 alunos de 61 países, dos quais 314 iniciam as aulas em setembro de 2009.

24 de outubro. Rozanna al-Yami, de 22 anos, é julgada e condenada pelo envolvimento no programa *Bold Red Line*, que recebeu Abdul-Jawad. É condenada a 60 chicotadas e pensa-se que é a primeira jornalista saudita a quem um castigo deste tipo é aplicado. O rei Abdullah revogou a sentença de açoitação, naquele que foi o segundo perdão desta natureza concedido pelo monarca nos últimos anos, num caso de grande projeção. O rei ordenou também que o caso de al-Yami fosse encaminhado para uma comissão do ministério.

Outubro. A família Bin Laden torna-se o centro das atenções no livro *A Minha Vida com Osama bin Laden – A mulher e o filho de Bin Laden revelam a face oculta do terrorista mais procurado do mundo*. O livro, escrito pela autora norte-americana Jean Sasson, baseia-se em entrevistas conduzidas a Omar bin Laden e à mãe, Najwa bin Laden.

9 de novembro. Um vidente libanês, Ali Sibat, que previa o futuro a partir de sua casa, em Beirute, num canal de televisão por satélite, é condenado à morte por bruxaria. Quando viajava para Medina para cumprir a peregrinação, em maio de 2008, foi detido e ameaçado de decapitação. No ano seguinte, um

painel de três juízes deliberou que não existiam provas suficientes de que as ações de Sibat tivessem prejudicado outras pessoas. Ordenaram que o caso voltasse a ser julgado num tribunal de Medina e recomendaram que a pena fosse comutada e Sibat, deportado.

2010

19 de janeiro. Uma menina de 13 anos é condenada a 90 chicotadas e a dois meses de prisão por agredir um docente que tentou tirar-lhe o telemóvel.

11 de fevereiro. A polícia religiosa lança medidas de repressão a nível nacional contra lojas que vendem produtos de cor vermelha, dizendo que essa cor é alusiva à comemoração do Dia dos Namorados, que fora proibida.

20 de abril. Ahmed bin Qassin al-Ghamidi sugere que os homens e as mulheres deveriam ser autorizados a conviver. O diretor da poderosa polícia religiosa faz com que este seja despedido.

10 de junho. Um saudita beija uma mulher num centro comercial, pelo que é detido, condenado e sentenciado a quatro meses de prisão e 90 chicotadas.

22 de junho. Quatro mulheres e 11 homens são detidos, julgados e condenados por conviverem numa festa. São sentenciados a açoitamento e a cumprir pena de prisão.

15 de agosto. Ghazi Al-Gosaibi, estadista e poeta saudita, morre no seguimento de doença prolongada. Al-Gosaibi era próximo da família real, apesar de a sua produção escrita ter sido proibida no reino durante a maior parte da sua vida. O ministro da Cultura saudita revogou esta interdição no mês anterior à sua morte, citando o contributo que Al-Gosaibi dera à nação.

26 de agosto. T. Ariyawathi, uma empregada doméstica do Sri Lanka a trabalhar na Arábia Saudita, é admitida num hospital para fazer uma cirurgia de remoção de 24 pregos encrustados no seu corpo. O patrão saudita havia-os pregado como castigo.

17 de novembro. O rei Abdullah abdica da liderança da Guarda Nacional do país, cedendo o lugar ao filho.

20 de novembro. Uma jovem, na casa dos 20, desrespeita a proibição de conduzir, num veículo que acaba por capotar, causando a sua morte e das três amigas que com ela seguiam.

22 de novembro. O rei Abdullah desloca-se a Nova Iorque para efetuar um tratamento médico, entregando temporariamente o poder ao príncipe herdeiro Sultan, seu meio-irmão.

23 de novembro. Os meios de comunicação sauditas anunciam que uma saudita acusada de torturar a empregada doméstica indonésia foi encarcerada, enquanto a empregada, Sumiati Binti Salan Mustapa, se encontra a receber tratamento hospitalar por queimaduras e ossos partidos.

Um número estimado em quatro milhões de mulheres sauditas com mais de 20 anos são solteiras num país com 24,6 milhões de pessoas. Considera-se que alguns tutores obrigam estas mulheres a permanecer solteiras, numa prática conhecida como *adhl*. A feminista saudita, Wajeha al-Huwaider, descreve esta prerrogativa masculina como «uma forma de escravatura».

2011

16 de janeiro. Um grupo de ativistas sauditas lança a campanha «O Meu País», que visa pressionar o reino a permitir a participação de mulheres nas eleições municipais agendadas para a primavera de 2011.

24 de janeiro. A organização Human Rights Watch, baseada em Nova Iorque, comunica, no seu relatório mundial de 2011, que o governo da Arábia Saudita persegue e encarcera ativistas, muitas vezes sem julgamento, por apoiarem publicamente o alargamento da tolerância religiosa; informa igualmente das graves restrições recentemente implementadas no reino à comunicação eletrónica.

9 de fevereiro. Dez académicos moderados sauditas solicitam ao reino o reconhecimento do seu Partido Islâmico Uma, o primeiro partido político da Arábia Saudita.

15 de fevereiro. O Ministério da Educação comunica que o reino tem o intuito de retirar das bibliotecas

escolares livros que incentivem o terrorismo ou difamem a religião.

24 de fevereiro. Intelectuais influentes afirmam num comunicado que os governantes árabes deviam retirar uma lição dos levantamentos populares que ocorreram na Tunísia, Egito e Líbia e ouvir a voz dos jovens desencantados.

5 de março. O Ministério do Interior saudita afirma que não serão toleradas manifestações e que as forças de segurança tomarão medidas contra qualquer pessoa que nelas participe.

11 de março. Centenas de polícias são enviados para a capital para prevenir protestos de apelo a reformas democráticas, inspirados pela onda de descontentamento que varre o mundo árabe.

18 de março. O rei Abdullah promete aos cidadãos sauditas um conjunto de reformas milionárias, aumentos, empréstimos e apartamentos naquela que aparenta ser a mais dispendiosa tentativa levada a cabo no mundo árabe para apaziguar os residentes inspirados pelo desassossego que varreu do poder dois líderes regionais.

2 de maio. Osama bin Laden, fundador e líder do grupo militante islâmico al-Qaeda, é morto no Paquistão, pouco depois da uma da manhã, hora paquistanesa, por fuzileiros da marinha norte-americana.

22 de maio. As autoridades sauditas voltam a deter a ativista Manal al-Sharif, que desafiou o decreto que proíbe as mulheres de conduzir. Fora detida durante várias horas, tendo sido libertada depois de assinar um documento no qual se comprometia a não conduzir. A Arábia Saudita é o único país do mundo que proíbe as mulheres, tanto sauditas como estrangeiras, de conduzir.

18 de junho. Ruyati binti Satubi, uma avó indonésia, é decapitada por ter matado o seu patrão saudita, que alegadamente cometia abusos.

28 de junho. A polícia saudita detém uma condutora em Gidá, cidade situada na costa do mar Vermelho. Posteriormente, outras quatro mulheres, acusadas de conduzir, foram também detidas nessa cidade.

25 de setembro. O rei Abdullah anuncia que será concedido às mulheres da nação o direito de votar e concorrer às eleições locais, a realizar-se em 2015, naquela que foi uma conquista importantíssima para os direitos da mulher neste reino muçulmano profundamente conservador.

27 de setembro. Shaima Jastaina, saudita, é condenada a receber dez chicotadas, por desafiar a interdição de conduzir vigente no reino. O rei Abdullah rapidamente anulou a decisão judicial.

29 de setembro. Os homens sauditas vão às urnas para as eleições municipais, o segundo sufrágio de âmbito nacional do reino petrolífero. Não é permitido às mulheres votar nas eleições. Estas assembleias são dos poucos organismos eleitos do país, mas não detêm um poder real, e apenas estão mandatadas para aconselhar as autoridades provinciais.

Manssor Arbabsiar, cidadão norte-americano com passaporte iraniano, é detido ao chegar ao Aeroporto Internacional John. F. Kennedy. O México trabalhou em estreita colaboração com as autoridades norte-americanas para ajudar a dismantelar uma alegada conspiração de 1,5 milhões de dólares para matar o embaixador da Arábia Saudita em Washington. No dia 11 de outubro, Arbabsiar enfrenta no tribunal federal de Nova Iorque a acusação de conspiração contra a vida do diplomata saudita Adel Al-Jubeir.

22 de outubro. O príncipe herdeiro Sultan bin Abdul Aziz, herdeiro do trono da Arábia Saudita, morre nos EUA. Encontrava-se a receber tratamento contra um cancro do cólon, diagnosticado em 2009.

27 de outubro. O poderoso ministro do Interior da Arábia Saudita, o príncipe Naif bin Abdul Aziz, é nomeado o novo herdeiro ao trono num decreto real comunicado na televisão estatal saudita.

30 de novembro. A Amnistia Internacional publica um novo relatório acusando a Arábia Saudita de conduzir uma campanha de repressão contra manifestantes e reformistas desde o início da Primavera Árabe.

6 de dezembro. A Arábia Saudita condena um australiano, acusado de blasfémia, a receber 500 chicotadas e a cumprir uma pena de um ano. Mansor Almarive foi detido em Medina no dia 14 de novembro, enquanto cumpria a *hajj*, tendo sido acusado de insultar seguidores do profeta Maomé.

10 de dezembro. O jornal *Okaz*, da Arábia Saudita, comunica que um homem acusado da violação da filha foi condenado a 2080 chicotadas ao longo de uma pena de prisão de 13 anos. Um tribunal de Meca considerou o homem culpado pela violação da filha adolescente, num período de sete anos, sob a influência de drogas.

12 de dezembro. As autoridades sauditas executam uma mulher condenada por prática de magia e feitiçaria. Os registos do tribunal informam que ela ludibriava pessoas, fazendo-as crer que tratava doenças e cobrando 800 dólares por sessão.

15 de dezembro. A polícia invadiu uma reunião religiosa de âmbito privado, tendo detido 35 cristãos etíopes, dos quais 29 eram mulheres, que vieram a ser deportados por «reunião ilícita».

São executados 76 reclusos do corredor da morte, na Arábia Saudita, em 2011.

A empregada doméstica indonésia Satinah Binti Jumad Ahmad é condenada à morte pelo assassinio da mulher do patrão, em 2007, e por roubo de dinheiro. Em 2014, o governo indonésio concorda pagar 1,8 milhões de dólares pela sua libertação.

2012

2 de janeiro. A Arábia Saudita anuncia que no dia 5 de dezembro dará início à aplicação de uma lei que autorizará as mulheres a trabalhar, mas apenas em lojas de roupa interior e de vestuário feminino.

12 de fevereiro. As autoridades malaias deportam Hamza Kashgari, um jovem jornalista saudita procurado no seu país devido a uma mensagem que publicou no Twitter sobre o profeta Maomé, não atendendo aos apelos de organizações de defesa dos direitos humanos que afirmavam que ele enfrentaria a pena de morte. O *tweet* dizia: «Há coisas em ti que amo, outras que detesto e muitas outras que não compreendo.»

Fevereiro. É estipulado por decreto real que nenhuma condutora deve ser objeto de processo judicial.

22 de março. Os meios de comunicação social da Arábia Saudita comunicam que os homens solteiros de Riade serão autorizados a visitar centros comerciais durante as horas de maior movimento, depois de serem aliviadas as restrições destinadas a combater o assédio a mulheres.

4 de abril. Um oficial do governo reitera que a Arábia Saudita enviará apenas atletas do sexo masculino aos Jogos Olímpicos de Londres. O príncipe Nawaf bin Faisal anuncia, contudo, que as sauditas que participem individualmente são livres de o fazer, mas que a autoridade olímpica do reino iria «velar para que a sua participação não violasse a *sharia*, a lei islâmica».

Um homem acusado de matar a tiro um concidadão saudita é decapitado. A execução, que teve lugar em Riade, eleva para 17 o número total de decapitações do ano de 2012.

23 de maio. Uma interventiva e corajosa saudita desafia a ordem dada pela famigerada polícia religiosa de sair do centro comercial onde se encontrava por ter as unhas pintadas, e grava a interação. O vídeo torna-se viral, tendo recebido mais de um milhão de visitas em apenas cinco dias.

16 de junho. Morre o príncipe regente saudita Naif bin Abdul Aziz, meio-irmão do rei Abdullah. Naif é o segundo príncipe a falecer durante o reinado do rei Abdullah.

18 de junho. O ministro da Defesa da Arábia Saudita, o príncipe Salman bin Abdul Aziz, meio-irmão do rei, é nomeado príncipe regente.

24 de junho. Na Arábia Saudita, um homem morre de pneumonia grave com complicações por insuficiência renal. Chegara a um hospital de Jihad 11 dias antes, com sintomas semelhantes aos casos graves de gripe ou pneumonia atípica (SARS). Em setembro, um virologo egípcio afirma que esta poderia ter sido causada por um novo coronavírus. Meses depois, a doença passa a ser designada MERS (síndrome respiratória do Médio Oriente).

Junho. O bloguista Raif Badawi é preso por ridicularizar figuras religiosas islâmicas.

20 de julho. As autoridades sauditas avisam os imigrantes não-muçulmanos para não comer, beber nem fumar em público durante o Ramadão, sob pena de expulsão.

30 de julho. A Arábia Saudita implementa a proibição de fumar nas dependências governamentais e na maior parte dos locais públicos, incluindo restaurantes, cafés, supermercados e centros comerciais.

2013

9 de janeiro. As autoridades sauditas decapitam uma empregada doméstica do Sri Lanka, pela morte de um bebê saudita que estava ao seu cuidado. Rizana Nafeek tinha apenas 17 anos aquando da morte do bebê e proclamou-se inocente, negando ter estrangulado o bebê de quatro meses. Muitas organizações e cidadãos do mundo inteiro apelaram junto da família do rapaz, e do governo saudita, para que perdoassem a rapariga.

11 de janeiro. O rei Abdullah emite dois decretos reais a conceder 30 lugares do Conselho da *Shura* às mulheres do país. Este conselho tem 150 membros e, embora analise leis e interpele ministérios, não detém poderes legislativos.

15 de janeiro. Dezenas de religiosos conservadores manifestam-se diante do tribunal real, em condenação da recente nomeação de 30 mulheres para o Conselho da *Shura*.

1 de abril. Um jornal saudita noticia que a polícia religiosa do reino permite agora a condução de motas e bicicletas por parte de mulheres, mas apenas em zonas residenciais restritas. Essas mulheres têm de se encontrar acompanhadas por um familiar do sexo masculino e envergar a *abaya* islâmica completa.

16 de maio. Muhammad Harissi, vendedor de legumes de Riade, imola-se depois de a polícia lhe confiscar a mercadoria, por ter sido detetado numa área não autorizada. Morre no dia seguinte.

29 de julho. Raif Badawi, editor da página da Internet «Sauditas Liberais Livres» (Free Saudi Liberals), é condenado a sete anos de prisão e a 600 chicotadas por fundar um fórum na Internet que viola os valores islâmicos e propaga o pensamento liberal. Badawi encontrava-se detido desde 2012 sob acusações de cibercrime e desobediência ao pai.

20 de setembro. Delegados do Ministério Público norte-americano retiram as acusações contra Meshael Alayban, princesa saudita acusada de escravizar uma queniana como empregada doméstica, obrigando-a a trabalhar sob condições abusivas e retendo-lhe o passaporte. Os advogados da família real saudita acusaram a queniana, de 30 anos, que não foi identificada, de mentir na tentativa de obter um visto para permanecer nos Estados Unidos.

8 de outubro. Um tribunal saudita sentencia um conhecido clérigo, condenado por violação e tortura até à morte da filha de cinco anos, a oito anos de prisão e a 800 chicotadas. O tribunal ordena igualmente ao clérigo que proceda ao pagamento de um milhão de riais (270 mil dólares) de indemnização à ex-mulher. Uma segunda esposa, acusada de participar no crime, é condenada a dez meses de prisão e a 150 chicotadas.

18 de outubro. Indignada com o fracasso da comunidade internacional em terminar com a guerra na Síria e intervir noutros assuntos relativos ao Médio Oriente, a Arábia Saudita declara que não ocupará o seu lugar no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

22 de outubro. Uma fonte informa que o diretor dos serviços secretos sauditas revelou que o reino irá concretizar uma mudança de grande envergadura nas relações com os EUA, como protesto por aquilo que entende como inação na guerra da Síria e abertura ao Irão.

24 de outubro. As sauditas são avisadas de que o governo tomará medidas contra ativistas que prossigam com uma campanha planeada para o fim de semana, de desafiar o decreto vigente no conservador reino muçulmano que proíbe as mulheres de conduzir.

26 de outubro. Ativistas sauditas informam que mais de 60 mulheres declararam ter correspondido ao apelo de se colocarem ao volante, numa rara atitude de desafio contra o decreto que as proíbe de conduzir. Pelo menos 16 sauditas foram multadas por ir contra a proibição.

27 de outubro. A polícia saudita detém Tariq al-Mubarak, um colunista que manifestou o seu apoio à extinção do decreto que proíbe as mulheres de conduzir na Arábia Saudita.

3 de novembro. Um jornal do Kuwait relata que uma mulher daquele país foi detida na Arábia Saudita

por tentar conduzir o pai ao hospital.

12 de dezembro. O grande mufti da Arábia Saudita, a autoridade religiosa suprema do país que é berço do islão, condena os atentados de bombistas suicidas, afirmando que são crimes graves e reiterando a sua posição com linguagem invulgarmente expressiva, no jornal saudita *Al Hayat*.

20 de dezembro. A Arábia Saudita executa um traficante de droga por decapitação. Até ao momento, foram executadas 77 pessoas em 2013, segundo contagem da Agence France-Presse (AFP).

22 de dezembro. A agência noticiosa oficial da Arábia Saudita informa que o rei Abdullah nomeou o príncipe Mishaal, seu filho, como novo governador de Meca.

2014

20 de fevereiro. Organizações de direitos humanos criticam um acordo efetuado entre a Indonésia e a Arábia Saudita cujo objetivo é garantir que as empregadas domésticas indonésias gozem de maior proteção no reino; uma das organizações refere que «está longe de existir justiça».

16 de março. O jornal diário local *Okaz* relata que organizadores da Feira Internacional do Livro de Riade confiscaram «mais de dez mil cópias de 420 livros» durante o certame, que teve início no dia 4 de março. Os organizadores haviam anunciado com antecedência que qualquer livro que fosse considerado contrário ao islão ou pusesse em causa a segurança do reino seria confiscado.

8 de abril. O Conselho da *Shura* saudita recomenda o fim da proibição de longa data da prática desportiva nas escolas públicas femininas (mais flexível nas escolas privadas desde 2013).

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[JEAN SASSON RECORDA](#)

[INTRODUÇÃO DA PRINCESA SULTANA AL SAUD](#)

[LISTA DE PERSONAGENS](#)

[1 POR AMOR ÀS MINHAS FILHAS](#)

[2 A FESTA](#)

[3 O MEU PAI](#)

[4 SIM, AS MULHERES PODEM MANDAR](#)

[5 DR.^a MEENA: A RIQUEZA DA EDUCAÇÃO](#)

[6 NADIA: QUANTO VALE A LIBERDADE?](#)

[7 LIÇÕES DE UMA MENINA SÁBIA](#)

[8 GUIADOS POR AQUELES QUE AJUDAMOS](#)

[9 PRINCESA AISHA](#)

[10 RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DE FATIMA – E, DEPOIS, DE NOOR](#)

[11 FARIA E SHADA](#)

[12 AINDA CHORO](#)

[Apêndices](#)